



WALTER MOSLEY

QUEM MATOU NOLA PAYNE?

O suspense que conquistou os Estados Unidos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



CHIP COOPER

WALTER MOSLEY é autor da famosa série de romances policiais que tem Easy Rawlins como personagem principal, e também de muitas outras obras de ficção e não-ficção. Ganhou o prêmio Grammy e o prêmio Anisfield-Wolf, entre outras homenagens. Nasceu em Los Angeles e mora em Nova York.

* * *

“*Quem matou Nola Payne?* é uma obra-prima. Walter Mosley é um dos escritores mais incisivos e empolgantes dos Estados Unidos.”

George Pelecanos

“Mosley tem voz própria, uma voz que conseguiu manter o frescor, e conta uma história muito, muito boa. *Quem matou Nola Payne?* é um retrato cativante de uma era difícil, povoada por personagens vivos, inesquecíveis. Talvez seja o seu melhor livro.”

Jonathan Kellerman

ISBN 85-88647-82-6



Orelha 1

EASY RAWLINS volta para decifrar um mistério surgido no meio das chamas do verão mais quente que L.A. já teve.

Logo depois que quebra-quebras devastadores arrasaram Los Angeles em 1965 — quando o ódio era intenso e o medo ainda cozinhava em fogo brando —, a polícia bate à porta de Easy Rawlins. Ele espera pelo pior, como sempre. Mas a polícia veio lhe pedir ajuda.

Um homem foi arrancado do automóvel por uma turba no auge do tumulto e fugiu para um prédio de apartamentos nas vizinhanças. Logo depois uma mulher de cabelos vermelhos, conhecida como Pimentinha, é encontrada morta naquele prédio — e o fugitivo é o suspeito óbvio. Mas o homem tinha sumido.

A polícia teme que sua presença em certos bairros crie um novo inferno, por isso pede a Easy Rawlins para ver o que pode descobrir. O homem desaparecido é a chave, mas é apenas o começo. Easy pede ajuda a Rato, seu amigo de longa data, para decifrar o mistério. E o que Easy encontra é um assassino cujo ódio, como aquele que ardeu na cidade durante semanas, está misturado a paixões profundamente arraigadas — sentimentos que ecoam dentro do próprio Easy.

A caçada ao assassino que Rawlins promove revela uma nova cidade surgindo das cinzas com a promessa de uma vida nova para Easy, Rato e seus velhos amigos, Jackson Blue e Jewelle. A linguagem despojada e musical de Mosley capta o calor e o ritmo do coração de Los Angeles, onde o perigo é a moeda corrente do dia-a-dia. Quem matou Nola Payne? é mais uma prova de que Mosley é um mestre do romance policial.

Orelha 2

“Cometi o erro de olhar para o cadáver. Ela não era muito jovem — trinta e três ou trinta e quatro anos. Eu não saberia dizer se ela tinha sido bonita. O cabelo tinha o tom avermelhado típico de alguns grupos de negros do centro-oeste. Perdera um dos olhos, provavelmente por causa de um tiro, e a língua estava pendendo da boca por ela ter sido estrangulada, sem dúvida. O que chamou minha atenção foi o fio de sangue vermelho que começava em algum lugar acima do lábio e que passava por cima dos dentes e escorrera pela bochecha. Era como se ela tivesse morrido com os lábios murmurando segredos rubros.

— Bem, se o senhor é o encarregado, será que posso ir embora? — perguntei ao branco arrogante.

— O quê que é isso, Melvin? — perguntou o capitão. — Uma piada?

— Não, senhor — disse Suggs.

— Qual é mesmo o seu nome? — perguntou-me o capitão.

— O senhor ainda não me disse o seu.

— Já chega, Lee — disse o outro branco do qual eu ainda não sabia o nome.

Ele era uns trinta centímetros mais alto que o capitão ou Suggs, do mesmo tamanho que eu. Parecia familiar, mas eu não me lembrava de onde é que eu o tinha visto. O rosto era

magro e duro. Tinha olhos negros apertados e cabelos pretos, não havia lábios sobre os quais falar, e tinha uma marquinha vermelha embaixo do olho direito.

Sou o capitão Fleck — disse o tira careca. — E lhe fiz uma pergunta.

— Não, senhor capitão, não fez. O senhor disse a palavra ‘investigar’ num tom interrogativo. Mas o tom em si não é a mesma coisa que uma pergunta.

O terceiro homem branco reprimiu uma risadinha. Eu estava gostando do público.”

Capa Gabriela Guenther

Foto John Molloy / Photonica

QUEM MATOU NOLA PAYNE?

WALTER MOSLEY

TRADUÇÃO

DINAH DE ABREU AZEVEDO

A Gregory Hines

CAPÍTULO 1

O ar da manhã ainda cheirava a fumaça. De cinza de madeira principalmente, mas também o fedor ácido de tinta e plástico queimados. E, embora eu soubesse que não poderia ser verdade, pensei ter sentido um leve cheiro de carne podre vindo debaixo do entulho do outro lado da rua. A loja de ferragens e a papelaria, que se chamava Bernard's Stationary Store, estavam ambas completamente destruídas por dentro. Mas o edifício da esquina, onde ficava a Lucky Dime Liquors, tinha virado cinza. Manny Massman estava lá no meio do entulho com seus dois filhos, chutando esquadrias de metal. A certa altura, o dono da loja, um homem de meia-idade, abaixou a cabeça e chorou. Os filhos puseram-lhe a mão no ombro.

Eu sabia o que ele estava sentindo. Tudo quanto ele tinha estava naquela loja de bebidas. A sua vida toda. E agora, depois de uma erupção de cinco dias de um ódio que tinha se acumulado durante séculos, ele estava sem vintém, na miséria.

Na sua cabeça, ele não tinha feito nada de errado contra ninguém lá de Watts. Nunca sequer lhe passara pela cabeça chamar alguém de tição, nem de neguinho. Mas os homens e as mulheres lá da praça Central e da praça Oitenta e Seis levaram da Manny's tudo o que puderam carregar; depois quebraram e queimaram o resto.

Quatro jovens negros passaram em frente à loja de bebidas. Um deles gritou alguma coisa para os homens brancos.

Manny vociferou alguma coisa em resposta.

Os jovens pararam.

Os filhos de Massman subiram os degraus que levavam à loja com o peito inflado e a boca cheia de sons raivosos.

Vai começar tudo de novo, pensei. Talvez a gente apronte durante um ano inteiro. Talvez os quebra-quebras nunca acabem.

Os negros cruzaram a soleira da porta de Lucky Dime's.

Stephen Massman se abaixou para pegar um pedaço de metal que um dia fizera parte de seu balcão.

Um dos jovens enraivecidos deu um empurrão em Martin.

Prendi a respiração.

— Pára! — gritou um homem com um megafone.

Uma dúzia ou mais de soldados apareceu do nada. Um soldado negro, usando um capacete e aquela roupa toda sarapintada para ajudar na camuflagem conversou com os negros, enquanto os quatro soldados brancos formavam um arco na frente dos donos da loja. O resto da tropa ficou do outro lado da porta, impedindo a entrada dos saqueadores que estavam na rua.

A maioria dos homens da Guarda Nacional brandia rifles. Estava se juntando uma verdadeira multidão ali fora. Cerrei os punhos com tanta força que meu braço direito teve um espasmo.

Enquanto eu massageava o ponto dolorido, o soldado negro, um sargento, acalmava os quatro jovens. Dava para ouvir sua voz, mas minha janela do quarto andar estava longe demais para eu entender as palavras.

Virei-me de costas para a cena e deixei-me cair na cadeira de veludo azul que fica na frente de minha mesa de trabalho. Durante a hora seguinte, só fiquei ali sentado, ouvindo os sons das pessoas na rua, mas sem coragem de olhar lá para baixo.

Foi assim nos cinco últimos dias: eu me segurando enquanto a zona sul de Los Angeles sumia no meio das chamas de um conflito racial, enquanto lojas eram saqueadas e atiradores disparavam, e homens, mulheres e crianças gritavam “Queima, gente, queima!” e “Pau nessas baratas descascadas!” em todas as esquinas que me eram familiares.

Fiquei fechado em minha casa, na sossegada zona oeste de L.A., sem beber e sem sair com um caminhão cheio de coquetéis molotov.

Quando eu finalmente me levantei, a rua lá embaixo estava cheia de pessoas negras, algumas se aventurando fora de casa pela primeira vez desde a primeira noite do quebra-quebra. A maioria delas parecia abismada.

Fui até a porta do escritório e entrei no corredor.

No prédio também havia cheiro de fumaça, mas não muito. A sapataria, que se chamava Steinman’s Shoe Repair, era a única loja que tinha sido incendiada. Foi na primeira noite, quando os caminhões dos bombeiros ainda enfrentavam corajosamente a saraivada de balas dos atiradores. As chamas foram apagadas antes de se espalharem.

Fui até a escada que fica em frente a meu escritório e descii os três lances até a entrada lateral da Steinman’s. Havia madeira queimada bloqueando o caminho. Eu a teria contornado se não fossem as vozes.

— Que porra de história é essa que os meus sapatos não tão aí, homem branco?

— Tudo queimou completamente — respondeu uma voz frágil com um leve sotaque alemão.

— Não foi culpa minha, cara — respondeu a voz enfurecida, — Eu deixei meus sapatos aqui e quero eles de volta.

— Todos eles queimaram.

— E cê acha que se essa loja fosse minha eu ia poder dizer que não tenho nada seu aqui? — perguntou o freguês. — Acha que um negro ia poder simplesmente dizer que a loja virou cinza e que por isso ele não tem de assumir suas responsabilidades?

— Seus sapatos queimaram junto com todos os outros.

Empurrei a madeira para tirá-la da frente, manchando as palmas das mãos com a fuligem do carvão. Quando entrei na sala, que tinha sido inteiramente consumida pelo fogo, ambos os ocupantes olharam para mim.

Theodore era um homem branco, baixo e atarracado, com pouco cabelo e mãos grandes. O freguês enfurecido era muito maior, com um peito amplo e um rosto grande que teria sido belo numa mulher.

— Oi, Theodore — disse eu.

— Espere a sua vez, cara — advertiu o freguês negro. — Tenho um negócio pra resolver primeiro.

Girou a cabeça, voltando-se novamente para o sapateiro e disse:

— Aqueles sapatos me custaram trinta e seis dólares e se você não entregar eles para mim agora, quero a grana aqui na minha mão.

Respirei depressa, e repeti a dose. Senti um choque elétrico no meu maxilar direito e, por um momento, a sala ficou toda vermelha.

— Meu irmão — disse eu —, é melhor dar o fora.

— Está falando comigo, seu tição?

— Depois não diga que não avisei — disse eu, num tom que não deixava dúvidas quanto às minhas intenções. — Eu tô aqui faz um

tempo, tentando não quebrar nada, tentando num começar a fazer coisa errada. Fui paciente e andei pisando em ovos. Mas, se você disser mais uma palavra ao meu amigo aqui, vou quebrar você como se fosse um palito de fósforo e atirá-lo na rua.

— Eu quero os meus sapatos — disse o homem grande e belo com lágrimas na voz. — Ele me deve isso. Não quero nem saber o que foi que fizeram.

Percebi seu tom de voz choroso. Eu sabia que ele estava tão fora de si quanto eu naquele momento. Éramos ambos negros cheios de um ódio profundo, grande demais para guardar no peito. Eu não queria brigar, mas sabia que, depois que começasse, a única coisa que me faria parar seria a garganta sem vida dele, esmagada pela minha mão.

— Aqui está, senhor — disse Theodore.

Estava entregando uma nota de dez dólares ao cara.

— Seus sapatos eram velhos, o senhor sabe disso — acrescentou o sapateiro. — E os dois precisavam de uma sola nova. Eram de boa qualidade e eu os teria comprado por sete dólares. Estou lhe dando dez.

Aquele homem corpulento olhou para a nota durante um momento. Depois olhou para mim.

— Esquece — disse ele.

Virou-se tão rapidamente que perdeu o equilíbrio por um instante e teve de se apoiar num pedaço de madeira quebrada e carbonizada.

— Ai! — gritou ele, provavelmente por causa de uma lasca de madeira, mas não tenho certeza, porque ele saiu batendo a porta da frente com tanta força que lhe arrancou sua última dobradiça.

Havia uma sela de montar antiga e lustrosa embaixo de uma cadeira quebrada. Afastei a cadeira e peguei a sela. Theodore a ganhara de seu tio, que era um mestre do hipismo em Munique, antes da Primeira Guerra Mundial. Eu sempre tinha admirado os desenhos feitos no couro.

Colocando a sela numa parte razoavelmente estável do sua bancada arruinada, eu disse:

- O senhor não tinha que pagar nada pra ele, sr. Steinman.
- Ele estava chateado — replicou o homenzinho. — Queria justiça.
- Isso não é tarefa sua.
- Tudo é tarefa nossa — disse ele, olhando para mim com seus olhos azuis. — Você não pode se esquecer.
- Ezekiel Rawlins?

Era uma pergunta feita por uma voz cheia de autoridade. Era a voz de um homem branco. Juntando essas informações, eu soube que estava sendo procurado pela polícia.

CAPÍTULO 2

Ele estava usando um terno verde amarrotado e uma camisa branca que amarelara de tanto ser lavada. Não usava chapéu, mas já estávamos com quase 27°C, quente demais para o tipo de chapéu que um branco desleixado usaria. A gravata parecia um leito de ribeirão enlameado com algumas jóias sujas aparecendo no fundo.

— Você é Ezekiel Rawlins? — perguntou ele. — Eu estava lá em cima no seu escritório. Um cara do outro lado do corredor disse que você tinha descido.

Esperei que ele falasse mais alguma coisa.

— Sou Melvin Suggs, investigador de polícia — disse ele.

Estendeu-me a mão.

Olhei para aquela mão. Nenhum policial jamais tinha se aventurado a trocar um aperto de mão comigo. As mãos estendidas da lei seguravam cassetetes de madeira e pistolas, algemas e mandados de prisão, mas raramente dão boas-vindas, e nunca propõem igualdade.

— O que é que você quer, investigador?

Melvin Suggs primeiro fechou a mão e depois abriu-a e esfregou as pontas dos dedos uns nos outros. Seu sorriso era pouco amistoso, uma coisa de que gostei. Não precisava de um tira branco e cordial logo agora. Uma boa parte do meu mundo já tinha virado de cabeça para baixo.

— Está aqui por causa dos danos ao prédio, investigador? — perguntou Theodore Steinman.

Eu podia ter dito ao meu amigo que o policial não tinha vindo por causa de nossos problemas estruturais. O tira estava atrás de mim. Precisava de mim para ajudá-lo — foi o que pensei na hora.

— Não, senhor — disse Suggs. — Uma unidade vai estar aqui no final da semana para investigar cada ato de incêndio criminoso e cada saque. Eu vim aqui conversar com o sr. Rawlins.

— Que pena! — disse eu. — Porque justo agora eu tenho de ajudar meu amigo a limpar o que sobrou da loja.

— É um assunto importante — disse o policial, usando de novo o tom de autoridade.

— O pessoal está com problemas na rua inteira, investigador. Toda porta tem algum tipo de marca. As pessoas perderam seu negócio, seu emprego. Algumas velhinhas tiveram de pegar o ônibus e andar oito quilômetros só para encontrar uma loja onde comprar um pacote de margarina.

— Mas só trinta e quatro pessoas perderam a vida — disse ele.

— Hoje de manhã o rádio disse que eram trinta e três mortos — disse eu, sentindo a necessidade de contradizê-lo.

— Uma das mortes não foi denunciada — replicou o agente da polícia. — É um caso especial e gostaríamos que você desse uma olhada.

— Desculpa aí, investigador, mas deve estar me confundindo com algum outro Ezekiel Rawlins. Sou só um zelador do conselho de educação. Lá da Sojourner Truth Junior High School. Não tenho absolutamente nenhum poder oficial.

— Não. Estou falando com o homem certo.

Suggs tinha olhos brilhantes de um cinza acastanhado que, de alguma forma, combinava com sua aparência desleixada. Só ficou ali de pé, olhando para mim.

Da minha parte, eu tinha me virado para avaliar a destruição da loja do sapateiro. Tudo quanto lhe restava era a bancada queimada e quebrada, cercada por algumas centenas de pares de sapatos queimados. Por que alguém haveria de querer queimar sapatos? Além dos calçados, o chão estava coberto de coisas tiradas das

gavetas, prateleiras e armários e Theorore Steinman. Havia um canivete de cabo de osso, um pacote amarelo de goma de mascar Juicy Fruit, uma borracha cor-de-rosa e uns mil elásticos. Havia fichas de arquivo marcadas com as pegadas de saqueadores e bombeiros, e as folhas rasgadas e amassadas de uma Bíblia escrita em alemão. Embaixo de uma cadeira de carvalho quebrada, vi uma pequena lâmina de vidro trincada dentro de uma armação de madeira lascada. Ajoelhei-me e sacudi as lascas de vidro de uma fotografia de Sylvie — a musa e mulher de Theodore.

— Ah, meu Deus! — disse o sapateiro quando lhe entreguei o retrato todo arranhado e cheio de furos.

Pegou-o com as mãos em concha, como se estivesse segurando um

bebê.

— Sr. Rawlins — disse o investigador Suggs.

Eu tinha esquecido que ele estava ali.

— O quê?

— Vá, Ezekiel — disse Theodore Steinman. — Ele precisa de você.

— Não posso deixá-lo nesse estado, Theodore. Suponha que mais alguém venha buscar os sapatos, alguém parecido com aquele sujeito...

— Eu converso com ele.

Eu já sabia que Theodore tinha olhos azuis. Eu trazia meus sapatos para o homem consertar há quase vinte anos. Eu vejo coisas, coisas a que os outros não dão importância. E por isso que o cartaz que fica na porta do meu escritório diz EASY RAWLINS —

PESQUISA E ENTREGAS A DOMICÍLIO. Mas havia alguma coisa nos olhos de Theodore que eu nunca tinha visto antes. Era como se a violência dos últimos dias tivesse me dado o poder de olhar mais fundo, ou talvez as pessoas à minha volta tivessem mudado — Theodore e seu freguês enraivecido, e talvez até Melvin Suggs, o tira que tinha me estendido a mão para me cumprimentar.

O investigador Suggs e eu saímos pela entrada agora sem porta da sapataria. O que nos levou para a praça Central. Havia dezenas de pessoas perambulando pela rua. O que era estranho, porque em L.A. até os pobres andam de carro. Mas, depois daquele quebra-quebra, a fumaça no ar fazia as pessoas andarem a pé para examinar as seqüelas de uma guerra racial.

Suggs dirigia um Rambler Marlin. Era espaçoso e tinha cintos de segurança.

— Eu nunca uso esses negócios aí — disse-me o tira. — São coisas da minha ex. Ela diz que não posso pegar as crianças se o carro não tiver cintos de segurança.

Já estávamos andando de carro há um bom tempo quando perguntei:

— E então, o que quer de mim, investigador?

— Tenho um caso que precisa ser resolvido sem dar na vista.

— Você?

— A Secretaria de Segurança Pública de Los Angeles — disse ele. Secretário de Segurança Parker, prefeito Yorty.

Suggs não olhou para mim enquanto falava. Não parecia ser do tipo de motorista que precisava ficar de olho na estrada o tempo todo, de modo que achei que ele estava um pouco constrangido por precisar da minha ajuda. O que tinha um lado bom e outro ruim. Se

você fosse um homem negro na L.A. daquela época (ou de qualquer outra), sempre era bom dar uma mãozinha para as autoridades. Mas você não ia querer levar a coisa longe demais; porque, quanto mais alto você sobe, maior o tombo.

— Que caso? — perguntei.

— Você vai saber quando chegarmos lá.

— Não, não vou.

— O quê?

— Ou me fala pra onde estamos indo e qual é a parada na qual está querendo me envolver, ou então, quando você parar o carro, eu pego um ônibus e volto para casa.

Suggs lançou um olhar de esguelha para o meu lado. Resmungou alguma coisa do tipo “que cara mais besta, sô!”

Àquela altura, estávamos na extremidade sul do bulevar La Cienega. Ele encostou no meio-fio, puxou o freio de mão e virou-se para mim. Foi aí que notei que o homem não tinha cheiro. Nenhum tipo de odor corporal, nem de perfume. Era uma unidade auto-suficiente, sem cheiro e sem estilo — a embalagem perfeita de um caçador.

— Já ouviu falar numa mulher chamada Nola Payne? — perguntou ele.

Eu não tinha, e sacudi a cabeça para informá-lo.

— Que que tem ela? — perguntei.

— É a vítima trinta e quatro.

— E eu com isso?

— As circunstâncias dessa morte são um pouco confusas, e provavelmente vão ser problema se chegarem à imprensa antes da gente resolver o caso.

— Não está me explicando nada, cara.

— Não quero lhe contar como foi que a encontramos enquanto não chegarmos ao lugar para onde estamos indo, Rawlins. Mas posso lhe dizer que precisamos de sua ajuda porque um policial branco metendo o nariz em qualquer coisa lá em Watts agora só vai chamar a atenção para uma coisa que precisamos manter em segredo.

— E por que eu haveria de querer ajudá-lo? — perguntei, incapaz de resistir à tentação de chutar um cachorro morto.

— O que quer dizer aquele cartaz na porta do seu escritório? — perguntou ele à guisa de resposta.

— Quer dizer exatamente o que diz.

— Não — disse Suggs. — Quer dizer que você está lá brincando de detetive particular sem ter uma licença para isso. O que pode dar um tempo de cana, se alguém quiser processá-lo. Tenho certeza de que se eu saísse por aí e conversasse com alguns clientes seus, conseguiria um processo bem legal.

Eu não tinha tanta certeza assim. A maior parte do trabalho que fiz não tinha nada que pudesse me criar problemas. Eu nunca disse que era detetive particular. E Suggs tinha mais razão do que supunha a respeito de tiras brancos na L.A. negra — ninguém conversaria com eles depois dos quebra-quebras, nem antes.

Mas eu disse:

— Tudo bem, investigador. Vou ao lugar para onde está me levando. Mas vou lhe dizer uma coisa. Se eu não gostar do jeito

das coisas, vou saltar fora.

Suggs deu de ombros, soltou o freio e entrou no bulevar. Sua facilidade em aceitar minhas condições me fez pensar que um simples passeio num carro da polícia ia me fazer entrar numa viagem muito mais longa do que eu tinha planejado quando saí da cama naquela manhã.

CAPÍTULO 3

O Sanatório Neurológico Miller era um bangalô comprido e baixo nas proximidades de La Cienega, logo depois de Wilshire. Se você passasse por ele de carro, podia achar que era um motel, ou talvez uma fábrica. A entrada ficava no final de uma longa entrada para carros, e o tamanho da placa de bronze anunciando o nome era metade de uma folha de caderno.

Suggs estacionou tão perto de uma cerca branca alta que eu tive de pular para o banco do motorista para sair do carro.

Caminhava alguns passos à minha frente; abriu a porta da clínica e entrou. Eu o segui cauteloso.

Uma jovem branca com uniforme de enfermeira estava sentada atrás de uma mesa na sala da recepção. Tinha um rosto delicado, mais para vermelho que para branco, com milhares de sardas em volta de uns olhos castanhos enormes. Aqueles olhos ficaram maiores ainda quando passamos pela porta.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou ela ao homem branco.

— Vamos ao quarto G-16 — disse-lhe Suggs.

Tínhamos dado dois passos em direção às portas duplas de vaivém que ficavam atrás da mesa da recepção quando aquela coisinha sardenta se levantou para bloquear nosso caminho.

— Me desculpe, mas não posso deixá-lo voltar lá.

Suggs fechou a cara para aquela jovem destemida. Dava para ver a bílis se remexendo nas suas entranhas. Primeiro ele teve de se explicar para um negro e agora uma reles mulher estava tentando lhe barrar a entrada.

Mas ele levou as coisas numa boa. O preço que o branco tem de pagar, eu acho.

Levantou uma carteira de couro gasta que tinha seu documento de investigador da polícia de um lado e sua carteira de identidade do outro. A mulher examinou a carteira meticulosamente e pronunciou o nome com todas as letras.

Foi aí que me dei conta de que não tinha pedido para ver os documentos de Suggs. Eu estava escolado demais, sabendo que pedir os documentos a um tira podia muito bem expor você a algemas e cassetetes, e a uma noite de muitas contusões.

— E ele, quem é? — perguntou a enfermeira.

— E você, quem é? — retrucou Suggs.

— Ora essa... não sou eu que precisa se identificar — disse ela.

— Nem ele — disse Suggs.

Passamos pelas portas duplas, todos três. Suggs ia na frente, eu o seguia e ela vinha na retaguarda.

O chão do corredor era revestido de azulejos brancos cintilantes. O teto e as paredes também eram brancos. Não havia uma única

manchinha ou risco em parte alguma. Era de longe o centro médico mais limpo que eu já tinha visto na vida.

Chegamos ao fim de um corredor e viramos à direita, entrando em outro. Na metade desse segundo corredor havia uma porta onde estava escrito G-16. Suggs estendeu a mão para pegar a maçaneta, mas a enfermeira se interpôs novamente entre ele e a porta.

— Não posso deixar ninguém entrar sem antes fazer uma ficha na recepção — disse ela.

— Meu bem — disse Suggs —, a gente já passou por você. Eu lhe mostrei meus documentos, de modo que é melhor você sair da frente antes que eu torça seu lindo bracinho.

— Não saio.

Eu me perguntei se os quebra-quebras não seriam apenas um dos sintomas de uma doença que infectara a cidade silenciosamente, um vírus que subitamente deixara as pessoas sem medo das conseqüências de lutar por seus direitos. Durante quase uma semana eu tinha visto grupos de mulheres e homens negros enfurecidos enfrentar grupos de policiais e soldados armados tendo somente pedras e garrafas como armas. Agora esse brotinho de 40 quilos estava enfrentando um tira grosseirão que dava três dela.

— Ezekiel Rawlins, dona — disse eu.

— O quê?

Foi a primeira vez que ela olhou para mim diretamente.

— Meu nome. E Ezekiel Rawlins. Estou aqui como assessor da polícia. Se tivesse me perguntado, eu lhe teria dito o meu nome.

— Ah... — disse ela, percebendo que talvez ela é que tivesse sido mal-educada. — Rawlings?

— Sem o “g” — disse eu.

— Ah...

— Agora a gente pode entrar? — perguntou Suggs.

A enfermeira saiu da frente da porta, olhos baixos.

Lembro-me daquele momento com muita clareza. O assoalho e as paredes brancas; até as maçanetas das portas eram pintadas nesse tom descorado. E aquela jovem corajosa intimidada pela honestidade pura e simples. O tira era a primeira evidência sólida que eu tinha de que as garras do homem branco na minha garganta estavam perdendo a força. Tudo aquilo me levou a uma porta pela qual, na verdade, eu não queria passar. Eu devia ter ido embora naquele exato minuto. Eu quis sair dali. Mas era como se houvesse um vento forte nas minhas costas. Eu tinha resistido a ele durante todos aqueles quebra-quebras; à voz irada do meu coração que insistia para que eu saísse e brigasse por todos os enforcamentos que eu tinha visto, por todas as vezes que tinham me chamado de negro sujo e por todas as portas que bateram na minha cara. Passei toda a minha infância no fundo dos ônibus e em balcões segregados nos teatros. Tinha sido preso por andar pela parte errada da cidade e ameaçado por olhar um homem nos olhos. E quando fui para a guerra lutar pela liberdade, encontrei-me num exército segregado, tratado com menos respeito que o que tinham pelos prisioneiros alemães. Eu já tinha visto gente como eu ridicularizada na televisão e no cinema. Eu estava farto daquilo e não ia dar as costas àquilo tudo, mesmo que quisesse.

A porta abriu e o vento me fez entrar.

O quarto onde entramos estava feericamente iluminado. Três homens estavam de pé em volta de uma mesa prateada sobre a qual estava o corpo nu de uma mulher negra.

Os homens estavam de branco. Quase tudo naquele quarto era branco. As paredes e o chão, os mostradores dos instrumentos e o teto. Dois dos homens usavam sapatos brancos.

Só um par de sapatos pretos e Nola Payne davam alguma cor àquele quarto sem vida. E os sapatos e Nola eram apenas carne morta.

— Sim, investigador Suggs? — disse um branco careca com um bigode grisalho bem aparado.

— Este é o homem de quem lhe falei, senhor. Ezekiel Rawlins.

— Por que o trouxe aqui?

— Achei que ele devia ver o que vimos, capitão. Eu sei que ele vai querer investigar.

O careca olhou para mim, Começou pelo chão e foi subindo. Eu sabia o que ele estava vendo. Eu estava usando sapatos de couro marrom-avermelhado, calças cinza e uma camisa preta folgada. Eu tinha me vestido informalmente para descer para a zona centro-sul, sem esperar uma entrevista com um homem branco no inferno do homem negro.

— Investigar? — perguntou-me ele.

— E seu nome é... — repliquei.

O capitão olhou para Suggs. O agente da polícia não respondeu.

— Sou o encarregado desse caso — disse o capitão.

Cometi o erro de olhar para o cadáver. Ela não era muito jovem — trinta e três ou trinta e quatro anos. Eu não saberia dizer se ela tinha sido bonita. O cabelo tinha o tom avermelhado típico de alguns grupos de negros do centro-oeste. Perdera um dos olhos,

provavelmente por causa de um tiro, e a língua estava pendendo da boca por ela ter sido estrangulada, sem dúvida. O que chamou minha atenção foi o fio de sangue vermelho que começava em algum lugar acima do lábio e que passava por cima dos dentes e escorrera pela bochecha. Era como se ela tivesse morrido com os lábios murmurando segredos rubros.

— Bem, se o senhor é o encarregado, será que posso ir embora?
— perguntei ao branco arrogante.

— O que que é isso, Melvin? — perguntou o capitão. — Uma piada?

— Não, senhor — disse Suggs.

— Qual é mesmo o seu nome? — perguntou-me o capitão.

— O senhor ainda não me disse o seu.

— Já chega, Lee — disse o outro branco do qual eu ainda não sabia o nome.

Ele era uns trinta centímetros mais alto que o capitão ou Suggs, do mesmo tamanho que eu. Parecia familiar, mas eu não me lembrava de onde é que eu o tinha visto. O rosto era magro e duro. Tinha olhos negros apertados e cabelos pretos, não havia lábios sobre os quais falar, e tinha uma marquinha vermelha embaixo do olho direito.

— Sou o capitão Fleck — disse o tira careca. — E lhe fiz uma pergunta.

— Não, senhor capitão, não fez. O senhor disse a palavra “investigar” num tom interrogativo. Mas o tom em si não é a mesma coisa que uma pergunta.

O terceiro homem branco reprimiu uma risadinha. Eu estava gostando do público.

— Vamos sair daqui — disse o branco alto, que era quem realmente mandava ali.

Não tive nada contra.

CAPÍTULO 4

O homem alto levou o capitão Fleck e eu para uma sala que tinha um cartaz na porta que dizia DR. TURNER, M.D. Deixamos o terceiro homem branco e Suggs no corredor branco.

A sala de Turner foi um alívio bem-vindo. Havia um carpete laranja e azul, uma mesa marrom e quatro paisagens espetaculares na parede.

E ali havia um teste para nós. A sala tinha três cadeiras: uma atrás da mesa, e duas na frente. O homem alto foi para a cadeira da esquerda na frente da mesa. O capitão Fleck dirigiu-se para a cadeira do médico, mas eu estava mais perto. Aproveitei aquela pequena vantagem e me sentei naquela cadeira giratória almofadada.

Fleck ficou na minha frente e olhou para baixo, esperando que eu abrisse mão da cadeira preferida.

Foi uma loucura. Aquilo tudo. Eu nunca tinha feito nada parecido quando participava da dança intrincada necessária para não ter problemas com a lei. Eu raramente falava com homens brancos com autoridade. Nunca lhes disse nada de inteligente de livre e

espontânea vontade. E chegar ao ponto de irritar um tira — nem parecia eu.

Mas lá estava eu, sentado na cadeira do chefe com o capitão Fleck olhando para a minha cabeça como se quisesse me matar.

— Sente-se, Lee — disse o branco alto.

Fleck ficou imóvel por um instante.

— Lee?

Ele gaguejou alguma coisa, e eu sorri. Se estivéssemos sozinhos, ele teria puxado a pistola, tenho certeza. Mas tudo quanto podia fazer ali era obedecer à ordem do chefe. Não é de admirar que eu sempre peça uma carne com molho doce-azedo quando vou a um restaurante chinês. Você não curte os prazeres de um sabor sem pelo menos um toque do outro.

Depois que estávamos todos sentados confortavelmente, o branco alto disse:

— É um prazer conhecê-lo, sr. Rawlins. Meu nome é Jordan, Gerald Jordan.

— O senhor é o vice-secretário de Segurança Pública — disse eu, me lembrando por fim. — Foi o senhor quem impôs o toque de recolher.

— Certo. Mas o toque de recolher já acabou. Todo mundo pode ir onde quiser e quando quiser, desde que obedeça à lei.

O vice-secretário Jordan foi um terror na TV. Chamou os insurgentes de ladrões e criminosos que não tinham respeito pela propriedade, nem qualquer motivo para aquele quebra-quebra todo além de seus desejos imorais de saquear e destruir. As palavras inflamadas de Jordan provavelmente fizeram com que a violência

durasse um dia mais do que teria durado sem elas. Na televisão, ele sempre usava um uniforme preto com um monte de medalhas no lado esquerdo do peito. Foi por isso que não o reconheci no necrotério improvisado.

— Bem, vice-secretário, o que deseja de mim?

— Eu não estou aqui, sr. Rawlins — disse ele.

— Não? E eu, estou?

— Não comigo. No que diz respeito a qualquer tipo de informação que venha a constar de nossos arquivos, pedimos ao senhor para vir aqui identificar Nola Payne. O senhor não conseguiu identificá-la, e foi levado de volta para sua casa.

— E quem me trouxe aqui?

— O investigador Suggs o trouxe, e o senhor prestou contas ao capitão Fleck.

— Entendi.

Jordan sorriu. Gostei dele. Gostei dele como um escravo aprende a amar seu dono, ou como um prisioneiro acaba criando uma relação afetiva com seu carcereiro. Gerald Jordan era o branco que mandava ali. Era o mais perto que eu já tinha chegado da origem de nossos problemas. Eu me perguntava se os problemas de meu país não ficariam muito mais suportáveis se eu o matasse ali mesmo. É claro que era uma idéia ridícula. Percebendo a impotência de minha fantasia, eu ri.

— Qual é a graça, sr. Rawlins? — perguntou Jordan.

— Não tem nada a ver com o senhor.

— Então vamos ao que interessa, tudo bem?

— O senhor é quem manda.

— Lee? — perguntou Jordan.

O capitão careca limpou a garganta.

— Nola Payne foi encontrada pela tia na sala de visitas de seu apartamento do terceiro andar da rua Grape hoje de manhã — disse aquele capitão azedo.

— Comigo não, Lee — disse o vice-secretário. — O sr. Rawlins é quem vai precisar dessa informação.

Fleck teria preferido cuspir na minha cara, mas se controlou. Virou a cadeira uns 90° e fixou seu olhar na minha testa.

— Ela foi estrangulada até morrer, e depois lhe deram um tiro.

— Foi estuprada? — perguntei.

— Ela teve relações sexuais umas seis horas antes de sua morte. Pode ter sido estupro, mas não havia contusões, cortes nem lágrimas que confirmem essa suposição.

Enrolou o bigode como quem pergunta “Mais alguma coisa?”

Eu sacudi a cabeça dizendo que não.

— A srta. Landry — continuou ele —, a tia da srta. Payne, chamou a polícia imediatamente, mas algum tempo se passou antes de alguém chegar lá... por causa dos problemas daquela área. Quando os patrulheiros finalmente chegaram, encontraram a srta. Landry histérica. Ela estava gritando que um homem branco tinha matado sua sobrinha. Por mais que tentássemos acalmá-la, ela continuava gritando que um homem branco tinha estuprado e matado sua sobrinha. Os policiais levaram-na, por medo de que a gritaria dela incitasse outro quebra-quebra.

— Então ela foi presa? — perguntei.

— Não, sr. Rawlins — disse Gerald Jordan. — Ela estava fora de si. Os policiais foram orientados para trazer a srta. Landry para cá, onde os médicos poderiam sedá-la, aliviar seu sofrimento.

Toda vez que Jordan sorria eu tinha vontade de dar um tapa naquela cara descarnada. Os quebra-quebras ainda estavam acontecendo no meu peito.

— Vocês a doparam?

— O senhor preferiria que ela desse início a outro quebra-quebra?

— Onde está ela?

— No fim do corredor — disse Fleck. — Só vai acordar amanhã de manhã.

— Precisamos saber o que aconteceu lá, sr. Rawlins — disse Jordan, fingindo se importar.

— Por quê?

— Porque queremos que L.A. volte ao normal.

— O senhor quer dizer homens de negócio de volta às mesas, lojistas de volta ao trabalho e turistas comprando orelhas do Mickey na Disneylândia.

— Isso não é brincadeira, Rawlins. — Era Fleck. — A Secretaria de Segurança Pública de Los Angeles precisa de sua ajuda e, se souber defender seus interesses, o senhor vai cooperar.

— O que exatamente vocês querem que eu faça?

— Que converse com a srta. Landry quando ela acordar — disse Jordan.

— Vá até a rua Grape e descubra as circunstâncias da morte da srta. Payne, se puder.

— Não entendi. Por que vocês estão tão preocupados com a morte de uma negra? Vocês não fazem isso toda vez que um negro é morto.

O capitão e seu chefe trocaram um olhar. Jordan deu de ombros.

— No segundo dia dos quebra-quebras, recebemos um relatório dizendo que um homem branco foi tirado do carro na rua Grape. Ele foi hostilizado e espancado, mas finalmente conseguiu fugir. Desde então, ninguém teve mais notícias dele. Em quaisquer outras circunstâncias, poderíamos ter ignorado o relatório. Talvez o homem tenha ido embora para casa. Mas uma história sobre uma mulher negra assassinada por um homem branco do outro lado da rua de onde um homem branco fugiu pode ser causa de boatos que podem pegar fogo e acabar tendo um triste fim.

Como Nola Payne, pensei.

— Então vocês querem que eu descubra quem é o tal homem branco? — perguntei.

— Queremos que descubra tudo o que puder — disse Jordan.

— E o que vocês vão fazer com o que eu descobrir?

— Tentar controlar a circulação de informações.

— E se foi um homem branco que a matou?

Jordan e Fleck trocaram um olhar novamente.

— Não queremos um assassino em liberdade — disse Jordan. — Seja qual for a sua cor. Nesse caso, se descobrirmos que um homem branco matou a srta. Payne e o levarmos a julgamento, o povo vai ver que queremos manter a balança da justiça equilibrada.

Aquelas palavras podiam constar de um anúncio de cigarro ou de uísque. Ele não dava a mínima para a justiça. Não dava a mínima para uma negra morta, nem para seu assassino. A única explicação para um dos dois ter chegado a lhe chamar a atenção era alguém ter vindo e ameaçado responsabilizá-lo pelas conseqüências de seus atos.

— Tudo bem — disse eu.

— O que significa isso? — perguntou o capitão Fleck.

— Que estou nessa. Vou lá e vou fazer perguntas. Vou tentar descobrir o que aconteceu.

Jordan estava sorrindo, eu podia jurar. Seus lábios moveram-se alguns milímetros e a carne em volta dos olhos se esticou um pouquinho.

— Obrigado — disse ele.

— Mas vou precisar de uma coisa para fazer isso.

— E o que é?

— Há um homem branco nessa história. Isso pode querer dizer que vou ter de andar em bairros de brancos. Para isso, vou precisar de algum tipo de identificação da Secretaria de Segurança Pública.

— Assim que descobrir alguma coisa, procure-me — disse o capitão Fleck. — O senhor não tem nada a fazer num bairro de brancos.

— Então esquece — disse eu.

Levantei-me da confortável cadeira de diretor e dei três passos em direção à porta.

— O senhor pode me esperar lá fora, sr. Rawlins? — pediu Jordan. — Vou providenciar o que o senhor precisa.

Passei pela porta e esperei alguns momentos. Mas não gostei nada daquilo, de modo que comecei a andar pelo corredor, fazendo de conta que não estava por conta dos caprichos dos policiais.

CAPÍTULO 5

Os corredores da clínica eram um labirinto. Virei algumas vezes antes de passar na frente de uma grande porta branca que tinha almofadas de vidro. Lá dentro dava para ver uma mulher negra na cama, coberta por um lençol branco fino. De onde eu estava, ela parecia não ter braços.

Quando empurrei a porta, deu para ouvir seus gemidos. Ela estava numa camisa-de-força, dizendo coisas que eu não entendia. Sacudia a cabeça para a frente e para trás. A baba cobria-lhe o queixo. Quando estendi a mão para tocar seu rosto, os olhos se abriram e se fixaram em mim como os das mulheres lá de New Ibéria, quando eu era criança e tinha feito alguma coisa errada.

— Onde estou, Roger? — perguntou-me.

— No hospital — disse eu.

— Estou doente? Estou morreno? — perguntou num tom aflito.

— Não, dona. Acho que levou um choque e os policiais a trouxeram para cá, para o médico dar uma olhada.

— É — disse ela, num tom de quem sabia muito bem o que havia acontecido. — Vi coisas terríveis. Coisas que você nunca ia querer ver, Roger.

Pensei no que deve ter sido para ela dar com o cadáver de Nola Payne, que ela provavelmente conhecia desde que Nola era criança.

— Por que estou toda amarrada?

— Porque os médicos acharam que você podia se machucar.

— Não foi aquele homem branco, foi? — perguntou ela ao ouvir minha resposta.

— Que homem branco? — perguntei de novo.

Eu tinha aprendido, com o passar dos anos, que quando alguém se encontra em estado de choque você pode lhe fazer a mesma pergunta muitas e muitas vezes e ter uma resposta diferente de cada vez — e cada resposta leva você para mais perto da verdade.

— Aquele que estava na casa dela. Aquele que ela tentou salvar. Tudo que os homens brancos querem é espancar você e enfiar o pau no seu traseiro como se você fosse uma puta.

— Quem foi que ela tentou salvar?

A mulher fechou os olhos e gemeu.

— Estavam tentano matar ele, o povo. Ele correu e a Nola deixou ele entrar. Ele tava sangrano, tava coberto de sangue. Ela não sabia o que que é um homem branco. Eu nunca contei pra ela, e agora ela tá morta.

— Qual era o nome dele? — murmurei.

Ela suspirou e depois entrou naquele estupor que os médicos a tinham induzido. Fiquei ali sentado ao lado dela um pouquinho, só para lhe fazer companhia. Perguntei-me se a história de Nola terminava onde começava a da tia.

Depois de algum tempo, deixei a prisioneira torturada dormindo e voltei à sala do dr. Turner.

Eles estavam andando pelos corredores, procurando por mim. Tanto Fleck quanto Jordan tinham tirado os jalecos de médico que lhes tinham sido emprestados. Fleck usava um uniforme azul-marinho e Jordan estava de terno creme.

— De onde é que está vindo? — perguntou Fleck.

Se ele fosse um meu irmão, ou um jovem beatnik, eu acharia que ele estava falando gíria. Mas eu sabia que era apenas a língua que ele falava e que a fala do pessoal mais avançado às vezes se sobrepunha.

— Lá fora, procurando um lugar pra fumar — disse eu. — Eu me perdi no meio dessas paredes brancas infernais.

Eu estava tentando parecer à vontade, meio ignorante — mas era tarde demais para isso agora. Eu já tinha conversado com o branco na língua dele e ele, de agora em diante, ele sabia que seu bastião tinha caído.

— Aqui está — disse Jordan, entregando-me uma folha de papel.

Abri a folha branca e li em silêncio.

Era uma carta datilografada numa máquina de escrever.

18 de agosto de 1965

A Quem Interessar Possa.

Declaro, por meio desta, que a polícia ou qualquer outro funcionário da Secretaria de Segurança Pública deve dar ao portador deste documento, o sr. Ezekiel Rawlins, livre acesso a qualquer lugar enquanto estiver dando assessoria particular à Polícia de Los Angeles, acesso esse garantido pelo vice-secretário da Secretaria de Segurança Pública Gerald Jordan. Qualquer dúvida quanto à sua veracidade, contatar o escritório central da Secretaria de Segurança Pública e pedir à recepção informações sobre as ordens do Secretário da Segurança Pública.

Gerald Jordan

Vice-secretário de Segurança Pública Gerald Jordan

- Isso basta? — perguntei,
- Deve bastar — disse Jordan.
- E quando entra em vigor?

Por cima do ombro do vice-secretário dava para ver Suggs e o terceiro homem branco de branco vindo pelo corredor.

— A partir deste exato momento, sr. Rawlins. Já dei entrada no papel antes de vir procurá-lo.

Dobrei novamente a carta e a coloquei no bolso da camisa.

— Tenho de ir embora, sr. Rawlins — disse Jordan. — Precisa de mais alguma coisa?

— Não, senhor.

— E quanto à sua remuneração?

— Não costumo aceitar clientes brancos, sr. Jordan.

— Quer dizer que quer ganhar mais?

— Não quero ganhar nada — disse eu. — Vou fazer esse negócio, mas não por sua causa. Vou fazer por causa das pessoas que são importantes para mim.

Por um instante, a atitude superior e presunçosa de Gerald Jordan vacilou. Por trás da máscara de sofisticação havia um rosto que fazia a máscara mortuária de Nola Payne parecer afável.

Mas logo o político estava de volta. Sorrindo e acenando a cabeça para mim, em sinal de concordância.

— A cidade agradece sua boa vontade, sr. Rawlins. É uma pena que sua comunidade não tenha mais cidadãos com tanto senso de responsabilidade cívica.

Antes de eu dar uma resposta à altura, Jordan estava indo embora, com Fleck nos seus calcanhares.

— Se quiser uma carona de volta a seu escritório... — disse-me Suggs.

— Não, obrigado. Acho que vou ficar por aqui mais um pouco. Talvez a srta. Landry acorde. E eu gostaria de conversar com o médico.

— Sou eu — disse o terceiro homem branco de branco. — Dr. Dommer.

Estendeu a mão e eu a apertei.

— Só que eu não tenho muito tempo, sr. ...?

— Rawlins. O pessoal me chama de Easy.

— Bom, Easy, posso conversar uns minutos, mas tenho de me preparar para uma cirurgia esta tarde.

— Vou ser rápido. — Virei-me para Suggs e perguntei: — Como é que eu entro em contato com o senhor, investigador Suggs?

— A 77a Delegacia de Polícia vai ser o meu lar até essa história acabar.

— Tudo bem — disse eu.

Suggs olhou para mim por um momento, e aí percebeu que estava sendo dispensado. Naquele instante eu percebi a mesma coisa. O mundo estava mudando tão depressa que eu estava preocupado com a possibilidade de dar um mau passo no novo terreno.

— Certo — disse Suggs. — Me liga quando tiver alguma novidade.

Hesitou mais um momento e depois foi embora.

Antes de ele sumir de vista no longo corredor branco, o dr. Dommer perguntou:

— Em que posso ajudá-lo, Easy?

— Como foi que ela morreu?

Dommer não era um homem muito grande. O peito era côncavo e as sobrancelhas de fios castanhos eram grossas. Os lábios eram de tamanho normal, mas flácidos, e os olhos castanhos estavam começando a amarelar. As mãos pareciam de mulher, longas e finas, macias e afiladas.

— Estrangulada.

- Mas então por que foi que ele deu um tiro nela?
- Não sei lhe dizer, Easy. Talvez ele quisesse ter certeza de que ela estava morta.
- Foi encontrada mais alguma coisa?
- Eu não faço autópsia. Isso é tarefa do médico-legista. Mas eu diria que ela foi espancada para valer antes de ser morta.
- Foi estuprada?
- Transou com alguém — disse o médico. — Mas considerando a forma como foi espancada, eu me pergunto se ele não a estuprou também. Não havia nenhum trauma na área vaginal. Este cara deve ter sido um amante delicado.
- E a srta. Landry? — perguntei.
- O que que tem ela?
- Por que foi que vocês a enfiaram naquela camisa-de-força?
- Como é que você...? O secretário pediu-nos para mantê-la sedada e em segurança.
- Não existe nenhuma lei contra isso?
- Não se achamos que ela é um perigo para si ou para terceiros.
- O senhor acha que é?
- É tudo, sr. Rawlins?
- Vou voltar amanhã, dr. Dommer. Por favor, faça o que puder para tirar a srta. Landry daquela camisa-de-força.

O doutor e eu nos olhamos nos olhos. Quando tive certeza de que havíamos nos entendido, virei-me e saí daquele labirinto branco.

CAPÍTULO 6

Perambulei para baixo e para cima naqueles corredores até encontrar o caminho de volta à mesa da recepção. A moça sardenta levantou os olhos para mim quando passei pelas portas de vaivém. Percorri toda a distância até a saída antes dela falar.

— Me desculpe — disse ela às minhas costas.

— Sim? — Virei a cabeça para parecer mais ou menos civilizado.

— Me desculpe... pelo que aconteceu antes.

— Pelo que aconteceu antes? — Eu sabia o que ela queria dizer, mas perguntei assim mesmo.

— Sou de Memphis — disse ela.

Com a ênfase na última palavra, a sua fala arrastada do Tennessee assumiu o primeiro plano. Suas origens explicavam por que ela olhou para Suggs, mas não para mim, quando perguntou nosso nome. Do lugar de onde ela veio, uma mulher branca não falava diretamente com um homem negro. Eu não devia falar em sua presença, e nem sequer olhar em sua direção.

— Sei — disse eu, voltando-me para a porta.

Estendi a mão para pegar a maçaneta.

— Sr. Rawlings?

— Sem o “g”.

— Me desculpe, sr. Rawlins.

Percorri todo o caminho de volta até a mesa da recepção.

— Tudo bem. Não houve derramamento de sangue.

— O senhor é parente daquelas pobres mulheres? — perguntou ela.

— Sou sim — respondi. E não senti que estava mentindo. Nos últimos dias, cheguei até a sentir uma nova relação entre mim e as pessoas atingidas pelos paroxismos da violência. Era como se eu tivesse adotado Nola Payne como minha irmã.

— Elas foram trazidas de manhã cedo — disse a enfermeira-recepcionista.

— Como é seu nome? — perguntei.

Um tremor passou pelo seu corpo e ela olhou à sua volta, talvez com medo de que os homens da Ku Klux Khan nos enforcassem se ela respondesse.

— Marianne — disse ela baixinho. — Marianne Plump.

Ambos sorrimos.

— O que que você estava dizendo, Marianne?

— Eu tenho uma amiga, uma moça de cor que trabalha no turno da meia-noite às oito. Ela me falou que a srta. Landry disse que estavam matando negros pobres.

— Quem?

— Ela só disse que era um homem branco.

- Ela disse mais alguma coisa? — perguntei.
- Talvez — disse Marianne. — Não sei.
- Como é o nome de sua amiga?
- Tina Monroe.
- Você tem papel e lápis, Marianne?

Ela apontou para um bloco na ponta da mesa e me passou um lápis amarelo número dois. Quando peguei o lápis, nossos dedos se tocaram. Acho que ambos levamos um choque. Não era uma coisa sexual, era a quebra de um tabu que governara seu povo e o meu por centenas de anos.

— Este é o meu telefone — disse eu enquanto escrevia. — Gostaria muito de saber de qualquer coisa sobre o que aconteceu a Nola, qualquer coisa que a srta. Landry tenha dito. Portanto, se ela puder, gostaria que a Tina me ligasse.

A srta. Plump concordou solenemente com um aceno de cabeça, enquanto pegava aquela fina folha de papel.

Saindo de La Cienega, pensei em Marianne Plump e no choque que ambos levamos ao nos tocar. Não é que eu nunca tenha tido contato físico com uma mulher branca antes. Eu tinha estado na Segunda Guerra Mundial. Tinha tido muitas amantes francesas e inglesas, e até alemãs. Eu também conhecia mulheres brancas norte-americanas. Mas agora foi diferente. Marianne e eu éramos farinha do mesmo saco. Falávamos a mesma língua. E, embora eu não soubesse explicar como, sabia que os quebra-quebras tinham derrubado as barreiras entre nós.

Tomei a direção sul, para Wilshire, e depois fui para o leste.

O dia estava lindo. Era umas oito horas e o céu estava limpo por conta de uma brisa suave. Wilshire era uma rua legal naquela época. Tinha lojinhas e alguns prédios comerciais indefinidos. Eu estava andando num ritmo acelerado, fugindo da segunda prova do dia.

Depois de atravessar a avenida Fairfax, o carro de polícia encostou no meio-fio a meu lado. Dois policiais brancos e altos saíram, pareciam uma dupla. Eu devia dizer frangotes, pois a idade dos dois somada não chegaria aos meus quarenta e cinco anos.

— Pare aí mesmo — disse um dos tiras. Tinha o nariz achatado, a pele pálida e olhinhos perplexos.

O companheiro era alguns centímetros mais baixo e a pele era seis vezes mais escura.

Ambos usavam quepe e, por isso, não sei que cor de cabelo eles tinham.

— O que está fazendo aqui? — perguntou o tira mais alto e mais claro.

— Indo pra casa.

— Onde é que você mora?

Dei-lhe meu endereço na avenida Genesee, a alguns quarteirões de distância.

Sem pedir licença, o tira que estava me interrogando começou a apalpar minhas laterais e meus bolsos. O tira branco mais moreno ficou a alguns passos de distância com a mão no cabo da arma.

— De onde está vindo? — perguntou o tira mais claro, ainda me revistando.

— Posso lhe mostrar uma coisa, policial? — perguntei à guisa de resposta.

— O quê?

— Um documento que explica minha presença aqui.

— Ouviu essa, Mike? — perguntou o rapaz claro ao moreno.

— O que, Gil?

— Ele quer me mostrar um documento que explica por que está aqui.

Mike estava com uma expressão zombeteira no rosto, e seu parceiro se aproximou dele. Discutiram meu pedido inusitado durante mais de um minuto. Enquanto isso, pedestres e donos de lojas tinham vindo ver o que estava acontecendo. Todo mundo em L.A. vive em estado de alerta. No auge dos quebra-quebras, multidões de negros enraivecidos tinham ameaçado sair do gueto e levar a violência para os bairros dos brancos. Quem poderia dizer quando os coquetéis molotov começariam a explodir em Beverly Hills?

Mike se aproximou de mim.

— O que que está querendo nos mostrar?

Tirei a carta de Gerald Jordan do bolso da camisa e entreguei-a a ele.

O tempo que o rapaz que parecia ser do Mediterrâneo levou daria para ler aquela nota umas seis ou sete vezes. Ou Mike era débil mental ou estava surpreso pelo conteúdo e pela assinatura. Ergueu para mim aqueles escuros olhos helénicos.

— Isso aqui é alguma brincadeira? Você está pensando que pode sair por aí com isso?

— Não é brincadeira, não, seu guarda — disse eu. — E sim, espero andar por aí, se não tiver de fugir.

Mike voltou para o carro da polícia e fez uma chamada pelo rádio, enquanto seu parceiro ficava de olho em mim.

Um número cada vez maior de pessoas tinha se juntado na rua em

frente à loja de departamentos May Company. Minha cabeça estava calma, mas meu corpo estava reagindo à situação. Dava para sentir o sangue circulando acelerado, os músculos ficando tensos. Eu poderia ter ganho uma corrida de velocidade de 400 metros rasos, mas em vez disso tirei um novo cigarro com baixos teores de alcatrão e o acendi.

Os cigarros vão me matar um dia desses, eu tinha certeza, mas inspirar aquela fumaça naquele momento provavelmente salvou minha vida. Sem o efeito calmante do tabaco, eu poderia ter corrido até aquela criança pálida que dizia ser a lei.

Mike saiu da radiopatrulha e foi até onde estava o companheiro. Discutiram a carta, olhando para mim de vez em quando. Tinha gente do outro lado da rua apontando para mim e falando de mim também. Não havia um único rosto negro na esquina da Wilshire com a Fairfax.

Dei mais uma boa tragada no meu cigarro, desejando que fosse um Pall Mall sem filtro.

Finalmente os guardas se aproximaram de mim.

— Mostre um documento de identidade — ordenou Mike.

Puxei a carteira, tirei minha carta de motorista de um dos compartimentos e entreguei ao cara.

Os dois examinaram o nome do documento e o compararam com o da carta de motorista.

— Você é Ezekiel Rawlins?

— Sou, sim.

— Que tipo de trabalho está fazendo para o vice-secretário?

— Não é da sua conta.

— O que foi que você disse, meu filho? — perguntou Mike.

Aquilo pôs um sorriso no meu rosto. A carta estava dando certo. A polícia estava impotente, o que a deixava fora de si.

— Posso ir agora, seu guarda?

— Eu lhe fiz uma pergunta.

— Faça-a ao vice-secretário Gerald Jordan — disse eu. — Porque presto contas diretamente a ele, meu filho.

Mike olhou feio para mim, o que me fez gravar seu rosto na memória. Ele queria que eu soubesse que um dia ele se encontraria comigo de novo, quando eu não estivesse protegido por seus chefes.

Era uma ameaça séria, mas não me importei. Eu estava fazendo a minha rebelião particular contra a estrutura de poder. Estava fazendo um protesto bem ali na zona oeste de L.A., sob a vista de três dúzias de brancos.

— Vá nessa — disse Mike. — Cai fora daqui.

Os policiais voltaram para seu carro. Tomaram a direção leste em Wilshire, de modo que resolvi descer a Fairfax até a Pico.

— Você não vai agüentar a confusão dos diabos que vai rolar por aqui, seu negro fedorento — disse uma voz de homem.

Virei-me e vi um homem branco, com uma mulher branca a seu lado — ambos olhando com ódio para mim.

— Está falando comigo? — perguntei.

— Estou.

Tudo nele era frouxo. A roupa informal, a pele, a mandíbula caída.

Dei um passo em sua direção e ele fugiu espavorido com a namorada a reboque. Depois de cinco passos ele se virou para ver se eu estava correndo atrás dele. Dei outro passo, e ele e a namorada fugiram como o diabo da cruz.

— E um idiota — disse outro homem branco. Este tinha sotaque europeu.

Quando me virei, esperava vê-lo conversando com outra pessoa a meu respeito, mas ele estava sozinho. Um homem baixo, com óculos de aros de metal. Não era velho, talvez tivesse uns cinqüenta e cinco anos.

— Ele está com medo, e homens amedrontados quase sempre são idiotas — disse-me o homenzinho.

— Não estou muito melhor — disse eu —, fumando desse jeito.

— Você não tem outra saída além de se defender — disse ele. — Mesmo se você lhe tivesse dado um soco, teria sido bem dado. Talvez ele aprendesse alguma coisa.

— É uma escola dura essa de que está falando aqui — disse eu.

O homenzinho de terno cinza sorriu:

— Sou Henry Berg — disse ele. — Tenho uma loja de relógios a um quarteirão daqui, no lado leste da rua. Se precisar consertar alguma peça, traga para mim.

Trocamos um aperto de mão e eu fui embora, pensando que tinha de manter a calma. Porque senão o inferno todo podia vir à tona.

CAPÍTULO 7

Mesmo que eu estivesse de carro, não teria conseguido pô-lo na garagem porque havia um barco à vela na entrada. O novo Rambler rosa de Bonnie Shay estava estacionado na rua, na frente da casa. De trás do barco dava para ouvir o som monótono de uma lixa indo e vindo na madeira.

— É você, Juice? — chamei.

Jesus saiu de trás do barco e sorriu. Ele tinha saído com seu barco à vela todos os dias durante três meses, antes dos quebra-quebras. Mas obriguei-o a ficar em casa enquanto o toque de recolher estava em vigor. Ele aproveitou o tempo para consertar todo e qualquer dano sofrido pelo barco.

— Oi, pai — disse ele numa voz que o mar deixara forte. — Bonnie está em casa.

Ele não era muito alto, 1,65 m de ténis. A pele era da cor da casca dos ovos vermelhos. Os olhos eram escuros e amendoados, e ele sabia falar fluentemente inglês, espanhol e francês. O francês ele

aprendeu com Bonnie, com a mesma facilidade com que alguém adquire o sotaque quando se muda para outra parte do país.

Quando Jesus veio morar comigo, tinha cinco anos e nunca dissera uma única palavra. Não falou durante muitos anos por causa da violência a que foi exposto desde uma idade muito tenra. E mesmo depois que ele começou a falar mesmo, era de vez em quando, e em voz baixa.

Mas depois resolveu abandonar o segundo grau e construir um barco para ele. Eu deixei, mesmo que todo mundo me dissesse que eu estava cometendo um erro. Jesus prometia na escola. Suas notas eram só medianas, mas ele primava como corredor de longa distância. A UCLA andara conversando com o treinador sobre Jesus, mas aí eu o deixei sair da escola para construir seu barco e tomar aulas de leitura comigo à noite.

O mar fez com que ele crescesse e falasse mais alto. Era o dono de seu próprio destino agora que não precisava mais conviver com ninguém que não quisesse, como todos os professores que não acreditavam que menininhos mexicanos não valiam a carteira onde se sentavam.

— Como que tão as coisas, menino? — perguntei.

— Papai! — gritou Feather. Ela saiu correndo pela porta da frente com sua cabeleira de fios castanho-dourados ondulando atrás dela. Tinha crescido muito nos poucos meses em que Jesus estava navegando. Em poucos anos ficaria mais alta que o irmão adotivo. Tinha a pele clara, mais clara ainda que a de Jesus, mas era visivelmente uma negra americana — que é negro misturado com alguma outra coisa. A mãe era uma dançarina branca que fazia strip-tease e já tinha morrido, e o pai dela era como eu. Ela veio morar comigo antes de ter oito meses de idade. Eu era o único pai que ela conhecia.

Crreu para mim e me abraçou o mais apertado que conseguia.

- Está tudo bem com você? — perguntou ela choramingando.
- É claro que está, menininha. Estava preocupada?
- O Juice disse que você estava indo para o seu escritório. Onde os negros estão atirando em todo mundo.
- O Juice não disse essa parte sobre os negros, disse, meu bem?
- Não, foi o Graham que disse.
- Aquele menininho de olhos verdes?

Feather ainda estava agarrada a mim. Ergueu os olhos e fez que sim com um aceno de cabeça.

Beijei sua testa e carreguei-a até o pequeno lance de escada de concreto que dava em nossa porta da frente. Quando me sentei, ela se virou de tal jeito que logo estava no meu colo. Era uma espécie de dança que tínhamos criado nos nove anos em que ela era minha filha.

Tinha deixado a porta da frente aberta. Seu cachorrinho amarelo, Frenchie, veio até a porta e mostrou seus dentes afiados. Ele me odiava, e sonhava toda noite, tenho certeza, que estava rasgando a minha garganta. Mas ambos amávamos Feather e por isso mantínhamos uma trégua precária.

- Não ligo para o que dizem por aqui, nem no Carthay Circle, meu bem; e os negros não estão correndo por aí feito loucos atirando nas pessoas.
- É o que estão dizendo no noticiário — replicou ela.
- Eu sei que dizem isso. Mas não estão dizendo porque as pessoas enlouqueceram. Não falam de todas as coisas ruins que

aconteceram com nosso povo. Sabe, às vezes as pessoas ficam com tanta raiva que simplesmente têm de fazer alguma coisa. Coisas que depois elas gostariam de não ter feito, mas aí já é tarde demais.

— É por isso que você estava chorando, papai?

— Quando é que eu estava chorando?

— Na noite passada, quando estava assistindo o noticiário e eu devia estar na cama.

— Ah! — lembrei. Era tarde da noite e Bonnie estava retida na Europa por causa de uma série de tempestades violentas em torno de Paris. Eu estava assistindo imagens do pessoal que estava nos quebra-quebras no último noticiário do dia, com o volume desligado, vendo aquelas pobres almas lá na rua lutando contra um inimigo que eu reconhecia tão bem quanto elas. Tinha lido os jornais e ouvido os comentários das emissoras de rádio dos brancos. Mas o meu ponto de vista nunca foi ao ar. Eu não queria violência, mas estava farto de policiais me parando só pelo fato de estar andando na rua. Odiava a destruição da propriedade e da vida, mas de que serviam a lei e a ordem se elas significavam que eu devia ignorar o fato de nossos filhos serem tratados como bandidos e prostitutas mirins? Minha paciência tinha a mesma espessura de uma moeda de 10 centavos, que é bem pequena, como todo mundo sabe, mas mesmo assim fiquei em casa para proteger minha família adotiva. Foi isso que me levou às lágrimas. Mas como dizer tudo isso a uma menina de dez anos?

— Eu estava triste porque as pessoas não estavam se entendendo — disse eu. — É por isso que elas brigam.

— Por quê? — perguntou Feather. Encostou a cabeça na minha mandíbula e todo aquele sofrimento desapareceu.

— Porque elas não sabem o que é estar na pele de outra pessoa — disse eu.

— Estou com fome, papai — disse Feather, e eu fiquei sabendo que tinha encontrado as palavras certas.

— Oi, meu bem — disse Bonnie Shay.

Inclinei-me para trás e ergui os olhos, como uma criança, e vi a imagem dela de cabeça para baixo. Ela olhava para nós com olhos que me tiravam dos Estados Unidos e me levavam para um lugar onde a música era parte da conversa, das caminhadas e até da respiração.

Sua pele era tão escura quanto a minha, e seu sorriso conhecia uma felicidade que eu desejava intensamente. Ela se agachou e pôs os braços em volta de Feather e de mim. Bonnie era a única mulher que eu tinha conhecido em minha vida adulta que conseguia me fazer sentir como se fosse uma criança em presença do amor materno. Encostei-me nela e fechei os olhos. Sou um homem grande, peso 86 quilos, mas seu trabalho de aeromoça a tinha preparado para lidar com objetos grandes.

Feather suspirou e Jesus também veio irradiar sua luz sobre nós como o sol em sua antiga terra natal. Por um momento eu quase esqueci as favelas fumegantes e o corpo frio de Nola Payne estendido numa sala branca trancada a sete chaves.

Bonnie e eu tínhamos um combinado de que eu sempre faria o jantar no dia que ela voltava de um vôo transatlântico. Fiz rabada com gelatina e couve, mais pudim de tapioca e broa de milho. Levei cinquenta e sete minutos para fazer isso tudo. É por aí que você sabe se alguém é bom na cozinha: pela velocidade e pelo tempo gasto. Tem um monte de homens, tanto brancos quanto negros, que se consideram cozinheiros gourmet. Só trabalham uma vez por mês, digamos; e, quando trabalham, só preparam um único prato. Esses homens não têm a menor idéia do que é a verdadeira arte de cozinhar.

Um cozinheiro de mão cheia chega em casa sem saber o que tem na geladeira, porque não sabe quem comeu o que desde a última vez que ele examinou a dita cuja. Você tem de andar depressa para fazer uma refeição equilibrada que tem de estar na mesa não mais que cinco minutos depois que suas crias ficam com fome. E tudo tem de estar pronto ao mesmo tempo. Eu queria ver esses gourmets de fim de semana apresentarem uma novidade gostosa cinco dias por semana com o orçamento que algumas donas de casa têm.

Não ouvi nenhuma reclamação à mesa do jantar. Era bom ter todo mundo ali. Bonnie ficava fora pelo menos uma semana por mês em viagens para a Europa e África com a Air France. Jesus passava o dia todo, todos os dias, trabalhando no supermercado Captain's Reef em Venice, ou velejando pela costa. A maioria das noites ele passava com os amigos na praia. Ter nós quatro todos juntos parecia uma bênção, embora eu não seja um homem religioso.

— Pai? — disse Jesus.

— Humm...

— O que é Vietnã?

— E um país.

— Mas quem está brigando com eles?

— Eles estão tendo um desentendimento interno — disse eu. — O povo do norte quer as coisas de um jeito, e o povo do sul quer de outro.

— E qual está certo?

Quando Jesus saiu da escola, eu o fiz prometer que leria todos os dias e depois conversaria comigo sobre o que tinha lido. Aquilo nos levava a discutir artigos de jornal quase todas as manhãs. Tínhamos

pulado a manhã de hoje porque saí para o escritório cedo, de modo que ele guardou a discussão para a hora do jantar.

— Johnson diz que é o sul que está certo. Eu não sei, para falar a verdade. — Será que o Juice vai ter de ir lá brigar com os vietnãs, papai? — perguntou Feather.

— Espero que não, meu bem. Espero mesmo.

CAPÍTULO 8

Jesus e Feather estavam ambos na cama às oito. Ela porque era a sua hora de dormir, e ele porque tinha trabalhado muito. Bonnie e eu nos estendemos no sofá na frente da TV e começamos a matar a saudade.

— Parece tão terrível — estava dizendo ela. Estava com as costas no braço do sofá e os pés descalços no meu colo.

— O quê?

— A briga e a violência — disse ela.

— Acho que é.

— O que você quer dizer com “acho que é”?

— As coisas esquentaram e as pessoas ficaram loucas de raiva — disse eu.

— Estão loucas de raiva desde que eram bebês.

— Mas é uma estupidez atacar qualquer pessoa só por causa da cor da pele.

— É — disse eu. — Com certeza.

— Então, por que você não acha isso terrível? Eu fiquei com tanto medo por você e pelas crianças quando estava fora...

Comecei a massagear a junta embaixo do dedão de Bonnie. Ela sempre relaxava quando eu fazia isso.

Mas Bonnie puxou o pé.

— Conversa comigo, Easy. Quero saber a sua opinião.

— Senti sua falta todas as noites — disse eu. — Queria você na cama comigo. Fiquei pensando que se você estivesse aqui, as coisas estariam melhores.

— Eu queria estar. Você sabe.

— Sei.

Alguns meses antes, Bonnie conhecera um príncipe africano e passou um feriado com ele na ilha de Madagascar. Depois que descobri, ela me disse que eles não transaram, mas em seguida ambos tivemos problemas — problemas que não tínhamos antes.

— A dor tem uma memória própria — disse eu, pensando em Joguye Cham, o príncipe africano, e em Nola Payne.

— O que você quer dizer com isso, meu amor? — perguntou Bonnie.

— Se eu batesse em você agora — disse eu — se lhe desse um murro e abrisse seu crânio, essa dor ficaria na sua cabeça pelo resto da vida.

Cerrei o punho enquanto falava. Bonnie se inclinou e beijou o nó dos meus dedos, depois lambeu.

— Todo dia — continuei — você se perguntaria por que fiz isso, e quando faria de novo. Você se perguntaria se fez alguma coisa errada. Você me odiaria, mas também ficaria com raiva de si mesma.

— Por que eu ficaria com raiva de mim mesma se você me agredisse?

— Se você reagisse, ficaria preocupada com a possibilidade de não ter sido o bastante, ou de ter sido um exagero. Você se preocuparia em saber se eu tinha algum motivo para bater em você e que você simplesmente não sabia qual era. Se você não reagisse, ia se sentir uma covarde ou uma idiota. A dor provocada por aquele único golpe avançaria lenta e tortuosamente até suas entranhas e mudaria tudo o que você fez daquele momento em diante.

Bonnie tinha tido sua cota de lágrimas na vida, eu sabia. Não queria trazer aquilo à tona, mas me senti obrigado a me explicar.

— Mas mesmo que alguma coisa me aconteça — disse ela, sentindo a dor enquanto falava — será que isso torna certo tudo quanto eu fizer? Será que numa hora qualquer não devemos dizer que já chega, e tocar em frente?

— Não dá para deixar uma coisa dessas para trás. Você vai dormir com ela, e acorda com ela também. — Eu estava olhando nos olhos dela naquele momento. Ela quis desviar os olhos, mas não conseguiu.

— Mas é pior ainda que isso — disse eu. — Para a maioria das pessoas, a dor que elas sentem está dentro delas. Eu acerto a sua cabeça, mas isso é você e eu. Você pode ir embora, ter outro homem. Pode ir trabalhar e nenhuma das outras mulheres tem um galo enorme na cabeça. Mas, se voltar a Watts ou ao Quinto Distrito, ou ao Harlem, toda alma viva com que você topar foi ameaçada, espancada e enjaulada. Se você tem filhos, eles vão ser espancados. E não importa o quanto sua memória volte no passado: sempre há

uma surra à sua espera. E então, quando você vê um homem ser parado pelos tiras e uma pobre mãe chorando por sua libertação, aquilo toca você. Você não conhece aquela mulher, você não sabe se o homem está sendo preso por ter feito alguma coisa errada. Mas nada disso importa. Porque você já esteve ali antes. E todos à sua volta já estiveram ali antes. E está quente, e você está arrasada, e as pessoas fazem isso com você por causa da sua pele há mais tempo do que a mãe de sua mãe consegue se lembrar.

Havia lágrimas na minha voz, se não havia nos meus olhos, e Bonnie também estava chorando. Ela pôs as mãos nos meus braços, deixando a sua dor pingar na minha pele. Não falamos durante muito tempo.

— A polícia foi me procurar lá no escritório hoje — disse eu.

Ambos estávamos tirando a roupa para ir dormir.

— O que que os homens queriam?

— Me contratar.

— Não diga! Pra quê?

Contei-lhe tudo, desde a história de Theodore Steinman, passando por Nola Payne e chegando aos tiras me parando e ao relojoeiro me defendendo.

— Você vai voltar lá? — perguntou ela quando terminei.

— Que outra saída eu tenho? Ninguém mais tem condições de fazer isso.

— Pode ser perigoso. Você tem filhos.

Inclinei-me e beijei seu mamilo direito. Ela fez um som que me disse que ela ainda não tinha percebido o quanto aquele mamilo

desejava aquele beijo.

Não conversamos mais sobre a polícia de L.A., nem sobre Nola Payne. Nossas únicas palavras eram as promessas doces de um mundo só de dois.

CAPÍTULO 9

Eu estava de pé antes das cinco. Arranquei Bonnie da cama depois de vestir a minha fatiota. Ela se enrolou num lençol sem se queixar. Não parou nem para fazer uma xícara de café: foi cambaleando até seu Rambler rosa e ligou o motor.

Nem Feather nem Jesus acordariam antes das sete. A essa hora, Bonnie já estaria na cama de novo.

No caminho até meu escritório, Bonnie e eu falamos muito pouco. Ela custava a acordar no primeiro dia após a volta da Europa. Mas não me deixaria tomar um táxi.

O sol estava nascendo, mas ainda não tinha aparecido. As ruas estavam vazias, até atravessarmos a Florence. Depois passamos por um jipe ocasional do exército. A certa altura, dois caminhões cheios de soldados armados passaram por nós em alta velocidade. Mas, de tudo quanto vimos, as coisas mais importantes foram os destroços que sobraram dos quebra-quebras.

Bonnie engolia em seco e suspirava a cada nova ruína pela qual passávamos.

Em Avalon, Central e Hooper os prédios incendiados eram mais numerosos que aqueles ainda intactos. Havia pelo menos um carro incendiado e virado no meio-fio de quase todos os quarteirões.

Havia entulho nas calçadas e nas ruas. Ainda subia fumaça aqui e ali, entre os escombros. Sombras furtivas podiam ser vistas andando com cuidado entre os destroços, procurando alguma coisa de valor que tinha passado despercebida.

Os ônibus da cidade estavam correndo e a polícia fazia sentir sua presença. Ainda havia quatro homens em cada carro, alguns usando capacetes ou segurando firmemente a arma no colo. Ainda estavam nervosos por causa dos dias e noites em que a população negra se rebelou e revidou.

Bonnie me deixou na frente do meu prédio. Beijou-me e me disse para tomar cuidado, e depois me beijou de novo.

— Liga se for chegar tarde, amor — disse ela. — Você sabe que Feather fica preocupada.

Beijei-a e saí para pegar meu carro.

O Trim's Creole Café, na rua Cento e Cinco com a Central, era apenas uma lanchonete ao ar livre com um nome transado. Tudo quanto Trini tinha era um balcão e seis bancos embaixo de uma lona amarela encardida.

— Você abriu na mesma hora em que acabou o toque de recolher, hein, Trini? — disse eu ao dono do restaurante ao ar livre.

— Eu abro todo dia, sr. Rawlins — replicou Trini.

— Com todo esse quebra-quebra e esse tiroteio por aí? — perguntei.

— O dinheiro não nasce em árvore, meu irmão.

Ele tinha cabelos pretos e lisos, herdados do pai mexicano, e o rosto cor de chocolate e o nariz achatado da mãe, que trabalhava na cozinha.

— Eles num te criaram nenhum problema? — perguntei, depois de dar a primeira boa gargalhada da semana.

— A maior parte do quebra-quebra sério foi de noite. Eu sirvo principalmente café da manhã. Saqueadores, gente que participou dos quebra-quebras e até tiras e soldados vêm aqui tomar café e comer biscoito com geléia.

— Tiras e saqueadores no mesmo balcão?

— Isso mesmo. Cê sabe que os tiras vêm de seis ou oito de cada vez, e por isso eu não tinha muito com o que me preocupar. Mas a maior parte é o pessoal daqui mesmo saindo para ver o que que foi destruído e tentano se sentir um pouco mais normal.

— Você não devia fechar? — perguntei.

— Ah, é. Eles vieram e me mandaram fechar uma vez ou duas, mas o que eles podiam fazer, mandar pra cima de mim as bombas que tavam passando raspando pela cabeça deles?

Ri de novo. Trini era mais ou menos da minha idade. Mas se considerava um velho. A sabedoria era a sua muleta. Nunca se preocupava com nada porque podia se livrar de qualquer coisa com meia dúzia de palavras sábias.

— Então você deve ter visto a sujeira toda que eles aprontaram, hein? — perguntei.

— Tanto que tive de lavar as mãos de dez em dez minutos.

Sorri.

— Então me vê aí uma daquelas rosquinhas com recheio de limão, pode ser?

O sol já tinha aparecido e as ruas estavam a meio caminho do normal. Enquanto Trini pegava a minha rosquinha, eu revirava uma questão na cabeça.

O ofício dos sábios é educar. O que significa que eles sempre têm de achar que sabem de alguma coisa que você não sabe. Portanto, ao fazer uma pergunta a um sábio, sempre é melhor perguntar do jeito errado.

Trini trouxe minha rosquinha num prato grosso cor de caramelo.

— Cê tá sabendo de um almofadinha branco que foi arrastado pra fora do carro e morto na rua Grape? — perguntei quando ele pôs o prato no balcão.

— Você não ficou sabendo das coisas direito, Easy — replicou ele.

— Não? Como não?

— Tinha um cara andano por lá de carro e assistino o espetáculo quando alguns dos nossos viram ele e levaram para tirar a poeira do corpo.

— Num mataram ele?

— Não. Foi só um cidadão que levou uma surra de alguns dos nossos rapazes. Dizem que fugiu tão dipressa que ninguém conseguiu pegá ele. Ninguém num falô nada sobre corpo nenhum.

— Não li nadinha a respeito.

— Isso aqui é conversa de rua, meu irmão. Cê sabe como que é.

— Então cê tá dizendo que um sujeito branco veio até aqui de carro e foi arrastado pra fora do veículo e espancado e os jornais

não publicam nem uma notinha? — Sacudi a cabeça como quem diz que aquilo simplesmente não podia ser verdade.

— Ah, sim, Easy. Sim, senhor. Bobby Grant me contou pessoalmente, e ele mora a dois passos daqui.

Chupei o recheio de limão, tirando-o de seu estojo de massa. Eu gostava do recheio de limão da mãe de Trini porque ela não punha muito açúcar, o que faz o limão perder o gosto.

— Cê tem cigarro aí, Trini?

— Qual é a sua marca esta semana? — perguntou ele.

— Vou precisar de cigarro de homem agora — disse eu. — Que tal Chesterfields ou Pall Malls?

— Só tenho Lucky Strike sem filtro, Easy.

— Então me dá um maço... não, não. Me dá dois maços.

Eu podia ter pedido a Trini o endereço ou o telefone de Bobby Grant — se eu quisesse que todo mundo que viesse à sua lanchonete nos próximos três dias ficasse sabendo. O motivo de tanta gente enfrentar a violência das ruas para ir à cafeteria de Trini era que ele tinha todas as informações do bairro filtradas por ele. Repetia tudo o que ouvia. E Trini falava alto, de modo que podia estar conversando com alguém numa ponta do balcão que você escutava todas as palavras a seis bancos de distância.

Quando Raymond "Rato" Alexander se mudou para L.A., deu seu nome com o meu número de telefone para a operadora da cidade. Ainda me lembro do olhar que ele me lançou quando lhe disse que mandei tirar o seu nome do catálogo.

O Rato era um homem carrancudo que tinha o assassinato no sangue. Dizer-lhe não era uma coisa tão perigosa quanto tirar

nitroglicerina de um caminhão sem nenhum amortecedor de choque.

— O que que cê tá dizeno, Easy? — perguntou o assassinozinho de olhos cinzentos. Lembro que ele estava usando um terno espalhafatoso cor de laranja e um chapéu de copa lisa e abas reviradas.

— Ou é isso, ou você vai acabar me dano um tiro — disse eu.

— Hein?

— Ray — disse eu — tem mulher na linha dia e noite. “Onde está o Raymond? Sabe como é que eu faço para encontrar o Rato? Qual o seu nome, bem? Tem a voz bonita.” Eu sei que você não gosta de ninguém se metendo com as suas mulheres, mas confunde um pouco a cabeça da gente quando elas acordam você de um sono profundo e você está ali, sozinho na cama.

O olhar mau se transformou num sorriso e num levantar de ombros.

— Easy, cê é um idiota, tá sabeno?

— Sou não, Raymond. Sou não.

Estacionei a três quarteirões do endereço de Nola Payne e andei o resto do caminho. Havia um grupo de homens e algumas mulheres na esquina da Grape com a Cento e Catorze. Eram trabalhadores que recebiam um dólar e quinze centavos por hora, quando havia algo a ser feito. Mas a maioria de seus empregadores potenciais tinha desaparecido nas chamadas dos últimos cinco dias.

Para combinar com a multidão de operários, eu estava usando uma calça jeans desbotada e uma camiseta com algumas lagrimzinhas e manchas de tinta. Meus sapatos de couro marrom também estavam manchados, e rachados ainda por cima.

Os homens, em sua maioria, eram escandalosos e não paravam de vociferar ameaças, mas também riam de suas aventuras e das façanhas dos amigos.

— Os home foram atrás do Marlon Jones até na loja de departamentos White Front, na Central — estava dizendo um homem quando cheguei. — Encostaram ele nos fundos da loja e disseram que ou ele se deitava, ou morria. Mas vocês sabem que ele tava de condicional, de modo que pulou em cima de uma prateleira, subiu pro teto e saiu pela janela antes deles conseguirem enfiar uma bala no rabo dele.

A multidão explodiu numa gargalhada ruidosa. O público não perguntou porque o contador de histórias não foi preso no lugar de Marlon Jones. O público não queria provas. Tudo quanto queria era uma boa risada diante dos tempos duros que estavam se anunciando.

— Lonnie Beakman morreu — disse um homem de meia-idade. — Deram um tiro nas costas dele quando ele tava correno pela Avalon abaixo.

Aquilo deixou o grupo sério.

Um jovem muito magro, usando um macacão, mas sem camisa, disse:

— Lonnie? Ele ficou noivo da minha prima um tempo, no ano passado.

— Como é que ela recebeu a notícia? — perguntou uma moça.

— Sei não — replicou o jovem. — Ela acabou o lance com ele depois que pegou o cara com a irmã dela no corredor, tem umas três semanas.

Ninguém riu da história, mas ela abriu espaço para um outro assunto.

— Meany conseguiu umas mil latas de meio litro de óleo de carro — disse alguém. — Tá vendendo por cinqüenta centavos a lata.

— Filho da puta — disse um negro atarracado. — Uns filhos da puta mataram o Lonnie B. e o Meany só sabe pensá em grana. Não tem a menor graça, sabia? Não tem graça nenhuma. Os home vêm aqui, matam a gente e

a gente segue a pista de sangue para encher o bolso de trocado.

Naquele exato momento uma radiopatrulha virou a esquina.

Quando os tiras passaram por nós, um deles abaixou o vidro da janela e disse:

— Nada de ajuntamento na rua. Circulando.

Quase como se fosse uma coreografia bem ensaiada, toda a penca de gente que estava ali começou a andar, cada um numa direção. Cada um de nós deu uma dúzia de passos mais ou menos, só o suficiente para a radiopatrulha nos perder de vista. Depois nos juntamos de novo na esquina.

— Quem é você? — perguntou o homem irritado quando me encostei num poste de luz.

A polícia tinha acabado com a cordialidade, de modo que fui visto como era — um estranho e uma possível ameaça.

— Easy Rawlins — disse eu.

— Que que cê tá fazendo aqui rondando a gente?

— Num tô fazendo nada, meu irmão. Só tô procurano uma pessoa e tava esperano para entrar na conversa.

Na verdade o cara não era atarracado, era uma ilusão criada por seus ombros inusitadamente largos. Tinha quase 1,80m. Menos de cinco centímetros que eu. Além dos ombros, as coisas mais notáveis que ele tinha eram as mãos grandes e os dentes amarelos, que ele mostrava sem sorrir — como um cachorro bravo, ou um lobo.

— Nunca te vi mais gordo.

Dava para sentir que estávamos pegando a estrada da guerra e eu me perguntei como fazer uma trégua sem brigar primeiro.

— É o Easy Rawlins — disse uma mulher com um vestido de xadrez azul. Parecia uma pilha bem arrumada de pêras negras mantida no lugar pela toalha de mesa de um fazendeiro.

— Nunca soube de nenhum Easy Rawlins que morasse por aqui — disse o jovem magro de macacão.

— É o melhor amigo de Raymond Alexander, Newell — disse a mulher ao homem irritado de ombros largos. — Ele e o Ray são amigos desde o Texas. Tá certo, meu senhor?

Concordei com um aceno de cabeça.

— É — disse outra mulher. — Já vi ele com o Rato, lá na casa da EttaMae Harris. Eles tava fazendo um churrasco.

Newell levantou um pouco o queixo ao ouvir aquilo. Todo mundo conhecia o Rato. Era um dos homens mais perigosos de L.A. Só um débil mental se meteria com um amigo dele.

— Newell? E o seu nome? — perguntei.

— É.

— Só tô procurando um cara que ouvi dizer que mora por aqui. Um cara chamado Bobby Grant.

— Que que cê quer com o Bobby? — perguntou Newell. Ele tinha tanto medo de Raymond quanto qualquer pessoa, mas Ray não estava aqui e Newell não queria que pensassem que era covarde.

— Uma mulher que conheci, uma tal de srta. Landry, quer que eu lhe faça uma pergunta.

— Você conhece a Geneva? — perguntou a mulher de azul.

— A gente foi apresentado.

— Cumé que vô sabê? — perguntou Newell com raiva. — Cê pode muito bem ser só mais um mentiroso filha da puta que apareceu por aqui.

— E por que ele ia mentir sobre o Bobby e a Geneva, Newell? — perguntou o mais velho sensatamente. — Cê sabe que o Bobby mora pertinho da sobrinha dele.

— Só sei que o filho da puta pode tá mentino — contra-atacou Newell.

— E por que raios eu havia de querer mentir para um idiota que está na esquina? — perguntei.

Era a minha única saída. Ou a gente ia brigar, ou não ia. Se a gente brigasse, ou ele ganhava, ou eu. As coisas eram assim nas esquinas de Watts em 1965 — quebrar ou não quebrar, eis a questão.

— Ele mora naquele prédio cinza do outro lado da rua, sr. Rawlins — disse apressadamente a terceira mulher, tentando evitar o confronto.

Tentei vê-la pelo canto do olho. Depois virei a cabeça. A jovem usava um vestido que era uma peça inteiriça de um tecido elástico que tinha listas horizontais amarelas e brancas que cobriam seu

corpo como se fosse uma segunda pele. Meu coração tinha começado a acelerar, preparando-se para uma possível briga com Newell, mas a raiva se transformou em excitação quando a vi.

Seus olhos se encontraram com os meus e um sorriso de aprovação passou-lhe rapidamente pelos lábios.

— No quarto andar — disse ela.

— Cê também mora lá? — perguntei. Não era bem isso que eu queria dizer. Não tinha a menor intenção de segui-la até em casa. Mas a pergunta saiu da minha boca por conta própria.

— Não — respondeu ela. — Eu moro no prédio vizinho, no azul.

— E qual é o seu nome?

— Juanda, com “j-u”, e não com “w”.

— E um nome bonito.

— Fica esperto! — gritou o homem mais velho.

Pelo canto do olho, dava para ver o Newell se mexendo. Ele teria me pego desprevenido se não fosse o aviso e a prontidão do meu sangue.

Dei um passo para trás, fazendo com que o ombrudo Newell errasse o golpe e perdesse o equilíbrio. Aí dei um passo para a frente com um golpe curto de baixo para cima quase perfeito, dirigido contra a boca do estômago dele. Depois dei mais três golpes, não para lhe causar mais dor, mas para ter certeza de que a briga tinha terminado para Newell.

Ele desabou e dois dos seus amigos correram para o seu lado. Meus socos inesperados tiraram a prosa dele, e estava na hora de eu ir embora.

Quando eu era jovem, aquele seria o momento para eu dizer algo de insultante sobre a virilidade de Newell, mas eu já tinha superado esse tipo de coisa. Só me virei e atravessei a rua, esperando poder acabar meu negócio com o Bobby Grant antes do Newell querer ir à forra.

Virei-me quando cheguei ao meio-fio do outro lado da rua para ter certeza de que não havia ninguém vindo atrás de mim. Todos estavam prestando atenção a seu amigo caído. Todos, menos Juanda. Os olhos dela estavam em mim.

CAPÍTULO 10

Robert Grant não verificava se tinha chegado alguma coisa para ele na caixa de correspondência. Ninguém do quinto andar do prédio cinza verificava. A caixa de correspondência era dois engradados de madeira, cada um deles um dia guardara seis garrafas de leite. Os engradados estavam pendurados na parede um ao lado do outro, com o nome e o número dos apartamentos garatujados em ambos com tinta vermelha.

O número de Bobby era 4-D.

Com toda aquela energia lançada no meu sangue, subi correndo os três lances de escada sem ficar ofegante.

As escadas e a parede, o assoalho e o teto foram pintados de branco um dia, mas a maior parte da tinta tinha descascado há anos. Agora a cor era um marrom claro corroído, encardido.

— Quem é? — perguntou uma voz de homem quando bati.

— Easy Rawlins.

As portas dos dois apartamentos ao lado do dele abriram. Um velho pôs a cabeça para fora de uma delas e uma criança espiava na sombra do outro. Ambos pareciam assustados.

Dava para imaginar como eles se sentiam com os prédios pegando fogo à sua volta e vozes enlouquecidas e raivosas gritando pela rua. As pessoas estavam levando tiros e morrendo na frente de sua casa, e a lei não conseguia controlar a violência. Velhos e crianças, operários e operárias, e qualquer outra alma inocente tinham de se agachar em sua sala de visita e esperar que os incêndios não atingissem sua casa.

— Que que é?

A porta se abriu na frente de um homem cor de areia, com cabelos que não eram muito mais escuros. Era magro, mas alto, jovem, só que já tinha os ombros caídos de alguém derrotado pela vida.

Talvez ele lesse o juízo que eu fazia dele na minha expressão, porque endireitou um pouco o corpo e ergueu a cabeça num gesto desafiador.

— Quem é você?

— Easy Rawlins — disse eu. — Vim aqui por causa da Geneva Landry. A polícia pegou ela e eu gostaria de ajudar, se puder.

— A polícia pegou a srta. Landry? Por causa de quê?

— Não sei bem — disse eu. — Mas sou capaz de jurar que tem algo a ver com a Nola Payne.

Tudo quanto Bobby estava usando era uma cueca. O peito descorado e os joelhos nodosos indicavam que qualquer amante que ele tivesse estaria com ele por causa do homem interior — ou de uma nota de vinte dólares.

— Nola é sobrinha de Geneva. O que que os homes acham que uma tia faria contra alguém do seu próprio sangue? — perguntou ele.

— Não sei direito o que que é — disse eu. — Mas, pelo que ouvi dizer, Nola desapareceu e os tiras acham que a srta. Landry tem alguma coisa a ver com isso. Ela também não sabe de nada, por isso eu disse a ela que vinha aqui fazer umas perguntas.

— E o que cê quer comigo?

— Posso entrar? — perguntei. — Quer dizer, a gente não precisa que todo mundo do prédio fique sabendo desse troço.

— É, tudo bem — disse ele —, acho que sim.

Segui-o para dentro da quitinete. Não havia móveis de verdade à vista. A única coisa que suas três cadeiras tinham em comum era que eram todas de madeira. A cama era um colchão de molas no chão, e sua cortina era um lençol que deve ter sido rasgado para alguém usar as tiras.

No canto, longe da janela, ele tinha seis engradados de pratos novos, três caixas com trezinhos de montar e mais de uma dúzia de pares de calças verdes de pano grosso.

Ele viu que eu estava olhando e perguntou;

— Qué comprar prato?

— Agora não.

Sentei-me numa cadeira pintada de branco e Bobby fez o mesmo.

Apesar do corpo de menino, Grant parecia um velho. Encurvado, esfregava as mãos como se nunca conseguisse esquentá-las.

— Que que cê tem a ver com a srta. Landry? — perguntou ele.

— Ela me ligou da cadeia pedindo ajuda.

— Nunca ouvi falar docê antes — disse ele.

— Eu tenho um escritório na Central. Ajudo as pessoas de vez em

quando. Ela me contou seu problema e eu disse que ia sair por aí fazeno

perguntas. Umas pessoas disseram que você andou conversano com um

homem branco que foi arrastado pra fora do carro e levou uma surra daquelas. Eu só queria ver se você sabia quem ele era.

— Quem disse? — quis saber Bobby.

— Não perguntei o nome de ninguém — disse eu, usando a linguagem que fazia nós dois ficarmos à vontade. — Só ouvi falar de você e saí por aí,

querendo bater um papo contigo.

— Eu gostaria de ajudar a Geneva a sair dessa, cara, mas num to sabeno de nada.

— Mas tá sabeno que um homem branco foi tirado do carro na marra e levou o maior cacete — sugeri.

— Que que isso tem a ver com a história?

— Geneva disse que Nola falou no telefone que tinha visto um homem branco rondando o prédio dela.

— Eu... eu num sei de nada disso — disse Bobby. — Tudo que eu sei é que ela tava no prédio pra onde ele correu, ahn, depois que bateram nele.

— Quem que foi?

— Só uns caras. Cê sabe que era noite de sexta-feira e ele tava andano

de carro por aqui. Eles tava arrancando tudo que era branco que eles achava de dentro dos carros. E descendo o cacete neles.

— Quem que foi? — perguntei de novo.

— Que que isso tem a ver com a Nola e a Geneva?

— Que tipo de carro ele tava dirigindo? — mudei de marcha na boa.

— Vermelho.

— Era Ford ou Chevrolet?

— Sei não, cara. Era um carro. Um carro bacana. Eles puxaram ele pra fora e arrancaram o couro dele e aí alguém tocou ele de lá.

— Esse branco conhecia a Nola? — perguntei.

— Conhecia não. Aquele filho da puta tava só perdido, tentano levar o traseiro de volta para Hollywood ou outro lugar qualquer. A Geneva disse que esse home branco que eles espancaram foi pra casa da Nola?

— Como eu disse, tudo o que ela sabia era que aquele homem branco tava rondano a casa da Nola. Portanto, se você não se importa, eu gostaria de saber se a Nola conhecia o branco no qual vocês bateram.

— Que que cê qué dizer com isso?

— Estou vendo o que cê tem aqui, cara — disse eu apontando para aquela pilha deplorável de artigos roubados. — E o que ocê não

tem. Ocê tava lá fora aquela noite quando vocês todos arrancaram aquele homem branco do corró? Ou então você tava aqui em cima sem fazer nada, pensano em que cadeira sentar? Ocê tava lá fora? Talvez cê não tenha feito nada. Talvez não tenha feito. Mas cê viu o cara e cê viu para onde ele foi.

Aquilo era tudo palpíte. Ele era um saqueador e era jovem. Era um negro dos Estados Unidos, transplantado do Sul, e completamente sozinho num cômodo tão quente que daria para fazer chá.

— Num sei de nada que aconteceu com a Nola — disse ele por fim. — Num vejo ela desde antes do quebra-quebra começar. Tudo que eu sei é que uns homes rastaram aquele branco pra fora do carro vermelho e deram um pau nele. Ele fugiu e depois eu num sei de nada.

Podia ser verdade.

— Então cê não vê a Nola desde que os quebra-quebras começaram?

— Não, senhor.

— Alguém por aqui viu ela?

— Ninguém que eu conheço.

A polícia tinha proibido falar do assassinato. Ele não tinha acontecido — ainda.

— Preciso saber de duas coisas, Bobby — disse eu.

— Que que é?

— Onde é que a Nola mora exatamente e quem roubou o carro do homem branco.

- E que que eu ganho com isso?
- Pra começo de conversa, eu não te atiro pela janela.
- Cê tá pensano que eu tô com medo docê, meu velho? — perguntou-me o jovem.
- Devia, meu filho, devia.

Grant tinha um maxilar fraco. Quando ficava de boca aberta, parecia patético, embora eu tenha certeza de que ele achava que estava com cara de

mau.

Quando viu que eu não estava engolindo aquilo, caiu numa gargalhada pouco convincente.

— Só tô brincano co'cê, cara. É claro que eu vou te contá. Nola mora bem ali naquele prédio, no terceiro andar, apartamento três. E foi o Loverboy que roubou o carro daquele cara.

— Loverboy?

— Am-ram. E famoso no pedaço. Vive de roubar carro. Um carinha tentou jogar o carro daquele branco no fogo, mas Loverboy e aquele outro pilantra empurraram ele e roubaram aquele fé da puta.

— Você sabe o nome verdadeiro dele? — perguntei.

Bobby Grant sacudiu a cabeça.

Não consegui pensar em mais nada para perguntar, de modo que o deixei com seus trezininhos de montar, suas calças de pano grosso e suas pilhas de pratos vazios.

CAPÍTULO 11

Quando voltei para a rua, a multidão da esquina tinha se dispersado. O que podia ser uma coisa boa ou uma coisa ruim. Talvez Newell tivesse ido para casa lamber as feridas, ou talvez para pegar a pistola. Mas, fosse como fosse, não havia mais como eu voltar atrás. Fui para o prédio de apartamentos onde Nola vivera. Ficava ao lado de uma quitandinha que tinha sido saqueada e incendiada.

Do outro lado da rua, a loja de Móveis Gaynor era apenas um buraco aberto ladeado por três paredes. Havia devastação por todo o quarteirão e por quilômetros em volta. Por um momento, a enormidade do que tinha me acontecido me pegou. Na TV eles tinham dado notícias dessa parte da cidade. Parecia o que a Alemanha fez quando marchamos contra ela no final da guerra.

Era como uma guerra, pensei. Uma guerra travada por baixo da pele dos Estados Unidos. Os soldados eram todos alistados à força e não tinham a menor idéia de por que estavam lutando, nem o que significava a palavra vitória.

A porta de Nola estava trancada, mas eu tinha um pedaço de metal fino na capinha do pente que levava no bolso. Esse pedaço de metal abria as fechaduras e trincos mais simples. No bolso eu também tinha uma carta que me tiraria da cadeia, se fosse preciso.

O apartamento parecia em ordem. Não havia móveis derrubados ou abertos, nem gavetas jogadas no chão. Nola Payne tinha sido uma mulher que gostava de tudo arrumado. A cama estava feita e o assoalho varrido. Os pratos estavam empilhados na bancada da cozinha porque não havia prateleiras instaladas ali. Ela tinha um fogão preto de ferro batido de duas bocas.

No seu quarto de dormir havia uma fotografiazinha num porta-retratos prateado em cima de uma cômoda de duas gavetas. Nola estava em primeiro plano, e atrás dela estava um homem alto e moreno com um sorriso nos lábios e os braços em volta da cintura dela.

No cinzeiro de metal do banheiro havia três tiras ensangüentadas arrancadas de um lençol como o que Bobby usava de cortina.

Não consegui encontrar nenhuma outra gota de sangue em parte alguma. Depois me lembrei que ela levou um tiro depois de ser assassinada.

A janela de Nola dava para a rua Grape. O jovem de macacão estava de volta à esquina com mais três ou quatro caras. Juanda não estava lá. Eu estava com raiva de mim por notar a ausência dela. Não estava procurando uma mulher para transar por ali. Bonnie era minha mulher. Nós quase rompemos depois daquela história com o seu príncipe africano, mas acabamos resolvendo ficar juntos.

E eu pretendia honrar aquela decisão.

Não havia caderneta de endereços entre as coisas de Nola. Aquilo era estranho. Uma mulher tão asseada e organizada devia ter um lugar onde guardava seus números de telefone e seus endereços. Encontrei sua bolsa. Lá dentro havia uma carteira com oito dólares e uma corrente de prata com o fecho quebrado.

Procurei uma caderneta de endereços durante dez minutos. Ninguém, principalmente um estranho, poderia tê-la levado, de modo que pensei que devia estar em algum lugar óbvio — bem na minha cara. Acabei desistindo. Talvez Nola fosse uma mulher sozinha e não precisasse pôr no papel os poucos números para os quais ligava regularmente.

Enquanto saía do apartamento de Nola, estava pensando no vestido amarelo e branco de Juanda. Caía-lhe com perfeição. Especulei que ela devia ter vinte e poucos anos e era solteira. Sua pele era escura e ela tinha narinas grandes. O rosto tinha algo de animal, como uma raposa de contos de fada.

Sacudi a cabeça, expulsando aquela imagem. Mas quando entrei no corredor, lá estava ela.

— Sr. Rawlins?

— Sim, Juanda, o que é?

— Hum... — Ela estava olhando para mim com olhos famintos. Esperava que eu a abraçasse. Eu também estava com vontade, mas não cedi.

— Sim?

— O Newell foi pra casa chamar uns amigos dele. Eles tão de carro por aí agora, procurano você.

— Como foi que me encontrou?

— Fui lá perguntar pro Bobby.

— E por que que o Newell não foi perguntar pra ele onde que eu estou?

— Porque eu disse pra ele que ia lá perguntar e, depois, quando eu falei que o Bobby não sabia, ele acreditou.

Parece que eu não conseguia respirar direito. A balbúrdia de um novo amor estava chacoalhando o meu peito apesar das minhas intenções.

Eu sabia que era um efeito dos quebra-quebras, que o delírio da liberação tinha deixado alguma coisa entrar em mim. E Juanda era

uma mulher negra que tinha vindo me procurar, arriscando-se por minha causa. Era o sonho de um homem pobre. E, no fundo, eu ainda era, e sempre seria um homem pobre.

— Por que cê fez isso? — perguntei.

— Não sei. Gosto docê, eu acho.

— Meu carro tá estacionado na Graham — disse eu. — Qual que é o melhor caminho para eu chegar lá sem ter de chutar o traseiro do Newell outra vez?

Minhas bravas palavras fizeram Juanda vibrar.

— Descendo pela rua de trás. A gente podia ir para a rua Cento e Treze, atravessar o ribeirão Willow e chegar a Graham.

— Cê vem comigo?

— Pode ser, se você não se importar. Preciso de uma carona para a casa da minha tia lá na Florence.

Com um gesto, pedi-lhe para me mostrar o caminho, e ela sorriu. Qualquer coisa que fizéssemos parecia importante. Eu sabia que qualquer passo que desse, em sua direção ou para longe dela, de manhã eu estaria arrependido.

— Qual é o problema do Newell com as pessoas? — perguntei enquanto atravessávamos o ribeirão Willow. — Quer dizer, não fui eu que começou esse negócio com ele.

— Ele é ciumento.

— Ciúme de mim? Ele nem me conhece.

— Não, é de mim — disse Juanda. — Ele acha que se disser que sou namorada dele um montão de vezes, vai acabar sendo verdade. Mas cê sabe que eu posso estar querendo outras coisas.

— Mas o que eu tenho a ver com você?

— Você enfrentou ele e ele ficou mau, só isso. — Juanda deu-me um longo olhar de esguelha que fez meu coração trepidar.

Levei-a até meu carro.

— Este carro novo é seu? — perguntou ela.

— É. Entra aí.

Ela deu um gritinho agudo e entrou. Durante os minutos seguintes, a conversa dela seguiu uma linha tortuosa, começando com a informação de que seu tio tinha um carro igual ao meu. O tio dela era encanador que trabalhava na prefeitura, tinha se casado com a irmã de sua mãe vinte anos antes, quando a tia Lovey (para cuja casa estávamos indo) tinha só dezessete anos. Todo mundo achou um escândalo um homem de trinta e oito anos casar com uma adolescente, mas Juanda não via problema nenhum. Gostava de homens mais velhos. Mas não de homens como Newell. Newell estava sempre se queixando do que os outros tinham feito de errado contra ele, principalmente os brancos, mas também não gostava de chefes, ministros, donos de loja ou policiais negros. Quando um homem fica mais velho, disse ela, devia ficar de bem com a vida, e não com ódio toda vez que as coisas não saíam do jeito que ele queria. Era por isso que gostava de mim. Eu me garantia, mas nem por isso dava uma de senhor absoluto das pessoas quando estava por cima. Por exemplo: eu podia ter chutado o Newell quando ele estava no chão, mas não chutei. Podia ter dito a todo mundo que era amigo de Raymond Alexander, mas não disse. Era porque eu tinha segurança no meu taco e Juanda gostava disso, gostava muito.

Pode parecer que estou fazendo pouco daquela jovem de vestido amarelo apertado, mas não estou. Lembro-me de cada palavra que ela disse. Foram gravadas a fogo na minha memória.

— Você conhece a Nola Payne? — perguntei durante uma pausa na narrativa dela.

— Conheço. Por quê?

— A tia dela, a Geneva, tá numa encrenca daquelas. A Nola também pode estar.

— Bobby disse que a Geneva está na cadeia e que a Nola sumiu — disse Juanda.

Cruzou as pernas e eu resisti à tentação de pôr a mão no joelho à mostra.

— A Nola tem um namorado branco?

— Não que eu saiba — disse Juanda. — Quer dizer, a Nola é gente boa, não tem raiva de Deus e todo mundo. Se ela conhecer um branco legal, é capaz de ir pra cama com ele, aposto.

— E um cara chamado Loverboy? Você conhece?

— Am-ram. Anda por aí. Usa roupas transadas e tem um carro transado, mas todo sabe que é ladrão e um ladrão sempre acaba na cadeia ou na cama de outra mulher. — Estava claro que Juanda avaliava todo homem de acordo com suas chances de se tornar seu namorado, ou algo mais. Mas eu não a condeno por isso. Era uma mulher jovem pronta para fazer o ninho. Um homem tem de ser uma parte importante dos seus projetos.

— O que que o senhor faz, sr. Rawlins?

Ela se mexeu no banco e eu preendi a respiração.

Estávamos passando pela Central rumo à Florence.

Juanda tocou minha coxa com três dedos.

— Vai me contar?

— Eu tenho uns apartamentinhos por aí — respondi honestamente; bem, tanto quanto eu podia.

Eu era proprietário de imóveis, mas não queria lhe falar sobre meu trabalho na Sojourner Truth, nem do meu escritório na rua Oitenta e Oito com a Central. Tinha medo de que, se abrisse essas coisas pra ela, nunca mais conseguia lhe fechar a porta.

— Legal — estava dizendo ela. — Meu pai sempre diz que os imóveis são o melhor investimento que se pode fazer, porque o aluguel sempre come uma boa parte do seu salário.

— Você sabe onde que o Loverboy mora? — perguntei.

— Não. Por quê?

— Acho que preciso falar com ele.

— A casa da minha tia é aquela ali à direita — disse ela.

Encostei no meio-fio. Uma mulata grande estava sentada na varanda. Fechou a cara quando viu o meu carro, era óbvio que não esperava ver a sobrinha lá dentro.

— Tem lápis e papel no porta-luvas — disse eu.

— Por que que cê tá me contano isso?

— Por que não escreve o número do seu telefone? Posso precisar lhe fazer mais umas perguntas sobre Loverboy e Nola.

O sorriso de Juanda era de vitória. Rabiscou o número e colocou-o no pára-brisa.

— Num esquece de me ligar — disse ela.

— Não vou esquecer.

CAPÍTULO 12

Fiz um retorno em U na Florence, mesmo havendo um posto da Guarda Nacional do outro lado da rua. Queria ver se a Guarda estava cuidando direito das leis de trânsito — não estava.

A três quarteirões da tia de Juanda, e do lado oposto da rua, havia um prédio de dois andares incólume, com uma grande lona branca pendendo da janela do segundo andar. As letras pintadas com tinta vermelha diziam IRMÃO DE ALMA. Sentado na varanda da frente da barbearia que tinha virado livraria estava Paris Minton, o único proprietário da Florence Avenue Bookshop.

Encostei no meio-fio e pulei fora do carro. A exuberância que Juanda me fez sentir voltara-se agora para a minha alegria de saber que a livraria de Paris se salvara.

Aquela tracinha de livros se levantou para me cumprimentar.

— Oi, Easy — disse ele. Dava para perceber a exaustão em sua VOZ.

Paris era baixo e tinha uma constituição leve. A pele era do mesmo tom marrom-escuro da minha.

— Paris! Que que cê tá fazendo aqui fora?

— Tô sentado aqui tem seis dias e seis noites, cara. Eu e o Fearless tamo tentano impedir o pessoal de acabar com a minha loja.

— Putz. Você não dormiu nada?

— Só um pouquinho — disse Paris pesaroso. — De uma em uma hora, mais ou menos, aparece uma nova turba querendo botar fogo na minha loja. Mas o Fearless segurou elas todas.

O nome do amigo de Paris, Fearless Jones, vinha imediatamente depois do Rato na lista dos homens mais perigosos de L.A. Fearless tinha participado de uma unidade de assalto na Segunda Guerra Mundial. Ouvi falar dele quando eu estava na França. Dizem que ele e um dos generais valiam por um batalhão inteiro. O general, Thompkins, apontava Fearless contra o inimigo e depois puxava o gatilho. Ambos saíram da guerra com um número maior de medalhas do que cabia no peito.

— Onde está o sr. Jones? — perguntei a Paris.

— Me deixou ontem à noite — disse Paris. — Ele e a namorada Brenda foram para San Diego passar uns dias.

Paris sentou-se outra vez nos seus degraus de madeira e eu me encostei na balaustrada da varanda.

A avenida à nossa frente estava sempre cheia de homens da Guarda Nacional e tiras, e tinha estruturas incendiadas e destruídas dos dois lados.

— E no que que você está pensando, Paris?

— Não tive muito tempo pra pensar, Easy. Tive de ser rápido para manter a loja de pé. Queimaram a quitanda do vizinho. Tive de manter esse lado da casa empapado com um esguicho de mangueira para não pegar fogo.

— Você conversou com muitos dos brancos que eram donos dessas lojas? — perguntei.

— Alguns voltaram ontem — disse ele. — Mais uns hoje. Parece que tão em estado de choque. Quer dizer, não entendem por que

isso aconteceu. Não entendem como que os negros podiam ficar com tanta raiva deles. Um cara, que tem uma loja de ferragens subindo o quarteirão, disse que, se não tivesse fechado, não haveria mais nenhuma loja de ferragens. Ele disse que as pessoas que moram por aqui não querem ter uma loja.

— E o que cê disse pra ele? — perguntei.

— E o que eu poderia dizer, Easy? O sr. Pirelli trabalha como um filho da puta ali. Não sabe como é duro ser negro. Não consegue nem imaginar nada mais duro que aquilo que ele faz. Eu até podia explicar, mas ele não ia acreditar.

Eu gostava de Paris. Era um homem muito inteligente. Mas era pessimista quando se tratava da natureza humana. Achava que não tinha nada a ensinar ao dono da loja de ferragens, e por isso só acenava com a cabeça por conta da ignorância do cara e deixava as coisas por isso mesmo.

Quem sabe? Talvez Paris tivesse razão.

Quando saí da Florence Avenue Bookshop, eu estava um pouco perdido. Havia alguns lugares onde eu podia ir, mas não tinha certeza de qual devia tentar primeiro. Sem nenhuma opção em mente, fui de carro até a Sojourner Truth Junior High School, onde eu trabalhava como zelador do conselho de educação.

O prédio principal da parte norte da escola mostrava alguns sinais dos quebra-quebras. Havia uma janela enegrecida ou duas e muitas outras estavam com as vidraças quebradas. A porta da frente estava aberta e um membro negro da Guarda Nacional estava de sentinela ali, dando passagem de quando em quando a homens de uniforme que entravam e saíam.

A sentinela era um mulato; na verdade, pouco mais que moreno. Estava segurando uma arma de fogo e olhando para o vazio como se

estivesse montando guarda a um território imenso na frente das Pearly Gates.

— Parado aí! — gritou ele quando eu ainda estava só com um pé na escada de concreto.

Continuei subindo.

— Eu disse para ficar onde está — disse ele em altos brados, levantando a arma, mas não a apontando exatamente contra mim.

— Eu trabalho aqui, meu irmão.

— A escola está fechada. A Guarda Nacional está usando este lugar como base.

— Sou o zelador do prédio. Quero ver os prejuízos que tivemos.

— Sr. Rawlins — chamou uma voz de mulher.

Olhei para a direita e vi a sra. Masters, a diretora da escola, acenando para mim da janela de sua sala, a uns cinqüenta metros daquela parede pintada de salmão.

— Que bom que o senhor está aqui! — gritou ela. — As coisas estão horríveis.

— A senhora está bem? — perguntei.

— Estou ótima, mas a nossa pobre escola,, Venha à minha sala.

— Pode deixá-lo entrar, moço — disse a mulherzinha.

— Não, senhora — disse ele, continuando de olho em mim. — Tenho ordens de só deixar entrar militares e policiais.

— E qual é a patente dela? — perguntei à sentinela.

Ele não se deu ao trabalho de responder à minha brincadeira.

— Descansar, soldado! — disse um homem branco com uniforme de coronel que estava na parte interna, de largas portas duplas. — Este homem trabalha aqui.

— Mas, senhor — começou o guarda.

Ele não tinha gostado nada de mim. Estava disposto a discutir com seu superior ordens que levariam um negro bem falante como eu para dentro do prédio.

— Já chega, soldado. Este homem tem permissão de entrar.

Sorri para meu irmão. Ele fechou a cara antes de me deixar passar.

E lá estava eu de novo, apanhado pelas contradições que os quebra-quebras tinham trazido à tona.

A sentinela levava seu trabalho a sério. Quem era o inimigo? Negros. Mesmo que ele próprio fosse um homem de cor, era sua missão barrar nossa entrada, e ele pretendia nos manter lá fora. Mesmo que eu não soubesse naquela hora, era o início da desagregação de nossa comunidade. Foi a primeira vez que deu para ver que havia um outro partido a tomar. Se você se identificasse com os brancos, você tinha um lugar em que seria bem-vindo.

Passei por ele e cumprimentei o oficial com um aceno de cabeça.

O branco só assistiu à minha passagem. Assim que viu que eu tinha tomado a direção certa, deu meia-volta e saiu marchando, deixando a sentinela e eu nos lados opostos de uma briga na qual nenhum dos dois tinha pedido para entrar.

— Ai, sr. Rawlins — lamentava-se Ada Masters.

Estávamos no terceiro andar do prédio principal. Quase todas as portas tinham sido arrombadas e os móveis tinham sido jogados nos corredores. Aqui e ali dava para ver onde alguém tentara começar um incêndio. Mas os prédios das escolas não pegam fogo com facilidade. A madeira era grossa e as paredes tinham tanta pedra, tijolo e reboco que não havia espaço para mais nada.

Os danos pareciam grandes, mas não levaria muito tempo para colocar tudo em ordem de novo. Eu ia precisar de pintores e vidraceiros, provavelmente um carpinteiro ou dois, mas achava que a escola toda estaria inteiramente recuperada em duas semanas.

E disse isso à diretora.

— Mas não é só isso, sr. Rawlins — disse ela. — E o que tentaram fazer. Por que as pessoas haviam de querer queimar e destruir sua própria comunidade?

Ela começou a tremer e chorar.

Tomei aquela mulherzinha branca nos meus braços.

— Já passou — disse eu, como se estivesse falando com uma criança.

— Como pode dizer isso? Aqui é um lugar seu, tanto quanto o bairro onde você mora.

— Foi o que acabei de dizer — respondi.

— Não entendo o que você está querendo dizer.

Soltei-a e peguei duas cadeiras para nós. Quando ela já estava instalada e um pouco mais relaxada, eu disse aquelas coisas que gostaria que Paris tivesse dito ao dono da loja de ferragens.

Esse é um lugar violento, Ada. Aqui está cheio de operários e operárias, todos trancafiados juntos, ruminando sobre o que vêm e o que não podem ter. Quase todos eles trabalham para um branco. Toda criança é levada a pensar que só os brancos fazem coisas, governam países, têm história. Todos eles vêm do Sul. Todos eles vêm de um racismo tão bravo que não sabem nem o que é andar por aí de cabeça erguida. Ficam nervosos quando a polícia passa por eles de carro. Ficam com raiva quando seus filhos são arrastados para longe deles algemados.

— Quase toda criança, mulher e homem negro que você conhece sente essa raiva — continuei. — Mas nunca lhe dão vazão, de modo que você não sabe de nada. Esse quebra-quebra disse essas coisas em alto e bom som pela primeira vez. É só isso. Agora essas coisas estão ditas e nunca mais elas serão as mesmas. Isso é bom para nós, seja o que for que tivermos perdido. E poderia ser bom para os brancos também. Mas eles têm de entender o que acabou de acontecer aqui.

Ada Masters tinha uma expressão de assombro e terror no rosto. Era como se ela estivesse me vendo pela primeira vez.

Na ponta do corredor vi um soldado subindo as escadas. Quando nos viu, ficou por ali esperando para ver o que ia acontecer.

— Não vou poder vir aqui nos próximos dias, sra. Masters — disse eu. — A polícia me pediu para ajudar num lance aí.

— A polícia?

— É. Estou de volta na segunda-feira. Mas, se precisar de alguma coisa antes disso, ligue para minha casa.

Levantei-me, mas ela continuou na sua cadeira.

— Vem comigo? — perguntei.

— Daqui a pouco — disse ela. — Tenho de pensar, pensar no que aconteceu e no que você disse.

CAPÍTULO 13

O Cox Bar ficava num buraco sórdido perto de Hooper. Não passava de uma ruína caindo aos pedaços, mas era o lugar mais provável para você encontrar Raymond Alexander. Big Ginny Wright, a proprietária, estava de pé atrás de uma mesa alta usada como balcão. Estava embaixo de uma lâmpada suja que parecia espalhar escuridão em vez de luz. Havia uma mesa de sinuca no canto e algumas cadeiras espalhadas pela sala.

Havia ventiladores elétricos em todos os cantos, mas mesmo assim fazia calor ali dentro.

Uma mulher mignon estava sentada num banco alto do outro lado da mesa-balcão, tomando uma cerveja e olhando para o vazio.

— Easy — disse Ginny. — Como é que vai, cara?

— Já estive melhor.

Ginny riu.

— Eu também. Com esses idiotas correndo pelas ruas, andei pensano em mudar pro Texas. Lá pelo menos você sabe o que esperar.

— Sr. Rawlins? — A jovem que estava tomando cerveja tinha levantado os olhos para mim. Era franzina e a pele era uma tonalidade média de marrom, a mesma cor de Ginny.

— Hein?

— Lembra de mim? — perguntou ela. — Sou Benita, Benita Flag.

Saquei que já a tinha visto antes — com o Rato. Era linda naquela época, usando um vestidinho rosa e salto alto vermelho. O cabelo, lembrei-me, tinha um penteado que parecia uma escultura complexa feita de conchinhas. Agora o cabelo estava maltratado e descuidado. Ela estava usando jeans e uma blusa branca manchada que tinha sido abotoada errado.

— Sabe do Raymond? — perguntou ela.

— Não.

— E que ele num me liga tem duas semanas e eu tô preocupada, achando que pode ter acontecido alguma coisa ruim com ele por causa de tudo o que aconteceu. Cê sabe que o Ray não é de ficar sentadinho em casa. Tô preocupada porque ele pode ter levado um tiro de novo.

O Rato tinha sido baleado algumas vezes na vida, mas o último buraco que lhe fizeram foi porque ele estava me ajudando. Durante muito tempo pensei que ele tinha morrido e que eu era a causa de sua morte.

— Cê pode me ajudar a encontrá ele? — perguntou Benita.

O suspiro impaciente de Ginny me disse que Benita era apenas mais uma namorada pela qual o Rato tinha perdido o interesse.

— Faz semanas que não vejo ele, Benita. Mesmo.

Ela olhou fixamente para o meu rosto, em busca de um mapa que a levasse ao namorado.

— Já disse pra ela que nem a mulher dele sabe onde que ele está — disse Ginny. — Mas ela fica aí sentada bebendo cerveja e

esperano que ele entre por aquela porta.

Benita ignorou as farpas de Ginny.

— Pede pra ele me ligar se encontrar com ele, Easy. Preciso falar com ele.

— Desculpa, Benita — disse Ginny —, mas Easy veio aqui me ver. Sei disso porque ele não bebe, de modo que deve estar pensano em alguma coisa.

Benita não gostou de ser despachada. Olhou para Ginny com raiva, mas depois voltou ao seu banco solitário e à cerveja choca.

— Raymond vai ter sorte se aquela ali não der um tiro nele — disse Ginny em voz baixa.

Aquele comentário me tirou do sério. Fez-me lembrar que a vida que vivemos sempre tinha feito fronteira com a violência. Aquela violência era Newell e o Rato, e quem quer que tenha matado Nola Payne. Era uma ameaça constante corroendo a felicidade e qualquer sensação de bem-estar.

— Você sabe onde o Rato está? — perguntei, também em voz baixa.

Aí Ginny me estudou. Coçou a pinta do canto esquerdo da boca e fungou.

— Posso pedir pra ele te ligar — disse ela. — Mas só isso. Raymond está trabalhando.

Trabalho para o Rato nunca era legal. A única vez que ele teve um emprego de verdade foi quando trabalhou para mim na Truth.

— Está bem, srta. Wright. Diga a ele que preciso de ajuda.

— Vou dizer, mas cê sabe que ele é ocupado e num vai ter tempo de ajudar ocê.

Ginny não era uma das namoradas do Rato, mas isso não tinha importância. Tinha mais de sessenta anos, pesava uns cento e cinquenta quilos e era dura como pedra de lava, mas tinha uma queda pelo Rato, exatamente como Benita. Acreditava, como a maioria das mulheres de Raymond, que era ela quem dizia a última palavra na vida dele.

— Ele só tem de me ligar — disse eu.

— Tudo bem.

— Talvez você também possa me ajudar, Gin.

— Que que é?

— Já ouviu falar de um homem chamado Loverboy?

— Já, sim. — disse Ginny. — É o tipo que chamam de principal suspeito toda vez que seu carro sai da garagem.

— Você por acaso sabe onde que ele trabalha? — perguntei.

Eu sabia que ela tinha a resposta. A cabeça de Ginny era que nem uma armadilha de aço. Nada nunca escapava de sua atenção, nem de sua memória. Era tão boa nas cartas que Raymond era a única pessoa que eu conhecia que jogaria com ela a dinheiro. E quando se tratava de seus fregueses, ela conhecia a história de todos eles desde que seus antepassados saíram da África — bem, quase toda.

— Ele mora no Watts, lá perto da Menlo com a Hoover. Cê conhece o ferro-velho que tem lá?

— Claro que conheço.

— É uma casa com um telhado verde do outro lado da rua. Ele tem uma garagem dupla nos fundos. É lá que o Loverboy e o Craig Reynolds dão um trato nos carros antes de vender.

— E qual é o verdadeiro nome de Loverboy?

— Nate Shelby — disse Ginny. — Pode crer. Mas toma cuidado, Easy. Porque cê sabe que o Nate não é de brincadeira.

As últimas palavras de Ginny acompanharam-me no carro. Andei com elas todo o caminho até a zona oeste de L.A., pensando que não ia enfrentar o ladrão de carros enquanto não soubesse muito bem onde é que eu estava me metendo.

Marianne Plump estava sentada em seu posto atrás da mesa de recepção do Sanatório Neurológico Miller. Eram umas duas da tarde. Um jovem branco

e uma mulher de meia-idade estavam sentados num sofazinho azul encostado na parede bem na frente dela. Ambos olharam para mim com medo.

— Srta. Plump — disse eu.

— Boa tarde, sr. Rawlins — disse ela sem titubear.

Olhou-me nos olhos e até sorriu. Tinha conversado com o travesseiro sobre o que havíamos falado na véspera e a manhã deu-lhe a resolução de viver a vida como ela achava certo.

Ao menos foi o que eu imaginei.

— Posso ver a srta. Landry? — perguntei.

— Ela está no H-12. O dr. Dommer disse que ela está bem.

Enquanto me dirigia para a porta de vaivém, o jovem se levantou.

— Me desculpe, senhorita, mas estou esperando aqui há mais de meia hora.

— O médico ainda está com um paciente — disse Marianne num tom que não deixava de ser cordial.

— Olha, amigo — disse eu —, não estou indo ao lugar onde vou de livre e espontânea vontade. Pode crer.

Ele desviou os olhos de mim e eu ri.

— Não adianta virar a cabeça, cara, eu continuo aqui.

Empurrei a porta e nunca mais vi aquele jovem, nem a velha.

CAPÍTULO 14

Geneva Landry estava olhando para a parede à sua frente, enrolada num penhoar de algodão e sentada numa cadeira ao lado da cama alta do hospital. Seja o que for que estivesse vendo, não tinha nada a ver com aquele quarto. A cadeira era de aço cromado e estofa azul. Pardais chilreavam na árvore do outro lado da janela. A luz do sol inundava o quarto sem aquecê-lo. Por causa do ar condicionado.

Geneva não se virou quando abri a porta.

— Srta. Landry?

— Sim? — disse ela, com os olhos ainda na parede nua.

— Meu nome é Easy Rawlins — disse eu, entrando em sua linha de visão.

Quando bloqueei sua visão da parede, ela estremeceu.

— Oi.

— Estou vendo que tiraram a camisa-de-força.

Ela concordou com um aceno de cabeça e cruzou os braços diante do peito, acariciando os ombros com dedos fracos cor de cinza.

— Por que me trouxeram para cá, sr. Rawlins?

— Posso me sentar, minha senhora?

— Pode.

Sentei-me no pé da cama.

— Está lembrada do que aconteceu com a Nola?

Arrependi-me da pergunta quando vi o pesar amarrar-lhe a cara.

— Estou.

— A polícia está preocupada, achando que, se foi um branco que matou ela, os quebra-quebras podem começar outra vez.

— Ele matou ela, sim — disse ela. — E não tem nada que eles possam fazer sobre isso.

Olhou para mim de soslaio e depois desviou os olhos.

— A senhora viu o cara matar ela?

— O senhor é da polícia, sr. Rawlins?

— Não, senhora. Só estou tentando descobrir o homem que matou sua sobrinha.

— Mas num é policial?

— Não. Por quê?

— Porque foi isso que aquele tira retardado me perguntou hoje de manhã. Ele ficou perguntano se eu tinha visto ela ser morta. Eu disse pra ele que, se tivesse visto, ele não ia precisá procurar o homem, porque eu já ia tê matado ele eu mesma.

Suas mãos estavam agarradas aos braços brilhantes da cadeira.

— Era o investigador Suggs? — perguntei.

— Acho que era.

— Foi ele que me pediu para conversar com a senhora e perguntar quem foi que fez aquilo com a Nola.

— Quem que matou ela — disse aquela mulher perturbada.

— Como é que a senhora chamava ela? — perguntei.

— Pimentinha — disse Geneva. — O pai dela, meu irmão, chamava ela assim por causa do cabelo vermelho que ela tinha. Quando era criança, era muito miudinha e por isso todo mundo chamava ela de Pimentinha. Pimentinha Payne.

Fiz que entendia com um aceno de cabeça e sorri. Coloquei minha mão em cima da dela, mas ela puxou a sua.

— Nola tinha alguma arma, srta. Landry?

— Não. Claro que não. Não era desse tipo de moça. Ia à igreja e rezava a Jesus. Foi um pecado matar ela.

— Ela tinha uma caderneta de endereços?

— Ela tinha uma latinha verde que eu tinha dado para ela desde que chegou aqui, vinda do Mississippi. Era de um bolinho recheado de licor. Era exatamente do tamanho dos cartões que ela guardava. Ela falava que se alguém mudasse de número, ela podia fazer um cartão novo, em vez de rabiscar o número antigo. Ela gostava de tudo muito arrumado, sr. Rawlins.

— Eu sei que gostava.

— Vai achar aquele homem branco?

— Vou sim. Quer que eu peça pro médico para levá-la para casa?

— Não sei.

— Tá com medo de ir pra casa?

— Não sei. Quer dizer, acho que não, não com medo de alguém, mas... quando eu fico sozinha...

— A senhora tem marido ou um parente? Talvez eu possa lhes dizer que a senhora está bem. Talvez eles venham visitá-la.

— Meu marido teve um ataque do coração e Nola ficou sendo a minha família depois disso — disse ela. — E que eu fico perdida quando não tem ninguém por perto, como se eu não soubesse quem que eu sou. Tem uma enfermeira de cor muito legal que vem aqui conversar comigo.

— Então quer que eu fique aqui um pouco?

— Não sei — respondeu ela.

— A Nola tinha namorado? — perguntei.

— Mais ou menos — disse ela. — Quer dizer, o Toby não aparecia muito e ainda por cima ela brigava com ele quando ele vinha.

- E onde é que mora esse Toby?
- No favelão cinza.

Eu conhecia o prédio. Ficava a um quarteirão da Imperial Highway. Um terreno abandonado que uma construtora tinha transformado numa série de cinco prédios de apartamentos de dois andares. A qualidade do prédio era péssima e os aluguéis caríssimos para nosso bairro. Por conta da alta rotatividade e das paredes que ameaçavam desmoronar a qualquer momento, o lugar passou a ser conhecido como favelão cinza.

- Qual é o sobrenome de Toby?
- McDaniels.

Hesitei em fazer a pergunta seguinte.

- Conversou com sua sobrinha quando os quebra-quebras estavam acontecendo, srta. Landry?

- Todo dia e toda noite. A gente não se viu porque eu tava com medo demais pra sair e ela tava cuidando daquele homem branco que ela salvou.

- Como foi que salvou ele?

- Os caras que estavam no quebra-quebra bateram nele e ele fugiu. Passou pela porta da frente da casa de Nola e ela chamou... ela chamou ele. Levou ele lá pra cima e cuidou dos ferimentos, e depois ele matou ela.

- Ela disse pra senhora o nome dele?

- Pete. Ela sempre o chamava de Pete.

Geneva Landry virou-se de costas para a parede, procurando um caminho que a levasse de volta a Nola. Suas mãos agarraram-se aos

braços da cadeira e grandes veias saltaram de suas têmporas escuras.

— Eu devia ter falado com ela dos homens brancos — disse ela.
— Devia ter falado.

— Falado sobre o quê? — perguntei.

— Deixa pra lá — disse Geneva Landry. — Agora não tem mais importância.

Eu queria lhe fazer mais perguntas, mas ela parecia tão vulnerável em sua cadeira... Era como se estivesse se consumindo enquanto ficava ali sentada, olhando para a parede e arrependendo-se das palavras que nunca disse.

Melvin Suggs estava à minha espera no corredor branco.

— E aí, que que você acha? — perguntou-me ele.

— Ela disse que Nola não tinha arma de fogo.

— É.

— Ninguém viu o homem branco entrar no apartamento da Nola — acrescentei. — E Geneva não viu a sobrinha ser morta.

— Acha que ela tá mentindo?

— Não.

— Não — repetiu ele, acenando com a cabeça para o chão.

— Quais são as horas de visita aqui à noite, investigador Suggs?

— No começo da noite. Por quê?

— Então será que podia pedir ao dr. Dommer para me deixarem entrar aqui se eu vier nesse horário?

— Posso, mas... Quer dizer, cê já conversou com ela.

— Ela precisa de companhia. Se eu tiver tempo, talvez... — Dei de ombros, e Suggs também.

Não é que ele não gostasse de mim ou que não ligasse para o seu trabalho. Só não tinha muita simpatia pela mulher e pela situação dela. Era uma testemunha ou uma suspeita, mas nada mais que isso.

CAPÍTULO 15

A única criatura que estava em casa quando cheguei era Frenchie, o cachorro. Ele latiu no momento em que passei pela porta. Foi um latido agudo, um ganido, que me fez lembrar da minha mãe e do meu pai, e do quanto minha barra era pesada. Aceitando a existência dos maus tratos, li o jornal no sofá de dois lugares que ficava naquela terra de ninguém entre a cozinha e a sala.

A polícia abriu fogo contra uma mesquita muçulmana na rua Cinquenta e Seis com a South Broadway. Os policiais correram para o edifício e encontraram dezenove homens estatelados no chão manchado de sangue. Ninguém levou tiro, dizia o artigo, mas eles foram feridos pelas lascas de vidro.

A razão dada para o ataque foi que alguém atirou de um andar superior do edifício. Mas o verdadeiro motivo estava no artigo adjacente, que falava que doze dos quinze mil homens da Guarda Nacional tinham saído de Los Angeles da noite para o dia. A polícia

estava com medo de perder a autoridade, de modo que respondeu com uma violência mortal.

A morte de Nola adquiriu uma nova importância enquanto eu lia as reportagens. Eu não queria a polícia matando nossos cidadãos de pele escura, do mesmo modo que o vice-secretário não queria o reinício dos quebra-quebras. Gerald Jordan e eu provavelmente não concordaríamos nem sobre a hora em que o sol se levanta de manhã, mas ambos queríamos encontrar o assassino da Pimentinha.

A Gemini 5 tinha decolado àquela altura e os fuzileiros navais afirmavam ter matado 550 guerrilheiros vietcongues num ataque coordenado.

Marthin Luther King tinha estado em Watts falando com líderes negros sobre

as seqüelas dos quebra-quebras, e astrofísicos estavam preocupados com a possibilidade de um asteróide chamado Ícaro colidir com a Terra dali a três anos.

Para algumas pessoas, aquela rocha do espaço seria uma bênção de Deus. Algo enviado à Terra para abrir as correntes e os grilhões que prendiam cinco pessoas para cada uma que andava livre por aí.

O ônibus da escola trouxe Feather para casa alguns minutos antes das quatro, e Bonnie chegou poucos momentos depois. Essas crianças eram menos dela que minhas, mas ela as amava tanto quanto duas mães biológicas. O fato de ela estar alguns minutos atrasada deixou-a infelicíssima. Mas Feather nem reparou porque já tinha a mim ali. E ela foi a queridinha do papai desde o início.

Feather leu para mim o livro da escola. Era uma história sobre uma morsa velha que teve de nadar oito mil quilômetros de algum lugar da América do Sul até a Antártida. Ao longo do caminho, a morsa viu tudo quanto era tipo de coisas incríveis na água e na

praia. Viu baleias grandes como ilhas e aves marinhas de todos os tamanhos e formas.

Feather começou a ler suas lições em voz alta porque era isso que eu tinha feito com seu irmão quando ele abandonou a escola. Ela amava Jesus mais que qualquer outra pessoa nessa vida e o imitava, mesmo sendo uma aluna muito melhor que ele.

Depois da leitura conversamos, e depois da conversa assistimos TV em família. Minha mão estava em cima da coxa de Bonnie, e minha cabeça estava um pouco mais acima dali, mas nossa noite de paixão não iria acontecer.

O telefone tocou às 8h30, meia hora depois de Feather ter ido para a cama e no meio dos pratos. Pensei que devia ser Juice dizendo que ia ficar com os amigos na praia, mas não era.

— Easy — disse Bonnie depois de atender. — E o Raymond.

Peguei o telefone e disse:

— Oi, Rato.

— Oi, Easy. Me ligou para pedir um desconto?

— O que que significa isso?

— Achei que cê deve de tê ouvido falar que tô na ativa e ligou quereno um precinho amigo.

— Que tipo de coisa cê tá fazendo?

— Vendeno — disse ele com impaciência.

— Vendeno o quê?

— Tenho de tudo, Easy. De bifes a Smirnoff, de cadeiras estofadas a anéis de diamante.

Fazia o maior sentido o Rato ter participado do mercado negro que

tinha tido grande impulso com os quebra-quebras. Ele já estava no ramo de venda de mercadorias roubadas por pessoas que ele conhecia e que trabalhavam em vários armazéns e depósitos. Um saque como o acontecido durante os quebra-quebras deve ter sido uma oportunidade de ouro para ele. E Raymond Alexander não era de deixar nenhuma oportunidade passar em branco.

— Não quero comprar nada, Ray.

— Então por que você queria que eu ligasse?

— Preciso de ajuda, cara.

— Ajuda?

— Estou metido numa história aqui e talvez precise de alguém que me dê retaguarda.

— Easy, estou metido em negócios, meu irmão. Não posso sair por aí como se a vida fosse uma festa. Tenho de trabalhar.

Sorri comigo mesmo. Se Raymond fosse roubar um banco, obrigaria EttaMae a fazer um sanduíche para ele almoçar no caminho.

— Tudo bem, cara. Você tá legal?

— To com o dinheiro entrano nos bolsos, eles tão cheios.

— Legal. Te ligo uma hora dessas.

— Pera aí, Ease.

— Que que foi?

— Tá em alguma fria?

— Não. Não se preocupe. É só uma coisa que eu tô dano uma olhada.

— Que que é?

Falei-lhe sobre Nola Payne e sua tia, sobre o homem branco e o ladrão de carros chamado Loverboy.

— Tá bom — disse ele. — Cê sabe que eu tenho de fazer umas entregas de qualquer jeito. Cê espera aí na sua casa que eu e o Hauser tamo aí em quarenta e cinco minutos.

— De onde você está vindo?

— Santa Mônica. E onde eu tô morano agora.

Tentei pedir desculpas a Bonnie, mas ela me despachou com um beijo.

— Sei que você tem de ir, meu bem — disse-me ela. — Estou orgulhosa de você.

— Eu queria ficar com você quando você está em casa, amor — disse eu. — Mas vou ter de sair e...

— Você é nosso herói — murmurou ela.

Estávamos na varanda da frente, entre os espaços em que um dia cultivei rosas para celebrar nosso amor. Mas depois cortei as roseiras, quando achei que a Bonnie estava amando outro homem. Fiz isso para mostrar pra ela a raiva que eu estava sentindo, mas de certo modo aquele vazio passou a significar mais para nós que as flores.

Um caminhão enorme do Andy Supermarket estava fazendo um barulhão danado para subir a rua. Fiquei surpreso de ver um caminhão tão grande numa rua lateral. Fiquei espantado ao vê-lo parar na frente da minha casa.

— Easy! — gritou o Rato da janela do passageiro, que tinha a altura de um prédio de dois andares. — Sobe aí, cara.

Bonnie e eu rimos e nos abraçamos. Ela me beijou de novo e eu corri para o caminhão.

Lembro-me de pensar, enquanto o Rato se abaixava para me ajudar, que era como se estivéssemos vivendo num dos livros de contos de fadas de Feather. Só que esse era um conto de fadas para adultos. Portanto, em vez de tapete voador, eu tinha um caminhão de entregas de seis eixos e, em vez de um ogro mau, tinha um homem branco bem de vida que dava tiros em negras jovens e virtuosas depois de estuprá-las e estrangulá-las.

CAPÍTULO 16

Easy Rawlins, este é Randolph Hauser — disse o Rato, quando tomei meu lugar ao lado da janela do passageiro. Quando fechei a porta, vi Bonnie entrando na casa. Ver a porta fechar fez meu coração se apertar — o sintoma de uma premonição indecifrável e perturbadora.

— Tudo bem? — perguntou o homenzarrão branco de cabelos ruivos.

Estendeu uma mão que tinha a musculatura de um trabalhador. Apertei-a e convenci-me imediatamente de sua força.

— Tudo — disse eu. — Vocês tão fazeno entregas.

— Entregano as mercadorias — disse ele, soltando uma gargalhada.

Randolph Hauser era o oposto do Rato em quase todos os sentidos. Era branco, quase gordo, com músculos e traços grosseiros comparados aos traços cinzelados e delicados do Rato.

— Que que significa isso? — perguntei com simplicidade.

O homem branco deu a partida no caminhão com delicadeza e partiu deixando um barulhão atrás de si.

— Seu amigo num tá sabeno das coisas, Raymond? — perguntou Hauser.

— Ele sabe mais das coisas do que ocê poderia imaginar, meu branco — disse o Rato. — Easy entra num palheiro e encontra uma agulha mais depressa do que você encontraria uma palha.

— Que que cê tá fazeno com esse caminhão, Ray? — perguntei.

— Faço minhas entregas mais ou menos nessa hora, Easy. É tarde, mas não tarde demais. E com o Hauser aqui no volante, os tiras deixam a gente passar.

— Não é tarde demais pra quê? — perguntei.

Sempre levava um tempo para eu ter uma idéia do que o Rato estava

fazendo. Ele era naturalmente matreiro, mas continuava praticando mesmo ao conversar com pessoas nas quais confiava.

— Já disse. Fazeno entrega.

— De quê?

— Nunca sei enquanto a gente não chega no lugar. — Deu-me um grande sorriso. — Esse é que é o barato desse trabalho. Não é, meu branco?

— Sim, sôr, filho — disse o Hauser. — Este é o melhor emprego que já tive desde que eu dirigia um tanque que a gente trazia de Baja.

Ele trocou de marcha de novo e pegamos a direção leste na Olympic.

As ruas estava silenciosas, e eu também.

Estávamos justamente entrando na Western quando Hauser perguntou:

— E aquele negócio que levaram pra sua casa?

— Que que tem? — perguntou o Rato num tom de poucos amigos.

— A gente disse que ia rachar os lucros...

— Por isso é que a gente foi pra sua casa, meu irmão. Longe daqui. Tudo que eu pego pra mim é meu.

Dava para ver que Hauser não estava satisfeito com o saque que ele ia perder. Mas eu sabia, e ele também que, apesar do seu tamanho, o Rato não tinha medo de ninguém. Se o Hauser quisesse discutir, era melhor ser por um motivo sério, porque o Rato estava sempre pronto a marcar um encontro com a Morte.

Hauser levou-nos por toda a Western, passando por El Segundo, um lugar ermo entre o campo de golfe público da avenida Western e o aeroporto Gardênia. Estacionamos nos fundos de um armazém às escuras que havia ali. Enquanto estávamos descendo da cabine do caminhão, a porta do armazém abriu.

Aí vi que o Hauser era maior ainda do que eu pensava. Tinha pelo menos 1,90m e devia pesar uns 135 quilos. Os cabelos ruivos eram grossos e ondulados, e os ombros eram tão largos que pareciam ser uma outra criatura se levantando atrás dele. Usava jeans e uma camisa azul de pano grosso por cima de uma camiseta azul-marinho.

Olhando para ele, perguntei-me sobre a origem dos cabelos ruivos de Nola Payne. Talvez os ancestrais de Hauser tenham sido donos dos ancestrais de Nola. Talvez tenham fugido juntos, escondendo-se dos ingleses.

O Rato estava vestido com um macacão branco e uma camiseta branca que parecia de seda. Estava com um alfinete de chapéu de safira espetado

na lapela e carregava uma mochila de lona como aquela usada pelos caixas dos bancos.

O Rato foi na frente, levando-nos por uma rampa e depois a uma mesa no centro da sala. Havia grupos de homens negros de ambos os lados, uns trinta homens ao todo. Cada grupo de dois ou três estava no meio de suas mercadorias roubadas. Um grupo tinha aparelhos de televisão, enquanto outro tinha cinco ou seis máquinas de lavar. Alguns tinham comida em lata. Um homem solitário estava com uma bolsinha de feltro jogada em cima do ombro.

O Rato sentou-se à mesa e negociou com os homens de um grupo de cada vez. Fazia uma oferta e depois eles discutiam. Alguns grupos foram embora com suas mercadorias. Quando um negócio era fechado, o Rato tirava o pagamento da sua mochila de dinheiro. Os homens punham a mercadoria no caminhão sob o olho vigilante de Hauser.

Havia caixas de rádios portáteis, bandejas de relógios, sete engradados cheios de ternos e mais ou menos uma dúzia de casacos de pele. O caminhão tinha um trailer de 12 metros, mas estava cheio até as tampas quando

os negócios terminaram.

O último homem a falar com Raymond foi aquele da bolsa de feltro. Era alto e de pele negra, com olhos pequenos e, o que eu só posso dizer, é que tinha uma boca sensual. Raymond levou este homem para um canto a fim de manter a conversa em segredo. Ambos voltaram sorrindo e o Rato estava com a bolsa.

— Tá vendo, Easy? — disse-me ele. — Isso aqui funciona.

— Acho que sim — respondi.

Depois que o caminhão estava carregado, com praticamente todo o espaço disponível ocupado, subimos de novo para a cabine e o Hauser deu a partida. Foi para o sul, para a avenida Rosecrans, e depois virou à direita, rumo ao oceano.

— Pensei que você tinha dito que seria um carroto dos grandes — queixou-se Hauser.

— Cê conseguiu TVs, lavadoras de pratos, aparelhos de ar-condicionado e roupas que dão pra vestir toda a Guarda Nacional — disse o Rato — e ainda acha que não foi um carroto bom! Vá se coçar.

— O que que tem naquela bolsa de feltro? — quis saber Hauser.

— Num é da sua conta o que que tem lá. O que eu peguei é meu. Já fizemos esse trato.

— Cê sabe que eu num sou um principiante, Ray.

— Então num age como se fosse. Peguei minha parte do que as pessoas vieram nos vender. Se não fosse por mim, você não tinha nadinha da silva.

— Como é que funciona esse negócio, Raymond? — perguntei.

Na verdade eu não estava nem um pingo interessado, mas achei que podia amenizar a tensão entre os sócios se mudasse um pouco de assunto.

— Bom, cê sabe, né, Ease — disse ele —, umas pessoas que eu conheço tão pegano as coisas bem rapidinho nos quebra-quebras e quando ficam com a casa cheia, precisam se livrar das mercadorias logo. Cê sabe que vender máquinas de lavar uma de cada vez é a mesma coisa que passar um atestado de ladrão. De modo que consegui esse armazém emprestado da Jewelle e disse pra todo mundo com quem estava fazendo negócio para vir aqui à noite...

— Jewelle sabe o que que cê tá fazendo no armazém dela? — perguntei. Ainda me sentia protetor daquela jovem, mesmo sendo ela superior a mim em todos os sentidos.

— Não contei pra ela, nem ela perguntou — disse o Rato. — Mas você sabe que eu compro por vinte e cinco por cento tudo que o Hauser aqui arranja e depois a gente divide o lucro meio a meio.

— Só que ele fica com a melhor parte pra ele — aparteu o motorista.

— E por que cargas d'água não ficaria? — perguntou o Rato. — Ocê não ia ter nem um centavo se não fosse eu.

— Você não passa de um intermediário — disse o Hauser, levantando a voz. — Devia ficar só com dez por cento.

— Estou com seus dez por cento bem aqui no meu bolso.

Eu estava com medo dos sócios começaram a brigar ali mesmo na cabine. Não estava preocupado com o resultado. Sabia que o Rato mataria Hauser, por maior que este fosse. Mas poderíamos morrer todos quando a nossa carruagem saísse da estrada. E mesmo que isso não acontecesse, eu estaria implicado numa história de mercadorias roubadas e um assassinato.

Eu estava tentando pensar em algumas palavras que melhorassem o astral quando uma luz vermelha começou a piscar no espelho retrovisor de fora. A sirene passou a piscar logo em seguida.

— Merda! — disseram Hauser e Raymond ao mesmo tempo.

Raymond tirou sua pistola de calibre 41.

— Guarda isso, Ray — disse eu.

— Num vô deixar eles me levarem em cana, Easy.

— Guarda isso, cara — repeti.

— Pra cadeia eu num vô, meu.

Mas ele pôs a pistola embaixo do banco e todos nós saímos da cabine pelo lado do passageiro. Fui até os tiras antes dos outros e levantei as mãos. Os policiais que estavam vindo em nossa direção eram em número de quatro. Eram todos homens brancos. Todos estavam com suas pistolas na mão.

Na minha mão esquerda estava a carta que me fora dada por Gerald Jordan.

— Antes de cometerem um erro, guardas — disse eu —, por favor, leiam esta carta.

Fazia tempo que eu não era agredido por uma pistola.

O policial que vinha na frente me deu uma porrada sem nenhum motivo aparente. Ele não me conhecia. Eu não tinha cometido nenhum crime de que ele tivesse notícia. Minhas mãos estavam erguidas e a única coisa que eu estava segurando era uma frágil folha de papel. Mas ele me bateu com tanta força que ele grunhiu.

Mas eu não caí. E, em vez de revidar, mostrei a folha de papel.

— É melhor vocês lerem isso — disse eu.

— Calma lá, Billings — disse outro policial.

Mas o Billings partiu para cima de mim assim mesmo; só que eu dobrei os joelhos e abaixei o braço, de modo que o revólver passou voando por cima da minha cabeça. Senti gosto de sangue num lado da boca, mas ainda estava preocupado com a possibilidade de Raymond assassinar aqueles quatro tiras.

O guarda que tinha dito a Billings para ter calma parou na minha frente.

— Que que é isso que você tem aí? — perguntou ele.

— Uma carta sobre mim e meus amigos — disse eu —, do seu chefe.

Eu não esperava que aquilo desse certo. Mas o policial leu minha carta enquanto o resto dos tiras algemava Hauser e Raymond.

— Cadê a chave da parte de trás? — perguntou Billings a Hauser.

— Perdi — disse o ruivão.

Mas, a essa altura, o meu tira já tinha lido a carta.

— Isso aqui não tem nada a ver com você estar num caminhão no meio da noite — disse-me ele.

— Ligue para o pessoal e se informe — disse eu.

Ele tinha olhos castanhos e eu diria que era forte se não fosse pelo Hauser. Sonny Liston teria parecido esquelético perto do sócio insatisfeito de Raymond.

Um par de algemas foi fechado em volta dos meus pulsos e fui imprensado contra o lado do trailer de 12 metros — ao lado dos

meus amigos.

— Cadê a chave? — estava gritando um tira bem no ouvido de Raymond.

— Num é minha pra eu guardar — disse Raymond. — E vê se pára de cuspir em mim.

— Tira as algemas deles — disse o policial que estava com o meu salvo-conduto oficial.

— O quê? — perguntou o Billings num tom beligerante.

— Qual que foi a palavra que você não entendeu?

Eu estava vendo os dois tiras irem embora tão bem quanto o Rato e Hauser. Mas aquilo não significava nada para mim. Minhas algemas foram retiradas e três dos policiais se afastaram. E então o líder, aquele que tinha lido a minha carta, aproximou-me de mim.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, sr. Rawlins? — perguntou ele.

Ver a expressão de espanto absoluto no rosto do Rato valeu aquela

noite toda. Em todos os anos em que o conhecia, desde que éramos adolescentes, eu nunca surpreendera o meu amigo. Ele era uma força da natureza, gerado por um deus do mal. Não havia nada que um simples mortal como eu pudesse fazer para pegá-lo desprevenido.

Mas naquela noite eu consegui.

— Para falar a verdade, sim, seu guarda — disse eu. — Poderia dizer a seus amigos que o sr. Alexander aqui, e seu amigo, o sr.

Hauser, vão trabalhar comigo nas próximas noites? Eu não queria que eles voltassem a ser incomodados.

— Tudo bem — disse ele. Ele nem parecia estar com raiva. Gerald Jordan não era só o inimigo do meu povo como também, de certa forma, mais poderoso que todos nós juntos.

CAPÍTULO 17

— Como foi que cê conseguiu isso, Easy? — perguntou o Rato, quando já estávamos de novo na estrada.

— Consegui o quê? — perguntei na maior inocência.

— Cê sabe o quê. Fazer os tiras te tratarem como se fosse o prefeito ou algo assim.

— Você não espera que eu lhe conte todos os meus segredos, espera, Ray?

— Que é isso, cara! Diga lá: que que está escrito naquela carta?

— Diz o seguinte: “Escuta aqui, sr. policial, é com Easy Rawlins que o senhor está falando”.

— Nunca vi nada parecido na minha vida — disse Randolph Hauser. — Aquele tira chamou você de senhor e nem tentou ver o que tinha dentro do caminhão.

Não respondi ao elogio. Estava satisfeitíssimo com o apreço que Hauser tinha pelo Rato, que tinha aumentado.

Trinta minutos depois chegamos a outro armazém no Hart, a menos de meio quarteirão do mar. Seis ou sete homens brancos

saíram apressados e começaram a descarregar. Durante o trajeto, descobri que Hauser não tinha realmente a chave. Ele andava com um monte de cadeados sem chave para garantir a segurança da van, de modo que se a polícia o parasse, não conseguiria entrar no caminhão se não tivesse ferramentas para cortar metais.

Entramos no armazém de paredes de vidro para fumar e tomar café enquanto os homens de Hauser trabalhavam.

— Aquele truque foi dos bons, Rawlins — estava dizendo o Rato.
— Como foi que cê conseguiu?

— Um curso de mágica — repliquei.

O gigante olhou feio para mim por um momento, mas depois abriu um sorriso,

— Cê tem razão, meu filho — disse ele. — Acho que o Ray é melhor do que eu achava.

— Se você me emprestasse essa carta — acrescentou o Rato —, você seria um homem rico.

Todos rimos e fumamos durante um tempo, e depois eu saí andando sem rumo pela frente do armazém para que o Rato e o homenzarrão pudessem concluir seus negócios.

Em geral eu evitava os negócios ilegais do Rato. Sabia que ele era um ladrão, mas o que eu poderia fazer? Para mim, era como se fosse do meu sangue. E aquela noite, as regras, como sempre as conhecera, tinham sido suspensas. A polícia abriu fogo contra uma casa de orações, ocultara informações sobre um assassinato e empregara um negro para tirá-la da encrenca. Nosso prefeito intolerante tinha se proposto a se encontrar com Martin Luther King. Eu não tinha sequer transgredido a lei, dizendo àqueles policiais que Raymond estava trabalhando para mim. Portanto, não me

incomodava estar no esconderijo dos quarenta ladrões. Era só mais um passo para o outro lado da nossa liberação.

O Rato juntou-se a mim fora do armazém alguns minutos depois da meia-noite. Ainda estava com aquela bolsinha de feltro. Estava sorrindo, de modo que eu sabia que tinha entrado bastante grana. O Rato sempre tivera só duas coisas na cabeça: dinheiro e mulheres. A vingança vinha num terceiro lugar distante, mas mesmo assim você não ia querer ver o lado ruim dele.

- Está pronto para ir, Easy?
- Para ir pra onde?
- Arrancar o Nate Shelby de cima do galho dele.

Seus dentes brancos e seus olhos cinzentos reluziram na noite e uma gargalhada saiu espontaneamente do fundo do meu peito.

O ferro-velho Menlo estava às escuras, assim como todas as outras casas e lojas da rua. Todas, menos uma. Era uma casa que tinha uma garagem dupla no final da entrada para carros.

- Tem uma moeda de dez centavos aí, Ease?
- Pra quê?
- Tenho de fazer uma ligação.

Dei a moeda ao meu amigo e ele foi até a esquina, onde havia um orelhão. Lembro de pensar que aquele devia ser o único telefone público de Watts que não tinha sido destruído pela violência dos quebra-quebras.

Ray conversou por uns bons cinco minutos. De vez em quando eu conseguia ouvir sua voz, elevando-se num tom de ameaça.

- Tá aqui a sua moeda — disse ele entregando-a a mim.

— Pensei que você precisava dela para a ligação.

— Precisei. Mas a caixa de moedas tá quebrada, de modo que cê pode pegar seu dinheiro de volta na mesma hora. Andei ligano para gente do país todo dos telefones daqui.

Tirou um cigarro do bolso de seu macacão branco, acendeu-o e depois se encostou na cerca do ferro-velho.

— O que que a gente tá esperano? — perguntei, quando ele acendeu o segundo cigarro.

— A mágica.

— Diga lá, Ray. Pra quem foi que você ligou?

A vingança de Ray podia estar num terceiro lugar distante, mas sempre atravessava a linha de chegada.

Eu ri e disse:

— Tudo bem, Ray. Vou esperar o seu truque de mágica.

E lá ficamos nós até a 1h15 da manhã, fumando e olhando para a única janela acesa do quarteirão. Não havia viva alma na rua; nem forças do exército ou da polícia, nem gente do lugar. Quando estávamos lá há uns quinze minutos mais ou menos, uma das portas da garagem abriu e um carro saiu.

Um Galaxie 500 vermelho. Atravessou a rua e estacionou na nossa frente. A porta abriu e um negro grande com um rosto envelhecido e irritado saiu.

Foi até Raymond e disse:

— É isso que cê qué?

O Rato se virou para mim e perguntou:

— É este o carro que cê tá procurando, Easy?

— É o carro roubado de um homem branco que levou umas porradas no segundo dia dos quebra-quebras?

O Rato ergueu os olhos para aquele homem feio.

— É — disse o homem.

— Então o carro é esse.

— Você pegou os documentos, Nate? — perguntou Raymond a Loverboy.

— No porta-luvas.

— Você viu o que aconteceu naquela noite? — perguntei então.

— Quem é você, seu babaca? — replicou Nate.

— Era uma boa ocê responder pra ele — disse o Raymond. — Num tá veno que ele tá aqui comigo?

— O babaca branco tava pirado, andando por ali de carro, procurando a janela com gente queimano e quebrano e jogano pedras — disse Nate. — Pegaram ele e deram um pau legal nele. Arrancaram as roupas dele todinhas. Ele saiu correndo e gritando feito criança de colo. Uma merda.

— Você viu para onde ele foi? — perguntei.

— Num vi não, cara. Eu só queria o carro. Cê tem sorte dele ainda estar aqui. A gente tá na moita agora, só vamo poder desmanchar ele na segunda.

O Rato olhou para mim de soslaio e eu dei de ombros.

— Obrigado, Nate — disse o Rato, despedindo-se.

— E a minha grana? — perguntou o ladrão de carros.

— Cê tá mesmo querendo arrumá encrenca, num tá, meu filho?
— perguntou o Rato.

Enquanto Loverboy estava reunindo coragem para morrer, abri a porta do carro e peguei todos os papéis que havia no porta-luvas. Dei uma rápida busca embaixo dos bancos da frente e de trás, mas não achei nada.

Tirei as chaves da ignição e abri o porta-malas. Também estava vazio.

— Você pode ficar com o carro, meu — disse eu. — Tudo quanto eu preciso tá aqui.

Devolvi as chaves ao Loverboy. Ele as pegou e se virou para o Rato.

— É só isso?

— É sim — disse o meu amigo, o soberano autoproclamado de Watts.

Ficamos todos os três ali por um momento, perguntando-nos o que

exatamente a etiqueta exigia numa situação daquelas. Será que alguém devia dizer obrigado, ou mesmo até logo?

Nate fez um movimento rápido em direção ao carro.

Depois que ele partiu, o Rato me perguntou:

— Tamos quites, Easy?

— Talvez, por enquanto, mas acho que vou estar te devendo alguma coisa antes dessa história acabar.

Raymond levou-me para casa. A gente curtiu muito no trajeto, falando das pessoas que conhecíamos. Foi só quando ele parou no meio-fio na frente da minha casa que me lembrei do recado.

— Topei com a Benita Flag no Cox Bar — disse eu.

— Ah, é?

— É. A Ginny não te contou?

— A Ginny não fala muito de mulher comigo.

— A Benita tava preocupada com você.

— Eu era capaz de jurar que tava.

Eram quase três da manhã e eu não era advogado de Benita, de modo que abri a porta do carro.

— Que que você faz com as suas namoradas, Ease?

— Como assim?

— Suas namoradas — repetiu ele. — Quando elas ficam com os quatro pneus arriados, doidas para ficar com você o tempo todo.

Juanda me veio à cabeça, mas eu a expulsei.

— Não tenho namoradas, Ray. É eu e a Bonnie, só isso.

— Você nunca dá uma puladinha de cerca?

— Ultimamente não.

— Não dá pra viver sem isso. Eu tenho de me dar esse gostinho de vez em quando. Mas você sabe que algumas dessas minas não escutam quando você diz pra elas que é casado e tal. Bom, elas

dizem que não tem problema, mas aí elas querem saber como é que você pode amar elas tanto e não ir morar junto.

Nem sequer sorri. Aquele era um verdadeiro conflito moral para o meu amigo. Sua compreensão de qualquer outra pessoa que não fosse ele era severamente limitada. Ele não sabia por que Benita não o compreendia, de modo que rompeu com ela. E o mero fato de ela ter falado dele comigo já o deixou numa pior.

— Vou falar com ela, Ray — disse eu.

— Vai?

— Vou sim. Vou explicar o seu problema. Ela vai entender.

— Cê que sabe, tudo bem, Easy — disse ele. — Tudo bem.

Ele me deixou ali no ar quente da noite, curtindo o silêncio. Lá estava eu, um funcionário da prefeitura de meia-idade. A única coisa que eu devia ter na cabeça era a minha cama, meus filhos, minha hipoteca e a mulher que eu amava. Aquilo tudo estava esperando por mim dentro de casa.

Mas, em vez de atender o apelo doméstico, entrei no meu carro, liguei o motor e saí.

CAPÍTULO 18

Havia uma corrente bloqueando a entrada de carros do Sanatório Neurológico Miller. Tive de estacionar na rua e ir a pé até a porta. Eu estava procurando a campainha quando uma luz de lanterna brilhou num dos lados da minha cabeça.

— Alto lá! — disse uma voz.

Era uma voz de homem, de um homem branco, provavelmente com mais de sessenta anos, e que não tinha nascido no Sul. Havia confiança no tom da voz, mas não era aquele tipo de autoconfiança ameaçadora que acompanha uma arma apontada contra você. Essa voz tinha a expectativa de ser obedecida, porque essa era a sua função na vida.

Virei-me na direção da luz ofuscante e disse:

- Sim?
- A clínica está fechada.
- Meu nome é Easy Rawlins. Estou na lista de visitas especiais.
- Prova.
- Provar o quê? Que estou na lista, ou que sou Easy Rawlins?

A pergunta desconcertou o guarda noturno. Ele resmungou alguma coisa e depois usou uma chave para abrir a porta da recepção.

- Pode entrar — disse ele.

Entrei e ele veio atrás; apagando a lanterna com uma pancadinha rápida.

Eu estava a meio caminho da porta de vaivém quando ele disse “Alto lá” de novo.

Girei nos calcanhares, vendo o homem pela primeira vez, ao menos com meus olhos. Era baixo e de cabelos brancos, com mais de sessenta anos e desarmado, exceto pela lanterna grande. Repreendi-me por acreditar em minhas deduções. Ver que eu estava certo sobre aquele guarda poderia me levar a pensar que eu conseguia enxergar no escuro. E tudo quanto isso significava era

que um dia desses eu cometeria um erro, cairia numa armadilha e morreria.

— Que que foi? — perguntei ao segurança.

— Preciso ver um documento seu.

Tirei a carteira e mostrei minha carta de motorista. Ele examinou o documento como se estivesse procurando algum defeito.

— O que veio fazer aqui? — perguntou ele.

Peguei minha carta de motorista da mão dele e virei-me. Enquanto passava pela porta de vaivém, ele gritou: “Ei, você aí!”, mas eu continuei andando.

Não havia provas de que ele estava me tratando daquele jeito por causa de minha raça. Era só um guarda exagerando um pouco na hora de levar o trabalho a sério. Mas essas perguntas me tinham sido feitas vezes demais na minha vida para que um simples dar de ombros dissipasse do meu coração a raiva que elas me davam. Se eu estivesse numa situação em que pudesse ignorar um homem branco no exercício da autoridade, eu ignoraria, mesmo que eu estivesse errado.

Enquanto eu marchava rápido pelo corredor, ouvi os passos mais lentos do guarda atrás de mim. Ele não ia me deixar escapar facilmente depois de desrespeitar sua autoridade.

Cheguei ao H-12 e abri a porta sem bater. Geneva Landry estava sentada ereta na sua cama e uma jovem negra estava sentada na cadeira. Uma lâmpada iluminava uma mesa de canto, dando ao quarto branco de hospital a impressão de ser um lar.

— Tommy, o que está acontecendo? — perguntou uma voz de mulher, vinda do corredor às minhas costas.

— Um intruso, enfermeira Brown — disse o guarda de segurança na outra ponta.

— Você é Tina Monroe? — perguntei à jovem negra sentada na cadeira.

— Sou, sim. E você, quem é?

— Sou Easy Rawlins. Acho que Marianne Plump lhe deu o número do meu telefone.

Naquele momento uma enorme mulher branca, usando uniforme de enfermeira, entrou no quarto.

— Se não sair desse prédio em um minuto, vou chamar a polícia.

Sua voz tinha um tom de censura.

Parecia uma fala ensaiada. Achei que ela devia ficar sentada noites e noites a fio se perguntando o que dizer para convencer um invasor de propriedade alheia a ir embora.

— Como vai, sr. Rawlins? — perguntou Geneva Landry. Estava com bolsas embaixo dos olhos e suas palavras estavam um pouco difíceis de entender.

— Este é o sr. Rawlins, enfermeira Brown — Tina Monroe estava dizendo. — Ele tem permissão do dr. Dommer para visitar a srta. Landry a qualquer hora do dia ou da noite.

— E por que a srta. Landry está acordada? — foi a resposta de Brown.

— Não deu o remédio a ela?

— Dei. Mas ela estava nervosa, de modo que fiquei aqui com ela um pouquinho — até ela relaxar um pouco mais.

- Dê-lhe outra dose — disse Brown num tom quase ameaçador.
- A receita médica não permite isso, enfermeira Brown — replicou aquela enfermeira negra séria.
- Me desculpe — disse eu então.
- O quê? — perguntou a enfermeira Brown.
- Estou aqui numa missão oficial da polícia. Tenho de conversar com a srta. Landry e com a srta. Monroe. Se não se importa, precisamos de privacidade.

O guarda e a enfermeira não queriam obedecer, mas até eles sabiam que estávamos num novo mundo.

— Vamos lá, Tommy — disse a enfermeira Brown. — Vamos verificar as instruções do dr. Dommer.

Eles se viraram lentamente, procurando uma forma de voltar mesmo enquanto saíam.

— Que que o senhor tá fazendo aqui nessa hora da noite, sr. Rawlins? — perguntou-me Geneva. — Encontrou aquele homem?

Empoleirei-me no pé da cama alta.

— Encontrei uma forma de encontrá-lo — respondi. — Mas não posso fazer nada até amanhã de manhã e por isso achei que podia dar uma passadinha aqui para ver se está tudo bem com a senhorita. Pensei que só ia dar uma olhada e que ia vê-la dormino. Sabe que precisa descansar bastante.

— Eles me deram uns comprimidos que me deixaram com sono. Depois eu comecei a pensar na Nola e acordei completamente. Mas aí a Tina chegou e começou a conversar comigo.

— Vai dar tudo certo, srta. Landry — disse a enfermeira.

Ela estava cheia da beleza da juventude. Sua pele marrom-claro e a cabeleira cheia, as mãos de criança e o corpo de mulher. Os lábios tinham a forma de um coração rechonchudo e os olhos estavam sempre olhando para outro lugar, para não deixarem você ver a fome deles. E mesmo que tudo nela estivesse voltado para ter bebês e um lar, ela ficava ali sentada noite após noite com Geneva Landry, ouvindo-a falar de seu luto e de suas perdas.

— Foi Deus que mandou o senhor aqui — disse Geneva, e os olhos piscaram, enchendo-se de lágrimas.

— Num dia ou dois vai estar tudo resolvido — disse eu. — E vou providenciar para a Nola ter um enterro decente.

— Vai? — perguntou ela.

— Vou sim, minha senhora.

— Sr. Rawlins? — disse Tina Monroe.

— Sim?

— Vai ficar aqui um pouquinho?

— Até de manhã, eu acho.

Tina se levantou.

— Tenho de fazer minha ronda e não vou ficar tão mal se o senhor ficar aqui com a srta. Landry.

— Sem problema.

Fiquei olhando a jovem negra de branco ir até a porta.

— Ela é linda! — disse Geneva Landry.

— Com certeza — acrescentei. — E estava falando sério, mesmo que não fosse realmente verdade. Tina era bonita, era bem-feita de corpo, mas não era linda.

— Que legal ela ter vindo e ficado um pouco com a senhora — disse eu.

— Foi sim. Sabe que eu achei que ia ficar doida aqui se não fosse por ela? Comecei a pensar na Nola e parecia que a minha cabeça tava cheia de lâminas de barbear me cortando por dentro.

— Não pense nisso — disse eu. — Procure esquecer.

Geneva tinha perdido peso nas poucas horas que se haviam passado desde que a vira pela última vez. O rosto estava chupado e os olhos vagavam pelo rosto mesmo quando ela estava conversando comigo.

— Num tem como evitar isso, sr. Rawlins. Eu devia ter falado pra Nola para ficar longe daquele homem branco. Eu sei bem o que um home como aquele pode fazer com uma mulher ou com uma menina.

— Homem de que tipo? — perguntei.

— Branco — disse ela, como se eu fosse um débil mental. — Homens brancos. Eles não prestam. Quer dizer, eles sorriem e dizem coisas bonitas quando tem mais gente, mas quando pegam você sozinha, é outra história... é uma história completamente diferente.

Ela começou a chorar e eu peguei suas mãos nas minhas.

— Não quero que chore, srta. Landry — disse eu. — Nola está no céu, a senhora sabe. Está num lugar melhor. E o homem que a matou vai pagar por isso. Prometo.

— Ele vai perder um olho como aquele que arrancou da minha linda Pimentinha?

— Mais! — disse eu. — Mais!

A promessa de vingança pareceu acalmar Geneva. Ela beijou meu braço e depois encostou o rosto nele. Levantei a mão livre e fiz-lhe um carinho na bochecha. Ela suspirou e estremeceu, e depois entrou em sono profundo.

Fiquei ali sentado mais de uma hora acariciando seu rosto de vez em quando. Sempre que a tocava, ela abria os olhos e depois sorria.

A luz encheu a janelinha perto da cama. Os pássaros começaram suas canções matutinas e Tina voltou. Quando me viu sentado tão perto daquela mulher adormecida, ela sorriu.

— Ela é um amor — disse Tina.

Inclinou-se sobre a cama e beijou a sobrancelha da outra. Naquele momento pensei que era a coisa mais linda que eu já tinha visto. O sentimento que Tina demonstrou por sua paciente fez meu coração disparar.

Quando saímos para o corredor, ela me disse:

— Meu turno acaba em quinze minutos.

Consultei meu relógio. Eram cinco e quarenta e cinco.

— Podemos tomar um café depois?

— Tudo bem.

CAPÍTULO 19

A Cafeteria Nips da Olympic abria às seis. Chegamos lá quinze minutos depois, mas já havia mais de uma dúzia de fregueses comendo ovos mexidos e rosquinhas, tomando suco de laranja reconstituído e café que tinha o gosto da chaleira onde fora feito.

Sentamo-nos num reservado ao lado da janela, um na frente do outro.

Tina não tinha um rosto lindo. Seria feia se não fosse aquela luz interior que os jovens têm. Como era, ela provavelmente tinha sua porção de jovens pretendentes na área dos quebra-quebras. Tentei não pensar naquilo, de modo que comecei a falar.

— Marianne disse que vocês se encontram de manhã — disse eu.

— Am-ram — replicou Tina. — Em geral ela chega às oito e quinze e aí a gente conversa até ela começar a trabalhar às nove.

— Mas você sai às seis.

— Depois do trabalho eu uso a sala do café para estudar para as provas que tenho de fazer para conseguir o diploma de enfermeira — disse ela. — E quando Marianne chega, a gente conversa. Ela é um doce de pessoa. Num sabe de nada, mas pelo menos está disposta a aprender.

— O que que ocês vão querê? — perguntou uma voz de homem.

Era o cozinheiro. Era todo esquelético, com exceção do estômago, que era a metade do tamanho de uma bola de vôlei. Usava calça branca com uma camiseta xadrez e um avental azul-claro. Se tinha feito a barba de manhã, não parecia. O queixo ainda estava cinza. As sobrancelhas eram tão grossas que parecia uma moita de espinhos. Havia pêlos saindo até pelas orelhas do cara.

Ele tinha saído de trás do fogão para receber os pedidos. A garçonete, uma loirinha arruivada, estava atrás do balcão, olhando para nós com uma expressão aterrorizada no rosto.

— Eu queria uns ovos mexidos com presunto e suco de laranja, e umas torradas bem morenas — disse eu sorrindo para o homem. — E café para nós dois.

— Suco e um bolinho quente com manteiga — acrescentou Tina.

Ele rabiscou o nosso pedido e marchou de volta à cozinha. No caminho jogou o bloco para a garçonete.

Ela pegou duas xícaras de café e trouxe-as para a nossa mesa. Estava tão abalada que os pires embaixo das nossas xícaras estavam cheios de café.

Observei a garçonete voltando ao balcão. Ela olhou pelo ombro uma vez. Quando nossos olhos se encontraram, ela deu um encontrão num freguês que estava sentado num banco.

— Presta atenção, Margie — disse o homem jovial à garçonete. — Minha mulher pode ter espiões na cozinha.

— É uma pessoa legal — disse Tina.

— A srta. Landry?

— Sim.

— Ela parece legal — disse eu —, mas acho que passou por um momento muito difícil.

— Você não sabe da missa a metade — disse Tina. — A srta. Landry passou pelo maior cortado, e agora o Senhor a trouxe de volta novamente.

— Você está falando da morte de Nola.

— Estou sim. A sobrinha ser morta daquele jeito vai tirar anos da vida da pobrezinha. Ela está mais fraca a cada dia que passa.

— O que que aconteceu com ela? — perguntei.

— Com a Nola?

— Não. O que que aconteceu com Geneva? Ela me disse que tinham acontecido umas coisas com ela que ela nunca tinha contado pra Nola, que se tivesse contado talvez ela ainda estivesse viva. O que você acha que ela queria dizer com isso?

— Eu...

— Aqui está — disse uma mulher.

Era Margie de novo. Estava tremendo, mal conseguia pôr nossos pedidos em cima da mesa. Não olhou para nenhum de nós dois nos olhos. E assim que os pratos e copos estavam na mesa, ela saiu na disparada.

Peguei uma garfada bem grande dos ovos mexidos. Estavam deliciosos. Fritos na manteiga e bem cremosos. Aquele cozinheiro esquelético entendia do riscado.

— O que o senhor tem a ver com tudo isso, sr. Rawlins? — perguntou Tina.

— Eu tenho um escritorzinho lá na Central com a rua Oitenta e Seis — disse eu. — É só uma sala com banheiro no fim do corredor. Num dos lados tem um cara que vende seguro de vida pra gente que trabalha por dia. Do outro do corredor fica Terry Draughtman. Ele é o especialista em mesas de sinuca de todo o Watts e adjacências. Se você tiver problemas com a superfície da mesa ou com as laterais e procurar o Terry, ele conserta pra você na hora. O letreiro da minha porta diz "Easy Rawlins — Pesquisa e Entrega a Domicílio". É isso que eu faço. Você pode me encontrar lá toda

quinta ou terça de noite, e na maior parte do dia de sábado. Se tiver um problema e precisar de um conselho, eu dou.

— E a sala que fica na sua frente? — perguntou Tina.

— Era de um contador, mas ele teve um ataque do coração e morreu. Depois disso ninguém ficou lá mais que um mês ou dois.

Por algum motivo, aquilo fez Tina sorrir.

— E quem você está ajudando agora? — perguntou ela.

— Você — disse eu.

— Eu?

— Você mora lá na zona centro-sul de L.A., não mora?

— E daí?

— Bom, o que você acha que vai acontecer lá quando descobrirem que uma mulher de cor muito religiosa foi morta por um homem branco? Quando descobrirem que ele estuprou a moça, depois a estrangulou e ainda por cima lhe deu um tiro no olho?

— Ah!

— Estou procurando esse homem branco e gostaria de saber o que que aconteceu.

— Mas a srta. Landry já lhe contou — disse Tina.

— Ela não viu a sobrinha ser assassinada. Nunca viu o cara. E Nola não tinha uma pistola, nem outra arma qualquer em casa.

— O que isso tem a ver com a história?

— Se Nola não tinha um revólver, então com o que esse homem branco deu um tiro nela?

— Com um revólver dele — disse ela.

— E se ele foi lá com um revólver, então por que não abriu fogo contra a turba que espancou ele?

Aquele argumento fez sua testa franzir e sua cabeça erguer-se para o lado.

— Então acha que a srta. Landry está inventando essa história toda? — perguntou ela.

— Não — disse eu. — Acho que ela está só preenchendo os espaços em branco com suas próprias experiências.

— E é por isso que você quer saber o que a srta. Landry disse sobre o que devia ter dito pra Nola?

Concordei com um aceno de cabeça e peguei outra garfada bem cheia de ovos mexidos.

— Por que não perguntou a ela mesma quando estávamos no quarto?

— É como você diz — respondi. — Ela parecia fraca, frágil. Imaginei que você podia saber.

— Talvez, mas... quer dizer, ela tá conversando comigo porque tem confiança em mim e acha que vou guardar segredo.

— Ela lhe pediu para não contar nada? — perguntei.

— Não. Mas tenho certeza de que não gostaria que eu falasse.

— Se o que ela lhe disse não tem nada a ver com quem pode ter matado Nola, aí eu não vou contar nada a ninguém — disse eu. —

Só quero saber de que forma entender por que ela acha que aquele homem branco matou Nola.

— E por causa do que aconteceu com ela que ela está tão mal — disse Tina. — Mas isso não significa que aquele homem branco não a matou.

— O que aconteceu com ela?

— Ela, quer dizer, o pai dela, trabalhava para um homem branco na periferia de Lafayette...

— Louisiana?

— An-ran. Seja como for, eles colhem nozes-pecã lá e o pai da srta. Landry passava o dia todo na plantação cuidando das árvores. E quando o homem branco ficava sabendo que o pai dela tinha ido para lá e ia ficar fora muito tempo, ele chegava e pegava a pequena Ginny e fazia coisas com ela. As coisas que a maioria das mulheres não deixa os maridos fazerem.

— Que idade ela tinha?

— Começou quando ela tinha doze anos — disse Tina. — Ele fazia isso com ela três ou quatro vezes por semana. E quando ela chorava e pedia para ele não fazer aquilo, ele dizia que se o pai dela descobrisse algum dia, eles teriam de matá-lo, porque ele ia enlouquecer e tentar matar um homem branco se não fosse morto antes.

— Então ela nunca contou a ninguém?

— Não. E é por isso que ela ficou tão mal. Ela acha que se tivesse contado pra Nola, então ela ia saber que não podia confiar num homem branco. Que tudo que os homens brancos querem é estuprar e desonrar mulheres negras.

Tina sentiu a gravidade de sua acusação.

Peguei sua mão, e ela apertou a minha. O que aconteceu a Geneva Landry podia acontecer a qualquer mulher negra. Ela tinha de remover montanhas de maus-tratos e violência para proteger as pessoas de seu sangue. Nunca poderia falar sobre as atrocidades feitas a ela ao mesmo tempo em que fazia curativos nos seus entes queridos. É evidente que ambas odiavam o homem branco que se refugiara na casa de uma mulher negra.

Mas, mesmo com tudo aquilo, eu tinha de perguntar — de onde tinha vindo aquela pistola?

Na caixa registradora, tive de acenar para chamar a atenção do cozinheiro.

— Quanto que a gente deve? — perguntei.

— Margie! — gritou ele para a garçonete. — O homem quer a conta. A garçonete loira sacudiu a cabeça e passou correndo por uma porta que ficava nos fundos do restaurante.

— Tudo bem — disse-me o cozinheiro. — Acho que hoje fica por conta da casa.

CAPÍTULO 20

Deixei Tina no seu ponto de ônibus na Pico e depois fui até o endereço de Peter Rhone em Castle Heights, que ficava a alguns quarteirões ao sul de Cattaraugus. Eu tinha todas as informações sobre o sr. Rhone nos documentos do automóvel tirados do Galaxie 500.

Fiquei perdido um tempo andando em volta da área de Palms, procurando uma forma de chegar à casa de Rhone. Nesse meio tempo, pensei em Margie. Eu conhecia a Cafeteria Nips desde a época em que eu tinha comprado minha casa em Genesee. Tinha visto a garçonzinha lá durante os últimos três anos. Mas ela nunca se lembrava de mim. Eu lhe fazia meu pedido e ela o anotava sem um sorriso, mas também sem fazer cara feia. Mas hoje ela estava com medo de ser vista em minha companhia. Ainda não tinha me reconhecido e, por isso, enquanto eu perambulava pelo bairro de brancos, comecei a pensar que minha história com os brancos era muito mais complexa do que jamais pensei que fosse. Por um lado, Margie tinha ignorado minha existência e, por outro, eu quase a tinha matado de medo. E mesmo com medo de mim, não me reconheceu. E aquele cozinheiro? Como explicar sua impaciência com o medo dela?

Nenhuma resposta tinha me ocorrido. Mas, depois de quarenta e cinco minutos andando de carro em círculos, descobri a casa de Peter Rhone.

Era rosa-coral e em forma de caixa. O teto era horizontal e os canos de escoamento da água da chuva estavam pintados de um tom ferrugem-claro. A porta da frente era azul-turquesa e dalias brancas decoravam a cerca em volta do seu gramado. Havia um Chevrolet amarelo-limão na entrada de carros e só um corrimão para os três degraus que levavam à porta da frente.

Quatro semanas atrás, esta casa teria sido vendida por um preço três vezes maior que o mesmo imóvel teria em Watts. Agora era mais provável que o preço pudesse ser multiplicado por cinco.

— Pois não — disse ela, respondendo à batida que dei na porta.

Era uma mulher pequena com cabelos castanhos amontoados em cima da cabeça formando um capacete. Tinha uns trinta anos, e estava usando uma fivela no cabelo.

— Peter Rhone — disse eu.

— Está doente — respondeu ela.

— Sei — disse eu. — Sei o que aconteceu com ele. Mas a senhora precisa acreditar em mim quando lhe digo que ele precisa muito falar comigo. Agora.

— Como é seu nome?

— Meu nome é John Lancer. Acho que tenho umas informações que ele gostaria de ter.

— Do que se trata, sr. Lancer?

— É particular.

— Sou a mulher dele.

— Tenho certeza de que ele vai querer conversar com a senhora sobre o que eu tenho a dizer. Mas acredite, minha senhora, aqui não é lugar para a gente conversar.

Ela piscou três vezes e depois virou a cabeça.

— Peter! Peter! E um homem chamado Lancer.

Virou-se novamente para mim e me olhou de cima abaixo. Eu estava usando as mesmas roupas de trabalho que pusera ao sair para o bairro de Nola. Perceber isso deu início a uma reação em cadeia de pensamentos. Primeiro pensei que precisava de um banho e de fazer a barba o mais rápido possível. Depois me perguntei por que não tinha sequer bocejado depois de estar de pé e em ação há bem mais de vinte e quatro horas. Também me dei conta de que não falava com Bonnie desde que saí com o Rato. Pensar em Bonnie me fez lembrar de Juanda. Felizmente, antes de eu ir longe demais

naquela direção, apareceu um homem, saído da névoa da porta de tela dos Rhones.

Havia um corte profundo no lado esquerdo do lábio inferior inchado, um galo acima do olho direito e dois dedos da mão esquerda estavam amarrados juntos com um esparadrapo.

— Sim? — disse ele com afabilidade, apesar de seu mal-estar evidente.

— Peter Rhone?

— Sim. E você é...?

— Meu nome é John Lancer.

— Ahn. Eu te conheço?

— Acho que o senhor pode ter se encontrado com Nola quando estava lá na rua Grape há alguns dias.

— Acho que sim — disse ele. — Ela era vizinha das pessoas que me deixaram entrar.

A sra. Rhone estava prestando a maior atenção às nossas mentiras.

— Sim — disse eu. — Foi isso o que ela disse. Seja como for, sr. Rhone, tenho um assunto muito importante para discutir com o senhor. Me desculpe, mas tem de ser em particular.

— Eu disse a ele que você estava doente, Peter — disse sua mulher.

— Tudo bem, Theda — disse-lhe ele. — Acho que devo alguma coisa a essas pessoas, sr. Lancer; tem uma praça a poucos quarteirões daqui. Podemos nos sentar num banco lá e conversar.

Sorri e concordei com um aceno de cabeça.

— Peter! — disse a sra. Rhone.

— Está tudo bem, amor.

Ele abriu a porta de tela e disse:

— É só uns quarteirões. A gente pode ir a pé.

Sáímos do jardim florido e viramos à direita em Castle Heights.

Peter Rhone era um homem alto e bonito, de um tipo infantil. Era magro e claro, com cabelos loiros e olhos azuis — exatamente o tipo de cara que não tinha nada a fazer em Watts quando um quebra-quebra estava em curso.

Percebi que ele mancava ligeiramente ao caminhar.

— Parece que está refrescando um pouco — disse ele, enquanto caminhávamos em direção à esquina.

— É. Mas ainda está quente por aqui — repliquei.

— Gosto de um dia quente — disse ele. — Daqui a pouco vai estar frio, e por muito tempo.

Chegamos à esquina.

— Então me conta o que que aconteceu quando você estava na casa de Nola — disse eu.

— O que quer dizer?

— Quero dizer: o que que aconteceu?

— Você é marido dela? — perguntou ele então. Aquela foi a primeira vez que me dei conta de que a situação era muito mais

complexa do que eu jamais suspeitara.

— Nola está morta — disse eu.

Peter parou de andar. Agarrou-me pelo braço.

— O quê? O que que aconteceu? — Já havia lágrimas nos olhos dele. — O que que aconteceu?

— É isso o que eu queria te perguntar.

Peter lançou um rápido olhar para sua casa. Eu também.

Theda Rhone estava na calçada, olhando para nós.

— Vamos embora — disse Rhone. — Vamos continuar andando.

Ele se virou e começou a andar depressa.

Acompanhei-o. Andar é o que eu tinha feito o dia todo em Sojourner Truth. Havia um campus em cima e outro embaixo, e espaço bastante para mais de trezentos e cinquenta estudantes. Em certos dias eu não chegava a me sentar nem por um minuto.

Enquanto andávamos, ele continuou perguntando o que havia acontecido. Finalmente eu lhe contei o que se passara com Nola e Geneva, e das acusações desta.

No final do terceiro quarteirão, chegamos a uma pracinha. Tinha umas quatro ou cinco árvores, e dois bancos. Peter se sentou e começou a balançar o corpo de um lado para o outro.

— Quem poderia ter feito uma coisa dessas? — perguntou ele. — Quem?

— Todo mundo com quem conversei é capaz de jurar que foi você.

- Eu? Por que eu? Ela salvou minha vida.
- Talvez ela quisesse alguma coisa que você não pudesse lhe dar — sugeri.
- Como o quê?
- Talvez ela fosse ligar para sua mulher.
- Por que faria isso? Eu ia largar a Theda. E disse isso pra Nola.
- Conta outra.
- Eu amava sua prima. Ela não lhe disse?
- Bom — disse eu —, tenho de reconhecer que o enganei, sr. Rhone. Meu nome é Easy Rawlins e a primeira vez que vi Nola foi na mesa do necrotério.
- Eu, eu não estou entendendo. O que você tem a ver com sua...

As palavras lhe faltaram porque ele não queria dizer que ela estava morta.

- A polícia está pisando em ovos em relação a esse assassinato.
- Assassinato — repetiu ele.
- E. Seja como for, os tiras me chamaram porque conheço um monte de gente do bairro e posso fazer perguntas sem chamar a atenção. Você sabe que a atenção pública sobre o assassinato dela pode ser o estopim de mais quebra-quebras.
- Não entendo, sr. Rawlins. Quem haveria de querer matar Nola?

Lá estávamos nós de novo. A essa altura eu estava mais que convencido de que ele não a tinha matado. Rhone não estava tentando esconder nada de mim. Estava assustado, mas não por sua causa. Nola ainda estava viva no coração dele.

— Você tem alguma arma de fogo, Peter?

— Uma pistola calibre vinte e cinco.

— Onde é que ela está?

— Na minha casa. Na cômoda.

Estava um dia lindo. Não estava fazendo nem 27°C e o céu estava limpo. Havia um passarinho cantando e o trânsito estava ótimo.

— Por que não me conta o que aconteceu, Peter? Aí talvez eu possa ajudá-lo a dar um sentido a essa história toda.

CAPÍTULO 21

Não entendo, sr. Rawlins — disse Peter Rhone. — O senhor é da polícia? — Não. Não trabalho para ela. Se trabalhasse, teria prendido você no mesmo minuto em que consegui seu nome. Mas a polícia me pediu para ajudar a resolver o assassinato da Nola antes dos jornais ficarem sabendo, porque eles querem manter a calma em Watts.

— Então é um detetive?

— Pense que sou um cidadão responsável que tem contato com a polícia; aí você vai ter uma boa idéia do que estou fazendo aqui.

— Não sei — disse ele. — Talvez eu não devesse estar conversando com você.

— Tudo bem — disse eu. — Mas quando eu der seu endereço à polícia, você vai para a cadeia e vai ser acusado de um monte de coisas antes de poder explicar à sua mulher o que estava fazendo nos braços de uma negra.

Peter Rhone estava olhando no fundo dos meus olhos. O rosto mostrava nervosismo e os dedos estavam mais trêmulos que os de uma criança de dois anos que tivesse acabado de comer uma barra de chocolate.

— O noticiário não disse nada sobre Nola... Não houve nenhuma reportagem.

— Ela foi estrangulada e depois levou um tiro. Foi espancada também — disse eu.

Aquilo não era prova de nada, mas a notícia quebrou o homem emocionalmente. Sua cabeça baixou lentamente até quase bater nos joelhos.

— Eu me perguntei por que ela não estava em casa — disse ele.
— Eu ligava toda hora que tinha uma chance. Ela também não foi trabalhar.

— Ela está morta — disse eu novamente.

— O que quer saber? — perguntou ele.

— Você matou Nola?

— Não! Não!

— Transou com ela na noite de terça-feira?

A testa tocou no seu joelho direito.

- Transei.
- Ela estava a fim?
- Muito. Muito. Ela ficou tão feliz de eu estar ali que, que... ela me beijou. Foi assim que começou. Ela me beijou.
- Por que foi à casa dela, para começo de conversa?
- Eu tinha ido de carro até a rua Grape à procura dela.
- Já a conhecia?
- Já. Não sabia? Ela trabalha no mesmo escritório que eu em Wilshire. Nola é a telefonista do turno do dia da Trevor Enterprises.
- E você, o que faz lá?
- Eu vendo anúncios. Sabe, as pessoas nos procuram para saber onde devem fazer publicidade. Temos contatos em todo o Sul, de modo que as pessoas, principalmente as companhias com equipes de fora da cidade, confiam na nossa capacidade.
- Você conhecia bem a Nola? — perguntei.
- A sala das telefonistas fica ao lado da minha — disse ele. — E não sei como a gente começou a levar café um para o outro, dia sim, dia não. Em geral era só uma gentileza, mas às vezes a gente batia um papinho antes de ir trabalhar. Sabe, no início eu só era legal com ela porque a telefonista é o emprego mais importante da Trevor Ent.
- Como assim?
- Um monte de gente liga querendo ajuda, mas as pessoas têm de confiar na Nola para ela passar a ligação para a pessoa certa. Ela era uma moça esperta e sabia reconhecer um bom cliente potencial quando topava com um. E seria bom ela passar esse cliente

potencial para mim se ele parecesse se encaixar no meu perfil. Um dividendo nada mau em troca de duas xícaras de café por semana. Mas depois de um tempo eu comecei a gostar dela. Ela era inteligente. Lia todas as revistas e jornais que passavam pelo escritório e entendia mais de beisebol do que eu. Ficamos amigos.

— E como foi que você chegou a transar com ela com a cidade virando cinza à sua volta? — perguntei.

— Quando o quebra-quebra começou, Theda foi para La Jolla visitar o tio e a tia. Eles são os seus familiares mais próximos e estavam com medo de que uma guerra racial estivesse começando. Uma loucura. Eu fui trabalhar de manhã e a Nola não apareceu. Fiquei preocupado com ela o dia inteiro e finalmente resolvi ligar pra ela de tarde. Ela estava muito assustada. Dava para notar na voz dela. Ela não tinha ido trabalhar porque tinha de pegar o ônibus e estava com medo dos tiros. Aí eu lhe disse que iria lá pegá-la e deixá-la na casa de uns amigos meus que moram lá perto de Venice.

— Então você trabalhou até o fim do dia e depois se meteu de carro no meio do quebra-quebra?

Eu sempre tinha ficado espantado com a ignorância que os brancos mostram em relação aos negros. Na maioria das vezes eu ficava com raiva da falta de consciência deles — dessa vez eu fiquei abismado. Peter Rhone deve ter sido o único homem branco de L.A. disposto a ir até Watts salvar uma mulher negra dos quebra-quebras.

— E eles te pegaram — disse eu.

— É. — Peter concordou com um aceno da cabeça machucada. — Arrancaram o meu couro. Tudo o que consegui fazer foi correr para o endereço da Nola. E lá estava ela. Atirou um lençol em cima de mim e me levou para o prédio dela. Eles tinham me arrancado um dente e eu estava sangrando na cabeça. Lá estava eu, tentando salvá-la e, em vez disso, foi ela que me salvou. Conversamos

durante três dias. Ela me contou tudo sobre a família dela e a tia Geneva. Eu lhe falei de minha mulher. Ela tinha um namorado, mas não estava apaixonada por ele.

O fato de ele mencionar Geneva Landry me fez lembrar de uma coisa.

— Por que Geneva não sabia qual era o seu sobrenome?

— O quê?

— Ela não conversava com a tia todos os dias?

— Conversava. A Pimentinha ligava para a tia na hora do pôr-do-sol todos os dias. Geneva também ligava em outras horas — sempre que ficava com medo.

— Como foi que você a chamou?

— De Pimentinha. Era o apelido dela. Depois que nós, ahn, ficamos íntimos, ela queria que eu a chamasse assim.

Eu não via como um estuprador assassino poderia ter descoberto o apelido carinhoso usado pela família dela.

— Bom, por que ela não lhe contou que o homem branco que salvou era do trabalho dela? — perguntei mesmo assim.

— Porque eu sou casado. Ela não queria começar um monte de fofocas a meu respeito.

— E como foi que você saiu de lá?

— Cedo... bem cedo na manhã de quarta-feira. Nola pediu pra um vizinho me levar pra casa. Eu lhe paguei cinquenta dólares.

— Ele viu você com a Nola?

— Não. Ela só telefonou para ele e disse-lhe para me pegar na frente da casa às três.

— E antes disso tudo você tinha se apaixonado? — Eu não queria deixar meu cinismo vir à tona, mas era difícil disfarçá-lo.

— É verdade.

E por que não? Um branco boa-pinta, que bem merecia que olhassem duas vezes para ele, principalmente se estava disposto a enfrentar os quebra-quebras para salvar uma jovem donzela em sua torre no meio de um cortiço. E se ele lhe disse que ia abandonar a mulher para se casar com ela, era uma chance que podia muito bem ser boa demais para deixar passar. Quer dizer, quantas vezes na vida de uma jovem um homem larga tudo para ficar com ela? Imagine que tipo de pai um homem desses não seria.

— Quem é o homem que te trouxe? — perguntei.

— Piedmont é como ele disse se chamar — respondeu Rhone. — Não sei nem se é seu nome ou seu sobrenome.

— Como era ele?

— Da sua altura, mas não tão cheio — disse ele. — Da mesma cor que você, e tinha braços e dedos muito compridos. E... e ele tinha uma mancha bem no meio da testa. Lembro-me porque toda hora ele tocava nela.

— Você viu mais alguém enquanto estava na casa de Nola?

— Não. Nenhum dos dois saiu do apartamento.

— E a Theda? Não perguntou onde é que você estava?

— Liguei para a casa dos parentes dela e disse que tinha sido pego no meio dos quebra-quebras e que uma família tinha me

socorrido. Disse que esse pessoal não tinha telefone e que eu estava usando o orelhão para telefonar.

— E ela acreditou?

— Ela estava com pessoas que achavam que estava havendo uma guerra racial nas ruas.

Pensei em Margie, uma mulher que estava com tanto medo dos quebra-quebras que não conseguiu nem me trazer a conta.

— Acho melhor chamar a polícia — disse Peter.

— Não, não — disse eu. — As últimas pessoas do mundo com quem você quer conversar agora são os tiras. Se vazarem uma única palavra sobre Nola pelas ondas sonoras, eles vão arrancar seu couro para fazer tamborim.

— Por quê?

— Você não sabe mesmo? — perguntei.

— Saber o quê?

— Que você cruzou uma fronteira quando foi à casa de Nola.

— E o que eu devo fazer? — perguntou ele. — Quer dizer, não quero que o assassino de Nola escape. Talvez eu possa ajudar.

Se ele era um mentiroso, era dos bons.

Eu não tinha a menor idéia do que aconteceu naquele apartamentinho bem arrumado. Talvez eles tivessem enlouquecido depois de três dias. Talvez tivessem se apaixonado e depois tenham passado a se odiar.

Tudo quanto eu tinha a fazer era dar o nome de Rhone a Suggs ou, melhor ainda, ao vice-secretário de Segurança Pública, Gerald

Jordan, e estaria livre. Eu teria um amigo nas altas rodas enquanto a polícia tentava desemaranhar os nós.

Mas eu não confiava que a polícia fizesse seu trabalho direito, e não achava que Rhone era o culpado.

— Se estiver mentindo pra mim, cara — disse eu —, vou matá-lo com minhas próprias mãos.

— Eu amava Nola — disse ele com uma convicção absoluta.

— Então espere vinte e quatro horas.

— Pra quê?

— Eu vou fazer o que os tiras me pediram para fazer e procurar o homem que matou Nola. Se tiver sido você, vou mandar os tiras baterem à sua porta. Se você fugir, eu vou te achar. Mas, se não foi você, bom, aí a gente vai ver o que faz.

— Obrigado! — disse ele.

— Você não tem de me agradecer, cara — disse eu. — Não estou fazendo isso por sua causa. Só não quero que a polícia deixe vazar a notícia da morte daquela mulher por estar preocupada com outra coisa.

— É por isso que estou te agradecendo.

CAPÍTULO 22

Alô! — disse uma mulher negra num tom mau-humorado, mas que não deixava de ser cordial.

— Juanda está? — perguntei.

Quando as palavras saíram da minha boca, meu coração disparou e meu estômago revirou. Eu tinha me convencido de que estava ligando para aquela bela jovem porque precisava de sua ajuda. E, enquanto reanalisava a situação, percebi que realmente precisava muito dela. Mas havia mais umas coisas além dessa para eu estar ali. Eu amava Bonnie e não tinha a menor intenção de mudar de vida, mas mesmo assim estava ansioso por estar na presença daquela jovem faladeira que mentiu para me salvar e depois me levou para a liberdade.

— Alô! — disse ela no meu ouvido.

— Juanda?

— Sr. Rawlins.

— Easy — disse eu. — Pode me chamar de Easy.

— Eu tava esperando você ligar — disse ela. Não havia nenhum fingimento naquela mulher. Ela queria me conhecer e estava me dizendo isso.

— Certo. Bom, acho que vou precisar de mais ajuda sua, se não for incômodo para você.

— Não é. Você vem me pegar?

Engoli em seco e disse:

— Vou.

Ela me deu o endereço com um suspiro.

Eu disse que estaria lá no começo da tarde.

Minha próxima ligação foi para Bonnie.

— Residência Rawlins — disse ela ao telefone.

— Você algum dia já pensou que a gente devia se casar? — perguntei sem preâmbulos.

Sua resposta foi o silêncio.

— Eu não queria te pegar de surpresa, amor — disse eu. — Quer dizer... Acho que estou me sentindo meio pirado aqui.

— Você está bem, Easy?

— Não.

— O que que há de errado?

— Acho que não foi aquele rapaz branco que matou a Nola.

— Isso não é realmente da sua conta, é?

— Não. Mas se eu não olhar as coisas bem de perto, não vou ter certeza de que a polícia também vai olhar.

— Por que não? E o trabalho dela.

— No melhor dos casos o trabalho dela é manter a paz — disse eu. — E agora a melhor maneira de batalhar pela paz é esse homem branco levar a breca.

— Nossa! — disse ela.

— E se ele não matou a moça, então foi outra pessoa. Mas os tiras não vão se preocupar com isso. Eles nunca se preocupam com quem exatamente fez o quê. Para eles, pegar bandidos é como arrebanhar gado. E daí se um ou dois fogem? Estão fadados a ser pegos uma hora qualquer. E, se pegarem um inocente, eles só vão te dizer que ele provavelmente fez alguma outra coisa pela qual não foi punido.

— Mas, Easy — disse Bonnie.

— O quê?

Acendi um Lucky Strike.

— Você não tem o tipo de recursos que a polícia tem. Você não pode sair por aí e encontrar um assassino sobre o qual não sabe nada.

— Você tem razão quanto a isso, amor, mas...

— O quê?

— E por isso que essa gente tava lá fora dano tiro e queimano e jogano pedra. Porque está farta e cansada e sabe que nunca vai consertar as coisas. Nós tamos cansados de nos dizerem que não temos a menor chance de vencer.

— E a gente venceu? — perguntou ela.

— O pessoal pode ter errado — disse eu. — Mas pelo menos tentou.

— Tudo bem.

Era mais que ela aceitar o fato de eu ser um cabeça-dura. Ela sabia que eu precisava da sua bênção para me distanciar tanto assim da segurança.

— Te amo! — dissemos ambos ao mesmo tempo.

Depois que ela desligou, bati o fone no gancho com tanta força que ele quebrou na minha mão.

Dei uma passadinha na minha sala da Sojourner Truth antes de ir me encontrar com Juanda. Lá eu tinha uma muda de roupa extra num armário fechado à chave. Era um conjunto de duas peças de

cor cinza com uma jaqueta com um botão só. Eu também tinha uma camisa creme e mocassins de couro cor de osso. Levei as roupas para a quadra de esportes da escola, onde tomei um banho e fiz a barba, passei talco e água de colônia. Ainda havia alguns soldados e policiais fazendo ronda no campus, mas as seqüelas dos quebra-quebras estavam arrefecendo.

Juanda estava à minha espera em frente à porta de sua casa na rua Grape. Ela também tinha se arrumado um pouco. Estava usando uma minissaia branca e uma blusa justíssima de listas multicoloridas. Não estava de meia, só com umas sandálias simples imitando couro. Não estava usando nenhuma jóia, e não havia nada nos seus cabelos.

Os cabelos de Juanda não tinham sido alisados, o que era raro entre as mulheres negras dos guetos dos Estados Unidos naquela época. Eram naturais e só ligeiramente cortados. Havia neles uma vitalidade que era quase pública.

Ela sorriu para mim quando saí do carro para lhe abrir a porta.

— Este é outro motivo pelo qual gosto de homens mais velhos — disse ela, quando estávamos ambos sentados e a caminho.

— Que que é?

— Eles lembram de ser gentis mesmo depois que você já os beijou.

— Mas você nunca me beijou! — disse eu.

— Ainda não.

Eu estava dirigindo e Juanda falando. Falou-me de seu primo Byford, que tinha chegado recentemente a Los Angeles, vindo do Texas de carona. A mãe dele, irmã da mãe de Juanda, tinha morrido subitamente e ele estava sozinho no mundo.

A mãe de Juanda, Ula, tinha ficado brigada com a mãe de Byford durante mais de vinte anos. Parece que quando a mãe delas morreu, Ula suspeitou que a irmã Elba tinha se apossado de um conjunto de camafeus da mãe, que lhe fora dado por uma senhora branca e rica para a qual ela

trabalhara.

Foi por isso que Ula saiu de Galveston, porque não suportava viver na mesma cidade que a irmã ladra.

As irmãs estavam brigadas, de modo que tudo quanto Byford, que tinha só treze anos, sabia era que sua tia Ula morava em algum lugar de L.A. Levantou o dedão na estrada e percorreu todo o trajeto até o sul da Califórnia, pegando carona principalmente com jovens brancos de cabelos compridos.

Descobriu a tia andando pelas ruas de Watts e perguntando a todo mundo que encontrava se conhecia uma tal de Ula Rivers.

— Byford é interior puro — Juanda estava dizendo. — Quer dizer, ele vai descalço a todo lugar e só bebe em copo de vidro de geléia. Às vezes ele chega até a ir à fossa do quintal se alguém estiver no banheiro e ele não conseguir se segurar...

Eu poderia ficar escutando Juanda falar por semanas a fio sem me cansar. Ela era lá de baixo, Louisiana e Texas, era mais nova que eu mais de vinte anos, mas poderíamos ter sido irmãos gêmeos criados na mesma casa, embaixo do mesmo sol.

Eu conhecia muitas adolescentes como ela, que freqüentavam a Sojourner Truth. Mas eram crianças e eu tinha a idéia equivocada de que tinha deixado minhas raízes grosseiras para trás. Tinha apartamentos e uma dúzia de ternos que custavam mais de cem dólares cada. Mas um vestido apertado num corpo forte de uma moça do interior, junto com uma conversa fiada de criança que eu não ouvia desde que eu era moleque, fizeram meu coração vibrar.

A conversa de Juanda era como comida caseira para mim depois de cinco anos servindo o exército na África e na Europa. Não parei de comer durante uma semana inteira depois que voltei pra casa.

Fomos em direção ao oeste, rumo à rua Grand, lá no centro. Lá chegando, fomos para um hotelzinho chamado The Oxford. Tinha um bom restaurante no primeiro andar chamado Pepe's. O maître era um iraniano rechonchudo de cor dourada, chamado Albert, que gostava de mim porque certa vez eu provei que ele estava em San Diego quando a casa da mãe de sua mulher foi roubada. Albert tinha se casado com uma mulher branca, cujos parentes o odiavam. Ele nunca tinha vivido um racismo daquela natureza antes. Sendo persa, não gostava de muitos outros povos, mas nunca por algo tão absurdo quanto a cor da pele ou o sotaque.

— Sr. Rawlins! — disse ele, abrindo um largo sorriso.

A sala tinha pouca luz porque, como a maioria dos restaurantes de L.A., o Pepe's não tinha janelas. Isso porque o sol das terras do sul era tão forte que o calor gerado pelas janelas não permitia que a gente jantasse numa boa.

A maioria das quinze mesas estava arrumada para dois na hora do almoço. As cadeiras tinham braços e assentos de couro estofado.

A sala de jantar estava quase cheia. Todos os outros clientes eram brancos.

Albert levou-nos para uma discreta mesa de canto que tinha um banco estofado para dois. Ele não disse nada sobre o couro falso de Juanda, nem sobre a roupa reveladora. Ele teria nos recebido mesmo se estivéssemos usando jeans e chapéus de palha.

Depois de nos ver instalados, Albert perguntou:

— Há alguma coisa que a senhorita não goste de comer?

— Juanda? — disse eu, passando a pergunta para ela.

— Não gosto de abobrinha, nem de peixe — disse-me ela.

— Então não vou lhe trazer nada disso — disse Albert.

Ele se afastou e Juanda soltou um longo hummm apreciativo.

— Você vem muito aqui? — perguntou ela.

— Não venho muito não — disse eu. — Fiz um favor a Albert certa vez e ele me disse que eu sempre poderia comer aqui de graça.

— E o pessoal que é dono do restaurante não fica louco da vida com ele por causa disso?

— O dono do hotel é irmão dele.

— Pôxa!

— Juanda?

— O que é, Easy? — Até o jeito dela falar o meu nome me deixava de barato.

— Você conhece um homem chamado Piedmont?

— Am-ram.

— Como que ele é?

— É um homem. Braços grandes e compridos, olhos esbugalhados. Já foi boxeador, mas depois se machucou feio e quando ficou bom já tava com preguiça demais para voltar pra academia outra vez.

— Ele é um barra-pesada como o Loverboy?

— Não. Ele é legal.

— Suas saladas — disse Albert.

E colocou dois pratos à nossa frente. Eram saladas onde havia principalmente alface crespa, tomates-cereja, vagens cortadinhas e um molho vinagrete com bastante alho.

Juanda adorou. E eu adorei ela ter adorado.

— Você sabe como é que eu entro em contato com o Piedmont?
— perguntei, enquanto ela comia sua terceira fatia de pão francês.

— Por quê?

— Porque acho que ele pode me ajudar a encontrar um homem que estou procurando.

— Será que eu posso ao menos terminar a minha salada antes de você começar a me fazer tudo que é tipo de pergunta? — perguntou ela num tom brincalhão.

— Claro! — disse eu.

Observei-a concentrada na alface e no pão. Comeu tudo o que tinha de verde, menos a vagem, e depois usou o pão para aproveitar o molho.

Albert devia estar de olho na gente, porque assim que ela terminou ele trouxe o prato principal. Era peito de galinha recheado com presunto e queijo branco, acompanhado por um purê de batata com molho de conhaque.

— Está do seu gosto, senhorita? — perguntou a Juanda.

— Uma delícia! — disse ela.

Essa observação fez um grande sorriso aparecer naquele persa redondo. A linha dos cabelos estava recuando e os olhos eram espertos, mas Albert era um homem no qual eu sabia que podia confiar.

Depois que ele se afastou, Juanda disse:

— Eu não sei se devo falar do Piedmont com você.

— E por que não?

— Porque aí você não vai me procurar mais.

Olhou bem nos meus olhos e eu gelei, percebendo que o que ela acabara de dizer era verdade.

— Eu vivo com uma mulher — disse eu.

— Vai me beijar ao menos uma vez?

— Tenho dois filhos — continuei —, três se você contar aquele que foi embora com a mãe há onze anos.

— Só um beijo, e você tem de prometer que vai me ligar de novo pelo menos mais uma vez.

Eu não estava pensando em Nola ou Geneva ou Bonnie naquela hora. Inclinei-me para dar um selinho nos lábios de Juanda, mas quando os dedos dela acariciaram meu pescoço, eu me demorei e até cheguei a dar uma bitoca delicada na garganta dela.

Quando voltei à minha posição original, Juanda estava sorrindo.

— Ele mora em Croesus, a pouquinhos quarteirões da esquina onde você me conheceu — disse ela. — Não sei o número, mas é aquela casona vermelha horrorosa que tem uma porta laranja.

Albert trouxe crème brûlée de sobremesa e Juanda ficou no sétimo céu.

Quando voltamos para o carro, destranquei a porta do passageiro e abri para ela entrar.

— Está vendo? — disse ela. — Você abriu a porta para mim, mesmo depois de ter uma dúzia de filhos.

No trajeto de volta à sua casa, Juanda falou sobre suas experiências no ensino médio. Tinha ido para a Jordan High e tirava boas notas, até estar no meio do segundo ano.

— ... aí eu comecei a embromar — disse ela.

— O que que aconteceu?

— Conheci aquele cara. O nome era Dean e ele era maaaravilhoso! Era. Já tinha largado a escola, mas entrava sem ninguém perceber pelo quintal da escola e ficava do lado de fora do meu dormitório esperano a hora de eu passar. Eu falava pra ele que tinha de ir pra aula, mas ele punha a mão na minha cintura e eu não conseguia dizer não. Acabaram me expulsando.

— Você expulsa? Por quê?

— Porque eu não tomava jeito — disse ela. — Porque eu achava que era mulher feita e que eles não podiam mais me tratar feito criança.

Os quebra-quebras, a morte de Nola Payne e o peito de Juanda, que subia e descia, estavam latejando nas minhas veias. Fiquei feliz quando chegamos ao quarteirão onde ela morava.

Estacionei no meio-fio. Ela se virou nara mim P tocou meu hraco

— Cê vai me ligar de novo, certo? — perguntou ela.

- Vou.
- Quando?
- Em dois dias no máximo.
- Ainda tá com o meu número?

Recitei-o, pois sabia de cor. Aquilo fez Juanda sorrir. Pulou para fora do carro e eu acelerei. Pelo retrovisor eu vi que ela estava acenando em despedida.

CAPÍTULO 23

Bati na porta laranja-vivo. Depois bati de novo. Não sei quanto tempo fiquei ali. Não estava com pressa. Tinha morte, sexo e raça na cabeça. Fosse qual fosse a direção para a qual virava meu cérebro, era sempre uma com vastos problemas.

— Esse que é o problema da maioria dos negros, Easy — disse-me certa vez o Jackson Blue. — Os brancos acham que somos burros, mas é exatamente o contrário. A gente está com tanta coisa na cabeça o tempo todo que não tem tempo para detalhes como a hora certa ou o quanto que é o aluguel. Merda. Ali estava ele fazendo perguntas sobre divisões de números grandes e você pensano nas pernas longas de Lisa Langly, com quem você vai brigar agora por causa dela e porque esse branco feioso acha que qualquer coisa que ele diz faz diferença quando você sai pra rua.

Sorri lembrando as palavras fluentes do gênio covarde. Jackson era o cara mais inteligente que eu tinha conhecido nessa vida. Pensei que talvez devesse conversar com ele sobre os quebra-quebras, depois que tivesse terminado meu trabalho oficial.

A porta laranja abriu. Um homem alto com a roupa vermelho-cereja do pastor de almas estava à minha frente.

— Sim? — disse ele.

— Você é Piedmont?

— Não. Meu nome é Lister, reverendo Lister. Quem é você?

— Meu nome é Easy Rawlins, reverendo. E preciso ter uma conversa com um homem chamado Piedmont.

— O irmão Piedmont não está aqui agora — disse o ministro com um sorriso fino como papel em seus lábios bem desenhados. — Qual é o seu negócio com ele?

Lister era da cor do couro curtido que tinha ficado tempo demais exposto ao sol. Não era de pele clara, mas era mais claro do que eu já tinha sido um dia. Todos os traços de seu rosto eram pequenos, mas bem-feitos. Já as mãos eram fracas e ele tinha grandes pés descalços. Os ombros eram pequenos, mas ele os carregava com autoridade, de modo que resolvi tratá-lo com o respeito exigido por ele.

— O sr. Piedmont deu uma carona a um homem uma noite dessas. Esse homem está meio encrencado e Piedmont é a única pessoa que pode livrar a cara dele.

O ministro vestido de cereja avaliou-me durante um bom tempo, e finalmente sorriu e concordou com um aceno de cabeça.

— Entre, irmão Rawlins — disse ele. — Podemos esperar o Harley juntos.

Entramos numa sala grande. Devia ser quase todo o primeiro andar de uma casa de três pavimentos. O assoalho de pinho, as paredes e o teto estavam todos pintados de vermelho-vivo. Essa

câmara estava vazia, exceto por um sofá cinza de uns três metros e meio, encostado na parede oposta com um estradozinho na sua frente.

Essa sala, tive certeza, era a igreja de Lister. Quando a congregação estava fazendo seu culto, devia ter cadeiras dobráveis para seus acólitos.

Fomos até o longo sofá cinza e Lister me convidou a sentar com um gesto. Depois que me acomodei, ele se sentou a uma certa distância. Assim que se instalou, entrou uma mulher usando um vestido púrpura enrolado no corpo. Tinha um copo em cada mão e um pano amarelo enrolado na cabeça.

Parou a pouco mais de um metro de Lister e fez um aceno de cabeça.

— Limonada? — perguntou ela.

— Sim, Vica — disse Lister. — Sr. Rawlins?

— Claro!

A mulher, uma menina, para falar a verdade, serviu o ministro primeiro e depois me passou um copo. Olhou diretamente para mim e sorriu. Sua franqueza fez surgir em mim um momento de timidez, de modo que baixei os olhos. Foi então que notei que ela estava descalça.

— Vica! — disse Lister.

— Sim, reverendo?

— Quando o irmão Piedmont chegar, você poderia lhe dizer que o sr. Rawlins está aqui querendo falar com ele?

— Sim, reverendo.

Ela saiu da sala.

— O irmão Piedmont não vai entrar pela porta da frente? — perguntei.

Em vez de me responder, Lister perguntou:

— Qual é o nome dele?

— De quem?

— Do homem que precisa da ajuda de Harley.

— DeFranco — disse eu sem titubear. — Bobby DeFranco. É branco.

— Entendi.

— Os pés descalços significam alguma coisa? — perguntei.

— Jesus andou descalço pelo mundo — disse Lister. — Os nossos ancestrais também, embaixo do sol africano.

Perguntei-me se a África toda andava descalça, mas eu não queria discutir. Queria manter o ministro falando para não ter de lhe contar muitas mentiras. Tomei um gole da limonada. Estava muito doce para o meu gosto, mas tinha acabado de ser feita.

— E a Vica? — perguntei.

— Que que tem ela?

— Trabalha para o senhor?

— Trabalha para Nosso Senhor, como todos nós, irmão.

Havia um toque de fanatismo na voz do ministro. Mas eu não me importei. Já tinha ouvido falar que situações extremas exigem

medidas extremas. Viver em Watts era extremo trezentos e sessenta dias por ano.

— Vinte e três adultos vivem aqui conosco, irmão Rawlins — disse Lister. — As mulheres servem e criam os filhos, enquanto os homens trabalham para ganhar o nosso pão.

— Não ouvi barulho de criança.

— A escola fica no porão. — Ele sorriu e depois acrescentou; — Pensei que você tinha vindo se juntar a nós.

— Juntar-me a vocês para fazer o quê?

— Conseguimos converter seis pessoas durante os quebra-quebras — disse ele. — Gente procurando um fio de esperança num mundo que enlouqueceu.

— Talvez não seja má idéia — especulei. — O que é preciso fazer para ser um dos seus?

— Não é muito. Entregar-se completamente a Nosso Senhor. Dedicar sua vida e suas posses terrenas à sua família.

— Só isso?

O reverendo Lister sorriu.

— Você conhece ele, Harley? — disse ele olhando para mim, mas falando com outra pessoa.

— Não, tenho certeza.

A voz vinha de uma porta atrás do ministro vermelho. Um mulato alto com braços compridos e olhos esbugalhados apareceu. Usava uma jaqueta Nehru cinza e blue jeans. Havia uma mancha saliente no meio da sua testa.

Enquanto Piedmont se aproximava de nós, o ministro se levantou.

— Vou deixar vocês à vontade para resolverem seus negócios — disse ele. — E, irmão Rawlins...

— Sim, senhor?

— Sua vida é a única coisa que você tem de dar realmente.

Virou-se e saiu. Observei-o, pensando, meio ressentido, que o que ele tinha dito talvez fosse a lição mais importante da minha vida.

— Eu o conheço, meu irmão? — perguntou Piedmont enquanto se sentava no sofá.

— Nola Payne — disse eu. — E Peter Rhone.

Eu ainda estava falando quando ele se levantou.

— Vamos conversar lá fora — disse ele.

Piedmont tinha pernas compridas também. Tive de me levantar de um salto e correr para alcançá-lo quando estava chegando à porta. Passou por ela e eu o segui, mas depois de cruzar a soleira eu me virei para olhar mais uma vez para a sala de visitas consagrada. Vica tinha voltado e estava recolhendo o copo de limonada que eu pusera no chão, na minha pressa de sair. Tinha dobrado um joelho só, uma voluptuosa vela púrpura com uma bandeira amarela afundando num mar vermelho. Eu tinha prendido a respiração quando Piedmont puxou a porta laranja e fechou-a.

A partir daquele momento, passei a acreditar que um dia eu seria levado a entregar a minha vida e que, quando chegasse a hora, eu iria numa boa.

Estremeci com a idéia e virei-me para me afastar dali.

CAPÍTULO 24

Na calçada e duas casas mais para baixo, Harley Piedmont parou de andar e me enfrentou:

— Que porra que você quer, seu tição?

Lembrei-me que aquele sujeito de olhos saltados tinha sido boxeador. Em geral os boxeadores são homens pacíficos fora do ringue, mas quando se sentem acuados podem ser muito perigosos.

— Vim numa boa, irmão Piedmont — disse eu com brandura, mantendo as mãos estendidas ao longo do corpo. — Acabei de ser contratado por uma mulher chamada Geneva Landry para descobrir o que aconteceu com a sobrinha dela.

Os olhos de Piedmont ficaram mais arregalados ainda e uma baga de suor escorreu de uma linha que corria em ziguezague pela sua testa, entre os olhos, formando uma gota grande na ponta do nariz. A gota ficou ali pendurada precariamente como uma cinza comprida na ponta de um cigarro aceso.

Vê-lo suar me fez lembrar que o dia estava quente. Talvez ele só estivesse com calor. Ou talvez tivesse voltado à casa de Nola e estuprado e matado a moça.

— O que que aconteceu com a Nola? — perguntou ele.

— Foi o que eu perguntei ao sr. Rhone — disse eu. — Ele me disse que ela ligou para você, pedindo para levá-lo para casa lá em Palms. Por isso me perguntei se você não teria conversado com a jovem dama outra vez, depois de deixar o moço em casa.

— E por que eu faria isso?

— Talvez para lhe dizer que ele tinha chegado bem em casa — sugeri.

— Talvez porque vocês fossem amigos. Tudo o que eu sei é que Geneva está completamente fora de si e a polícia não quer saber dela.

— Polícia? O que que a porra da polícia tem a ver com isso?

— Você tá ouvindo? — perguntei. — A Nola sumiu. Isso é caso de polícia.

— Cara, quem que pode saber para onde ela foi, ou por quê? Talvez ela esteja com o namorado. Talvez, talvez... — Mas ele não conseguiu imaginar nenhuma outra explicação.

— É — disse eu, concordando com o silêncio dele.

— E então que porra é isso pra você? — Piedmont estava se sentindo acuado de novo.

— Eu só preciso saber se você se encontrou com ela outra vez depois de levar o Rhone pra casa.

— Não! — disse ele bruscamente.

Deu um passo para longe de mim.

— Talvez alguém da casa vermelha saiba — disse eu.

Aquela simples especulação fez com que ele parasse.

— Não. Fui eu que levei o cara. Por que diabos você acha que a congregação ia saber de alguma coisa?

— Não sei — disse eu. — Depois que você pôs seus cinquenta dólares no cofre da comunidade, talvez a comunidade tenha mandado alguém agradecer a ela, ou algo do gênero.

Eu sabia muitíssimo bem que Piedmont não tinha doado o dinheiro que ganhara levando o Rhone para casa. Quando entrou para a congregação, talvez não tivesse nem vinte dólares em seu nome. Agora que era um membro em boa situação, provavelmente fazia bicos de vez em quando, doando o dinheiro para o cofre comunitário. Mas uma quantia grande como os cinquenta dólares que ganhara de Pete Rhone foi para o seu bolso tão silenciosamente quanto um tubarão mergulhando abaixo dos pés de um nadador em movimento.

— Por que que cê tá quereno bulir comigo, cara? — perguntou ele.

— Tudo o que eu quero, sr. Piedmont, é que me diga o que sabe sobre a noite em que levou aquele homem branco para casa.

— Eu parei na frente da casa dela — disse ele. — O homem branco pulou dentro do carro, disse onde que ele morava e eu levei ele lá. Só isso.

— A Nola desceu para vê-lo ir embora?

— Desceu. Acho que sim. Quer dizer, ele acenou para a porta, mas ela não apareceu.

— Você viu mais alguma coisa?

— Não, cara. Eram três da manhã. E ainda tinha o toque de recolher. Não tinha ninguém na rua, fora eu e aquele moço branco... e um velho esmoleiro empurrando um carrinho de compras e que mora num terreno baldio no fim da rua.

Por um momento vi tudo branco. Era como se eu tivesse sido atingido por um raio e tudo estivesse brilhante e sem cor.

— Que velho esmoleiro? — murmurei.

— Num sei o nome dele. Tudo que eu sei é que ele mora embaixo de um telhado de papelão no fim da Grape.

— Há quanto tempo?

— Há quanto tempo o quê? — perguntou ele.

— Há quanto tempo ele mora lá?

— Uns meses. Não sei. Os mendigos andam pra lá e pra cá por aqui. Eu só sei quem ele é porque um dia ele me pediu uma moedinha. Eu mandei ele arranjar um emprego.

— No fim da Grape onde? — perguntei.

— Por quê?

— Não tem por quê — disse eu. — Onde?

Por um instante achei que Piedmont tinha se irritado com meu tom de voz. Houve até um movimento nos seus ombros, indicando que ele estava pensando em jogar alguma coisa em mim. Teria sido o maior erro de sua carreira de boxeador. A raiva que eu estava sentindo naquela hora teria quebrado a mandíbula dele, e mais umas costelas. Ele viu a fúria e me disse onde ficava o terreno baldio.

Fui para o meu carro primeiro. Lá eu peguei a alavanca de ferro do macaco e depois fui para o terreno baldio. Ficava entre o que um dia tinha sido um mercadinho e a cerca de corrente do lar de uma família de um único membro. Ele tinha arrumado umas dez ou doze folhas de papelão grosso de encontro à parede do mercadinho.

Arranquei o telhado de papelão com dois golpes do meu porrete de ferro. Estava prestes a dar outro golpe, mas não havia ninguém em casa. Sorte minha, porque eu o teria

matado se ele fosse quem eu suspeitava.

Naquele barracão improvisado havia todos os confortos da vida num acampamento. Uma garrafa de vidro cheia de água até a metade, um lençol verde sujo em cima de um colchonete de espuma. Ele tinha um garfo e três latas de sardinha, um prato de porcelana lascada e três revistas Playboy. Na sua única parede sólida, ele tinha rabiscado um poema com batom vermelho.

Moças sujas acabam com. lama no olho Comem larva de mosca e morrem

Quebram a cabeça coisas ruins coisas ruins Elas todas morrem na minha despensa.

Embaixo do travesseiro imundo havia uma lata quadrada com o emblema de uma coroa em cima da silhueta da cabeça de um homem no centro da tampa. Dentro da lata havia três cápsulas de revólver calibre 22.

Ajoelhei-me no meio daquela sujeira e recostei a cabeça na parede. A raiva que eu estava sentindo era monumental. Meus pensamentos voltaram para meses atrás, concentrando-se numa jovem chamada JackieJay e no seu namorado do Orient Medi, Musa Tanous. Jackie tinha sido espancada até morrer e os tiras acharam que o assassino tinha sido o Musa. Mas eu comecei a pensar que um vagabundo chamado Harold tinha feito aquilo. Encontrei a coleção de bonecas de Jackie no barraco de Harold e vi algumas de suas roupas no carrinho de compras que ele tinha roubado.

A polícia não acreditou em mim e eu nunca mais vi o Harold. Mas estava convencido de que ele tinha matado Jackie porque ele pensava que Musa era branco e queria punir a mulher negra que tinha se tornado amante de um branco.

— Ei, você aí, Easy Rawlins! — gritou alguém.

Não respondi. Eu não sabia quem estava me chamando, mas agora não conseguia tirar da cabeça Harold e Jackie. Nola estava numa cama prateada num quarto branco, escondida pela mesma polícia que tinha se recusado a acreditar na minha história.

— Ei! — gritou a voz novamente.

Percebendo o tom de ameaça na voz, meu corpo se ergueu sem eu querer. Virei-me e vi que estava na frente de quatro homens, e o que estava na frente era Newell.

— Você me socou ontem, seu filho da puta — disse o homem de ombros largos.

Levantei meu porrete de ferro em resposta.

Dois dos homens que estavam com ele deram passos involuntários para trás.

— Que é isso, gente? — disse o terceiro.

— Tá pensano que eu tô cum medo desse pé-de-cabra aí? — perguntou-me ele.

Dei-lhe um chute no saco e depois brandi a barra de ferro contra seus coleguinhas, acertando um deles no ombro.

— Tira essas merdas daqui, senão eu vou matar ocês tudo, seus babacas!

Eles saíram correndo e eu não os culpei por isso. Easy Rawlins estava

completamente louco naquele momento. Louco varrido.

Newell estava no chão gemendo quando me ajoelhei a seu lado.

— Tá quereno que eu comece a bater em você com esse negócio aqui? — perguntei.

Ele sacudiu a cabeça, dizendo que não.

— Agora cê tá com medo desse pé-de-cabra aqui?

Ele fez que sim com a cabeça, de modo que eu sabia que ele estava em condições de entender as palavras que eu disse.

— Qual é o nome do mendigo que morava aqui?

— Harold — disse ele num sussurro de dor.

Deixei-o ali para uma outra pessoa salvar. Salvar não era o meu negócio naquela hora. Eu estava pronto para sair e matar um homem chamado Harold.

CAPÍTULO 25

Entrei na delegacia de polícia da rua Setenta e Sete menos de quinze minutos depois de largar o Newell naquele lugar. Saí do carro com a alavanca do macaco na mão, mas quando uma mulher que ia passando fez um movimento brusco com a cabeça e pulou para longe de mim, percebi que seria melhor abaixar a arma.

Voltando ao carro, sentia cada passo como se estivesse andando na água. Estava perdendo tempo. O que eu precisava fazer era encontrar o Harold e matá-lo. Abri o porta-malas e joguei a alavanca do macaco lá dentro e depois corri a toda velocidade para a delegacia.

Corri até a porta da frente, ofegando e suando. Qualquer pessoa que olhasse para mim ia pensar que eu era um homem em apuros. Tenho certeza de que foi isso que o sargento da recepção pensou.

- Sim? — perguntou ele, examinando-me da cabeça aos pés.
- O investigador Suggs, por favor — disse eu.
- E quem é você?

A única coisa que me lembro daquele homem branco era que tinha os cabelos vermelhos. Cabelos vermelhos como os de Nola Payne. A Pimentinha assassinada por Harold, o mendigo. Se pensamento matasse, um monte de gente teria caído dura no chão por mais de um quilômetro e meio à minha volta.

- Easy Rawlins — disse eu. — Easy Rawlins.
- E qual é o seu problema, sr. Rawlins?
- Assassinato — disse eu. — Ele me procurou por conta de um assassinato e eu descobri uma coisa que ele vai querer saber.

Dava para ver o tira tentando bloquear meu caminho com uma lógica silenciosa da cabeça dele. O homem parece louco, deve ter pensado ele, e o Suggs só passava pela delegacia da rua Setenta e Sete. Eu provavelmente não o conhecia.

Havia poucos policiais na delegacia. Suponho que estivessem fazendo hora extra, tomando providências para que o pessoal do bairro não os queimasse vivos.

— Sente-se — disse o ruivo.

Fui até o banco que ficava na frente da sua mesa, mas continuei de pé.

— Eu disse para se sentar — ordenou o sargento da recepção.

— Num quero sentar — disse eu.

— Você escutou o que ele disse — falou uma voz ao meu lado.

Era de um tira alto de uniforme, que estava perto de mim. Tinha cabelos grisalhos, mas o rosto era jovem, e estava com a mão no cassetete. Eu não lhe disse nada, só continuei ali de pé, olhando fixamente para ele.

— Está querendo que eu faça você sentar? — perguntou o homem grisalho de cara de criança.

— Vá se foder!

— Corless! — disse uma voz que eu conhecia. — Fica na sua.

— Mas, tenente...

— Fica na sua — repetiu o investigador Suggs.

E se pôs entre eu e o esquentado policial de uniforme.

— Vá se foder! — disse eu outra vez.

O policial grisalho partiu para cima de mim, mas levou um gancho de esquerda surpreendentemente rápido, dado pelo detetive desleixado. Corless caiu no chão e, embora tenha tentado se colocar de pé novamente, as pernas cederam.

Suggs pegou-me pelo braço e levou-me por um corredor que ficava atrás da mesa do sargento, fazendo-me entrar num escritório

que tinha sido um depósito até três dias antes. Dúzias de resmas de papel estavam empilhadas na mesa que ele usava para trabalhar, e uma pilha de um metro de kits de primeiros-socorros estava encostada na parede. Havia uma prateleira cheia de revólveres no chão e um armário de arquivos cheio de talões de zona azul e outros materiais de trânsito que impediam a porta de abrir inteiramente.

Suggs bateu a porta na hora de fechá-la.

— Que que há com você, Rawlins? — perguntou ele. — Perdeu um parafuso?

— Eu sei quem matou Nola Payne.

— Quem?

— Um sujeito chamado Harold.

— Harold de quê?

— Não sei o sobrenome dele. Mas ele a matou. Tenho certeza.

— Como é que você sabe?

Contei a história de Musa Tanous e Jackie Jay a Suggs, do encontro que tive com Harold uma vez, e depois que vi coisas dela no barraco dele. Falei-lhe sobre os bilhetes pirados que ele deixou perto da cena de ambos os crimes.

— Nola e o homem branco com quem ela estava tinham se tornando amantes, ou pelo menos o Harold achava que tinham. Seja como for, ele a matou por ela ter levado aquele homem branco pra casa.

Resolvi deixar Peter Rhone, Harley Piedmont e Juanda fora da história. Eu sabia quem era o assassino, mas se desse mais nomes

aos tiras, eles podiam sair atrás de algum outro. E eu não estava a fim de que isso acontecesse.

— Como é que você sabe que o Harold estava no bairro? — perguntou Suggs. Era um bom policial.

— Andei por lá — disse eu. — Só para ver como estavam as coisas e dar uma olhada na tapera dele.

— Sente-se, sr. Rawlins — disse Suggs.

Tirou uma caixa cheia de arquivos de uma cadeira dobrável de metal e bateu no assento algumas vezes para tirar a poeira. Depois subiu em cima de outras caixas para chegar à cadeira que ficava atrás da mesa antiga de madeira de bordo.

Eu também me sentei.

Os olhos cor de mel de Suggs pareciam estar me perguntando alguma coisa. Ele respirou fundo e suspirou.

— Num vou sair daqui enquanto você não fizer alguma coisa em relação ao Harold — disse eu. — Da última vez que eu falei com os tiras — bem aqui nessa delegacia —, eles disseram que eu estava louco por pensar que um mendigo poderia ser tão eficiente na hora de matar.

— Acredito em você — disse Suggs.

Não sei o que ele queria dizer com aquilo. Isto é, ele podia estar dizendo que acreditava que os tiras da delegacia diriam uma coisa daquelas. Mas

isso não significava que ele estava engolindo minha história sobre o Harold.

Suggs pôs a mão numa pasta verde que devia ter umas duzentas folhas de papel.

— Enquanto esperava que você aparecesse com alguma novidade — disse ele —, usei meu tempo dando uma olhada nos arquivos de casos de homicídio em aberto, relativos a mulheres da região. No começo eu só voltei um ano, mas agora já passei do sétimo...

Eu só tinha tido uns dias. Aquele tipo de trabalho significava que ele estava trabalhando quase 24 horas por dia.

— ...e descobri uma coisa estranhíssima — continuou ele, abrindo a pasta. Na capa ele tinha datilografado uma longa lista de nomes do lado esquerdo, com uma lista menor à direita. — Trinta e sete homicídios não esclarecidos de mulheres com menos de quarenta anos. A maioria delas estava envolvida com homens violentos. Mas seis não estavam, e quatro outras estavam com homens sem história de violência. A sua Jackie Jay era uma delas.

Ele abriu a pasta e pegou uma folha escrita à mão.

— Todas as dez foram estranguladas, algumas foram espancadas e uma foi esfaqueada depois de morta. Nenhuma foi estuprada. Não acho que a Nola Payne tenha sido estuprada. Duas das mulheres eram casadas com homens brancos.

Ergueu os olhos para mim e eu senti que uma porta tinha se aberto em algum lugar. Era como se eu tivesse ficado preso por tanto tempo que tinha-me esquecido até que havia uma porta para a liberdade. E agora que ela estava aberta, eu não sabia exatamente o que fazer.

— Descobriu isso só olhando nos arquivos? — perguntei.

Suggs concordou com um aceno de cabeça.

— Você está dizendo que alguém poderia ter entrado aqui, sentado no meio dessa bagunça e lido os arquivos e topado com essa lista?

— É. — A concordância de Suggs tinha um grande peso. — Quer dizer, eu sou bom à beça nesse tipo de trabalho. É por isso que eles me puseram nesse caso, mas alguém já deve ter mexido nisso aqui antes.

— E o que me diz de mulheres que foram mortas e que vocês encontraram os assassinos? — perguntei. — E o que me diz de homens inocentes na cadeia por causa de mulheres que o Harold matou?

Melvin não tinha pensado naquilo. Virou a cabeça em direção ao armário de arquivos cor de caramelo que estava no canto.

— Uma coisa de cada vez — disse ele. — Agora me fala o que você sabe sobre esse tal de Harold.

Contei-lhe tudo o que eu sabia. Não era muita coisa. Ele era baixo e a cor da pele era um marrom-médio. Lembro-me de que a linha dos cabelos estava começando a recuar e que ao menos metade dos pêlos da barba eram brancos. Quando o conheci, ele me pareceu ter uns cinqüenta anos, mas pensando melhor depois, achei que a vida na rua o envelhecera prematuramente. Tinha mãos grandes que pareciam um pouco inchadas. Passara pelo menos algumas noites na cadeia por bebedeira e andava com um carrinho de compras. A mãe ainda estava viva e morava em L.A., um fato que ele mencionou inesperadamente numa conversa de três minutos que

tive com ele. Nunca tinha me olhado diretamente nos olhos.

Suggs tomou nota enquanto eu falava e, quando terminei, ele fechou seu bloquinho com um estalo.

— Não é muita coisa — disse ele.

— Eu sei. Passei meses andando de carro pela zona sul de L.A. à procura dele. Mas esta é uma cidade grande. Pensei que ele podia ter emigrado. Mas, se a mãe está por aqui, eu tinha esperanças de que ele voltaria para vê-la, ou então que nunca tivesse saído da cidade.

— Vou mandar procurar esse tal de Harold — disse Suggs. — Mas você também deve sair por aí atrás dele. Descobriu alguma coisa sobre o homem branco que ficou com a Nola?

— Não.

— Bom — disse ele —. seja como for, talvez seja melhor assim. O escritório do Jordan não liga para nossas teorias sobre um Jack estripador negro por aqui. Não, senhor, não liga a mínima. Encontrem o homem branco e ponham o cara no espeto que nem um peru de Natal — esse é que é o barato do Jordan.

CAPÍTULO 26

Suggs acompanhou-me quando saí do recinto. Metade dos policiais da delegacia saíram para nos ver passar. Se eu tivesse vindo sozinho, podia ter entrado numa briga que eu não tinha a menor chance de ganhar. Suggs sabia disso e me acompanhou o trajeto todo até o carro. Lá estendeu novamente a mão para mim. Apertei-a. Fazia muito tempo desde que um policial branco tinha me olhado nos olhos. O mínimo que eu podia fazer era apertar sua mão, firmando nossa amizade.

Eu tinha urgência em sair pelas ruas à procura de Harold, mas sabia que não ia adiantar. Los Angeles é uma cidade grande. Qualquer um pode se esconder por aí. Há docas e pátios de

manobras de trens e tantas ruelas que levaria uns dois meses para você dar uma busca em todos eles.

Não, eu não iria longe andando de carro por aí, de modo que voltei para casa para ver minha bela família colcha de retalhos.

Frenchie, o cachorrinho amarelo, veio me cumprimentar na porta. Rosnou e latiu para mostrar sua desaprovação à minha presença.

— Cheguei!!! — gritei, pensando que Bonne e Feather podiam estar na cozinha conversando coisas de mulher e fazendo o jantar.

— Oi, Easy! — disse uma voz meio masculina.

Jackson Blue se levantou do sofá de dois lugares.

Jackson era muito escuro, esbelto e baixo. Eu o conhecia desde que era criança em Houston. Éramos o que você chamaria de amigos, mas ele certamente não era alguém em quem eu confiasse.

Aliás, nem a mãe de Jackson confiaria nele. Era um mentiroso compulsivo e ladrão de nascença; roubava desde que conseguiu fechar as mãos em volta do chocalho de outro bebê. Mas, do lado bom, ele sorria com facilidade, sabia de todas as fofocas importantes num raio de trinta quilômetros e tinha um QI que provavelmente não perdia muito para os maiores gênios da história.

Uma das qualidades mais cativantes de Jackson era sua covardia, combinada à disposição em se envolver com alguns dos piores criminosos que você pode imaginar. Estava sempre olhando por cima do ombro ou encolhido em algum canto escuro. Ria com facilidade e eu tinha certeza de que ele se mantinha esbelto daquele jeito para poder levar vantagem quando tivesse de fugir de algum furibundo sócio do crime.

— Jackson! — disse eu.

Agora que ele estava de pé, dava para ver que estava usando um terno de flanela cinza, feito sob medida, com uma camisa branca, uma gravata marrom-escuro e óculos de aros grossos e negros. Tentei imaginar por que ele estaria usando uma beca daquelas. Mas, fosse o que fosse que me tenha ocorrido, não havia justificativa para aquilo.

— Você gosta? — perguntou ele com um sorriso, erguendo os punhos e dando uma piscada.

— Halloween? — perguntei apontando para a roupa.

— Engraçadinho! Não. Este é um terno de homens de negócios. Sou um homem de negócios.

— Oi, meu bem! — disse Bonnie, saindo da cozinha.

— Papai! — gritou Feather, enfiando-se entre Bonnie e Jackson e batendo na minha perna.

Feather abraçou minha perna direita, Bonnie deu-me um beijo no rosto e Jackson meteu-se no meio, dando-me um aperto de mão. Foi um dos poucos momentos daquela época que me ficou na lembrança como pleno e cheio de paz. Lá estava eu, um homem cercado pela amizade e pelo amor.

— O tio Jackson diz que tem gente no Pacífico Sul com duas cabeças disse Feather.

— Só quando eles compram uma cabeça de alface na feira — expliquei eu.

Feather soltou uma risadinha e depois riu até cair no chão.

Bonnie levantou-a e eu a beijei.

— Que que cê tá fazendo aqui, Jackson? — perguntei.

— Sempre que alguém precisa de ajuda, vem procurar o Easy Rawlins — disse ele.

Talvez eu devesse tê-lo posto para fora. Eu já estava com dois ou três trabalhos de período integral para entregar na próxima semana. Jackson não merecia nenhuma consideração especial porque não inspirava a menor confiança. Mas ninguém que eu conhecesse tinha uma cabeça que nem a dele. E eu ia precisar de uma cabeça especial se quisesse encontrar Harold, o assassino de mulheres.

— Que que há, Jackson?

Bonnie fez Feather virar-se e arrastou-a de volta para a cozinha.

Jackson sentou-se no sofá de dois lugares e eu puxei um banquinho de dois degraus que Bonnie tinha comprado para poder alcançar as prateleiras mais altas.

— É a Jewelle — disse ele, ajustando os óculos enquanto falava.

— Desde quando você está usando óculos, Blue?

— Cê gosta? Arranjei eles a semana passada. Comprei em Beverly Hills — na estrada do Rodeo.

— Miopia? — perguntei.

Jackson sorriu.

— Não, meu irmão. Minha vista é perfeita. Mas um cara pequeno como eu precisa de uma certa margem de segurança, com todas essas pessoas violentas correndo pra cima e pra baixo na rua.

Passou-me os óculos e eu os experimentei. Era a mesma coisa que olhar pelo pára-brisa do meu carro — nenhuma diferença. Devolvi-os.

— Não entendi. Os óculos fazem você ficar com cara de intelectual. Pra que isso?

Jackson sorriu outra vez.

— Sabe, andei estudando a linguagem binária das máquinas — disse ele.

Os computadores tinham sido uma paixão de Jackson durante um certo tempo. Ele tinha ficado escondido num apartamentinho de sua amante, Jewelle MacDonald, por mais de um ano lendo sobre o funcionamento daquelas máquinas inteligentes.

Eu disse tudo isso concordando com um aceno de cabeça.

— Bom — disse ele —, faz um tempo eu decidi ver se dava para eu arranjar um emprego num banco ou numa companhia de seguros trabalhano com os computadores deles. Conheço as linguagens da IBM chamadas BAL e COBOL e FORTRAN. Conheço todos os circuitos e periferias, e o JCL também.

Eu não tinha a menor idéia do que ele estava falando, mas mesmo assim me deu prazer saber que um negro criado no gueto como Jackson conhecia todos os segredos dos ricos homens de negócios de cor branca.

— E o que que isso tem a ver com os seus óculos? — perguntei.

— Nas últimas cinco semanas, andei fazendo entrevistas pra ver se arranjo um emprego — disse ele. — No começo eu estava usando o meu terno azul-claro, mas logo vi que não era assim que um homem de negócios devia se vestir. Comprei uns Brooks Brothers, mas nem assim consegui emprego. Finalmente entendi que eu tinha de fazer alguma coisa sobre o fato de ser preto.

Ambos rimos. Se alguém era negro, esse alguém era Jackson. A pele, o jeito de falar, o jeito de rir de uma piada.

— Ocorreu-me — continuou ele — que, mesmo eu sendo pequeno, os brancos ainda ficavam com medo de mim. Aí eu tinha de dar um jeito de não meter medo neles.

— Putz! — disse eu com admiração profunda por sua solução inusitadamente sutil. — Então você pôs esses óculos com esses aros horrorosos para o pessoal do banco achar que você é um daqueles birutas que só pensam em computador.

— Fiz umas experiências esta semana — disse ele. — E três pessoas me disseram que eu estava contratado.

— Putz, Jackson! Putz! Você é um crânio!

Era raro eu elogiar o Blue. Ele sorriu para mostrar que tinha gostado.

— Este é que é o favor que eu preciso — disse ele.

— Pensei que era a Jewelle que precisava de ajuda.

— Ela precisa... de certa forma.

— Am-ram. Que que você aprontou dessa vez, Jackson?

— Não aprontei nada, cara. Juro.

— Ah, não? Então diga lá.

— Sabe aquele shopping center grande que tão construindo lá perto de Slauson? — perguntou ele.

— Aquele na Figueroa?

— Esse mesmo.

— Que que tem?

— O nome que saiu nos jornais é Bigelow Corporation — disse ele. — Mas você sabe que quase toda a grana vem da JJ. Ela está bancando o projeto, achano que vamo ficar ricos.

Fazia sentido que a jovem Jewelle e Jackson estivessem juntos. Ele era um técnico e um filósofo brilhante, enquanto ela tinha um faro para imóveis e finanças que me deixava de queixo no chão. E Jewelle não se importava de transar com um homem mais velho que ela umas boas décadas. Ela tinha morado com o meu corretor de imóveis, Mofass. Ele já tinha bem mais de sessenta anos quando morreu. E Jewelle também não fugia de um cara que levasse uma vida irregular. Mofass tinha morrido num assassinato-suicídio, protegendo Jewelle de uma tia homicida.

— .. .então — Jackson estava dizendo — preciso trabalhar até JJ se pôr de pé outra vez. Você sabe que ela teve de vender quase tudo o que tinha para ter o que comer. Aquela casa lá no desfiladeiro e todos os prédios de apartamentos que ela tinha. Ela diz que vai morar comigo lá em Santa Mônica.

— E você gosta disso?

— Ela tá pagano as minhas contas já tem muito tempo, Easy. Não faz diferença se eu gosto ou não.

É preciso uma mulher para fazer um homem. É o que o meu primo Rames vivia dizendo. Eu nunca soube o que ele queria realmente dizer até aquele momento.

— E o que que é que você quer de mim, Jackson?

— Você lembra aquela secretária eletrônica que eu instalei para aquele negócio dos números?

— Você tá falano daqueles gângsters brancos que estavam querendo te matar? — perguntei. — Você tá falano da razão para ir

morar em Santa Mônica agora? Então eles não te encontraram para te dar um tiro na nuca?

— Pois é. — disse ele, olhando feio para mim. — Eu quero pôr aquela máquina no telefone do seu escritório.

— Pra quê?

— É que eu dei o seu número como referência. Disse que seu número era do escritório da Tyler Office Machines. Eu disse que tinha consertado suas caixas registradoras e seus relógios de ponto.

Mais uma vez. Jackson não conseguia ir direto ao ponto, nem que fosse jogado de um precipício. Podia ter arranjado um emprego de escriturário ou secretário e aberto o caminho devagarzinho até a sala dos computadores. Mas não era assim que ele funcionava. Entrar rapidinho, passar a mão em tudo e depois correr como o diabo da cruz — era assim que Jackson funcionava.

— Tudo bem — disse eu. — Numa boa.

Cheguei até a sorrir.

Jackson não gostou daquilo. Estava pronto para me contar uma longa história bem triste, dizendo o quanto devia a Jewelle e que finalmente estava tentando assentar a cabeça e usar os miolos. Não estava acostumado a me ouvir dizer sim sem uma boa discussão.

— Que que há, Easy? — perguntou ele cautelosamente.

— A gente conversa depois do jantar — disse eu. — Aí a gente sai para dar uma volta e instala a sua bendita máquina, e talvez você possa fazer uma coisinha para mim.

CAPÍTULO 27

Bonnie e Feather tinham feito costeletas assadas com um molho jamaicano apimentado. Também serviram arroz com feijão roxinho e vagens cozidas com couve, couve-tronchuda, cebola e toucinho defumado. Havia bolinhos de milho para a gente pegar o molho e, de sobremesa, a favorita de Feather: gelatina de morango com uma xícara de sorvete de creme por cima.

Como a maioria dos homens naturalmente magros, Jackson tinha bom apetite. Repetia tudo três vezes e continuaria comendo se eu não o arrancasse da cadeira.

Beijeí minha filha chorosa para me despedir e pedi a Bonni para dizer a Jesus que, se ele ligasse, eu esperava vê-lo no dia seguinte.

— Tudo bem, Easy, em que tipo de encrenca você está metido?
— perguntou Jackson, quando estávamos a menos de um quarteirão da minha casa.

Eu podia tê-lo torturado, mas com Harold solto nas ruas, eu não estava com disposição para bancar o difícil. Conteí-lhe a história toda, começando da época em que ajudei Musa Tanous a provar que não tinha matado a linda adolescente Jackie Jay.

— E os tiras não acreditaram em você até essa nova mulher ser assassinada? — foi a resposta de Jackson.

— Só tem um policial que acredita em mim agora — disse eu. — Somos só nós três, se você quiser ajudar.

— Eu? Que que eu posso fazer, Easy?

— Conversar comigo, Jackson. Conversar comigo. Você é um dos únicos homens que eu conheço que pode falar das ruas comigo. Quer dizer, o Rato conhece as ruas, mas só conhece um jeito de fazer as coisas.

— Parece que é o que você ia gostar de fazer com um cara como esse Harold — disse Jackson. — O Rato faria a coisa certa numa situação dessas.

— Primeiro eu tenho de achar o cara.

Jackson concordou com um aceno de cabeça e recostou-se no banco. Depois coçou a orelha direita com um dedo de criança, e eu sabia que ele estava pondo a cabeça para funcionar em cima do meu problema.

Eu estava tão perturbado com o Harold, os quebra-quebras e a doçura da conversa de Juanda, que não havia muito espaço na minha cabeça para o raciocínio lógico. Eu precisava usar o Jackson como uma espécie de trampolim.

Chegamos ao meu escritório e instalamos a tal da secretária eletrônica dele. Era uma caixa grande que ele ligou diretamente na tomada. Quando o telefone tocava, ela atendia depois do terceiro toque e acionava uma mensagem gravada.

Jackson escreveu um discursozinho para eu fazer e eu o gravei sem nenhum sotaque do Texas ou da Louisiana na voz. Depois disso, Jackson pôs os pés na borda de uma pequena escarradeira que me servia de cinzeiro e segurou a nuca com ambas as mãos.

— O que que você acha desses quebra-quebras, Easy? — perguntou ele, adiantando-se a mim.

— Não sei.

— Eu também não. Eu também não. Só num consigo entender por que as pessoas vão pra rua e gastam tanta energia quando tudo o que você consegue é uma merda toda escangalhada que nem combina com o carpete da sua casa.

— Foi mais que isso, cara — disse eu. — As coisas estão fervendo e eles fincaram o pé no nosso pescoço há muito, muito tempo.

— Não estou vendo ninguém com o pé no pescoço da gente, Easy. — Jackson olhou em volta, indicando que só estávamos ele e eu na sala.

— Não? Eles algum dia mandaram uma carta pra fazenda da sua mãe pedindo para você ir pra faculdade e dizem que se sentiriam felizes se pudessem pagar os seus estudos?

— Claro que não!

— Algum dos seus professores lhe disse que você era a criança mais esperta da escola e que precisava ir para a faculdade?

— Cê pirou, Easy?

— Eles não arrumam essas coisas na Sojourner Truth toda hora, só fazem isso umas duas vezes por ano. E você sabe que isso está errado.

— E eu jogar pedra neles, vai mudar isso?

— Talvez não pra você.

— É evidente que não — disse Jackson. — Principalmente se eu for preso ou morto.

Eu ainda sentia o cheiro da fumaça das ruas no meu escritório.

— Preciso encontrar esse tal de Harold — disse eu. — Tem alguma idéia de onde ele possa estar?

— Eu não vou sujar as minhas mãos, Easy. Eu vou conseguir esse emprego aqui pra trabalhar com computador e nunca mais vou estar nessas ruas de novo.

— Tudo bem — disse eu. — Você só precisa me colocar na direção certa e cair fora. É só isso que você tem de fazer.

Eu podia ver minha linguagem voltando para minhas raízes sulistas. Jackson trouxe à tona o interior do país que ainda estava dentro de mim.

— Tem um cortiço que fica na margem do canal de Manchester, perto de Avalon. Cê conhece?

— Um bangalô cinza — disse eu — com janelas lacradas com ripas de madeira.

— Isso mesmo. É um cara branco que toma conta, um cara chamado Bill. Eu acho que ele era pregador ou padre ou algo assim, mas recebeu o chamado e fundou aquele lugar. Ele quer ajudar as pessoas que estão numa pior. Cê sabe que eu mesmo já estive lá algumas vezes. Antes de eu dar um jeito na vida e começar...

— A viver às custas de Jewelle — disse eu, cortando de cara a história que ele tinha inventado para parecer que estava se virando sozinho.

— Por que que você quer acabar com a minha raça, Easy? Acabar com a minha raça e depois me pedir um conselho?

— Me desculpe — disse eu. — Continue.

— O Bill é um cara legal. Gosta de negros e sabe daquele negócio de pé no pescoço que você estava falando. Quer dizer, ele faz parte do problema, mas é bem-intencionado.

— O que é que quer dizer isso de fazer parte do problema?

— É como se o médico que eu tinha me desse uma injeção de penicilina e de quinze em quinze dias eu caísse doente de novo — disse ele. — Finalmente, depois de um ano, fui à biblioteca médica

da UCLA e dei uma boa olhada naqueles antibióticos. Aí eu vi que ele nunca tinha me dado uma quantidade suficiente. Assim eu logo estaria de volta para tomar outra. Você sabe que aquele médico não passava de um traficante. A única diferença que ele tem do Bill é que o Bill não tem nenhuma droga para vender. Um prato de sopa, um sanduíche e uma cama de armar — é tudo quanto ele pode te dar. E você sabe, Easy, que quando você só tem a quantidade de remédio suficiente para manter a doença sob controle, ela fica mais forte e depois volta muito pior.

— Então você acha que o padre Bill lá pode saber do Harold? — perguntei.

— Sim, senhor. Com certeza. Todo irmão em maré de azar já esteve na casa do irmão Bill uma vez ou outra. Todos eles.

— E o que eu devo fazer?

Jackson sorriu e deu de ombros.

— Num vou sujar as minhas mãos, Easy — disse ele. — Mas isso não significa que você tem de sair dessa limpo.

No trajeto de volta para casa, conversamos sobre a ironia das implicações de “balas perdidas” e “conflito racial”. Usando isso como argumento, Jackson afirmou que havia uma espécie de necessidade matemática e poética que cria equilíbrio entre os extremos científicos, econômicos e sociais.

— Você não pode ter um homem rico se não tiver um homem pobre, Easy — disse ele. — Você não vai ter um chão limpo se não tiver um lugar onde colocar a sujeira.

— E o que que você vai fazer se conseguir esse emprego, Jackson?

— Trabalhar.

— Fala sério.

— Agora sou um outro homem, Easy — disse o homem que mais se parecia com um coiole negro na face dessa terra. — Chega de confusão, cara. Vou fazer um ninho para Jewelle e forrar ele com dinheiro ganho com o meu suor.

Esfreguei meu queixo machucado e fiquei pensando. Talvez o mundo tivesse mudado com os incêndios dos quebra-quebras. Talvez eu tivesse de desistir da ordem das coisas que eu sempre conhecera.

Isso me deixou inseguro e esperançoso como um homem fraco de fome que topa com uma loja vazia sem ninguém lá dentro, mas cheia de iguarias. Quanto eu conseguiria comer antes que eles chegassem e me pusessem para fora?

CAPÍTULO 28

Jackson deixou-me na calçada em frente à minha casa. Subiu numa caminhonete amarela. Eu tinha certeza de que devia haver uma história escusa em relação ao fato de ele estar dirigindo aquela caminhonete, mas não fiz perguntas. Era muito tarde e ele queria chegar em casa e falar do emprego novo com Jewelle.

Bonnie estava nua em cima das cobertas. Mexeu a cabeça e soltou um grito abafado quando entrei no quarto, mas eu podia jurar que ela ainda estava dormindo.

— Mamãe? — gritou ela.

— Tá tudo bem — sussurrei.

— Papai?

— Dorme, vai.

Sentei-me na cama a seu lado e pus a palma da mão na testa dela.

Fiquei ali sentado olhando para o seu corpo. Bonnie tinha um corpo curvilíneo, mas esbelto, com uma grande moita de pêlos púbicos e coxas poderosas, fortalecidas com caminhadas que percorreram milhares de quilômetros em sua infância na Guiana.

— Eu tenho amor por eles — disse ela.

— Por eles quem?

— Pelos dois.

Ela podia estar falando das crianças ou dos pais, que ela pensava que tinham entrado no quarto. Mas minha imaginação desconfiada pulou para outra conclusão.

— Easy e Joguye?

— Quero ir pescar — queixou-se ela.

— Quem? — perguntei de novo.

— A gente pode pegar o peixão e descer até o mar, embaixo dos corais.

— Quem?

— O quê? — perguntou ela ainda dormindo. — O que foi que você disse? — perguntou, e agora eu sabia que ela estava acordada.

— Eu não queria te acordar — disse eu.

— O que foi que você me perguntou, Easy? — Ela se sentou na cama sem se cobrir.

— Você estava falando enquanto dormia.

— O que foi que eu disse?

— Alguma coisa sobre pescaria e corais no fundo do mar.

Bonnie sorriu.

— Estava falando da minha casa — disse ela. — O papai costumava me levar para pescar, mas parou quando comecei a me tomar mulher.

— Por que ele parou de te levar?

— Porque não queria me transformar num rapazinho, era o que ele dizia.

Eu queria lhe perguntar se Joguye Cham a tinha levado para pescar

quando passaram seu feriado em Madagascar. Mas minha coragem sumia quando ela estava acordada.

Levantei-me e dei dois passos em direção à porta.

— Você não vem pra cama? — perguntou ela.

— Ainda não.

— Que horas são?

— É tarde. Volte a dormir.

Saí e entrei na salinha de visitas. Alguns momentos depois Bonnie apareceu, usando seu penhoar. Eu sabia que Jesus devia estar em

casa, porque ela só punha aquela roupa para esconder o corpo de seus olhos ávidos de adolescentes.

— Você quer chá? — perguntou ela.

— Quero.

Sentamo-nos diante da mesinha da sala para tomar o chá, usando os frutos de nosso próprio limoeiro para dar um toque diferente.

Eu lhe falei de Harold e de Suggs, e das mulheres que foram assassinadas, mas ninguém sabia que havia uma ligação entre elas.

Ela me pediu para ir para a cama, mas eu disse para ela ir antes, porque não estava cansado.

— Mas você tem de dormir — disse ela.

— Tudo quanto eu tenho de fazer é morrer e pagar impostos — repliquei.

Depois conversamos sobre todo tipo de coisa. Sobre Jesus, que parecia estar se tornando homem sem toda aquela bobajada de rock and roll da adolescência que estava rolando em todas as outras casas do quarteirão. Conversamos sobre bananas-da-terra flambadas e bolos de frutas, e do tempo em que ela nadava nua no oceano.

— Eu nadava para tão longe que mal conseguia enxergar a praia — disse ela. — Eu fazia isso no verão, quando estava quente e só muito longe é que a água ficava fresca.

— Nadar em vez de entrar num quebra-quebra — disse eu.

— Acho que éramos mais livres naquela época — concordou ela.
— Quer dizer, dentro da gente. Éramos colonizados, mas mesmo

assim nosso lar pertencia a nós.

— Gostaria de ter visto você nadando mar afora — disse eu. — Gostaria de ser um pescador que pegava você na minha rede. Tem uma boa história de peixe aí.

Bonnie me beijou e depois se virou para apoiar a cabeça no meu peito.

Abracei-a, pensando nos oceanos do sul envolvendo-a como eu fazia com os meus braços.

CAPÍTULO 29

Quando o sol apareceu no horizonte, Bonnie e eu descemos para tomar café numa banca que ficava de frente para a praia em Santa Mônica. As areias estavam vazias às 6h15. Jogamos conversa fora durante um tempo e depois de tomar o café fomos passear na praia.

Bonnie era a primeira mulher a me fazer sentir culpado por ser homem. Eu ficava mal pelo fato do meu coração disparar toda vez que eu via Juanda. Eu tinha aqui uma mulher maravilhosa que via o mundo de uma perspectiva totalmente diferente. Ela sabia latim e tinha viajado muito pela África Oriental e por outros lugares. Era linda, de confiança, e nunca fazia perguntas sobre meu escritório biruta ou sobre o trabalho que eu fazia na fronteira entre a polícia e a L.A. negra.

Ela nunca exigiu que eu me casasse com ela, embora eu soubesse que era o que ela queria.

Resolvi não ligar para Juanda, quando estávamos caminhando pela areia.

Deixei Bonnie em casa às 10h45.

Às onze o dr. Dommer estava me dizendo que Geneva tinha entrado em coma.

— O que que aconteceu? — perguntei.

As sobrancelhas daquele homem fraco franziram-se como se duas grandes lagartas peludas tivessem levado um choque elétrico. Sacudiu a cabeça de um lado para o outro e fechou a cara.

— Não sei. Talvez houvesse algum problema que passou despercebido e que foi exacerbado pelo choque que ela levou — disse ele. — Mandei fazer um exame de sangue e mandei que lhe dessem um antibiótico. É tudo quanto podemos fazer por enquanto.

Pôs a mão no meu ombro por um momento e depois foi embora.

Ocorreu-me que Tina Monroe e eu éramos os amigos mais próximos da srta. Landry, e que não a conhecíamos bem. Geneva Landry era apenas uma parte dos diversos trabalhos que ambos estávamos fazendo.

Pensei em ir até o quarto dela, mas percebi que não havia tempo para aquele luxo.

Era tarefa minha encontrar Harold.

ALBERGUE DO BILL. As palavras tinham sido pintadas com spray laranja em cima da porta da casa cinza.

Eu estava com minhas roupas de trabalho outra vez. Estava com um par de sapatos que deviam estar no lixo, e sem meias. Os pêlos de minha barba já estavam aparecendo. Um número maior do que eu gostaria estava nascendo branco. Meus olhos estavam injetados de sangue e a pele embaixo dos olhos estava caída como a papada

de um peru. A falta de sono e de asseio deixaram-me perfeito para o plano de Jackson Blue.

A porta abriu, dando para uma sala grande com pé-direito alto. Havia uma mesa com espaço suficiente para duas dúzias de pessoas sentadas à esquerda, e uma mesinha em frente de quatro poltronas arrumadas em fila à direita.

Havia um ventilador de tamanho gigante girando em torno de um eixo num canto. Mas não ajudava muito a aliviar o calor.

Havia cadeiras por toda parte, e homens também — homens negros de todas as tonalidades, idades e grau de desintegração. Um grupo de quatro homens estava participando em altos brados de um jogo de dominó à esquerda da mesinha, enquanto grupos de dois e três conversavam aqui e ali. Um homem estava tendo uma conversa animada consigo mesmo ao lado da janela lacrada. Contei quinze na sala, comigo e o homenzinho atrás da mesa de noqueira, que parecia uma cobra.

O cheiro era como se os quinze homens estivessem em maré de azar. Havia odores corporais de todos os tipos, e os outros cheiros eram para mascarar ou limpar o ar empestado por eles.

A sala era iluminada por oito ou nove lâmpadas e um conjunto de lâmpadas de néon pendia do teto preso em cordas. Tinha de ser assim, pois todas as janelas estavam lacradas. Entre os cheiros e o desespero, a escuridão e a gritaria, senti-me pressionado como se a sala quisesse me expulsar.

Senti o estômago revirar e recuei diante da balbúrdia à minha frente. Meu disfarce estava completo, quando cheguei à mesa de noqueira.

— E aí, cara? — perguntou o homenzinho sentado atrás da mesa.

— Me falaram que eu podia ficar aqui — disse eu, sem olhar nos olhos dele.

— Quem falou?

Era um homenzinho com a pele ocre, sotaque do Mississippi e traços principalmente caucasianos — uma das milhares de misturas raciais surgidas no cadinho do Sul.

— Um cara chamado Blue — respondi.

— Blue do quê?

— Jackson Blue.

O homem empinou a cabeça para o lado esquerdo e olhou de esguelha.

— Onde foi que você o viu?

— Na Central. Eu conheci ele no Texas e ele tava bem vestido, e aí eu achei que podia me ajudar a sair da pior.

— E ajudou?

— Num me deu nada, mas falou daqui.

— Onde é que ele está morando? — perguntou aquele homenzinho traiçoeiro.

Naquele momento, percebi alguém atrás de mim. Virei-me depressa e gritei:

— Fica longe de mim, seus fé-da-puta! Pra trás!

Dois homens tinham se aproximado de mim. Um era gordo e forte, enquanto o outro era um tipo normal. O gordo usava uma capa impermeável, embora estivesse uns 30°C na sala. Seu amigo

estava com uma camiseta branca e jeans uns dois números maiores que o tamanho dele. Ambos deram um passo bem grande para trás.

Todas as discussões e jogos da sala pararam. Era exatamente o que eu queria. Eu precisava que os homens da sala olhassem para mim e metessem na cabeça que eu era o que parecia ser: um louco em maré de azar pronto a defender seu espaço.

— Ei! — gritou o homenzinho traiçoeiro. — Vocês dois sabem que têm de ficar longe da mesa quando estou conversando com um candidato.

Estava falando com os homens que eu tinha afugentado.

— E você — disse ele voltando-se para mim —, qual é o seu nome?

— Willy — disse eu. Willy Mofass.

À medida que fui ficando mais velho, passei a usar o nome de amigos mortos para disfarçar meus movimentos secretos. Faço isso em parte porque é fácil para mim lembrar o nome deles e em parte para mantê-los vivos — ao menos na minha cabeça.

— Bom, Willy — disse o homem —, você pode jantar sopa com pão e ter um lugar pra ficar por U\$ 2,00.

— Não tenho nem uma moedinha — disse eu. — O Blue disse que esse lugar era de graça.

— Num tem nada de graça nessa vida, irmão Willy. Num tem não. Você tem de pagar. Mas a gente pode dar um jeito por um dia ou dois. Mas você tem de dar uma grana se quiser ficar mais que isso.

— Porra, mas da onde que eu vou tirar U\$ 2,00 por dia? Se eu tivesse essa grana agora, comprava uma garrafa de uísque e ficava

embaixo de uns papelões lá perto do Metrô High.

Eu conhecia bem Los Angeles. Sabia onde os vagabundos iam para dormir sem que ninguém os incomodasse.

— O Bill vai te ajudar a arranjar um trampo — disse o homenzinho. — Mas é bom lembrar — nada de uísque aqui no meu estabelecimento. Nada de drogas, nem de álcool, nem de mulheres. Isso aqui é um albergue cristão para homens. E um lugar limpo.

Enquanto ele dizia isso, uma barata marrom-claro passou correndo pela mesa. O inseto era rápido, mas o porteiro era mais rápido ainda. Bateu naquela barata com tanta força que as únicas coisas que sobraram para identificá-la foram duas pernas e uma asa trêmula.

CAPÍTULO 30

Acampei na extremidade do sofá que ficava mais longe da mesa. O homenzinho traiçoeiro, Lewis era o nome dele, estava um pouco interessado demais para o meu gosto no paradeiro de Jackson. Por isso me sentei ali e li os jornais.

A Gemini 5 estava pronta para decolar. Os russos estavam dando esperanças de um tratado de paz no Vietnã. Mas as principais notícias eram sobre os quebra-quebras e as relações raciais em todo o território dos Estados Unidos.

As notícias forneciam mais combustível ainda para os receios de Gerald Jordan. Um padre católico e um seminarista foram baleados por representantes da lei em Hayneville, Alabama. Parece que estavam tentando integrar uma loja do interior do país. Lyndon Baines Johnson declarou que os participantes dos quebra-quebras

das ruas de Los Angeles não tinham nada a dever aos caras da Ku Klux Klan. Mais duas pessoas morreram, de modo que o número oficial de mortos nos tumultos subira para trinta e cinco. Numa declaração feita antes de sair de L.A., Martin Luther King dissera que não conseguira encontrar o tipo de liderança criativa e sensível entre nossas autoridades eleitas, capaz de resolver os problemas que causaram os quebra-quebras.

Até Martin Luther King desistira de chegar a uma solução sem violência.

— Oi, cara! — disse alguém.

Ergui os olhos e vi um homem jovem e alto com olhos brilhantes e um sorriso simpático, apesar de um dente quebrado e escurecido.

— Oi — respondi.

Ele se sentou no meu sofá a uns três palmos de distância, examinou-me de alto a baixo e perguntou:

— De onde que você é?

— Galveston. — O que era bem verdade. Eu tinha vindo de um monte de lugares. Baton Rouge, New Ibéria, Nova Orleans, Houston, Galveston e muitas outras cidades. Eu tinha estado na África, na Itália, na França e na Alemanha durante a guerra. E alguém tinha me baleado pelo menos uma vez em todos os lugares do corpo.

— Você conhece um cara chamado Tiny? — perguntou-me o jovem.

— Conheço uma verdadeira tropa de Tinys: um homem, outro homem, uma mulher e outro que não sei bem o que é.

O jovem sorriu outra vez.

— Sabe ler? — perguntou.

Respondi que sim com um aceno de cabeça e dobrei o jornal, pondo-o no meu colo.

— Eu quiria saber — disse ele.

— Por quê?

— Como assim, “por quê”? Você sabe ler, não sabe, seu tição? — Em questão de segundos aquele jovem simpático estava pronto para brigar.

— Tudo que eu fiz foi perguntar por que, cara — disse eu. — Sabe, as pessoas sempre têm um motivo pra fazer uma coisa e eu faço coleção de motivos.

— Coleção de motivos?

— É. Alguém fala que vai à igreja. Eu pergunto por quê. Quero saber se essa pessoa vai lá porque ama a Deus ou porque tem medo do inferno. Alguém me diz que gosta dos Estados Unidos e eu pergunto por quê. Sabe, uma vez conheci uma mulher que amava tanto um homem que faria qualquer coisa por ele. Mas ele batia nela praticamente todo sábado à noite. Quando eu perguntei pra ela por quê, ela disse, “Porque ele me dá flores todo domingo — só por isso”.

Quando terminei minha explanação, a raiva do jovem tinha desaparecido.

— Você é doido, tição! — disse ele.

— Você conhece um cara chamado Harold? — perguntei então.
— Um cara baixo, meio gordo. As mãos também são meio gordas.

O jovem sacudiu a cabeça dizendo que não.

— Não. Cê tem U\$ 5,00?

— Tenho meio maço de Lucky Strikes. Quer um?

Fumamos durante um tempo e mais dois homens vieram até nós. Pareciam irmãos com sua pele cor de carvão e olhos injetados de sangue. Ambos tinham cabelos compridos, grossos e embaraçados e cheios de poeira.

— Mickey — disse-me um deles.

— Terry — disse o outro.

Trocamos um aperto de mão e eu lhes dei cigarros. Todos nós fumamos e conversamos sobre as ruas. Eu menti. Eles mentiram. Todos nós rimos. E, aos poucos, comecei a me acostumar ao calor e à luz elétrica, aos odores e ao desespero.

Lá pelas seis, três negros — um velho, um jovem e outro nem velho nem jovem —, todos vestidos com calças e camisetas brancas e limpas entraram com tigelas baratas de metal que colocaram em volta de uma mesa grande. Também puseram talheres de aço e copos de plástico verde na mesa. Os residentes tinham começado a se levantar e ir em direção à mesa quando uma porta atrás de Lewis se abriu e um homenzarrão branco entrou por ela.

Era muito gordo. Tanto que os olhos ficavam praticamente fechados pela carne que pressionava de todos os lados. Depois de calcular a medida da cintura, percebi que o cara também era alto. Mais alto que eu, e eu tenho 1,85m. Pelo menos tinha quando mediram. Disseram-me que você encolhe com os anos de preocupação pelos quais passa.

O gordo não parecia ter se preocupado com alguma coisa algum dia.

— Oi, Bill! — gritou Lewis.

Dez ou doze dos residentes fizeram eco ao cumprimento daquela cobra.

Bill sorriu. Estava usando uma jaqueta verde e calças pretas. Os sapatos me fizeram lembrar de luvas de beisebol; e ele usava uma bengala cuja ponta nunca tocava o chão.

As mãos eram enormes com dedos que poderiam ter sido membros de um bebê. A densa cabeleira castanha cobria os lados da cabeça e a careca aparecia no meio daquela moita cerrada como se fosse uma ameia, ou uma lua.

Eu estava fascinado por aquele caucasiano maciço da mesma forma que algumas crianças brancas da Alemanha ficavam por mim e por minha pele negra.

Talvez ele tenha sentido o meu olhar. Virou a cabeça na minha direção e veio até o sofá. Levantei-me para cumprimentá-lo — um pouco por respeito e um pouco por medo.

— Bill — disse ele, apresentando-se.

— Willy — disse eu, mas estava tão impressionado que quase disse

Easy.

— Willy de William? — perguntou ele.

— Sim, senhor.

— Eu também sou William. Temos o mesmo nome, você e eu.

Achei que não havia mais ninguém no mundo capaz de fazer por um nome o que ele fazia. Poderia ter sido o imperador Bill. Bill, o Conquistador, Bill, o Magnífico.

Mesmo tendo passado a ser importante para minha investigação, o efeito de Bill sobre mim tinha a ver com outra coisa. Ele tinha todo o carisma do Rato numa embalagem apropriada para toda aquela grandeza. Um gigante que dominava tudo o que via, que tinha consciência de tudo em seu mundo. Eu tinha certeza de que o cumprimento de Lewis era o arroz-com-feijão da vida de Bill. Ele inspirava respeito sem exigi-lo, e até sem desejá-lo. Eu só estava na sua presença há um minuto ou dois e já tinha esquecido que ele era branco.

— Em maré de azar, Willy? — perguntou ele.

— Não sei — disse eu. — Acho que tem um monte de gente numa pior que eu. Eu pelo menos tenho um lugar pra dormir.

— Certo — disse ele. — Vem, senta comigo.

Segui o homenzarrão até um lugar na mesa e sentei-me à sua esquerda. Lewis pegou a cadeira à sua direita e depois o resto dos homens tomou seu lugar. Os homens de branco trouxeram uma sopeira grande e passaram de um em um, servindo uma porção de batatas com carne de boi, de carneiro e de galinha. Também serviram sanduíches de queijo ao passar por nós.

A comida era boa. Muito boa. Comi com apetite, lembrando que não tinha comido muito e quase não dormira desde que o investigador Suggs tinha me contratado para trabalhar para a Secretaria de Segurança de Los Angeles.

— De onde você é? — perguntou Bill.

— De Galveston — lembrei-me. — Lá da região das docas.

— Nunca estive lá — disse ele. — O que acha deste lugar?

— De Los Angeles?

— Não. Do albergue.

— Dá para usar numa boa — disse eu. — Sabe, era melhor sê pobre lá no Sul. Pelo menos você podia voltar pro campo e achar um celeiro pra dormir, pegar uns peixes, tinha poço cfágua. Aqui eles deixam você morrer de fome.

— Amém! — disse Bill, e não parecia uma coisa forçada. — Há quanto tempo está na cidade?

— Estou dentro de L.A. e na periferia tem anos — disse eu. — Só que parece que não consigo juntar dinheiro que dê para sair daqui. Mas ainda não desisti.

Depois disso, Bill voltou a atenção para seus outros hóspedes. Conversou com todo mundo, até com o homem que só conversava consigo mesmo.

Aquele homem se chamava Roderick, e quando Bill lhe perguntou como estava, Roderick disse: — Tem alguém querendo saber como é que cê tá, Rod. — E depois ele mesmo respondeu: — Estou muito bem, eles não deixam os médicos entrar e não deixam eles enfiar agulha nos meus olhos.

Aquilo me fez pensar em Geneva, e Geneva me fez lembrar de Nola Payne. Antes de eu me dar conta, Harold estava na minha cabeça.

O jantar durou uns quarenta e cinco minutos. Eu não queria ficar muito óbvio a respeito de Harold, porque alguém dali poderia avisá-lo. De modo que só comi e me maravilhei com Bil, o Rei do Albergue.

CAPÍTULO 31

Eu estava andando por um frigorífico lotado, usando apenas uma camiseta e calças de algodão. Estava congelando ali dentro. As carcassas eram de mulheres negras penduradas nos ganchos. Reconheci todas elas, mas não me lembrava de todos os nomes. Mulheres que eu tinha conhecido do Texas à Califórnia, como amantes e colegas de trabalho, vizinhas e amigas. Estavam nuas e duras, sem qualquer esperança de um céu ou de vida após a morte. Estavam penduradas em fileiras que nunca mais acabavam e ocorreu-me que aquilo bem podia ser o inferno. Não havia muita luz, mas eu conseguia enxergar. E, enquanto eu continuasse andando, pensei, não congelaria.

Aí topei com Nola Payne. Seu cabelo avermelhado estava empastado e caíra sobre os olhos. Parei, mesmo sabendo que corria o risco de congelar. Quase afastei os cabelos do seu rosto, mas aí saquei que, se tocasse qualquer daquelas mulheres, Ele saberia que eu estava lá.

Virei-me e vi Bonnie e Juanda lado a lado nos ganchos. Estavam ambas muito apertadas e desconfortáveis naquele espaço exíguo, parecendo que tinham sido congeladas em recipientes pequenos demais para elas. Senti lágrimas cristalinas em meus olhos e estendi a mão...

No momento em que toquei Bonnie, uma mão pesada caiu sobre o meu ombro. Fez-me girar e era Bill, o Rei do Mundo Subterrâneo.

— Não se meta com o meu jantar, Easy — proclamou ele.

Gritei e levantei-me de um salto da cama de lona onde eu tinha caído no sono. Meu coração parecia ter crescido e estar duas vezes maior do que o que caberia no meu peito. E o desespero que senti foi maior que qualquer coisa que eu já tinha sentido na vida, só perdendo para quando eu era criança e minha mãe morreu enquanto eu dormia.

A sala tinha o cheiro de dezesseis homens em maré de azar. Havia roncões, peidos, suspiros e escuridão. Eu sabia onde estava, mas por um momento não consegui me lembrar como foi que cheguei ali.

A memória voltou lentamente.

Depois do jantar, conversei um pouco com Lewis. Ele me fez perguntas sobre Jackson Blue de todos os ângulos em que consegui pensar. Há quanto tempo o conhecia? Que tipo de coisa andava fazendo? Por onde andava? E como estava vestido?

Saquei que os homens que tinham vindo atrás de Jackson deviam ter oferecido uma bela recompensa pela pele do Coiote de Carvão.

Tentei disfarçar bem as coisas. Disse que o via de vez em quando em Compton, que ele estava envolvido com um falsário que trabalhava em L.A., mas distribuía seu produto em Frisco e Las Vegas. Mas aquilo tudo eram coisas que eu tinha ouvido dizer, acrescentei. Também disse que Jackson estava usando os estilos bizarros da rua Carnaby, sapatos de salto e calças de boca de sino, camisas com detalhes de pregas ou franzidos e uma pena no chapéu.

Depois me retirei para o dormitório de camas de lona, onde fingi que estava dormindo durante alguns minutos.

Quando acordei, era muito tarde.

Levantei-me da minha cama e passei pelo labirinto de homens adormecidos, indo na direção da faixa de luz que traía a existência de uma porta.

— Está vendo aquele homem, Rod?

— Am-ram. Tô sim.

— Onde será que ele tá ino?

— Num é da sua conta, meu senhor. Num tem nada de olhar pros outros.

Sorri com a conversa de Roderick consigo mesmo. Ele não era louco, só óbvio e barulhento. Eu teria os mesmos pensamentos se tivesse visto alguém passar pela minha cama naquele quarto escuro e desesperançado.

A porta que ficava atrás da mesa de Lewis estava destrancada e o interruptor ficava à esquerda. O armário de arquivos ficava encostado em outra janela lacrada com pedaços de madeira. Estava trancado, mas isso não tinha importância. Eu tinha roubado uma colher de aço da mesa de jantar e a lingüeta da fechadura cedeu com pouca pressão.

Comecei com o arquivo de 1964 dos nomes dos residentes. Havia cento e oitenta e três folhas de registro de nomes, repletas de anotações de ambos os lados, um lado para cada noite. Examinei o lado esquerdo em busca da letra H. Descobri um bom número de Henrys e alguns registros com o nome de Hank. Harvey apareceu mais vezes do que eu imaginaria. Howard era o nome mais comum e havia um Hudie, um Hildegrandt e um Hy. Havia seis Harolds: Brown, Smith, Smith, Lakely, Ostenberg e Bryant.

Eu estava escrevendo o último nome quando senti a brisa na minha nuca. A temperatura caiu instantaneamente ao nível daquele frigorífico do meu pesadelo. Eu sabia, antes mesmo de girar o corpo, que daria de cara com Bill, e não com Lewis.

Ele estava usando um roupão felpudo branco de um tamanho imensamente grande e parecia estar ainda mais alto e mais gordo.

— Oi, Bill — disse eu sem tremer.

— O que que você está fazendo aqui, Willy?

— Procurando nomes.

— Para quê?

— Tem um cara que eu preciso encontrar e estava com esperanças dele ter passado uma noite ou duas aqui com você.

Foi a calma de Bill que me amedrontou. Ele tinha toda a certeza de um predador poderoso de olho numa cobra.

— Eu não guardo dinheiro nenhum aqui, Willy — disse ele.

Mostrei-lhe a lista que rabiscara. Só tinha escrito os sobrenomes.

Ele lançou um olhar rápido para a lista e disse:

— Você andou mentindo para mim, não foi, Willy?

Não respondi porque não sabia a que mentira ele estava se referindo.

— Essa caligrafia — disse ele — não é de um homem que mal consegue segurar a caneta. Já disse ao Lewis para prestar atenção à maneira como os homens assinam o nome. Ele não entende, mas aposto que você entende por quê.

— Ele matou duas mulheres — disse eu.

— Ele quem?

— O cara que estou procurando.

— E você acha que ele ficou aqui?

— Tenho certeza — disse eu. — É exatamente o tipo de cara que precisa de um lugar como esse de vez em quando. Se chovesse muito fone durante muito tempo, ou se ele estivesse muito doente para batalhar um rango por aí.

Eu estava com uma pistolinha no bolso, a pistolinha e a carta de Gerald Jordan. Não queria atirar em ninguém, mas se Bill ficasse com muita raiva eu sabia que minha única defesa seria um homicídio.

Ele esmagou o papel com a lista.

— Fora daqui, Willy — disse ele. — Não sei quem você é nem o que você está realmente procurando, mas os caras que vêm aqui têm direito à privacidade. Não vou ajudá-lo.

Ele estava na frente da porta.

Percebendo que eu não me mexeria enquanto ele não se movesse, deu um passo para o lado. Passei rapidamente por ele e, com a mesma rapidez, ele me seguiu até eu chegar à porta da frente do albergue.

Passei por ela e virei-me para ele.

— Me desculpe, Bill — disse eu. — Sei que você está fazendo uma coisa boa aqui e não queria lhe criar problemas.

Acho que ele sorriu por um momento antes de fechar a porta. Aquilo me fez pensar que ele sabia que eu tinha decorado os nomes daquela lista, tornando seu gesto mais mecânico do que parecia.

Pensei naquilo tudo enquanto andava pelas ruas de manhã bem cedo, tão escuras e vazias. Em alguma delas Harold estava escondido. Mas eu logo o encontraria. Achei que ele não sobreviveria ao nosso segundo encontro.

CAPÍTULO 32

Los Angeles é uma cidade desértica. As plantas não crescem, exceto por conta da irrigação. O solo é duro e amarelo, e o sol brilha mais de trezentos e sessenta dias por ano. Não chove muito e não há neve alguma. As pessoas vêm para cá para fugir da necessidade de haver estações. Falam sobre o clima como se fosse seu pote de ouro particular.

Vêm para cá em busca da luz do dia e do calor do sol, indo aos magotes para as praias, planejando churrascos. Los Angeles é uma cidade de beisebol e futebol, croqué e golfe. A cidade se orienta pelo calor do sol. E, quando a noite vem, as pessoas se enroscam nas suas camas e sonham com a manhã e todas as promessas da luz.

L.A. não é uma cidade para corujas noturnas. Você vem por causa da amplidão das terras e das paisagens; mas, para pagar por isso, a maioria trabalha tanto que a noite é apenas um lugar de descanso.

Aquelas pessoas que finalmente entendem que um clima perfeito significa apenas que você pode trabalhar ainda mais arduamente acabam se desiludindo. Depois disso, ou elas voltam para o lugar de onde vieram, ou se retiram e vivem nas sombras.

Essas pessoas precisam de uma vida noturna. E onde há uma necessidade, sempre há uma oferta.

Stud's All Night Holiday era uma delas. Era um bangalô que havia sido construído para ser uma escola. Mas houve uma disputa e um processo jurídico pela propriedade, e finalmente a cidade recuou. Não sei como foi que Ronette Lee conseguiu alugar o imóvel, mas toda noite ela dirigia o bar/cafeteria/restaurante do crepúsculo ao nascer do sol naquele lugar que devia ter sido uma escola.

mas não se incomodavam, porque ela satisfazia as necessidades de todas as pessoas que precisavam de uma folga — e também porque ela era uma boa informante.

A sala de aula tinha uma dúzia de mesas redondas e um bar. Uma porta atrás do bar levava a outra sala de aula, onde a filha de Ronette, Maxine, cozinhava.

Aquelas duas mulheres não se davam bem. Porque Ronette detestava os homens, e Maxine não passava sem a gente. E esse foi só o início da discórdia entre elas. Maxine não gostava do sabor do sal, e Ronette criticava sua comida. Ronette queria voltar para St. Louis, mas Maxine detestava o frio. Nunca ouvi nenhuma das duas dizer uma boa palavra sequer sobre a outra, mas raramente as vi separadas.

As quatro da manhã talvez houvesse uma dezena de almas no Stud's. Quando entrei, acenei para Ronette e fiz um gesto pedindo café. Para qualquer outra pessoa, o sinal significaria cerveja. Mas Ronette sabia que eu tinha largado o álcool.

Benita Flag estava numa das mesas, sozinha e infeliz. Os ombros estavam caídos e os cabelos, uma barafunda. Quando ergueu os olhos, vi que a maquiagem tinha escorrido junto com as lágrimas.

A tristeza é uma espécie de farol para mim. É por isso que eu freqüentava aquele lugar, que ficava aberto a noite toda.

— Oi, Benny — disse eu, puxando uma cadeira para perto de sua mesa.

— Cê viu ele?

— Vi.

— Ele está bem? — perguntou ela. Sua voz estava chegando à histeria. Percebi que estava realmente preocupada com o bem-estar dele.

— Ah, ele tá bem, sim — disse eu. — O Rato está ótimo. Você sabe que todo tipo de convulsão social cria oportunidades para fazer

negócio. E Raymond é indiscutivelmente o que você chamaria de oportunista.

Sorri, e ela ao menos tentou me imitar.

— Você sabe do que estou falando, não sabe? — perguntei.

— Que que é?

— O Rato é como uma chuva torrencial no fim de um dia quente. Se um raio não te acertar, a chuva te refresca. Traz você de volta à vida.

Benita sorriu e soltou um suspiro profundo.

— É — disse ela. — O Raymond é assim mesmo.

— Mas esse tipo de tempestade passa logo, Benny. E quando ela acaba, acaba mesmo. Quer dizer que mesmo que ela caia sobre você de novo, não vai ficar por muito tempo.

Benita estava olhando para o meu rosto. Sua intensidade trouxe de volta a beleza que eu conhecia.

— Mas eu amo ele, Easy. Ele entrou na minha vida e nunca mais nem me passou pela cabeça que eu poderia sentir alguma coisa assim por outro cara. Quando ele sai para ir à loja, eu sofro até ele voltar de novo. Quando ele diz meu nome no meio de uma conversa, sinto uma coisa tão forte que fico zozona.

O que eu poderia dizer depois de ouvir uma coisa dessas? Ela estava apaixonada — ou algo do gênero. E, fosse o que fosse, seria errado tentar tirar aquilo dela.

— Você tem algum parente fora da cidade? — perguntei.

— Uma prima em San Diego.

— Talvez fosse uma boa você ir visitar essa prima uma hora dessas. Talvez o mar lhe faça bem.

Foi então que Ronette chegou à mesa.

— Easy! — disse ela, pondo o café na minha frente, e depois voltou-se para Benny: — Menina, você precisa ir ao banheiro dar um jeito no seu rosto.

Ronette tinha uma constituição sólida e a cor do bronze dourado. Tinha prendido o cabelo que formava um torvelinho no alto da cabeça como se fosse um ciclone comprimido de cabeça para baixo.

— Estou procurando um tal de Harold — disse eu a Ronette.

— Engraçado, parece que você está procurando uma Helena.

Benita estava tocando o rosto para ver se devia ou não seguir o conselho de Ronette.

— O sobrenome — disse eu, ignorando a brincadeira dela — pode ser Lakely, Ostenberg ou Biyant. — Resolvi deixar Brown e Smith de fora. Concentrei-me nos sobrenomes menos comuns, na esperança de que o meu homem usasse um deles.

— Licença — disse Benita.

Ela se levantou e tomou a direção do banheiro.

— Parece que são homens brancos — disse Ronette.

— Num é mulher e num é um homem branco — repliquei. — Já ouviu esses nomes?

— Não, Easy. Não conheço nenhum Harold. Nenhum Harold negro.

— Você sabe que nós todos temos nome de branco — disse eu.

- Que que você disse?
- O nome da gente. Nenhum deles é da África.
- É por isso que você está sempre de cara fechada, Easy — disse ela.
- Como assim?
- Estudano uma coisa até ela nem parecer mais com o que é. E isso que te deixa tão triste.

Eu não tinha como negar. Ela tinha razão.

Ronette viu meu silêncio como uma vitória. Fez uma expressão de desdém, sorriu e voltou ao seu bar. Observei-a. Ela não fazia má figura para uma mulher de seus quarenta e cinco anos. Gostava de ser observada pelos homens, e pelas mulheres também. Só não queria saber de suas opiniões.

Quando Benita voltou à mesa, parecia outra mulher. Irradiava uma sensualidade de loja, dos cílios postiços às unhas pintadas de vermelho-sangue.

Sentou-se e pôs-se a conversar como se nunca tivesse ouvido falar de Raymond ou de coração partido. Fez-me perguntas sobre meu trabalho em Sojourner Truth e sobre meus filhos. Fiquei sabendo de tudo sobre seu avô, que descendia de chefes da tribo seminole lá da Flórida. Conversou até o céu começar a clarear.

Quando eu disse que tinha de ir embora, ela pediu uma carona.

Quando chegamos à sua casa em San Pedro, ela me convidou para entrar. Eu diria que ela era frágil e, por algum motivo inexplicável, eu me sentia responsável pelos desmandos românticos de Raymond.

Depois que entramos, ela me fez outro café. Queria um beijo como consolo de seus problemas, mas eu sugeri que ela talvez quisesse tomar um banho primeiro.

Enchi a banheira para ela, com a água bem quente.

Ela chegou usando um penhoar rosa. Antes de eu conseguir sair do banheiro, ela deixou o penhoar cair no chão. Entendi por que o Rato a quisera um dia, e fechei a porta.

Benita morava num lugar minúsculo. Eram apenas dois cômodos e um fogãozinho de duas bocas. E os cômodos eram pequenos. O telefone ficava numa mesinha triangular de três pernas. Embaixo ficava o catálogo.

Só os Smiths ocupavam sete páginas. Os Browns tinham só uma página e uma coluna.

Lakely e Ostenberg tinham cinco entradas cada e Bryant era pouco mais que um terço de coluna de nomes.

Estudei o catálogo telefônico, anotando números até o sol estar brilhando. Depois dei uma olhada no banheiro.

Benita estava ferrada no sono dentro da banheira, ressonando e sonhando com o amor verdadeiro.

CAPÍTULO 33

Saí da casa de Benita antes dela acordar. Assim ela poderia se sentir bem em relação a mim, sem ter de encarar o fracasso de tentar seduzir o melhor amigo de seu amante no meio de uma bebedeira.

Eu precisava conversar com o investigador Suggs. Mas, à luz da manhã e com poucas horas de sono no albergue de Bill, eu sabia que não devia entrar dançando valsa na delegacia da rua Setenta e Sete depois do entretvero da véspera. De modo que fui até uma cabine telefônica em Hooper e fiz uma ligação, como qualquer cidadão comum.

— Delegacia de Polícia da rua Setenta e Sete — disse o telefonista.

— Investigador Suggs.

— Quem é?

— Ezekiel Rawlins.

— E do que se trata?

— Foi ele que me ligou — disse eu para evitar maiores animosidades com o departamento. — Portanto, não sei do que se trata.

O telefonista hesitou, mas depois conectou o pino no painel de controle.

O telefone tocou só uma vez.

— Suggs.

— Preciso conversar com você, investigador.

— Conseguiu alguma coisa?

— O bastante para a gente conversar.

— Chega aqui.

— Não. Vamos marcar um encontro. No meu escritório. Vou estar lá às nove. — Desliguei em seguida. Não pude evitar. A carta no meu bolso me dava poder de verdade pela primeira vez na minha vida. Eu não era obrigado a fazer a vontade de Suggs, e queria mais ainda. Queria que ele fizesse a minha vontade.

Parei na sapataria de Steinman antes de subir para meu escritório. A porta estava lacrada com tábuas de madeira e um cartaz que dizia FECHADA POR CAUSA DE DANOS tinha sido pregado na tábua do meio. Resolvi ligar logo para Theodore para saber se ele precisava de alguma coisa. Ocorreu-me então que meu bico de troca de favores tinha se tornado mais geográfico que racial. Eu me sentia responsável por Theodore porque ele morava no bairro que eu tinha adotado, e não pela cor de sua pele.

Meu escritório foi um colírio para os meus olhos. A mesa simples e as prateleiras de livros estavam cheias de capas duras que eu tinha comprado na Florence Avenue Bookshop de Paris Minton. Ele me iniciara nas profundezas, bem como na amplitude da literatura negra norte-americana. Eu sempre soubera que a gente tinha uma literatura, mas Paris me mostrou dezenas de romances e livros de não-ficção que eu nunca soubera que existiam.

Comecei lendo um exemplar de Banjo, de Claude McKay, que eu tinha comprado de Paris algumas semanas atrás. Era uma bela edição, laranja com silhuetas negras de músicos de jazz, mulheres e nadadores no cais de Marseilles. Era uma raridade naquela época: um livro sobre gente de muitas cores encontrando-se em praias estrangeiras. O dialeto em que McKay escreveu era um pouco sertanejo demais para o meu gosto, mas reconheci as palavras e suas inflexões. Na página de rosto, logo abaixo do título, havia uma frasezinha, Uma história sem enredo. Acho que era a coisa de que eu mais gostava no livro. Afinal de contas, não é assim que vivia a maior parte das pessoas que eu conheço? A gente vai de um dia a outro sem uma direção ou destino definidos. Só vivemos o dia,

rezando por outro. Até nas melhores fases é o máximo que você pode esperar.

A batida na porta foi suave, quase feminina, mas eu sabia que era Suggs.

— Entre.

Ele estava usando um terno preto. Vê-se que é de má qualidade quando dá para ver as rugas no tecido negro. A camisa branca parecia não combinar nem com a gravata vermelha, e hoje ele estava de chapéu. Um chapéu verde com uma pena amarela na faixa de pano.

— Não precisava se vestir com tanto apuro por minha causa — disse eu.

Ele estava com um saco de papel branco numa das mãos e uma pasta na outra. Aproximou-se da cadeira que eu destinava às visitas e deixou-se cair pesadamente em cima dela. Pela sua postura de exaustão, dava para ver que ele tinha dormido tão pouco quanto eu.

— Café e uns biscoitos — disse ele, colocando o saco em cima da mesa.

Outro momento seminal da minha vida que associo aos quebra-quebras: um tira, uma autoridade municipal, trazendo café e biscoitos para mim. Se eu tivesse ido à barbearia do bairro e contado essa história ao pessoal que a freqüentava, eles teriam rido de mim e me posto para fora do estabelecimento.

Peguei o café e um biscoito com recheio de cereja. E depois apresentei uma versão revisada da minha visita ao Albergue do Bill.

— Como é que você pode ter certeza de que o nosso Harold era um dos que ficaram nessa espelunca? — perguntou o tira.

— Não tenho certeza — disse eu. — Mas é um lugar por onde começar. O Albergue do Bill é o tipo de lugar que não se importa com o fato de Harold ser louco varrido, pois não assume nenhuma responsabilidade por isso. Lá ninguém tenta lhe vender nada, nem mudar você. É apenas uma cama e uma refeição — um lugar perfeito para o nosso homem. Achei que você podia dar uma força com os Smiths e os Jones enquanto eu me concentro nos outros.

Suggs ficou me olhando com aqueles olhos aguados dele. Tinha aprendido muito bem a expressão facial ensinada pelos manuais da Academia de Polícia — o olhar que não deixava transparecer nada.

— Pode haver pelo menos vinte e uma — disse ele por fim.

— Vinte e uma o quê?

— Mulheres.

Eu estava de volta ao frigorífico, cercado de mulheres assassinadas, mortas na flor da idade; mulheres negras que tinham amado um homem branco e depois pago o preço máximo por traírem o rígido senso de moralidade de Harold.

Cerrei as mandíbulas com força bastante para quebrar um dente.

Suggs abriu a pasta e passou-me um maço de relatórios de uma página.

Cada página continha duas fotografias de uma jovem negra — uma em vida e outra depois de morta.

— Quase todos os corpos foram deixados de costas — estava dizendo Suggs. — Algumas das mulheres não estavam realmente mortas quando ele as deixou. O que explica as poucas posições diferentes.

— Você acha que foi ele em todos esses casos?

— Talvez não todos — disse Suggs. — Mas também é provável que haja alguns que não chegaram às minhas mãos. É um vexame. Os investigadores de homicídios deviam ter sacado e pego o cara. Sinto muitíssimo, sr. Rawlins.

Um pedido de desculpas, uma semana antes, teria tido algum significado para mim. Mas agora, eu não conseguia sequer olhá-lo nos olhos. Estava com medo de ver seu sofrimento, ele poderia trazer à tona a raiva e a impotência que eu estava sentindo. De modo que preferi manter os olhos baixos e a boca fechada.

Depois de alguns minutos, ouvi a cadeira raspar no chão e seus passos se afastando. Finalmente minha porta se fechou e eu estava sozinho com as mulheres mortas.

Suggs tinha feito um bom trabalho. Examinar os arquivos e digitar um relatório resumido, que pregara nas costas de cada um deles.

Phyllus Hart tinha trinta e três anos quando morreu, estrangulada no quintal de sua tia no catorze de julho.

Muitas delas tinham conhecido homens brancos. Talvez todas. Suggs tinha ligado para familiares das moças para obter alguns detalhes. Chegou até a perguntar sobre um homem que morava na rua chamado Harold. Três pessoas tinham visto um mendigo pelas vizinhanças.

Solvé Jackson foi morta em sua própria cama. O namorado dela, Terry McGee, foi preso pelo crime. Tinha um álibi e testemunhas de seu paradeiro na hora do crime, mas mesmo assim o júri o condenara.

Fiquei ali sentado lendo sobre aquelas mulheres mortas até assimilar tudo quanto o relatório de Suggs tinha a dizer.

Depois de algum tempo, notei que a fita que estava sobre o relatório de Solvé Jackson tinha se mexido. Apertei o botão para

rebobiná-la e depois apertei o Play.

— Alô! — disse uma voz masculina. — Aqui é Conrad Hale, do Cross County Fidelity Bank. O nome de sua empresa nos foi dado como referência por um tal de sr. Jackson Blue. Por favor, poderia retornar essa ligação assim que possível? Estamos pensando em contratar o sr. Blue para um cargo de responsabilidade e estamos querendo saber do seu histórico profissional com sua firma. Estou ligando no sábado, de modo que é provável que o senhor só receba essa mensagem na segunda de manhã. Mas, se recebê-la antes, vou lhe deixar também o telefone da minha casa. Estou ansioso para resolver logo essa questão com o sr. Blue. Gostaríamos que ele começasse a trabalhar conosco o mais rápido possível.

Havia uma ligação semelhante da Leighton Car Insurance, mas a pessoa não deixou o telefone de casa.

Percebi que eu tinha estado dividido em relação a essa parada de dar uma recomendação falsa ao Blue. Não achava aquilo certo. Eu precisava da ajuda dele e foi por isso que concordei. Mas continuava não gostando daquilo. Com aquela pilha de mulheres negras mortas em cima de minha mesa naquele momento, mudei de opinião. Ninguém se importava com elas. Eu contara à polícia as minhas suspeitas sobre a morte de Jackie Jay. Tenho certeza de que houve outras queixas com mulheres mortas. Mas os cidadãos naturalizados de Watts eram obrigados a obedecer a lei sem ter voz ativa. Não éramos diferentes de peças num jogo de tabuleiro.

Disquei o número do banqueiro. Ele atendeu ao primeiro toque.

— Conrad Hale.

— Sr. Hale — disse eu —, aqui é Eugene Nelson, gerente da Tyler Office Machines. Espero não estar incomodando por ligar num domingo.

— De modo algum, sr. Nelson. Tenho de contratar dez homens para trabalhar nos computadores do banco, e o seu sr. Blue é apenas a terceira pessoa que entrevistamos depois de passar na prova da IBM.

Minha voz não tinha nenhum sotaque. Minhas palavras eram uma embalagem simples de uma mentira deslavada. Jackson era um mago da mecânica, disse eu a Hale. Entendia qualquer máquina e como ela funcionava. Fazia hora extra. Era discreto quando se tratava de informações sigilosas. Era o empregado de maior confiança que eu já tivera na vida.

Na segunda-feira, se necessário, eu também jogaria minhas mentiras para cima da Leighton Car Insurance.

Estava satisfeito por fazer Jackson entrar no mundo que ignorava as mulheres que estavam em cima da minha mesa. Se pudesse, eu teria colocado o Rato na Casa Branca.

CAPÍTULO 34

Houve outra batida na porta.

Perguntei-me se Suggs tinha encontrado outras vinte e uma mulheres mortas. Talvez houvesse crianças também, e velhos e padres. Talvez houvesse toda uma fábrica de morte funcionando vinte e quatro horas por dia embaixo da cidade. Com negros sendo jogados em cima de pontas de ferro rolantes que os reduzia a pedaços e depois jogava os pedaços em tanques de ácido. Talvez estivessem vendendo nosso sangue e usando nossos dentes e ossos como marfim.

— Sr. Rawlins — disse Juanda, olhando para o escritório através da porta semi-aberta. — Posso entrar?

Levantei-me quando ela entrou, fechando a porta atrás de si.

Ela estava usando um vestido rosa que chegava só até a metade das coxas.

Fui em sua direção, e ela na minha. Pus os braços à sua volta e abracei-a tão apertado quanto abraçava minha mãe quando eu tinha seis anos e ela ainda estava viva. Talvez a gente tenha se beijado — não me lembro, para falar a verdade.

— Você está chorando — disse ela.

Eu nem tinha me dado conta.

Não sei como, mas eu já estava sentado à minha mesa. Juanda estava de pé a meu lado, abraçando-me como a jovem mãe com a qual sonhava em se tornar. Minhas lágrimas estancaram. Mas o ódio ainda estava latejando dentro de mim.

— Como é que você sabia onde eu estava? — perguntei-lhe.

— Catálogo de telefone — disse ela com simplicidade. — Eu precisava ver você.

— Tem alguém atrás de você?

— Não — disse ela. — Sou eu que estou atrás de você.

Soltei um suspiro profundo. Meu coração estava batendo forte e eu tive uma ereção que eu tinha certeza de que ela poderia ver através da calça. Minha cabeça estava entrando e saindo de sintonia como um receptor de rádio que estivesse captando todas as coisas que eu estava sentindo e todas as coisas que eu tinha de fazer.

Eu queria fazer sexo com aquela jovem gloriosa. Ali mesmo em cima da mesa, sem preâmbulos ou fingimento. Eu queria ser tão sem-cerimônia quanto ela, pondo minha raiva para fora no meio de grunhidos.

Mas aquilo trouxe meu belo sintonizador de volta a Harold. Era Harold que estava na minha cabeça, fazendo-me gostar dele, pura e simplesmente.

— Eu amo a minha mulher, Juanda — disse eu.

— Tudo bem. Eu não ligo.

Afastei seus braços, que estavam em volta do meu pescoço, enquanto me levantava. Corri as mãos pelos seus braços, até os cotovelos, e levei-a até a cadeira que o investigador Suggs tinha sido o último a ocupar.

— Simplesmente não sou mais tão jovem, meu bem — disse eu.
— Se eu fosse para a cama com você, eu teria de abrir mão de algumas coisas.

— Num tô pedino nada.

— Mas eu pediria — disse eu. — Você sabe que eu pediria. É por isso que você está aqui. Eu sou um livro aberto pra você.

Ela abriu um sorriso e levantou o ombro na minha direção.

— É por isso que gosto de você — disse ela. — É que você é muito inteligente. Aposto que já leu esses livros todos que estão naquela prateleira ali.

— Já — disse eu. — Quase todos.

Voltei para a minha cadeira. Ela cruzou as pernas e o meu coração disparou. Eu precisava tanto de uma mulher ali naquele

exato momento, que provavelmente teria ficado excitado até se pusesse a mão no nariz dela.

— Você conhece um cara que vivia num abrigo de papelão num terreno baldio lá na Grape? — perguntei-lhe.

— Conheço — disse ela. — Harold.

— Ele matou Nola Payne e um monte de outras mulheres.

— O quê?

— Matou-a. Ela está morta. Ele anda matando mulheres negras há anos. Toda vez que uma delas sai com um homem que parece branco aos olhos de Harold, ele vai lá e mata.

— Não!

— Sim.

Juanda aprendera com uma longa estirpe de mulheres negras a mostrar um rosto impassível mesmo quando estava rindo. Mas o crime que sugeri levou aquilo tudo de roldão. Ela descruzou as pernas e sentou-se ereta na cadeira.

— Está falando sério?

— Pode me dizer alguma coisa sobre ele? — repliquei.

— Não. Eu não. Tudo quanto ele me disse foi “bom-dia”. Ele matou a Nola mesmo?

— Matou.

— Como é que você sabe? Ninguém disse que ela tá morta.

— Escuta, Juanda. Esse é um negócio sério. O Harold é um homem perigoso. Não quero você falano a respeito disso porque, se

ele te conhece e achar que você sabe alguma coisa sobre ele, ele te mata sem pensar duas vezes. Está me entendendo?

— Am-ram. Estou.

— Ele é um assassino e eu vou pegar ele.

— Nola está morta?

— Está. Geneva, a tia dela, encontrou-a e chamou a polícia, que pensou que tinha sido um cara branco que tinha feito aquilo, e por isso me chamaram para ajudar, porque os tiras não iam conseguir trabalhar direito tão cedo por causa dos quebra-quebras. Mas não foi aquele cara branco. Foi o Harold. Ele anda matando mulheres negras por aqui há anos.

— É? E por que ninguém fez nada?

— Porque ninguém se importa com o assassinato de mulheres negras — disse eu rudemente. — Ninguém se importa com você, menina. Um homem pode cortar sua garganta e te jogar no rio que, se um tira vir você flutuando lá, não vai nem puxá-la para fora d'água para não molhar os pés.

Senti um prazer sádico de machucar Juanda daquele jeito. Eu estava errado, mas estava com ódio.

— Pode me levar para casa, sr. Rawlins?

— Claro que sim — disse eu. — Vou lhe dar meu número daqui também. Se você ficar com medo ou descobrir alguma coisa, me liga. Agora tenho secretária eletrônica e vou receber seu recado com certeza.

Fui com ela até meu carro e levei-a para casa.

No caminho, ela não tagarelou sobre os parentes, nem sobre os acontecimentos de sua vida. Ficou bem perto de mim e pôs a cabeça no meu ombro.

Acho que nunca tive mais vontade de estar com uma mulher em toda a minha vida. Eu queria lambar as lágrimas do seu rosto.

CAPÍTULO 35

Voltei ao meu escritório depois de deixar Juanda na casa da tia. Estávamos a meio caminho da rua Grape, quando ela chegou à conclusão de que não queria estar perto do lugar onde Harold morava até tão pouco tempo atrás. Beijamo-nos quando ela saiu do carro, mas foi apenas para tranquilizá-la. Ela estava assustada.

Eu sabia que, ao avisar Juanda, eu corria o risco das pessoas começarem a falar sobre Harold e a levá-lo a se esconder imediatamente, mas eu não tinha opção. Juanda era mulher e havia um assassino de mulheres nas proximidades. Sua vida valia mais que qualquer segredo.

Tanya Bryant. Bill Bryant. Joseph, Martin, JaneAnne, Penélope e Felícia viviam todos em bairros negros. Liguei para todas essas pessoas perguntando por Harold. Nenhuma delas conhecia um Harold com o seu sobrenome. Ao menos nenhuma delas admitiu que conhecia. Havia dois H. Bryant no catálogo. Harvey e Helena.

Só Tom Lakely, da lista de Lakelys do catálogo vivia numa comunidade negra. Mas não atendeu ao telefone.

Não havia Ostenbergs em parte alguma da zona centro-sul de L.A.

Eu sabia que Harold não tinha telefone, mas sabia que tinha um parente. Tentei pensar em Harold. Só conversamos por alguns minutos no dia em que eu estava xeretando perto de onde Jackie Jay morava. Sobre Jackie. No começo, ele disse que não a conhecia, mas depois disse... disse que o nome

da mãe dele começava com "J". Como era mesmo o nome dela?

Eu estava com quarenta e cinco naquele ano e minha memória, embora ainda fosse bem boa, tinha começado a omitir certos detalhes. Nomes de parentes e amigos de longa data começaram a se apagar lentamente. Números e seqüências misturavam-se. Eu só me lembrava de um Harold fedorento me dizendo que o nome de Jackie começava com "J", exatamente como o de sua mãe. E o nome era... o nome era...

Finalmente cheguei à conclusão de que não tinha importância. Eu tinha a primeira letra. Teria de bastar.

Peguei meu catálogo de telefone e, começando com os sobrenomes Brown, liguei para todos os "Js" do bairro. Janes e Joes foram os que mais responderam. Havia uma Jeanette, uma Júlia, um Jules e um Jay. Uma mulher respondeu e perguntei-lhe se ela tinha um filho chamado Harold.

— Não, senhor — disse ela. — Tem certeza de que ele disse que o

nome de sua mãe era Jocelyn Brown?

Jocelyn!

— Sim, minha senhora — disse eu. — Obrigado, minha senhora.

Passei o resto da tarde atrás dos Smiths. Liguei até a ponta do meu

indicador ficar doendo de tanto discar.

Fiz algumas anotações sobre as pessoas que pareciam muito cautelosas ou matreiras, mas nenhuma delas parecia muito promissora.

Uma vez, quando pus o telefone no gancho, ele tocou.

— Alô!

— Oi, amor! — disse Bonnie. — Ainda está procurando aquele homem?

— Am-ram.

— Estou tentando te ligar há horas, mas a linha estava sempre ocupada.

— Acho que sei o sobrenome do assassino — disse eu. — Estive o dia todo pendurado no telefone tentando localizar o meu Harold.

— Precisa de ajuda?

Eu tinha nascido tão pobre quanto é possível nos Estados Unidos. Nada de água encanada, nada de aquecimento e só carne de órgãos internos para comer uma ou duas vezes por semana, quando a gente tinha sorte. A primeira roupa nova que eu tive, eu já estava com dezesseis anos e já me virava sozinho há sete. Na minha cabeça eu ainda tinha aquele lar para onde voltar, mas eu deixara de ser pobre. O oferecimento de Bonnie e o abraço de Juanda eram presentes que muitos homens ricos jamais poderiam se dar ao luxo de ter. Fui salvo pelo amor das mulheres negras. Harold não viveria para ver o ano de 1966.

— Bom — disse eu —, eu só andei ligando para os bairros negros. Acho que a mãe dele deve viver por aqui. Mas talvez esteja

no vale ou na periferia de Santa Mônica. Talvez você pudesse ligar para os números de lá.

— Com certeza — disse ela satisfeita.

— Você pode dar seu nome ou qualquer outro — disse eu. — Só que você não pode dar a impressão de que há algum problema.

— Certo.

Passei-lhe os sobrenomes e o nome de Jocelyn. Ela soltou um suspiro profundo e disse que me amava.

Desliguei o telefone, perguntando-me até quando duraria aquela minha vida perfeita.

O telefone tocou de novo.

— Eles ligaram, Easy? — perguntou ele, antes mesmo de eu dizer alô.

— Ligaram, sim, Jackson, com toda a certeza. E espero que você esteja pensando em fazer tudo direitinho em relação a essas pessoas e à Jewelle.

— Que que foi que eles disseram, cara?

— Só conversei com o banqueiro — disse eu. — Que me deu o número do telefone da casa dele. Disse que queria contratar você para um cargo de responsabilidade. Eu lhe disse que você era de confiança e um bom cara. Espero que não me transforme num mentiroso.

— Easy, ele nem sabe quem que você é, meu irmão. Ele não é que nem você, todo certinho.

— Por isso mesmo, cara. Por isso mesmo.

— Bom, cê num precisa se preocupar, meu irmão. Eu conheço as máquinas melhor que os cara que fizeram elas e ainda não vi nenhum deles.

Jackson podia ter todos os defeitos do mundo, mas se tinha um mal do qual ele não sofria era de falsa modéstia. Quando ele dizia que era bom em alguma coisa, provavelmente era porque era o melhor do pedaço. E quando ele dizia que era o melhor, a melhor coisa que os mestres fariam seria pôr o rabo entre as pernas e dar no pé.

— Tenho uma coisa procê — disse ele.

— Que que é?

— O sobrenome de um tal de Harold. Um cara esquisito e mau que tá vivo na rua desde que perdeu o emprego em 1956.

— Onde?

— Ele andou ficano numa missão lá da Imperial Highway. Lá eles dão duas refeições por dia e deixam as pessoas ficar pelo tempo que elas tiverem a fim, desde que não arrumem incriminações.

— Você descobriu o sobrenome de Harold?

— Brown — disse Jackson. — Harold Brown.

Prendi a respiração. Minha sorte era incrível. Tudo quanto eu tinha de fazer era sentar-me à minha mesa e tudo que eu queria — sexo, amor ou informações — simplesmente se derramavam do meu telefone e entravam porta adentro.

— Não entendi, Jackson. Onde foi que você descobriu tudo isso?

— Por aí, cara. Por aí. Sabe, Easy, cê tá me dando uma força. Pode ter certeza de que eu vou fazer de tudo pra você se dar bem.

— Com quem foi que você conversou?

— Tenho de guardar meus segredos, Ease.

— Não é hora de brincar comigo, Jackson.

— Tem uma irmã que trabalha pro Congresso das Igrejas Batistas dos Negros, e ela gostava de mim — disse ele. — Liguei e perguntei pra ela como que a gente faz pra entrar em contato com um morador de rua. Falei pra ela que o filho desse cara que eu tava procurando tinha acabado de morrer. Você sabe que quando cê fala com uma mulher sobre a morte do filho de um homem, ela fica mau. Seja como for, ela me deu uma lista das missões e eu fiquei ligando, até encontrar o homem que leva jeito de sê o seu.

— Eles lhe disseram pura e simplesmente quem ele é?

— Tive de inventar uma história, Easy. Cê não é o único cara que consegue fazer um troço desses. Eu disse que tinha um home lá no albergue deles, um garotão chamado Harold, que tinha encontrado minha carteira e devolvido com todo o dinheiro que tinha lá dentro. Eu falei que queria dá uma recompensa pro cara. Cê sabe que, com uma história dessas, eles num instante estavam prontos pra me deixar passar a noite com uma das irmãs.

Eu quase podia ouvir seu sorriso.

— Você é um cara legal, Jackson — disse eu. — Você não presta, mas é um cara legal.

CAPÍTULO 36

Se o Albergue de Homens da Comunidade Watts ficasse no terreno de uma escola pública, seria chamado de academia. Era um grande espaço vazio como um hangar de aviões, com assoalho de pinho corroído. As paredes tinham nove metros de altura e as únicas janelas ficavam na linha do teto. Num dos lados havia fileiras de camas de lona e, do outro, fileiras de mesas com bancos na frente. Devia haver uns sessenta homens na sala. O cheiro de maionese e de odor corporal era avassalador.

— Em que posso ajudar? — perguntou um homem jovem.

Era negro, mas os cabelos eram lisos, não alisados. As palavras eram claras e bem articuladas, mas havia um toque espanhol em algum lugar.

— Estou procurando Harold Brown — disse eu.

O jovem, que era esbelto e bem vestido, hesitou. Naquele momento fiquei sabendo que ia ter problemas para encontrar minha presa.

— Isso aqui não é um hotel, meu senhor — disse ele. — As pessoas vêm aqui em busca de comida e um lugar para dormir. Aqui não é um lugar de curtição.

— É muito importante eu falar com Harold Brown — disse eu. — Extremamente importante.

— Um pé machucado ou uma infecção no peito — disse ele. — Essas são as coisas importantes aqui. Uma boa noite de sono é tudo quanto queremos.

Olhei para aquela multidão de homens mulatos e negros. Alguns deles provavelmente ficaram sem casa por conta dos quebra-quebras, mas a maioria era de moradores permanentes das ruas de L.A. San Diego, San Francisco e todas as outras paradas ao longo das ferrovias. Suas roupas, fosse qual fosse a cor original, em geral

tendiam para o cinza, os ombros arqueados sob o peso quase metafórico da pobreza.

— Então cê não vai me ajudar? — perguntei ao porteiro arrumadinho.

— Se precisa de um lugar para ficar, eu ajudo — disse ele.

Mas já era tarde demais para isso.

Dei dois passos além de sua mesa.

— Senhor — disse ele, levantando-se.

Ignorei-o e continuei andando na direção daquele monte de almas perdidas.

— Bernard, Teddy — chamou o jovem.

Vi à minha esquerda dois negros fortes se colocarem de prontidão. Usavam uniformes improvisados de camiseta amarela e calça preta.

Eram grandes e jovens, mas mesmo assim considerei a possibilidade de encarar aqueles dois. Talvez, se estivessem mais perto, eu tivesse me jogado em cima deles. Mas estavam a dez passos de distância. Meu bom senso só começou a funcionar quando eles já tinham dado seis passos na minha direção.

— Tudo bem — disse eu a um deles. — Tô indo.

Passei pela porta da frente e saí para a Imperial Highway. Eu estava louco de raiva de mim mesmo. Se alguém disse a Harold que eu estava procurando por ele, ele fugiria e eu nunca mais o encontraria de novo.

Havia um telefone público no outro lado da rua. Resolvi ligar para Suggs e esperar na entrada, rezando para não haver uma saída nos

fundos que Harold pudesse usar. Por um momento pensei em ligar para Raymond, para lhe pedir para vigiar a porta dos fundos. Mas eu sabia que não ia ser uma boa pôr os tiras e o Rato trabalhando na mesma causa. Se Ray resolvesse matar o Harold, poderia levar alguns policiais junto com ele.

— Ei, moço! — alguém chamou. — Moço!

Era um homem pequeno. Menor que Jackson Blue e de pele mais clara que o Rato. Era jovem e corcunda. Usava um macacão azul manchado e um par de chinelos de borracha amarela nos pés descalços, tão velhos que um homem de sessenta poderia ter considerado seus.

— Que que é?

— Está procurando o Harold Brown?

— Am-ram. Cê conhece ele?

— Sim, senhor. Claro que sim.

— Eu preciso falar com o Harold. Você pode me levar até ele? — perguntei. Eu queria o Harold nas minhas mãos. Queria acabar com a raça dele antes de entregá-lo aos tiras. Queria chutá-lo como se chuta um cachorro morto.

— Eu podia falá pra ele que tenho vinho e que é pra ele me encontrar na alameda que fica do outro lado da missão — sugeriu o homenzinho.

Estendeu a mão e eu tirei do bolso uma nota de cinco dólares. Dobrei a nota e depois rasguei-a no meio, acompanhando a dobra.

— Aqui está a metade do que ele vale para mim — disse eu. — Traga o Harold aqui que te dou o resto.

Aquele homenzinho repulsivo pegou a metade da nota e saiu na disparada, com os calcanhares batendo na borracha amarela. Enquanto se insinuava pela porta da frente da missão, fui pára a entrada da alameda à esquerda do prédio.

Acendi um cigarro e fiquei olhando para a cidade daquele ponto de vista todo particular.

Os guetos de Los Angeles eram diferentes de qualquer bairro negro que eu conhecia até então. As avenidas e bulevares eram largos e bem pavimentados. Até as ruas mais pobres tinham casas com gramados e água corrente para manter a grama verde. Havia palmeiras em quase todos os quarteirões e as calçadas das residências tinham carros particulares. Toda casa tinha eletricidade para seus aparelhos e gás natural para cozinhar. Havia televisores, rádios, máquinas de lavar e secadoras nas casas de ambos os lados da rua.

A pobreza adotou um novo estilo em L.A. Qualquer pessoa que olhasse de fora pensaria que esta era uma comunidade de economia vibrante. Mas as pessoas dali ainda estavam engaioladas, excluídas, sub-representadas em tudo, do Congresso às telas de cinema, dos clubes de campo às faculdades.

Mas havia uma outra coisa diferente. Os quebra-quebras estavam começando a perder a força. A vida estava retomando a normalidade depois que todas as lojas tinham virado cinza. As pessoas estavam indo trabalhar. A polícia e a Guarda Nacional estavam menos presentes.

Os ataques indiscriminados da revolução negra que pretendia acabar com a opressão dos Estados Unidos dos brancos tinham terminado, ou pelo menos era o que parecia. As pessoas estavam conversando e rindo nas esquinas. Comerciantes brancos, ao menos alguns, estavam voltando às suas lojas.

— Ei, você aí! — gritou alguém.

Virei-me e vi o magricela que tinha prometido trazer Harold. Estava lá embaixo na alameda, ao lado de uma grande lata de lixo verde.

Fui na direção dele sem medo. Tinha certeza de que inventara alguma mentira sobre o que fizera para encontrar Harold para mim, mas não conseguira. Mas ele sabia que o bom do sr. Brown estaria de volta mais tarde e, se eu lhe desse a outra metade daquela nota de cinco dólares, ele faria de tudo

para marcar um encontro entre nós.

Eu tinha vivido na rua mais tempo do que em qualquer casa, sabia como ela funcionava. Havia uma ordem natural na forma como as coisas aconteciam. Eu não me importava de brincar um pouco.

Mas, quando me aproximei do meu informante, vi que estava lançando olhares para a esquerda, para um recesso entre os prédios. Meus passos diminuíram ligeiramente a velocidade. Aquele homenzinho matreiro devia estar me vendo com um otário, alguém que podia ser roubado depois de agredido. A coisa inteligente a fazer teria sido dar meia-volta. Mas eu estava com ódio demais para isso. Mendigos não engambelam um cidadão, disse eu a mim mesmo. Podem pedir esmola ou induzir alguém a lhes dar o que querem, mas não espancam pessoas honradas.

Quando eu estava a três passos do homenzinho, alguém saiu do recesso entre os prédios. Era um homem grande. Não tão grande quanto Bill, mas o suficiente para me deixar na classe dos pesos-leves.

— Tá procurano por mim, seu fé-da-puta? — perguntou o homenzarrão negro.

O que que eu poderia responder?

Ele deu um passo em frente para me pegar.

Eu dei um passo para trás. Mas não fui suficientemente rápido.

Seus dedos pareciam varas de aço lanhando o meu peito. Desisti de fugir e inclinei-me para a frente, pondo todo o meu peso num soco no maxilar dele.

Sou um cara grande, e forte também. O homem que golpeei percebeu isso. Chegou até a recuar meio passo. Sacudiu a cabeça. Eu estava esperando que fosse o começo de uma queda repentina, mas levantei vôo, uma coisa que não acontecia comigo há muitos anos. Depois disso, a primeira coisa que notei foi que estava voando em direção ao recesso de onde aquele homem furibundo tinha saído. Eu teria voado por toda a extensão que me separava do sopé das colinas se não fosse o muro de tijolos que estava no meu caminho.

A maior parte da dor estava nos pulmões, mas também havia mais que suficiente no meu pescoço, na cabeça e na coluna. Bati no chão e caí de lado, o que era uma coisa boa, porque fez o pé do homenzarrão deixar de acertar a minha cabeça por pelo menos dois centímetros e meio.

Levantei-me de um salto. Como eu fiz isso, nunca vou saber. Levantei-me bem a tempo de levar um golpe oblíquo que me levantou mais alto ainda. Bati no muro de novo e me abaixei instintivamente. O instinto estava certo. Ele não acertou minha cabeça, mas me deu um golpe violento no corpo. Caí de joelhos e pus as mãos na minha frente. Quando ele tentou me chutar, como eu sabia que ia fazer, agarrei-lhe o calcanhar e levantei-me, pressionando minhas mãos ao máximo e empurrando de tal forma que o King Kong levaria um tombo.

O homenzinho que tinha me atraído para lá não parava de pular, gritando alguma coisa. Eu não conseguia entender o que ele estava dizendo. A dor era tão forte no meu corpo que eu não conseguia registrar mais nada.

O homenzarrão estava caído de costas, mas levantou-se apoiado num dos cotovelos e depois cambaleou. Durante esse tempo todo eu estava ofegando, com respirações curtas e entrecortadas junto ao muro, querendo fugir, mas incapaz de reunir a força necessária.

— Mata ele, Harold — gritava o homenzinho.

Fiquei satisfeito por entender suas palavras. Mas aquele não era o meu Harold. Era apenas um Harold grande e feio, feito de ferro-gusa e moldado numa banheira.

Harold brandiu o punho e atingiu-me no ombro. Saltei para a frente como se tivesse pulado de um trampolim. Minhas mãos estavam ao longo do corpo e o topo da minha cabeça tinha como alvo o nariz do homenzarrão.

Senti a colisão nos meus sínus; caí de lado e bati no chão. Quando ergui os olhos, vi Harold aparecendo acima de mim. Havia sangue esguichando do seu nariz e uma expressão má no seu rosto. Caí de joelhos e rastejei. Sabia que não ia conseguir escapar dele, mas eu tinha de tentar. Tinha de encontrar o Harold certo e fazer com ele o que este Harold tinha feito comigo.

Andei cerca de um metro e meio e virei-me para ver o quanto ele tinha avançado.

O homenzarrão olhou para mim e oscilou. Finalmente bateu com as costas no chão, fazendo levantar um penacho de poeira. O homenzinho ainda estava gritando. Mais uma vez, eu não consegui entender o que dizia.

Levantei-me e saí dali cambaleando. Consegui chegar até o meu carro e caí em cima do capô como um saco de batatas. O metal estava quente por conta da implacável luz do sol. Ninguém veio me salvar, evitando que eu fritasse ali. Depois de um tempo comecei a suar profusamente. Não sei como, mas aquilo me deu forças para me levantar, destrancar a porta e ligar o motor.

Saí dali me perguntando se eu estava dirigindo no lado certo da estrada e se o Harold errado tinha feito um estrago suficiente para acabar com a minha vida.

CAPÍTULO 37

Eu não sabia como estava me saindo no volante, mas houve algumas buzinas violentas ao longo do caminho. Eu provavelmente tinha andado uns dois quilômetros quando percebi que não tinha a menor idéia da direção em que estava indo. O Harold errado tinha me arrancado o couro, como diriam os jovens daquela época. Eu estava tonto no meu banco, dirigindo meu carro como se fosse um barco.

Acabei rindo, mesmo no meio de toda aquela dor. Tantos jovens saem para a rua querendo briga... Contam de que maneira espancaram algum idiota que estava na rua xingando, ou que os insultou. Mas tudo quanto precisavam era de lutar com um homem do tipo do Harold errado para todas as suas heróicas idéias de briga de rua irem para o espaço. Eu não venci aquele homenzarrão feio. Tudo quanto fiz foi impedi-lo de me matar de pancada. Salvei minha vida, mas estava com dores e contusões que me lembrariam da minha burrice por mais de um mês. Não. Não havia nada de glorioso em ser jogado pra cima como uma boneca de pano e apanhar feito boi ladrão.

Eu não sabia o que fazer. Não podia usar um telefone, nem sair por ali fazendo perguntas. Havia um calombo enorme em cima do meu olho direito, e meu lábio inferior também estava inchado. Fui para Compton, para a rua Tucker. Era um beco sem saída com uma fila de abacateiros onde a estrada devia continuar. Saí da estrada e estacionei entre duas árvores de folhas escuras. Abri a porta e ela estava lá. Alta e negra, vistosa, com restos da beleza que sobrara de

uma juventude gloriosa. Mama Jô era um mito africano que adquirira vida no Novo Mundo, onde ninguém acreditaria nela, a menos que sentissem os efeitos de sua magia.

— Eu estava me perguntando quando é que você ia aparecer por aqui — disse ela numa voz rouca, que não era inteiramente masculina, nem inteiramente feminina.

— É um milagre eu ter conseguido chegar — disse eu.

Escancarei a porta e fui em sua direção. Ela me puxou pelos braços até eu me levantar. Depois me apoiou, ajudando-me a navegar por entre as árvores até chegarmos à sua cabana.

Mama Jô sempre vivera em lugares escondidos. Criava tatus e comia iguarias como carne de aligátor e de tubarão. Fazia remédios e poções para negros pobres e supersticiosos e, se você quisesse, ela lia sua sorte.

Eu nunca quis que ela me falasse sobre meu futuro, mas ela disse que não me contaria nem que eu lhe pedisse.

— Cê não é do tipo de homem que deve saber o que vem pela frente — disse-me ela. — Não vai fazer diferença e cê tem muita coisa pra fazer, não pode se atrasar pensando nessas coisas.

Ela meio que me carregou até sua casa de um único cômodo e deitou-me numa esteira no chão. Naquela época, Jô tinha mais de sessenta anos. Mas ainda tinha a chama que me levou a transar com ela quando eu ainda era adolescente. Às vezes eu ainda me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse ficado lá com ela, como ela me pedira.

Observei-a enquanto ela se sentava em sua longa mesa de carvalho misturando pozinhos numa cumbuca de madeira.

— Jô — disse eu.

— Quietinho, meu bem — disse ela, tentando me fazer calar.

O dia estava quente, mas a casa de Jô estava fresca, coberta como era pela sombra de uma dúzia de árvores. E também ficava parcialmente submersa no solo. O assoalho estava a quase dois metros abaixo do nível do chão.

Também estava escuro lá dentro. Velas e lanternas iluminavam aquele espaço parecido com uma caverna. Uma prateleira que ficava sobre a mesa continha vários crânios de animais. Um deles era humano, seu primeiro amante e pai de seu filho; ambos se chamavam Domaque.

Jô era uma mulher de grande poder e conhecimento: uma feiticeira, segundo a definição de qualquer pessoa em qualquer momento da história da humanidade.

Ela pegou uma garrafa verde e suja e derramou um líquido esverdeado que estava dentro dela na cumbuca de madeira. Levantou minha cabeça para eu beber, e eu bebi. Fosse o que fosse que ela estava me dando, eu sabia que me faria bem. Eu sabia porque ela já salvara minha vida uma vez e, em outra ocasião, ela literalmente ressuscitou o Rato.

As coisas ficaram um pouco nebulosas depois que tomei aquela infusão, que conseguia ser viscosa e areenta ao mesmo tempo. Lembro-me de que ela pôs cataplasmas na minha cabeça e na boca. Pensei ter visto uma grande ave de penas negras abrindo as asas num galho atrás dela.

— Easy Rawlins! — ouvi seu filho deformado anunciar, como era seu costume toda vez que me via.

Eu estava olhando para o teto, que foi desaparecendo aos poucos. Acima de mim havia dez mil estrelas num fundo negro. O ar que entrava pelas minhas narinas era revigorante e frio, e eu era a

única pessoa no vasto mundo, a salvo finalmente da dor do ódio e da dor do amor.

Os eventos das duas últimas semanas — os quebra-quebras, a morte de Nola Payne, a perseguição a Harold, o assassino de mulheres, e as sensações que Juanda despertara em mim vieram todos ao mesmo tempo e me fizeram girar como um pássaro amarrado a uma pedra. Eu estava girando pelo céu, vendo pedaços de tudo — sem controle de nada.

Aí eu me espatifei. Por um momento as dores da minha briga foram lancinantes; depois não senti mais nada, e depois não soube de mais nada.

— Você pode se levantar agora, meu bem — disse Jô.

— Oi, Easy! — gritou seu filho corcunda.

— Oi, Dom! Como é que cê tá?

— Oi, Ease! — disse o Rato. Eu não conseguia vê-lo do lugar onde eu estava deitado, mas era ele.

Uma grande ave negra piou e bateu as asas.

— O seu bicho de estimação é uma gralha? — perguntei a Jô, enquanto me sentava na esteira.

— Um corvo — disse ela. — Essa ave aqui é um corvo. Fala e tudo. Me faz companhia.

— Quem foi que te fez isso, Easy? — perguntou o Rato.

Ele estava de pé a meu lado. Só olhar pra ele já me fez sorrir.

O Rato estava usando um terno cinza-esverdeado com uma camisa preta e uma gravata com todas as tonalidades de amarelo que você puder imaginar. Os sapatos eram de pele de aligátor.

— Foi o pobre Howard que fez esses sapatos para você?

— Pois é. Cê sabe que o Howard conseguiu que os primos trouxessem pele de aligáto do sul do país. Ele tá vendendo os sapatos por quatrocentos dólares o par.

Howard era um daqueles descendentes de franceses da Louisiana de pele escura, conhecido nosso. Morava nas proximidades de L.A. porque era um fugitivo da justiça de Louisiana. Matara um homem branco, de modo que a fuga era a única opção que tinha.

— Ce num vai responder minha pergunta? — indagou o Rato.

— Foi só um mal-entendido, Ray. Nada que valha a pena a gente esquentar a cabeça.

— Como está se sentindo, querido? — perguntou-me Jô.

Ela sempre tivera uma queda por mim. Até hoje dava para perceber no tom de voz.

— Bem — disse eu. — Ótimo. Num tô sentindo dor nenhuma. — Eu era de novo um menino do interior, até no jeito de falar.

Ela me deu um espelho e eu vi que todo o inchaço do meu rosto tinha desaparecido. Seus chás e infusões não ficavam a dever em nada aos remédios que a maioria dos médicos receitava.

— Cê tem de ir com calma, meu bem — disse ela. — Cê sabe que o corpo não volta ao que era antes tão rápido depois que passa dos quarenta.

— Cê qué ir pescá, Easy? — gritou Domaque.

Virei-me para o filho de Jô, vigoroso e disforme. Ele era grande e praticamente todas as partes de seu corpo eram deformadas. Alguma coisa tinha dado errado com suas aberturas nasais, e ele

não conseguia fechar a boca, mostrando dentes tortos e gengivas vermelhas. Os braços e pernas eram todos de tamanhos diferentes e, embora fosse extremamente inteligente, a cabeça ainda mantinha toda a inocência da infância. Na primeira vez que você via o Dom, ele assustava, mas se você o conhecesse melhor, veria que tinha conhecido um dos melhores seres humanos que já passaram por essa Terra.

— Não, Dom. Primeiro eu tenho de fazer uma caçada. Mas cê sabia que o meu garoto Jesus construiu um barco?

— É mesmo?

— É. Ele flutua direitinho e vai pra onde ele quer. Aposto que ele levaria a gente pra pescar.

O prazer estampado naquele rosto de criança/homem deu-me um das minhas primeiras alegrias verdadeiras desde que os quebra-quebras começaram.

— Tenho de ir — disse eu.

Levantei-me. Eu estava completamente vestido, Jô só havia tirado meus sapatos e as meias.

Enquanto eu amarrava os cadarços, ela disse:

— Olha, toma isso aqui, Easy.

E deu-me uma garrafa de cristal escuro. — Que que é isso?

— É o que você precisa, meu bem. Você tem de pôr esse corpo de novo na rua, e é melhor ter um levanta-defunto pra ajudar.

Tomei o líquido de um gole só. Não havia álcool nenhum ali, mas era muito estimulante, pode apostar.

— Daqui a seis horas, meta-se na cama, meu amor — disse ela.

— Não se esqueça do Jesus — disse Dom.

— Vou pegar uma carona contigo, Easy — informou-me o Rato.
— Quando a Jô ligou falando de você, LaMarque me trouxe. Ele precisava do carro para impressionar uma garota aí.

Enquanto íamos embora, caminhando entre as árvores de Jô, seu elixir começou a fazer efeito. Tive a sensação de que poderia sair dali e apostar uma corrida de quinze quilômetros.

CAPÍTULO 38

Cê conversou com a Benita? — perguntou Raymond, depois que já tínhamos andado uns seis quarteirões de carro.

Eu não sabia o que é que a Jô tinha me dado pra beber, mas dava para sentir o sangue circulando pelas veias. Eu estava inteiramente desperto e pronto para qualquer coisa — até para a ameaça implícita no tom de voz de Raymond.

— É — disse eu com confiança. — Conversei, sim.

— Por conta de quê?

— Eu só estava por aí, procurano o meu cara — Harold. Topei com ela no Stud's.

— Que que ela diz?

— Que te ama, que sente saudade de você, que você lhe partiu o coração.

— E que mais?

Encostei o carro no meio-fio, parei e puxei o freio de mão.

— Levei ela pra casa — disse eu. — Depois estudei o catálogo de telefone enquanto ela caía no sono na banheira. Depois fui embora. Vai querer encrenca por causa disso?

Os olhos cinzentos do Rato pareciam faiscar enquanto ele olhava para mim.

Era um homem pequeno. É aí que a maioria dos caras que arranjam briga com ele cometem seu maior erro. Acham que um homem pequeno tem de se sujeitar a um outro maior. Não sabem que o Rato é tão forte quanto um homem que tem duas vezes o seu tamanho. Mas não é isso que o tornava perigoso. O Rato era rápido e era um assassino. Matava sem pensar duas vezes e sem um único momento de remorso. Era um soldado que esteve em guerra durante toda a sua vida.

— Que que há de errado com você, Easy? Cê tá louco ou cansou de viver?

— Você não está entendendo, Ray. O que aconteceu nos últimos dias não significa nada pro cê além de bons negócios. Mas essa merda toda fodeu comigo. Estou procurando esse assassino e as ruas onde eu andei hoje num são o que eram na semana passada. Sou seu amigo, Ray. E você sabe que aquela moça tá se acabando por sua causa. Ela pode morrer.

— Morrer? Do que que ela havia de morrer, cara? Isso não é veneno.

Eu estava respirando com dificuldade. Sabia que meu amigo podia perceber. Esperava que ele se mancasse que eu não era uma ameaça pra ele.

— Mulheres negras, Ray. Você sabe como elas são. Corajosas como você sempre quis ser. Enfrentam uma gangue inteira pra proteger seu homem. Prontas para irem embora no dia seguinte se você fizer alguma coisa errada. Mas cê sabe como é o coração delas. Cê sabe quando fala aquelas coisas melosas pra uma delas, sabe que ela vai acreditar em todas as palavras, mesmo sabendo que nada daquilo é verdade. E quando você deixa ela sozinha, aquilo come ela por dentro feito um ácido.

— Levei a Benita pra casa porque ela precisava que alguém cuidasse dela. Não tô interessado na sua garota. Só não queria que ela ficasse sentindo que estava completamente sozinha no mundo.

Enquanto eu falava, Ray não disse palavra. Só ficou me olhando com aqueles olhos de assassino. Tanto quanto eu sabia, ele estava esperando eu terminar para poder dizer que eu tinha acabado de pronunciar minhas últimas palavras.

Mas, em vez de me matar, ele coçou o nariz.

— Cê sabe que ninguém fala comigo desse jeito, Ease. Uma vez eu matei um homem numa briga por causa de mulher e você sabe que aquela mulher era casada com ele. Mas ocê, tudo bem. Só porque eu falei pra ela da Etta não quer dizer que eu num vô lá uma hora dessas dar um nó na cabeça dela. Pode crer.

Ele se virou e olhou para a frente. Ficamos ali sentados por um tempo, e aí eu liguei o motor.

Deixei o Raymond na casa dele. Ele saiu do carro e foi embora sem dizer mais nenhuma palavra.

Fui embora pensando que eu nunca mais tomaria uma das poções de Mama Jô sem antes lhe perguntar que efeito teria sobre mim.

Já era de noite e já tinha um tempão que eu não falava com Bonnie. Minha gasolina também estava acabando. De modo que entrei num posto A-Plus na Normandie e esperei o frentista. Era um cara branco vestido com um macacão caramelo como aquele de paraquedistas, com "A+" impresso no bolso da camisa. Estava de volta ao trabalho e o final dos quebra-quebras não tinha ainda três dias.

- O que que o senhor deseja? — perguntou ele.
- Dois dólares de gasolina.
- É pra já.

Ele fixou o bocal da mangueira no meu carro e a bomba começou a funcionar. Saí e estirei as pernas. Respirei fundo, tão fundo que o ar parecia ter chegado aos dedos do pé. Havia um telefone público no posto. Dei alguns passos em sua direção quando três rádio-patrolhas subiram no meio-fio e me cercaram.

Aquelas três rádio-patrolhas continham uma dúzia de policiais.

Um deles gritou:

— Ponha as mãos num lugar onde eu possa ver! — Estava com um revólver apontado para mim.

Todos os tiras estavam de revólver na mão. Seis deles tomaram posição em torno do perímetro do posto, e o resto partiu para cima de mim.

Se eu estivesse em meu estado normal, eu teria levantado as mãos e me rendido. Mas, com a poção de Mama Jô circulando em todo o meu corpo, dos dedos da mão aos tornozelos, fiquei imóvel. Foram precisos todos aqueles jovens homens brancos para me dominar. Eu não disse palavra e não briguei. Só fiquei ali, pensando

que aqueles homens não passavam de roedores tentando me intimidar com seus guinchos.

Depois que me jogaram no chão, tiveram um problema, porque não havia espaço no carro deles para um prisioneiro. Nenhum deles queria andar a pé e de uniforme num bairro negro depois do cair da noite. Tinham aprendido a respeitar o ódio que fulgurava contra eles na escuridão.

Foi o frentista quem sugeriu que usassem o meu carro.

Foi preciso três deles, um dirigindo e os outros dois me segurando no banco de trás, para me levar para a prefeitura.

E, quando chegamos lá, foi preciso cinco homens para carregar meu peso morto para uma sala grande e bem mobiliada.

Largaram-me no chão, mas eu não senti. Eu tinha me tornado a resistência em figura de gente. Achei que poderia ficar ali daquele jeito anos a fio. Ninguém nunca mais me derrotaria. Teriam de me matar.

— Levante-se, sr. Rawlins — disse Gerald Jordan.

Respirei fundo, e parecia que era a primeira vez que eu respirava desde a minha prisão; depois me levantei. Na porta atrás de mim estavam os cinco tiras que haviam me carregado. O investigador Suggs estava lá. E também dois policiais de alta patente, os dois pareciam fantasiados.

Alguém tirou as algemas dos meus pulsos.

Suggs parecia um pouco abatido. Mas aquilo não me importava. Eu tinha a fortaleza de dez homens dentro de mim.

— Por que raios você me pega na rua desse jeito, cara? — perguntei ao vice-secretário de Segurança Pública.

Uma mão me agarrou por trás, mas eu a afastei de mim.

Jordan levantou a mão para dizer à arraia-miúda que ficasse na dela.

— Andei conversando com o investigador Suggs — disse Jordan.

Ele parecia tão melífluo e mau quanto da primeira vez que nos encontramos. A única diferença nele era que a marca vermelha embaixo do olho parecia maior. Cheguei à conclusão de que aquilo significava que eu tinha feito alguma coisa que o desagradara.

Gostei.

— Sei — disse eu. — E daí?

— Ele me disse que você está procurando um mendigo chamado Harold. Disse que você nem sabe o sobrenome dele, mas que acredita que esse tal de Harold matou Nola Payne.

Eu não disse palavra. Por que haveria de dizer?

— É verdade? — perguntou Jordan.

— Que porra que você quer de mim, cara? — repliquei.

— Não abuse da sua sorte, filho — disse um dos dois policiais fantasiados.

Aquelas palavras mexeram comigo. Eu tinha nascido ouvindo exatamente aquelas palavras, pronunciadas exatamente naquele tom. Eu e todos que eu conhecia tínhamos sobrevivido engolindo a ameaça suprema do homem branco.

Suas palavras me abalaram, mas a poção de Jô derramou-se sobre elas como sal numa lesma de jardim.

— Escuta aqui, cara — disse eu ao homem de uniforme —, estou aqui porque vocês me trouxeram. Tenho um trabalho a fazer e vou fazer. Mas não vou ficar sorrindo pra você, nem beijar sua mão de fé-da-puta. Também não vou admitir que você me diga o que que eu tenho de fazer. Se é por isso que estou aqui, ou vocês me jogam numa cela, ou me deixam ir embora.

Suggs, que até aquele momento estava olhando para os próprios pés, ergueu os olhos para os chefes. Eu seria capaz de jurar que ele estava surpreso com a minha explosão e que todos ficaram paralisados diante da minha determinação.

— Isso não vai ajudar a melhorar em nada a sua situação, Rawlins — disse Jordan.

— Só tem uma coisa que eu quero, Jerry. Quero encontrar o homem que matou Nola Payne. Quero ele no corredor da morte, ou morto. Se você concorda comigo a respeito disso, não temos problema nenhum. Se não concorda — para mim não faz diferença.

— Não há Harold nenhum — disse Jordan. — Já conversei com todos os capitães de todas as delegacias do sul de L.A. Essas mortes sobre as quais você e o investigador Suggs andaram falando têm outras explicações, e explicações melhores.

— Senhor — disse Suggs.

— Você cala a boca — disse o outro cara fantasiado de uniforme.

— Não, senhor — replicou Suggs. — Não posso. As pessoas com as quais andou conversando estão apenas tentando acobertar os próprios erros. Os assassinatos que eu trouxe até o senhor foram todos cometidos pelo mesmo homem. Tenho certeza. O sr. Rawlins tem um suspeito verossímil...

— Você não sabe de nada — disse Jordan.

— Sei sim, senhor. Há um assassino solto por aí e, se a gente o encontrar, estaremos fazendo o que o senhor nos pediu para fazer.

— Se — disse Jordan.

— Não vamo encontrar merda nenhuma aqui jogando conversa fora — acrescentei.

— Não me quer ter como inimigo, quer, sr. Rawlins? — disse Jordan.

— Não tenho escolha, Jerry. Você sabe disso, e eu também. Nesse exato minuto você e eu estamos do mesmo lado, mesmo que você não saiba. Vou fazer o que você quer que eu faça, mas mesmo assim vamos ser inimigos. Não tem a menor dúvida. Aliás, nunca teve. E nunca vai ter.

Aí Jordan virou-se para Suggs:

— Vou lhe dar quarenta e oito horas — disse ele. — Ou você vai ter um assassino na cadeia nesse prazo, ou vou acabar com você. Vou acabar com os dois.

CAPÍTULO 39

Era quase meia-noite e eu estava na rua, no centro da cidade, ao lado de um homem branco chamado Melvin Suggs. Ele era tira por profissão, eu era um criminoso pela cor. Mas lá estávamos.

— Você é um louco filho da puta — disse-me Suggs.

— É. Quanto a isso você tem razão.

— E o que que a gente vai fazer agora?

— Você tem alguma pista? — perguntei-lhe.

— Poucas. Nada que eu possa seguir até o fim da noite para o dia.

— Liga para o meu escritório ao meio-dia de amanhã — disse eu.
— Aí a gente pode trocar umas figurinhas e talvez conseguir chegar a algum lugar.

Cheguei ao meu escritório pouquinho antes da uma.

Havia duas mensagens na secretária eletrônica. A primeira era de Bonnie.

— Oi, Easy! — dizia ela com aquela voz profunda impregnada de ilha. — Acho que consegui alguma coisa. Liguei para uma J. Osterberg, de Pasadena. Um homem chamado Simon Poundstone atendeu. Disse que sua mulher, Jocelyn, tinha o sobrenome Osterberg antes de eles se casarem. Manteve seu nome de solteira. Também disse que achava que certa vez ela teve uma empregada que tinha um filho chamado Harold. Liguei de novo mais tarde para falar com ela, mas ela disse que o filho da empregada se chamava Harrison, e não Harold, e que não tinha notícias de nenhum dos dois há anos. Mas havia alguma coisa no jeito dela falar que eu não gostei. Acho que ela estava escondendo alguma coisa. Feather está com saudade de você, meu amor — acrescentou ela. — Acho que ela quer que você volte para casa.

A outra mensagem era de Juanda.

— Oi, sou eu. Eu só tava aqui pensando em você e no quanto que eu queria te ver. No começo eu ia te ligar e dizer que tinha visto aquele tal de Harold por aqui só pra você vir pra cá. Mas depois achei que você ia ficar com muita raiva de mim. Me liga, tá? Quero muito te ver, muito mesmo!

Desliguei a secretária eletrônica de Jackson e depois desliguei o abajur da minha mesa. Levantei-me com a firme intenção de pegar meu carro e ir pra casa ver a minha familiazinha.

Dei um passo sem mancar. O passo seguinte foi um pouco vacilante, mas ainda consegui manter o equilíbrio. O terceiro me fez inclinar-me um pouco demais para baixo. O quarto passo me deixou de joelhos.

Só tive presença de espírito suficiente para perceber que era o elixir de Mama Jô perdendo o efeito. Tentei me levantar, mas caí. Eu estava no chão, e depois flutuando. Quando eu estava chegando perto do teto, tudo ficou preto.

Aí ouvi uma campainha começar a tocar. O som estava por todo aquele lugar: alto, depois suave, longo e depois em explosões curtas. Parecia com fontes de água e florestas tropicais e cachoeiras. Mas era uma campainha. Tocando alto. E, de repente, parou.

Abri os olhos para a luz brilhante do sol entrando pela janela. Eu estava no mesmíssimo lugar onde caíra. A sala estava quente e todo o meu corpo estava suando. Não estava com dor de cabeça, nem mesmo com um gosto ruim na boca. Mama Jô poderia engarrafar aquela poção e ganhar uma boa grana entre os ofendidos e humilhados.

O telefone começou a tocar de novo. Parecia estranho. Havia uma pulsação no tinido do som. Levantei-me e fui até o aparelho. Tirei o fone do gancho, disse alô e aí desabei na minha cadeira. Percebi que não conseguiria me levantar de novo nem para salvar a vida da minha mãe.

— Rawlins, você está bem? — perguntou-me o investigador Suggs.

— Que horas são?

- Já passa da uma.
- Da tarde?
- Que que há com você? — perguntou o tira.
- Você está na delegacia? — repliquei.
- Perto.
- Vem me pegar. Quero dar uma chegada no vale.
- Pra quê? — perguntou ele, mas eu já estava pondo o fone no gancho.

Recostei-me na minha cadeira completamente desmilingüido. Era um milagre eu não escorregar para baixo da mesa. Os sons chegavam-me da rua completamente distorcidos. O choro de um bebê era alto e penetrante, mas uma buzina de carro tocando era quase baixa demais para eu escutar. A voz dos pássaros chegava com tanta clareza que eles pareciam estar falando italiano, ou talvez espanhol. Os carros estavam em movimento, mas seus sons mecânicos recuavam, transformando-se num único som violento, como um rio congestionado que estivesse correndo a poucas centenas de metros dali.

Olhei espantado para a minha mão. Ela se movia e fluía, respondendo a todos os meus caprichos como se fosse magia. Respirei fundo e me senti grato pelos poucos momentos de vida que eu tivera sob o sol que me fizeram suar e sorrir.

Eu era uma criancinha de colo perplexa com os milagres à minha volta. Não conseguia me mexer, mas isso não parecia ter importância. Fosse o que fosse que eu precisasse, viria na hora certa.

Eu estava vagando pela minha cabeça desse jeito há algum tempo quando ouvi uma batida na porta. Tentei dizer “Entre”, mas não havia ar suficiente nos meus pulmões.

A porta abriu e o investigador Suggs entrou.

Fiquei realmente satisfeito ao vê-lo. Eu não sabia quantos homens brancos eu tinha visto passar por uma porta, mas duvidava que algum dia eu tivesse me sentido tão feliz com a visita de um amigo. Eu gostava de Suggs. Será que aquilo era obra de Mama Jô? Será que a minha cabeça tinha sofrido alguma alteração para deixar para trás toda a minha história, limpar os meus olhos, arrancar de um homem sua âncora particular de ódio?

— O que que há de errado com você, Rawlins? — perguntou o tira.

Enquanto ele se aproximava de mim, a força voltou às minhas pernas e depois aos braços. Levantei-me de uma longa hibernação, doido para me mexer, pensando somente em minha presa.

— Estou ótimo. Ótimo mesmo.

— Você parecia bêbado ao telefone.

— Fui dormir tarde — expliquei. — Dormi aqui na minha cadeira. Você me acordou.

— Então por que foi que você disse que quer ir ao vale?

Consegui o endereço de J. Ostenberg no catálogo telefônico. E depois liguei a secretária eletrônica do Jackson para o caso de alguém chamar enquanto eu estava fora. Já a caminho contei a Suggs o que Bonnie tinha me dito, só que eu falei que tinha sido uma assistente minha que fizera a ligação.

— E então, quando é que você ia me falar sobre Peter Rhone? — perguntou Suggs quando estávamos viajando pela montanha.

— Peter de quê?

— Não se faça de desentendido, Rawlins. Eu mesmo o descobri. Tudo quanto tive de fazer foi localizar os desmanches do bairro. Você faz uma pressãozinha num cara numa sala de interrogatório que ele entrega até a própria mãe.

— Então ele lhe falou de mim?

— Não. Ele me entregou o carro e o vendedor me entregou o Rhone. Foi ele que me falou de você.

— Você prendeu ele?

— Não. Ele não matou Nola Payne. Ele pode ter acabado com a própria vida, mas não matou aquela moça.

— Mulher — disse eu.

— Que que cê disse?

— Mulher. Nola Payne era uma mulher assim como você e eu somos homens.

Suggs estava dirigindo. Virou-se para mim e me lançou um olhar zombeteiro.

— Não gosto que me chamem de rapaz — disse eu. — E não gosto que nossas mulheres negras sejam chamadas de moças. Não é difícil de entender, é? — Aí estava uma coisa que eu sempre tinha querido dizer, mas não tinha dito. Entre os quebra-quebras e Mama Jô, eu tinha virado um pastel.

— Ah, sei — disse Suggs.

E ele por acaso se importava com aquilo? Não sabia o que me deixara com raiva. Tudo quanto ele queria era ter certeza de que seu trabalho seria bem-feito.

Jocelyn Ostenberg morava numa bela casa na rua Hesby, perto da avenida Muerretta. Era uma casa em estilo Tudor com dois andares, um grande gramado bem verde e um carvalho torto num dos lados.

Segui Suggs até a porta da frente. Ele apertou o botão da campainha, mas não ouvi nada. Ele bateu.

Alguns momentos depois uma voz de mulher perguntou:

- Quem é?
- A polícia — respondeu Suggs.
- Ahn? Espera um minuto.

Ouvi um barulho alto de uma fechadura abrindo, uma corrente sendo puxada, outro ferrolho sendo puxado e finalmente a maçaneta girou. Olhei ao redor e vi que todas as janelas tinham grades.

A mulher branca que nos atendeu era minúscula. Usava um suéter azul de lã e uma saia comprida cor de petróleo. Também usava um chapéu de palha preta e luvas. Era meio-dia e ela não dava a impressão de que estava prestes a sair, mas estava com maquiagem suficiente para estrelar uma ópera. As orelhas teriam combinado com um homem gordo cinco vezes o tamanho dela.

— Sim? — disse ela, dirigindo-se a Suggs e lançando um olhar preocupado em minha direção e logo desviando os olhos.

Suggs mostrou suas credenciais. Ela olhou o distintivo e depois fez um aceno de cabeça, dando a entender que o reconhecia.

— Meu marido está trabalhando — disse ela.

— Viemos lhe fazer umas perguntas — disse Suggs.

— Quem é este homem com o senhor? — perguntou ela, num tom confidencial, como se eu estivesse do outro lado da rua, fora do alcance de sua voz.

— Ele é uma testemunha-chave, minha senhora. Queremos lhe fazer perguntas sobre um homem chamado Harold. Ele pode estar usando o mesmo sobrenome que a senhora.

Houve um longo silêncio. Jocelyn Ostenberg devia ter uns sessenta anos, talvez mais. Era difícil dizer com toda aquela base e pó de arroz. Ela tinha chegado à idade em que as mentiras não fluem mais com facilidade. Olhou para mim, para o chão, para o carvalho encurvado. Finalmente disse:

— Não conheço nenhum Harold.

— Não?

— Não, senhor. Uma vez tive uma empregada chamada Honey. Ela teve um filho chamado Harrison. Alguém ligou antes. Queria saber notícias de um tal de Harold. Era alguém do seu escritório?

— Não, minha senhora. Qual era o sobrenome de Honey?

— Divine — disse ela, mas eu não acreditei. — Honey Divine. Morreu há alguns anos, ouvi dizer.

— Podemos entrar, minha senhora? — perguntou Suggs.

— Não recebo homens em casa quando meu marido não está, investigador. Sinto muito. — Ela esperava que a gente se despedisse.

— Bom, então está certo — disse Suggs, disposto a respeitar a vontade dela.

— Há quanto tempo vive nesta casa, minha senhora? — interrompi antes de ele completar sua frase.

— Há trinta e cinco anos.

Sorri e concordei com um aceno de cabeça.

— Bom, então obrigado, minha senhora — disse Suggs.

Ela se despediu com um aceno de cabeça e fechou a porta, fazendo o maior barulho com todas as fechaduras que tinha de trancar.

— Chegamos num beco sem saída — disse-me o tira, enquanto caminhávamos de volta ao carro.

— Você vai acabar com a raça do Rhone? — perguntei-lhe.

— Em trinta e seis horas, a menos que a gente consiga alguma coisa sólida.

— Você sabe que não foi ele.

— Eu não tenho o menor problema em deixar os tribunais chegarem a essa conclusão.

CAPÍTULO 40

Suggs abriu a porta do lado do motorista, mas eu fiquei ali naquele pedacinho de terra gramada junto ao meio-fio.

— Não vai entrar? — perguntou-me ele.

— Não.

Mastiguei a palavra e depois a cuspi.

— Vai atravessar aquele morro a pé?

— Tem ônibus por aqui, investigador. Quero estirar as pernas, pensar um pouco.

— Você não vai encontrar um mendigo negro por aqui, Rawlins. Mas pode arrumar encrenca.

— Por que isso?

— Não está vendo onde é que você está?

— Em Los Angeles — disse eu. — A cidade onde eu moro, a cidade onde eu trabalho, a cidade para a qual pago impostos.

Suggs sacudiu a cabeça, deixou-se cair no banco do motorista e foi embora. Eu gostava cada vez mais dele.

Comecei pela extremidade do lado oposto do quarteirão. Não havia ninguém na primeira casa. A senhora da segunda casa olhou pela persiana de uma janela lateral e me viu, mas nunca chegou à porta. Havia mais algumas casas onde não havia ninguém, ou onde não atenderam. Finalmente uma porta abriu. O homem que a abriu era grande na cintura, mas tinha pescoço e ombros estreitos. Usava calças brancas e uma camisa verde, parecendo um alho-poró ou alguma outra planta de bulbo.

— O que que você quer? — perguntou ele num tom pouco amável.

— Estou procurando o Harold, que é primo de minha mulher em segundo grau — disse eu na maior tranquilidade.

— Não tem ninguém da sua família morano por aqui — disse ele.

Tinha olhos verdes e o rosto pálido.

— Ele costumava usar um endereço dessa região — expliquei — e minha mulher estava preocupada com ele.

— Não ouviu o que eu disse? — perguntou o estudo em verde e branco.

— Então o senhor não conhece um Harold negro? — repliquei.

— Eu já lhe disse que não — respondeu ele.

Não ouvi o resto porque já tinha ido embora. Enquanto descia a trilha de concreto em direção à calçada, ele gritou às minhas costas.

— É melhor dar o fora daqui, meu senhor. Não queremos saber de você nem de seus parentes criando problemas por aqui. Você não é bem-vindo aqui.

Enquanto me dirigia para a casa vizinha, vi que ele tinha usado três vezes a palavra “aqui”. Apertei o passo porque era difícil saber o que ele faria em seguida, se ele ia pegar o revólver ou chamar a polícia.

As três casas seguintes também me despacharam rapidinho. E então cheguei a uma casa rosa debruada de vermelho perto da outra extremidade do quarteirão.

Quem atendeu a porta foi uma mulher branca bem alta e de idade, usando um vestido cor de banana. Olhou para mim sem medo aparente. Talvez não tivesse rádio nem televisão, nem jornalheiro. Talvez ninguém lhe tenha contado que Los Angeles tinha acabado de passar por uma guerra civil em pequena escala, ou talvez ela não se importasse.

— Sim?

— Oi, minha senhora — disse eu. — Estou procurando um homem, um negro chamado Harold. Acho que ele morava nesse

quarteirão.

— Aquele rapaz da casa dos Ostenberg — disse ela.

— A senhora está falando de Jocelyn Ostenberg, do outro lado da rua? — perguntei.

— Sim, senhor. Dela mesma. E aquilo era uma vergonha mesmo.

Pelo canto do olho eu vi um carro da polícia entrar na outra ponta do quarteirão.

— Posso entrar, minha senhora? — pedi.

— Ah, sim. Por favor — disse ela.

Ela se afastou da porta e eu dei um grande passo ao entrar em sua casa, esperando que os tiras não me tivessem visto.

A casa rescendia a xixi de gato e a aerosol destinado a disfarçar os

cheiros de um lugar, mas não me incomodei. Se a polícia não batesse naquela porta em dois minutos, eu estaria a salvo. Ainda tinha a carta de Jordan no meu bolso, mas depois da minha prisão no posto de gasolina, eu não sabia se ela ainda tinha algum poder oficial.

— Sente-se, por favor — disse a mulher. — Meu nome é Dottie. Dottie Mathers. E o seu?

— Ezekiel, srta. Mathers — respondi. — Ezekiel Rawlins.

A mulher virou-se para mim com um ar espantado.

— Um nome tirado da Bíblia — acrescentei, para que ela não me confundisse com um enviado do Senhor.

A sala na qual ela me fez entrar tinha flores por toda parte. Em vasos e bordadas no tecido do sofá e das cadeiras estofadas. O papel de parede tinha um motivo floral e havia bibelôs nas prateleiras, na mesinha de centro e no peitoral das janelas, todos com motivos florais. Entre as imagens de flores havia gatos em movimento. Gatos brancos, pretos, amarelos e malhados esfregando-se na dona, miando e olhando para mim com um certo interesse.

— Sente-se, meu jovem — disse-me Dottie.

Havia um gato no lugar que ela tinha me oferecido. Ele não se mexeu enquanto eu não estava praticamente em cima dele.

Contei sete felinos e tive certeza de que havia duas vezes mais dentro e em volta da casa. Mas nenhum deles me incomodou. Os tiros não tinham batido na porta. Eu estava escondido e a salvo no meio de flores e gatos, na companhia de uma mulher branca que não parecia se importar com mais nada.

— Chá? — perguntou ela.

— Não, minha senhora. Tudo quanto eu quero é ter notícias do Harold.

— Que vergonha! — disse ela. — Sabia que ele costumava vir bater na minha porta quando não agüentava mais? Mas isso faz muito tempo. Mais de vinte e cinco anos. Sou uma das poucas pessoas que ainda se lembram dessa história, e é por isso que Jocelyn não falou comigo esses anos todos.

— Então O Harold e a mãe dele moravam na casa de Jocelyn? — perguntei.

— Exatamente isso — disse Dottie. — Acho que o nome dela era Honey.

— Será que por acaso se lembra do sobrenome dela?

— Ah, me lembro sim — disse Dottie de uma forma meio estranha. — Honey May. Nunca me esquecerei, porque ela tinha dois prenomes. Sempre achei que era esquisito.

— Honey May — disse eu, gravando o nome na memória.

— Certo. Ela parecia ser uma boa moça, mas parece que teve problemas com a bebida.

— Por que acha isso? — perguntei.

— Ela simplesmente desapareceu um belo dia. Nem levou o Harold com ela. Deixou o menino com a Jocelyn.

Ela tinha se sentado no meio do sofá florido com tons de vermelho, azul e verde. Dottie tinha um rosto comprido, mas cheio embaixo. O nariz era grosso e as bochechas redondas. Naquele rosto eu vi o rosto de Jocelyn. Minha atenção tinha sido distraída pelas orelhas grandes, mas agora eu me lembrava que conseguia ver os traços daquela mulher com sobrenome Ostenberg outra vez.

— Jocelyn ficou com o menino — Dottie estava dizendo. — Acho que foi muito cristão da parte dela, mas sabe, teria sido melhor para todo mundo se ela tivesse encontrado algumas respeitáveis pessoas de cor para ficar com ele.

— Por que está dizendo isso, minha senhora?

— Você não está sendo educado, Ezekiel — disse ela sorrindo para mim. — Teria sido melhor porque Jocelyn tinha muita vergonha das pessoas saberem que ela estava criando um menino de cor. Ela sequer o levava para a escola. Desde que ele tinha cinco anos, ela o obrigava a andar nove quarteirões até a Redman Elementary. Ela nunca o levou à pracinha, e nunca deixou os amigos dele entrarem em sua casa.

— E o marido dela? — perguntei.

— Aquele homem com quem ela vive é o segundo marido. — respondeu Dottie. — Ele só está com ela há dezesseis anos. O primeiro marido de Jocelyn foi embora anos antes. Harold saiu da casa de Jocelyn quando tinha doze.

— Doze anos de idade?

— Sim. Eu sei porque ele veio aqui me procurar no dia em que foi embora. Perguntou se podia cortar o meu gramado por cinquenta centavos, e eu disse que podia. Depois disso, nunca mais o vi. Jocelyn disse aos vizinhos que a mãe dele tinha vindo buscá-lo. Mas eu sabia que não era bem isso. Ele queria aqueles cinquenta centavos para poder fugir de casa. E quem poderia culpá-lo? A mãe dele era uma bêbada que o abandonou, e a mulher que o criou não segurava a mão da criança nem para atravessar a rua.

Àquela altura eu tinha me esquecido completamente da polícia.

Um gato pulou no meu colo e começou a pressionar o focinho na minha mão. Fiz-lhe um carinho distraído atrás das orelhas. Estava imaginando um menino negro solitário que vivia num mundo branco, onde até a própria mãe o tratava como se fosse lixo.

— Gosta de gatos, sr. Rawlins? — perguntou-me Dottie.

— Mais que da maioria das pessoas — repliquei.

— Aleluia! — disse ela.

CAPÍTULO 41

— Alô? — disse uma voz masculina.

— Posso falar com a sra. Ostenberg? — perguntei de um telefone público no bulevar Chandler.

Eram quase quatro da tarde e eu estava esperando uma carona.

— Quem é? — perguntou o homem.

— Harold — disse eu — Ostenberg.

Houve uma pausa e depois uma voz de mulher disse:

— Sim?

— O pai de Harold também se fazia passar por branco? — perguntei. — Ou será que o Harold era apenas um atavismo do seu lado da família?

— Quem está falando?

— Se não quiser que eu tenha uma conversa com seu marido, é melhor me dizer como eu posso entrar em contato com o seu filho, Jocelyn.

— Eu vou me enforcar — ameaçou ela.

— Não, não vai — disse eu. — Porque, se fizer isso, vou mandar a polícia ao local de trabalho de seu marido. Vão lhe fazer perguntas sobre você e sobre sua linhagem, Jocelyn. Até que ponto ele vai ter de cavar para descobrir quem são seus pais?

— Não sei onde o Harold está — disse ela, respondendo as duas perguntas com uma única declaração.

— Preciso me encontrar com você, Jocelyn. Preciso conversar sobre seu filho.

— Não fale dele assim.

— Vou te dar um endereço e você vai lá falar comigo. Se não for, vou imediatamente soprar tudo nos ouvidos do seu marido.

— Não pode me chantagear, senhor — disse ela, sentindo-se por cima.

— Poderia, sim, se quisesse, minha senhora — repliquei humildemente. — Mas tudo quanto eu quero é o Harold. Você me diz como encontrá-lo que não mexo mais com a sua família.

— E se eu for me encontrar com você, vai deixar a mim e ao Simon em paz?

— Não ligo a mínima para você, Jocelyn. Nunca ouvi falar de você até ontem e não vou estar pensando em você amanhã. Mas, esta noite, quando vier se encontrar comigo, preciso que me diga o que fazer para pôr as mãos no Harold.

— Já disse que não sei onde ele está.

— Não tem cartas dele?

Silêncio.

— Tem alguma foto dele já adulto? — perguntei.

Silêncio de novo.

— Preciso saber de tudo que você sabe.

— Ei, Easy — disse Raymond Alexander. Ele estava encostando no meio-feio com um Continental dourado. Um carro novinho em folha.

Levantei uma das mãos, enquanto dava o endereço de meu escritório a Jocelyn Ostenberg.

— Quero vê-la às sete horas, Jocelyn — disse eu, e desliguei.

— Que que cê tá fazendo aqui, Easy? — perguntou o Rato, quando já estávamos de volta à zona centro-sul de L.A.

— Procurano o Harold.

— Você acha que um vagabundo negro vai andar por aí com gente branca?

— Como é que vai, Ray?

Perguntei porque ele não parecia bem. Estava usando um par de calças com suspensórios e uma camiseta branca, e nenhuma daquelas roupas estava muito limpa. Ainda estava com os sapatos de aligátor feitos à mão, mas sem meias. A maioria das pessoas teria olhado para ele e pensado que ele estava tentando fazer tipo, mas eu sabia que não. Quando as roupas do Rato estavam numa pior, ele também estava. Alguma coisa o estava incomodando e havia uma boa chance de ele resolver o tal problema com um revólver ou uma faca.

— Não consegui encontrar a Benita — disse ele.

— Não? Topei com ela em praticamente todos os lugares onde eu fui.

— Liguei pra ela e ela num tava — disse o Rato. — Perguntei pros amigos dela onde que ela tava e ninguém viu ela desde que ocê levou ela pra casa. Cê sabe que me deixou preocupado com aquela sua conversa toda.

Havia um tom acusatório nas suas palavras, como se fosse culpa minha o fato dela ter desaparecido.

— Ela falou que talvez fosse visitar uma pessoa da família lá em San Diego — disse eu. — Por que não pergunta pra mãe dela, se conseguir o número do telefone?

— É. Tudo bem. Cê deve sabê que a mãe dela também tá preocupada.

Durante todo o trajeto o Rato estava azedo e silencioso. O que não seria agradável na companhia de ninguém, mas com o Raymond sempre havia a ameaça extra de homicídio. Ele era mais assassino que qualquer outra coisa, e por isso era preciso levá-lo com jeito e grande respeito. Um Rato enfurecido era como uma granada com o pino solto, como um leão faminto resfolegando na sua nuca.

Quando estávamos chegando perto do meu escritório, perguntei:

— Como é que vão os negócios com você e aquele almofadinha do Hauser?

— Bem, eu acho. O fé-da-puta fica me rondano porque num abro nada sobre o que é meu, fica falano que qué o justo pra ele. Acabei teno de falá que a gente podia brigá ou intão que ele largasse do meu pé. Ele num queria nem te pagá.

— Me pagar?

— É, Easy. Você salvou a pele da gente, cara. Merda, num foi só os tira daquela noite. Cê sabe que os fé-da-putas tavam com a Guarda Nacional na nossa cola também. Mesmo se a gente tivesse matado os tira, eles ia mandá homens de bazuca atrás de nós. Do jeito que as coisa aconteceram, fizemos mais três viagens e uma vez a polícia até acenou pra nós. Acenou.

Ao dizer isso, ele enfiou a mão num bolso e tirou um envelope marrom grosso. Deu-me o pacote, dizendo:

— Ganhamo onze mil dólares naquela noite.

O envelope continha um maço de notas de cem dólares e um anel de esmeralda enrolado em papel higiênico.

— Três mil dólares e uma lembrancinha do meu tesouro particular.

Levantei o anel contra a luz. A pedra era muito grande, uns cinco ou

seis quilates no mínimo.

— Casa de penhores das altas rodas de Avalon — disse o Rato. — Penso nela tem anos. Lá ninguém acha que alguém conseguiria arrombar o cofre, mas eu conhecia um cara que sabe mexer com maçarico.

A essa altura já estávamos na frente do meu escritório. Eu não podia recusar aquela fortuna. O Rato estava me dando o dinheiro em parte porque era meu amigo e em parte porque queria me implicar em suas atividades criminosas. Dizer-lhe não seria briga na certa.

Pedi a ele para me ligar se não encontrasse Benita até de manhã. E fui para o único lugar onde eu podia ser o homem que queria ser.

Pus o dinheiro e o anel na gaveta de baixo da minha mesa.

Em casa, na garagem, eu tinha uma caixinha onde guardava todo dinheirinho extra que entrava. Era para a faculdade de Feather e para o futuro de Jesus, fosse o que fosse que ele viesse a ser. Mas o dinheiro do Rato era outra coisa. Eu tinha de lhe dar um destino qualquer que redimisse os crimes dele. Pensei numa forma de conseguir isso, mas sem muito êxito.

Depois fui até a janela e olhei para a rua. Não havia nenhum homem da Guarda Nacional à vista, mas seis carros da polícia passaram pelo meu quarteirão enquanto estive ali de pé.

Na minha rua, os efeitos dos quebra-quebras ainda eram visíveis. Grupinhos de pessoas iam desanimados de uma esquina a outra. A polícia dispersava-os sempre que começavam a se reunir. Vi um

homem sendo preso por se recusar a circular. Os quebra-quebras eram meio parecidos com a minha briga com o Harold errado. Ninguém ganhou. Medo de um lado, derrota do outro.

CAPÍTULO 42

Eu estava lendo Banjo quando ela chegou à porta. A batida foi tão suave que no começo não a percebi. Podia ter sido um gato brincando com uma bola de pano no corredor.

Mas era Jocelyn Ostenberg. Ainda estava usando aquela roupa cinza, e tinha acrescentado uma peruca de fios castanhos ao seu visual. Havia pó suficiente no seu rosto para fazer pão, e os lábios pareciam ter sido pintados com esmalte vermelho. Em vez de tentar ser uma mulher branca, ela parecia estar tentando passar por membro de uma raça extinta de palhaços.

— Entre — disse eu àquela mulher espalhafatosa. — Venha sentar aqui.

Voltei à minha cadeira depois que ela se sentou. Ela estava carregando uma grande bolsa caramelo. Perguntei-me se ela não teria um revólver dentro daquela bolsa. Incomodou-me o fato daquela idéia não ter nada de estranho.

— O que quer de mim, sr. Rawlins?

— O seu filho me deve seiscentos dólares — disse eu. — Ele me parou na rua, pedindo um trocado. Contratei-o para trabalhar numa parede que eu estava construindo, e ele fugiu com as minhas ferramentas elétricas.

A expressão aflita voltou ao rosto daquela mulher minúscula.

— Então o senhor levou a polícia à minha casa por conta de umas ferramentas?

— Ferramentas de primeira — disse eu. — Ferramentas elétricas. Além disso, é uma questão de princípio, não de dinheiro.

— Como foi que me encontrou?

— No dia em que ele foi trabalhar, ele falou um pouco da sua vida. Falou sobre sua mãe, Jocelyn; e, quando vi que ele tinha me roubado, fui direto para o catálogo telefônico.

Era uma mentira idiota, muito idiota. Mas foi tudo quanto consegui pensar naquela hora.

— O que faz aqui? — perguntou-me ela.

— Faço pesquisa — disse eu. Eu estava bem próximo da verdade, tanto que provavelmente teria passado num teste de um detector de mentiras.

— E então pra que estava construindo uma parede?

— Diga-me onde está o seu filho, senão eu vou contar a seu marido que ele é casado com uma mulher negra que tem um filho negro que anda por Watts cometendo crimes.

— Isso é extorsão — disse ela. — Eu poderia processá-lo por isso.

— Onde está Harold?

— Não sei. Faz anos que não o vejo.

— Ele disse que vai à sua casa de vez em quando.

— Faz anos que ele não vem — disse ela. Havia lágrimas prestes a correr.

- Quando foi a última vez que o viu?
 - Você não está fazendo isso por causa de umas ferramentas velhas.
 - Tenho o seu número bem aqui, Jocelyn Ostenberg. E vou ligar para sua casa antes de você conseguir chegar lá.
 - Não está certo você fazer isso.
 - Não vou discutir com você. Ou me diz onde está o Harold, ou vai ter de renunciar à sua vida de branca.
 - Eu lhe pareço uma mulher negra? — protestou ela.
 - Você parece a avó do Brucutu — disse eu. — Mas eu não ligo a mínima. Vou sair pra rua e aprontar um quebra-quebra de um homem só até pegar o Harold. Ou você me conta o que eu quero saber, ou vou contar pra todo mundo o que sei a seu respeito.
- Eu mal podia acreditar no quanto eu estava sendo brutal com aquela velhinha frágil. Mas eu sabia que Harold tinha provocado todo tipo de sofrimento e que a mulher à minha frente o tinha posto no mundo. Ela era responsável, e eu não ia afrouxar agora.
- Por que quer tanto saber dele? — perguntou Jocelyn.
 - Onde está ele? — perguntei à guisa de resposta.
 - Não sei. Você o conhece. Ele mora nas ruas e alamedas. Não tem telefone, nem endereço. É um pária. Só trinta e sete anos e não passa de um mendigo.
 - Fale-me dele — disse eu.
 - Já falei, Ele não vale nada. — Mostrou os dentes num rosnado feroz.

— É um nada.

— É por isso que ele está matando mulheres negras que transam com homens brancos?

Para mim, foram os olhos. Eles se abriram desmesuradamente quando ela ouviu a acusação que fiz: olhos arregalados, castanhos e muito familiares. Ele tinha a maldição da cor negra nas suas veias. Eu tinha certeza de que ela a via no espelho todas as manhãs antes de se empetecar com aqueles pós e cremes clareadores, antes de pôr a peruca, as luvas e o chapéu.

Não era a primeira vez que eu conhecia alguém como ela. E eu não a odiava pelo fato dela odiar a si mesma. Se todo mundo despreza e odeia você, acha seus traços feios e simiescos, faz piadas sobre sua maneira de falar, te chama de burro e fedorento; se você não tem história, nem heróis e nem um futuro para onde um herói poderia te levar, você pode muito bem começar a odiar a si mesmo, a odiar seu rosto e seus traços, seus pais e até seu filho. Tudo isso pode acontecer e você nem ao menos sabe disso. E então, numa noite quente de verão, você simplesmente explode e sai pondo fogo e atirando em tudo o que vê pela frente, e parece que ninguém sabe por quê.

— Que mulheres? — perguntou Jocelyn?

Você. A palavra veio-me à cabeça, mas eu não a pronunciei. Talvez nem fosse verdade, mas eu acreditei que era. Acreditei que Harold Ostenberg tinha perambulado pelas ruas em busca de uma forma de dar vazão a seu ódio. Encontrou mulheres que o tinham traído como sua mãe o traíra. Matou-as e roubou suas lembranças.

— A mulher do outro lado da rua disse que você obrigava o Harold a ir pra escola sozinho, mesmo quando ele era pequeno — disse eu.

— Muitas crianças vão para a escola sozinhas. Eu ficava muito ocupada arrumando a casa.

— Ela também me contou que o Harold fugiu quando tinha só doze anos.

— Ele já era ruim desde aquela época. Sabia, sr. Rawlins, que algumas crianças simplesmente já nascem ruins?

— Quem é o pai dele? — perguntei.

— Não sei o que isso tem a ver com a história — disse ela. — O pai dele foi embora quando Harold era apenas um bebê.

— Ele também se fazia passar por branco como você?

— Eu não tenho de agüentar isso.

— Tem, sim — disse eu. — Ou será que prefere que eu procure seu novo marido branco para lhe contar essa história?

Por um momento achei que Jocelyn ia pular em cima de mim. Vontade é que não lhe faltava. Ela me odiava, com toda a certeza.

— Cari era de St. Louis — disse ela derrotada. — Nós nos conhecemos quando ambos estávamos trabalhando no Third Avenue Bank. Ele era do setor de empréstimos e eu era caixa. Pensavam que éramos brancos e não fizemos nada para pensarem o contrário. Mas a gente podia dizer isso um ao outro. Não era errado. A gente só queria tocar a vida em frente. Trabalhar juntos. Compramos uma casa.

— Apenas um simpático casal de brancos lá do Leste.

— Você não tem o direito de me julgar.

— Mas Harold, de pele negra, tinha — disse eu. — Você e o seu marido de pele clara aprontaram a maior confusão lá no quarto das

crianças. O Harold era uma espécie de mancha de merda nos seus lençóis.

— Você não precisa ser grosseiro — disse ela.

— Eu nunca matei uma mulher negra, sra. Ostenberg. Nunca enxotei uma criança da minha casa.

— Você não está entendendo — disse ela. — O Cari me abandonou. Ele foi trabalhar um dia e nunca mais voltou. Eu não tinha amigos, nem família. Tudo quanto eu tinha era o Harold, e ele simplesmente não conseguia se comportar direito.

— Está querendo me dizer que ele não sabia por que tinha de fingir ser filho da sua empregada? Que ele não sabia por que Honey May estava fingindo ser mãe dele?

— Você sabe o nome dela? perguntou Jocelyn.

— Estou procurando o Harold — disse eu. — E pretendo encontrá-lo, com a sua ajuda ou sem ela.

— Eu não sei onde ele está, sr. Rawlins. Ele me deixou quando tinha doze anos. Não o vejo desde então.

— Tem certeza de que não quer mudar essa história? Depois que ela vier à tona, você não vai ter nenhum buraco onde se esconder.

Ela se levantou com as pernas quase firmes e virou-se de costas para mim. Foi até a porta e saiu sem dizer palavra. Eu nunca tinha sentido tanto ódio na minha vida, mas não tinha certeza absoluta de quem, nem do quê, eu estava sentindo ódio. Não tinha certeza nem do porquê.

CAPÍTULO 43

Havia apenas uma Honey May no catálogo telefônico de Los Angeles. Morava em Crocker, entre a rua Oitenta e Sete e a praça Oitenta e Sete. Eu podia ter ido lá a pé do meu escritório, mas fui de carro porque era assim que você tinha de andar em L.A. Para descer a rua ou para atravessar a cidade, você tem seu carro lá no meio-fio esperando para levá-lo para o lugar onde precisa ir.

Honey morava num prédio azul, no segundo andar.

— Sim? — disse com voz suave por trás da porta fechada.

— É Easy Rawlins, minha senhora — disse eu. — A senhora não me conhece, mas vim aqui para conversar sobre Harold Ostenberg.

— Ai, meu Deus! — disse ela. — Ai, meu Deus!

Abriu a porta e espiou pela tela.

Honey era uma mulher grande em altura, circunferência e traços faciais. As narinas eram cavernosas e os olhos pareciam duas luas. Só a voz de Honey não tinha grandes dimensões. Tive a sensação de que a voz estridente que eu estava escutando era apenas de um único membro do coro que devia ter vivido dentro daquele corpanzil.

Ela estendeu uma mãozona com um movimento delicado.

— Sr. Rawlings?

— Rawlins — disse eu. — Meu avô dizia que perdemos o “g” quando fugimos do Tennessee.

Seu sorriso revelou dentes grandes. Mas o sorriso logo foi substituído pela preocupação. Os homens tinham se aproveitado dela a vida toda sendo charmosos e engraçados — era o que o seu rosto estava me dizendo.

- Disse alguma coisa sobre o Harold? — perguntou ela.
- Ele está metido numa encrenca — disse eu.
- Ele está metido em encrenca desde o dia em que nasceu. Qué entrar, sr. Rawlings?

Não a corriji.

As paredes de Honey estavam pintadas de violeta. Ela só tinha quatro paredes entre as quais viver porque era uma quitinete. Havia fotografias emolduradas em volta da caixa que servia de prateleira, e cópias de pinturas pregadas na parede. Ela tinha três cadeiras, um sofá e uma cama Murphy que estava dobrada embaixo de uma janela que dava para uma parede verde.

— Que tipo de encrenca? — perguntou ela, depois que escolhi um lugar para me sentar.

— A pior que puder imaginar — disse eu. — Tão ruim que nada pior poderia ser feito como vingança contra ele.

Minhas palavras atingiram o rosto de Honey como se fossem bombas numa cidade pacata.

— Não é culpa dele — disse ela. — Ele num teve como evitar o que a vida fez dele.

— Sabe onde posso encontrá-lo, sra. May?

— Está pensano em matar ele, sr. Rawlings?

Aquela era a solução mais provável de uma briga na comunidade negra daquela época. Quando homens negros tinham problemas entre si, raramente procuravam a polícia. A lei não se importava, a menos que tivesse a ver com pele branca ou dinheiro. Os homens negros resolviam eles próprios as suas desavenças.

— Não, minha senhora. O que o Harold fez tem de se tomar público. Ele matou mulheres — disse eu.

— Ah, não! Não!

— Eu nem sei quantas. Mas ele tem de ser detido. Porque, se não for, vai continuar matando até ele mesmo morrer.

Honey começou a chorar. Tive a sensação de que ela estava esperando minha visita há muitos anos, que sabia da tragédia potencial contida no coração machucado de Harold. Mas o que ela poderia ter feito com sua natureza delicada e sua pele cor de chocolate, seu ar humilde e seus olhos gigantescos? Era apenas uma testemunha exótica, um anjo, talvez, sem nenhuma influência sobre os atos humanos.

— Sinto muito, sr. Rawlings. Ele atacou alguém próximo do senhor?

— Para falar a verdade, não. Mas desde que comecei a procurar por ele, vi coisas tão horríveis quanto a guerra. — Fiz uma pausa e depois perguntei: — Sabe onde posso encontrá-lo?

— Não sei se devo lhe dizer, sr. Rawlings. Sabe, eu carreguei aquele menino nos meus braços quando ele ainda nem engatinhava..

— Ele é um homem agora, sra. May. E os homens têm de responder pelos seus atos.

— Mas as coisas foram tão difíceis para ele — argumentou ela. — O senhor sabe que nenhum juiz branco vai se importã com o que aconteceu com ele.

— Tem uma filha, sra. May? Ou mãe, ou irmã?

Ela sorriu, mas era como se eu tivesse entrado no seu peito e arrancado aquele sorriso contra a sua vontade.

— Bem aqui. — Ela foi até uma prateleira que ficava perto da janela e pegou um porta-retratos de metal com uma fotografia de máquina Polaroid que mostrava uma jovem parecidíssima com ela. — Sienna May. Ela se casou com um homem chamado Helms, mas a gente ainda chama ela de Sienna May porque parece que é o certo.

Levantei-me e fui até a janela. Tirei o porta-retratos da mão daquela mulherança e admirei-o. Depois o virei para que ela pudesse vê-lo.

— Se o Helms fosse um homem branco, o Harold poderia ter espancado a sua filha até os olhos e a língua estarem saindo da cabeça — disse eu. — Ela estaria fria e morta como um presunto de Natal na geladeira. E haveria uma dúzia de outras moças deitadas lá ao lado dela.

Honey arrancou o retrato da minha mão.

— Não!

— Sim — repliquei. — Foi exatamente isso que eu disse quando saquei as coisas há quase um ano atrás. E quando eu fui procurar os tiras e contei tudo pra eles, eles disseram que eu devia estar errado, que nenhum mendigo andaria por aí fazendo essas coisas sem que eles soubessem. Agora tem mais uma mulher morta. E estou lhe pedindo pra me ajudar a fazer o Harold parar.

— Mas por que eu haveria de acreditar no senhor, sr. Rawlings?

— Porque a senhora conhece o homem do qual estou falando. Sabe de onde ele vem e do que ele é capaz. Consegue ver ele fazendo exatamente o que estou dizendo, e sabe por quê.

Honey May deixou-se cair no sofá. Olhou para o próprio colo e as lágrimas começaram a correr de seus olhos. Sacudiu a cabeça e os ombros caíram para a frente.

— É culpa minha também — disse ela. — Eu soube que a mãe dele era de cor no minuto em que pus os olhos nela. Mas eu nunca falei nada. Não discuti quando ela deu a entender que as coisas seriam mais fáceis para Harold se as pessoas achassem que eu é que era a mãe dele. Mas eu nunca menti para o Harold. Conte pra ele que a sra. Ostenberg era sua mãe e que eu era só a sua babá. Acho que eu devia ter trazido ele comigo quando fui embora daquela casa. Mas, sabe, eu não tive força pra fazer isso.

— Ele procurou a senhora depois que fugiu de lá? — perguntei.

— Ele vinha ficar comigo e com Sienna de vez em quando. Mas o senhor sabe que ele era muito violento. A maior parte do tempo ele ficava fora, na rua, morando em terrenos baldios ou albergues.

— O Estado não veio atrás dele?

— Veio, mas o Harold simplesmente fugia. Ninguém queria um traste daqueles, e ele sempre parecia mais velho do que era. É por isso que o rosto dele era tão duro.

— Sabe onde posso encontrá-lo, sra. May?

— Ele vem aqui mais ou menos uma vez por ano — disse ela para o assoalho. Da última vez faz uns quatro ou cinco meses. Disse que gostava do lado norte da praça Will Rogers porque lá tinha uns caras legais que gostavam de jogar dominó.

— Não vou matá-lo, sra. May — disse eu. — Tenho vontade, mas não vou matá-lo. Só quero ter certeza de que a polícia vai pegar ele.

Ela levantou aqueles olhos enormes para mim.

— Sou capaz de jurar que é um homem bom, sr. Rawlings — murmurou ela. — Mas eu também conheço o Harold. Ele qué ser bom, só que não sabe como.

— Tem um retrato do Harold que eu possa mostrar à polícia?

Havia uma cômoda minúscula de três gavetas ao lado da cama Murphy. Ela abriu a gaveta do meio e tirou um porta-retratos simples de madeira escura, que me entregou.

Harold devia ter uns vinte anos quando o retrato foi tirado, usando um casaco largo demais para ele, provavelmente emprestado pelo fotógrafo. Os olhos não eram tão apáticos, e havia uma certa esperança nele naquele momento. Eu me perguntei se ele já teria começado a assassinar mulheres nessa época.

— Será que o senhor podia me devolver o retrato depois que tudo estiver resolvido, sr. Rawlings?

— Assim que estiver tudo resolvido — disse eu.

Olhamo-nos nos olhos, sabendo ambos o que minhas palavras queriam dizer.

CAPÍTULO 44

Eram quase dez da noite. Nenhum jogador de dominó estaria na rua numa hora daquelas. Voltei para o meu escritório e liguei pra casa.

— Alô! — disse Feather.

— Que que cê tá fazendo de pé a essa hora, menina? — perguntei à filha do meu coração.

- Papai! — gritou ela. — É você?
- Claro que sim, menininha. Pensou que eu tinha fugido?
- Eu estava com medo de você ter se machucado lá nos lugares onde teve quebra-quebra.
- Não, meu bem. Eu só andei trabalhano no escritório. Você sabe que às vezes os adultos têm de trabalhar dia e noite.
- Mas por que você não vem pra casa, papai? Eu fico com saudade de você.
- Vou estar em casa quando você acordar de manhã, meu bem. Prometo.
- Você promete?
- Juro — disse eu. — A Bonnie está aí?
- Am-ram. Aqui!
- Onde é que você está, Easy? — perguntou Bonnie.
- No escritório. Qual é o problema?
- Uma mulher chamada Ginny Wright ligou por volta das oito. Ela disse que a Benita Flag tinha andado atrás de uns comprimidos pra dormir. Ela tentou telefonar para o Raymond, mas ele não estava em casa. Ela disse que talvez você quisesse saber dessas coisas.

Respirei fundo. Estava com a impressão de que o mundo estava grande demais para eu administrar. Eu queria ir pra casa ver minha família. Queria dormir por uma semana. E, quando levantasse, queria ir pro meu trabalho na Sojourner Truth Junior High School, onde ia limpar o leite derramado e dar uma boa olhada para ver se não havia nada esquecido no pátio da escola.

— Eu ia direto pra casa agora, meu bem — disse eu. — Mas acho melhor dar uma olhada nisso. A Benita é uma das amigas de Raymond e andou agüentando uma pressão danada esses últimos tempos.

— Tudo bem, Easy — disse Bonnie com suavidade. — Jesus está aqui e vai esperar até você voltar antes de sair no barco outra vez.

Como ninguém respondeu, bati na porta. Se eu estivesse errado a respeito de Benita, sempre poderia dar um jeito de consertar as coisas. O fato de ser negro e pobre tinha feito muito por mim. Tinha feito de mim encanador e carpinteiro, eletricista e pedreiro. Eu sabia instalar uma janela, desmontar o motor de um carro, pavimentar uma rua e fazer um motor a vapor funcionar. Ser pobre fez mais por muitos homens como eu do que qualquer grande universidade ou o exército poderiam imaginar.

Benita Flag estava na cama com uma espuma branca saindo da boca. Não reagiu a sacudidas, nem a tapas, nem à água fria que lhe joguei no rosto.

Eu poderia ter chamado uma ambulância, mas a pobreza tinha me ensinado uma lição sobre isso também. Eu já estava com ela no Mercy Hospital em menos de doze minutos. Lá eles lhe lavaram o estômago e lhe deram remédio na veia. Um médico chamado Palmer me disse que ela estava tão perto da morte que ele não sabia se tinham feito o suficiente para trazê-la de volta.

— Você fez a coisa certa — disse-me ele.

— De que que adianta fazer a coisa certa se tem mulheres morreno pra qualquer lugar que eu olhe? — perguntei.

Acho que o médico ficou desconcertado ou preocupado com as minhas palavras. Mas deu-me um tapinha no ombro e me mostrou uma cadeira.

O que mais eu podia fazer? Era apenas uma da manhã. Eu tinha muitas horas pela frente antes de ter condições de dar uma olhada nas mesas de dominó da praça Will Rogers. Por que não me sentar numa cadeira do hospital, esperando para ver se mais uma mulher não teria morrido?

No meio da noite, a sala de emergência de qualquer hospital é ocupada principalmente pelas conseqüências do amor. Homens e mulheres, e crianças com pais apavorantes. Os homens e as mulheres tinham se metido em brigas por conta de ciúmes passionais, e as crianças estavam lá porque

seus pais não tinham lugar algum para o qual se voltar.

Vi um menininho com uma contusão roxa na cabeça caindo no sono, mas antes dele conseguir dormir realmente a mãe o sacudia, dizendo:

— Você pode ter uma concussão, meu bem. Tem de ficar acordado.

Dois homens que tinham se esfaqueado por causa de uma mulher começaram a brigar na sala de espera e a polícia teve de ser chamada para separá-los.

Mesmo no meio de todo aquele sangue e preocupação, caí no sono.

Eu era um simples marujo num grande campo de batalha cinzento, partindo para a guerra longe das praias norte-americanas. Era tarefa minha manter o casco do navio brilhando, polido e limpo. Eu tinha cordas grossas e um andaime feito de uma única tábuia de carvalho. Tudo quanto eu fazia noite e dia era esfregar e lavar o casco de aço de cima abaixo, de sol a sol. Depois que eu terminava de limpar o casco todo, ele já estava sujo no lugar onde eu tinha

começado. De modo que eu começava tudo de novo, sem me queixar e sem tentar fugir aos meus deveres.

Mas, depois de um bom tempo e de muitas, muitas idas e vindas esfregando aquele casco, comecei a me perguntar por que o navio tinha de ficar tão limpo se todo ele tinha sido feito para a guerra. Por que brilhar e reluzir no mar azul quando ele só derramaria sangue e levaria à morte? O mar continuaria vermelho, o céu continuaria fazendo eco aos canhões. Portanto, o casco reluzente seria uma desgraça e meu trabalho seria motivo de zombaria ao longo da história.

— Sr. Rawlins?

Era uma enfermeira.

— Sim?

— A srta. Flag está acordada agora — disse aquela mulher branca de meia-idade e cabelos grisalhos.

— Que horas são?

— Seis e dezesseis.

Ela parecia péssima naquela cama de hospital. Havia mais dois outros leitos no quarto. Todos eles tinham cortinas para separá-los uns dos outros, mas não estavam abaixadas. Num dos leitos estava uma velha balbuciando alguma coisa para si mesma. No outro, estava um dos homens que tinha brigado na sala de espera. Sua cor não parecia nada boa. Havia um tubo afixado no nariz dele, levando oxigênio para dentro do corpo, pensei, e três soros diferentes com agulhas intravenosas nos braços, pingando remédio dentro dele. Se ele tivesse mãe, eu rezaria para ela não vê-lo daquele jeito.

— Easy! — murmurou Benita. — Foi você que me salvou?

— Eu te trouxe pra cá — disse eu. — Como é que cê tá, Benny?

— Estou me sentindo uma idiota — respondeu ela. — Por favor, não conta pra ninguém o que aconteceu.

— Cê está bem agora?

— Tô sim. Dá para imaginar? Tomano aqueles comprimidos, tentano me matar por causa do Raymond?

Puxei uma cadeira pesada com armação de metal.

— Sente-se — disse a velha para o ar.

— Não sei, Easy. É que tava doendo tanto que eu queria dormir e nunca mais acordar. Era como se eu estivesse sonhando, sabe? Para falar a verdade, eu não pensei em morrer, só em dormir. E aí, quando eu acordei e o médico me perguntou se eu tinha tentando me matar, eu disse que não. E estava falando sério. Mas agora estou vendo que tudo tava me levando pra isso. Todo mundo disse que eu tava levando essa história com o Raymond a ponta de faca, mas eu falava que ninguém me entendia. Mas agora eu acho que entendiam sim, né?

Ela estava sonolenta, mas suas palavras eram claras e o peso do amor tinha sido tirado de sua testa.

— Dói quando alguém que você ama vai embora — disse eu. — Imagina como a sua mãe ia se sentir se você aparecesse morta no chão com espuma saindo pela boca.

— É. — Ela estava olhando para mim com espanto nos olhos. — Você salvou minha vida, Easy Rawlins.

— E o que que cê vai fazer com ela agora?

— Não sei.

— Você pode ficar lá em casa uns dias, se quiser — disse eu. — A gente não tem um quarto extra, mas tem um sofá onde você pode dormir. E a minha namorada vai fazer você comer direito, e você vai ter alguém com quem conversar.

Benita sorriu e o seu rosto pareceu se encher de saúde.

CAPÍTULO 45

Liguei para Bonnie e contei-lhe sobre a tentativa de suicídio. Perguntei se a gente podia dar uma força pra Benita por um tempo.

— Ela não tem mãe? — perguntou Bonnie.

— Eu prometi pra ela.

— Tudo bem — replicou Bonnie. — Mas é bom ela saber que eu não quero ninguém fazendo arte embaixo do meu teto.

Tomei meu café da manhã num carro-restaurante da avenida Success, ovos moles com torrada. Era o que a minha mãe me dava quando eu ficava doente. Também tomei chá com mel, e só fumei um cigarro. Comi e li o jornal.

Os quebra-quebras tinham praticamente terminado. Só havia um artigo na primeira página que se referia a eles, e era uma discussão entre Parker, o secretário de Segurança Pública, e o governador Brown. Brown achava que Parker tinha prejudicado as relações raciais de L.A., e Parker não acreditava que seus policiais fossem culpados de brutalidade. Além disso, a nave espacial parecia promissora e o vôo podia durar oito dias, as perspectivas de emprego do país eram as melhores desde 1957 e os vietcongues tinham tocaia do alguns soldados sul-vietnamitas.

Não havia histórias sobre mulheres negras assassinadas por um negro ensandecido cuja mãe achava que era branca.

Depois que terminei, fui para os bancos da praça onde os homens se reuniam para jogar dominó.

A tensão dos quebra-quebras estava diminuindo na cidade. As pessoas estavam a caminho do trabalho e as mães estavam deixando os filhos virem para o pldyground da praça. Alguns homens tinham se reunido para jogar dominó nas mesas. Nenhum deles era o Harold. Sentei-me num banco estreito embaixo de uma árvore e fiquei observando. Posso ter caído no sono algumas vezes, porque o meu relógio dizia que eram onze horas e para mim mal passava das nove e meia. Por um momento pensei em perguntar aos homens que jogavam dominó se conheciam o Harold, mas depois achei melhor não. Alguém podia avisar a minha presa, e aí teria sido eu mesmo que a teria espantado.

— Delegacia de Polícia da rua Setenta e Sete — disse uma voz de mulher.

— O investigador Suggs, por favor.

— Só um momento.

O telefone tocou.

— Investigador Suggs.

— Consegui uma foto dele — disse eu. — Peguei emprestada de uma mulher que quer ela de volta.

— Vou passar aí pra pegar — disse ele.

— Não precisa. Vou me encontrar com você num restaurantezinho descendo a rua pra quem vem daí. Só estou

ligando para contar isso e dizer que eu sei por onde ele costuma andar.

— Onde?

— Na parte nordeste da praça Will Rogers. Onde os homens jogam dominó.

— Como é que você ficou sabendo disso?

— Não tem importância, tem, investigador?

— Estou aí em dez minutos — replicou ele.

— Combinado.

Cheguei lá em menos de dez minutos, mas Suggs já estava no balcão tomando café, servido de um grande bule de porcelana. Havia um biscoito recheado com geléia num prato à frente dele e dois cigarros no cinzeiro.

— Tem fogo? — perguntei-lhe enquanto me sentava.

Ele acendeu meu cigarro e eu lhe passei a fotografia que conseguira com Honey May.

— Então esse é Harold, o Horror — disse o tira. — Parece só um perdedor.

— É.

— Estou surpreso de você ter me trazido isso — disse ele.

— Como assim?

— Achei que você ia pessoalmente atrás desse palhaço. Eu estava pronto para acobertar você se ele aparece morto depois de ter levado uma bala ou outra merda qualquer.

Aí eu comecei a rir. Minha cabeça se inclinou com aquela hilaridade toda e eu tive de me segurar para não cair do meu banco. Não foi a brincadeira que me fez rir daquele jeito, e sim o fato de um tira branco me deixar fazer meu trabalho sem interferência ou ares de superioridade. Era como se eu tivesse morrido e ido para o paraíso de um outro cara. Este homem, cuja alma eu habitava, tinha sido branco, e seu paraíso estava cheio de coisas comuns que eram como magia para mim.

— Não — disse eu. — Sei coisas demais sobre o Harold para matá-lo assim, sem mais nem menos. As pessoas encheram o saco dele a vida toda. Não me entenda mal. Quero que você o prenda e também quero que mandem ele para a câmara de gás. Mas eu não tenho de fazer isso. Não, senhor. Não eu.

Senti o peso da mão de Melvin Suggs no meu ombro. Outro gesto de amizade.

O investigador de polícia se levantou e atirou uma nota de um dólar em cima do balcão.

— Coma uns ovos, Rawlins — disse ele. — Você está com uma aparência horrível.

— Obrigado. Vou comer.

Mandei preparar mais dois ovos moles com torradas brancas e geléia de morango. Naquela época dava para comprar um monte de coisas com um dólar.

Voltei a pé para o meu prédio.

Antes de subir, parei na sapataria de Steinman. O cartaz de fechado ainda estava lá, mas estava pregado com tachinhas na porta que tinha sido posta no lugar outra vez. Empurrei para abri-la e vi Sylvie, a mulher, a musa e a melhor amiga de Theodore. Ela era uns oito centímetros mais alta que ele, com traços de uma deusa

teutônica. Era esbelta e eu duvido que até mesmo seu marido soubesse como era o som de sua voz. Em geral ela fazia gestos, de vez em quando sussurrava, mas Sylvie nunca levantava a voz. Não sei que idade tinha, mas era daquele tipo de beleza que não acaba. Os olhos violetas e os cabelos platinados, mãos longas e finas e a pele quase do tom perfeito do leite com que homens como Platão sonhavam.

Ela sorriu ao me ver.

— Sr. Rawlins! — disse Theodore de algum lugar atrás dela.

— Oi, gente! — respondi. — Vi que a porta estava aberta e só dei uma passadinha para ter certeza de que estava tudo bem.

Apareceu uma sombra de tristeza no sorriso de Sylvie.

— Provavelmente eu vou fechar essa loja aqui, sr. Rawlins — disse Theodore. — Foi demais. Meu agente de seguros diz que minha apólice não cobre quebra-quebras, e a prefeitura se recusa a ajudar.

— E o governo federal? — perguntei.

Ele sacudiu a cabeça e Sylvie pôs uma mão etérea na nuca do marido. O amor entre os dois sempre tinha me surpreendido. Era como um conto de fadas que um dia você percebe que é de verdade.

— Vai precisar de ajuda pra mudança? — perguntei.

Foi a vez de Theodore sorrir.

— Sabe — continuei —, tem uma loja de esquina que não fica longe da minha casa e que poderia ser um bom lugar para a lojinha de um sapateiro. Está vazia há alguns meses. Talvez eu pudesse apresentá-lo ao dono.

Sylvie deu dois passos e beijou-me. Seus lábios formaram a palavra “Obrigada”, e ela talvez tenha emitido algum som.

Combinamos um dia para a mudança e uma hora para conversar com o dono da loja de esquina vazia perto da minha casa. Tinha sido uma loja de roupas perto da Stanley e da Pico. Era um espaço legal e ele era sapateiro, e as pessoas usam sapatos em todas as partes do mundo.

Theodore pegou a sela de couro que estava em cima da mesa arruinada e empurrou-a na minha direção.

— Fique com isso, sr. Rawlins. Easy! — disse ele.

— Não fiz nada, Theodore — disse eu. — Ela é sua.

— Mas está nos ajudando — argumentou ele, — Você está sempre tentando ajudar. Isto é apenas, como diria você, um símbolo da nossa amizade.

Eu não queria pegá-la, mas Theodore continuava a oferecê-la e Sylvie continuava sorrindo. Finalmente, derrotado, concordei com um aceno de cabeça e peguei aquele objeto antigo.

Carreguei meu prêmio pela escada sul até o quarto andar. Percorri o longo corredor pensando que aquilo tudo tinha acabado. Suggs ia pegar Harold e dar um jeito de provar que ele era o assassino de Nola Payne. Theodore se mudaria para a zona oeste de L.A. e Jackson Blue se tornaria um especialista em computadores para o Cross County [Seria Country — Ruy, revisor] Fidelity Bank. Eu não sabia o que fazer com Juanda, mas essa questão ia ficar para outro dia.

Resolvi levar Benita, Bonnie e as crianças para um piquenique na praia do Pismo. A gente poderia cozinhar e Jesus poderia nos levar para pescar, um de cada vez.

Pus a chave na fechadura pensando que eu tinha me saído muito bem. Tinha feito meu trabalho e saltado fora antes que alguma coisa desse errado. Pessoas tinham morrido, mas não era culpa minha. A cidade tinha sido incendiada, mas talvez aquilo fosse como um incêndio das florestas, acabando com a vegetação rasteira e abrindo espaço para um novo começo.

Quando a madeira do batente da porta acima da minha cabeça espatifou, eu pensei que devia ter sido alguma coisa que tinha caído. Mas de onde? Aí foi a explosão de uma espoleta de revólver e mais madeira estilhaçada e uma dor repentina no meu bíceps esquerdo.

Virei-me na direção da porta do final do corredor, gritando e segurando a grossa sela de couro na frente da minha cabeça e do meu peito. Corri o mais que pude em direção à porta, gritando como um possesso numa guerra antiga. Mais tiros foram dados. Um deles passou raspando pelo nó do dedão da mão esquerda. Abri com violência a porta da escada, batendo em alguém que grunhiu e caiu para trás, e tive o vislumbre do ombro de um homem.

Enquanto ele descia correndo as escadas, atirei a sela em cima dele, mas errei.

Pus um pé na escada com a intenção de descer, sem notar que tinha levado um tiro na perna. O sangue começou a pingar e a fazer uma poça no degrau. Rolei um lance inteiro antes de parar e perder a consciência.

CAPÍTULO 46

Devo ter sido acertado em cheio na cabeça porque, mesmo achando que estava consciente, meus miolos não estavam fazendo as conexões certas na ambulância.

— Para onde foram os alemães? — perguntei ao atendente, enquanto estava na maca.

— Que alemães?

— Aqueles que mataram todas essas mulheres — disse eu. Aqueles que tentaram enganar os Aliados e mataram as mulheres com laço de fita branca nos cabelos.

Lembro de ter dito essas palavras. Senti frustração quando o atendente disse:

— Você foi ferido, mas vai ficar bom. Conhece o homem que atirou em você?

— Devem ter sido os nazistas — disse eu. — Eu sabia que havia alguma coisa de errado naquela frase por causa do olhar no rosto daquele menino branco.

— Me passa aquela injeção, Nick — disse o atendente ao homem que estava sentado do lado do motorista.

Fiquei olhando pela janela por um tempo, ouvindo a sirene, que tomei por um alarme anti-aéreo. Quase podia ouvir o barulho do canhão aliado.

Eu estava sentindo dor no braço, na perna e na mão, de modo que não senti a morfina enquanto ele a estava injetando. Mas logo o terror azul da guerra deu lugar a um mundo amarelo inundado de sol que nunca soubera de batalhas. A sirene transformou-se no pio de um imenso pássaro selvagem, e a ambulância era uma carruagem grega me levando para casa depois de todos aqueles anos no inferno. Comecei a chorar. Perguntei ao atendente se a minha mãe estava ali.

— Qual é o número do telefone dela? — perguntou ele.

Aquela foi a última coisa de que me lembrei durante um bom tempo.

Acordei no meio da escuridão. Havia cheiro de álcool e de outras substâncias químicas acres no ar. Eu estava entre lençóis limpíssimos num colchão cheio de calombos de um quarto quente demais. Havia luzinhas em lugares estranhos flutuando aqui e ali. As luzes não iluminavam nada. Só brilhavam, como estrelas no vazio.

No começo, eu não tinha a menor idéia de onde estava. Minha cabeça estava enevoada e havia dores vagas em algum lugar de meu corpo. Concentrei-me intensamente e lembrei-me dos tiros explodindo à minha volta. Mas, no começo, minha cabeça percorreu todo o caminho de volta à Segunda Guerra Mundial, vinte anos antes, quando eu era um jovem lutando pela liberdade de outras pessoas.

Aí me lembrei das lascas de madeira do batente da minha porta. Os tiros e a sela de Theodore, que salvou a minha vida. Parecia uma arma de brinquedo. Calibre 22, provavelmente uma pistola, com pouca velocidade, não o suficiente para atravessar o couro duro.

Lembrei-me também de uma jovem alemã, de vinte e dois anos, se tanto, beijando minha testa e aprendendo inglês, perguntando se eu tinha chocolate e agulhas de costura. Dei-lhe as duas coisas e aí ela me deu um tiro. Não. A moça foi há muito tempo. Eu levei um tiro e depois escorreguei no meu próprio sangue...

Sentei-me no leito do hospital, no quarto quente. Estava sozinho. Meu bíceps esquerdo parecia estar se rasgando toda vez que eu me mexia. Havia uma lâmpada sobre a mesa à minha esquerda. Tive de me torcer todo para acendê-la com a mão direita.

Na mesa também havia um desenho a creiom ao lado de um copo d'água. Era um desenho grosseiro em verde e azul de um homem numa cama com três pessoas de pé ao seu lado. Minha familiazinha estivera ali. Feather estaria em minha vida por muitos

anos. Ela me amava e eu a amei por muito tempo depois que toda a dor que eu sentia tinha desaparecido.

Na gaveta da mesa, Bonnie tinha me deixado uma muda de roupa limpa. Eu sabia que estaria ali. No bolso da calça estava minha carta de Gerald Jordan, mas Bonnie tinha levado minha carteira. Ela sabia que ninguém roubaria uma carta, mas dinheiro era uma outra história.

Quem atirou em mim?

Era um homem com uma pistola que estava esperando eu chegar ao meu escritório. Alguém que me conhecia e que estava com medo de mim. Um assassino que não estava acostumado a usar uma arma. Ninguém que fosse sério atiraria daquela distância toda com uma pistola de pequeno calibre. Repetindo: ninguém em seu juízo perfeito corria na direção de um homem atirando nele.

Eu tinha três curativos e não estava sentindo muita dor, exceto no braço.

Tinha de ser o Harold. Harold, com a mesma arma que tinha usado para dar um tiro no olho morto de Nola.

Depois que eu já estava vestido, deitei-me de novo e fechei os olhos. Caí no sono e sonhei com uma moça alemã costurando meus ferimentos. Era Sylvie, e Theodore estava à espreita no batente da porta destruída pelo bombardeio com uma pistola na mão,

Sentei-me na cama com um movimento brusco e pulei no colchão de molas para me pôr de pé. Não foi ruim. Alguém tinha me dado um tiro a menos de um dia e eu já conseguia ficar de pé. Eu era um soldado, não um cidadão ou um transeunte qualquer. Tinha de sair agora e encontrar o Harold para ter certeza de que ele nunca mais acertaria ninguém.

Era muito tarde. Mais de quarenta e oito horas já tinham se passado desde que Jordan tinha dado seu ultimato. Não havia ninguém se mexendo no corredor do hospital. Na mesa da enfermeira estava uma mulherzinha asiática, japonesa, eu acho, sentada na cadeira lendo uma revista. Quando cheguei à mesa ela deu um pulo da cadeira, ofegando.

— Não devia ter se levantado da cama, senhor — disse-me ela.

— Telefone público — disse eu. — Onde?

— O senhor tem de voltar pra cama.

— Tenho de fazer uma ligação. Telefone público.

Ela correu para o meu lado e pegou no meu braço. Eu a empurrei para longe e fui pelo corredor cambaleando até uma porta onde estava escrito SAÍDA. Desci as escadas aos tropeções e depois abri uma porta.

Do outro da rua onde ficava o Mercy Hospital, havia um telefone público. A telefonista conectou alegremente o cabo de chamadas a cobrar.

— Alô? — disse ela.

— A senhora aceitaria uma chamada a cobrar de Easy? — perguntou a telefonista.

— A cobrar...? — Sim, telefonista, aceito.

— Oi, Jewelle — disse eu. Dava pra notar a rouquidão da minha garganta.

— É você, Easy?

— Isso mesmo, meu bem. Como é que cê tá?

- Ótima. Mas são quatro da manhã. Que que há de errado?
- Levei um tiro.
- O quê?
- Estou bem. Quer dizer, não estou perfeito, mas também não tô mais sangrando.
- Precisa de um médico?
- Am-ram. Estou do outro lado da rua do Mercy Hospital. O que eu preciso é de uma carona. Estava me perguntando se o Jackson não podia vir me pegar.
- Ele tá dormindo — disse Jewelle. — E cê sabe que ele tem de ir trabalhar amanhã.
- Já?
- Eles precisam de gente boa no computador, Easy. Querem ele hoje. Eu vou aí te pegar.
- Eu não queria te tirar da cama, JJ — disse eu. — Só que...
- Tô indo, sr. Rawlins. Espera que eu já tô indo.

Ela desligou e eu me sentei embaixo do telefone público, sentindo a morfina e a vingança resvalando por baixo da minha pele.

CAPÍTULO 47

Passava pouco das cinco quando Jewelle estacionou do outro lado da rua onde ficava o hospital. Estava com um vestido rosa e

maquiagem pesada. Lembro-me quando ela tinha só dezesseis anos, de calça jeans e apaixonada pelo meu zelador, o rabugento do Mofass. Agora ele estava morto e ela era uma mulher.

— Eu trouxe um pouco de comida e um revólver pra você, Easy — disse ela, enquanto eu me deixava cair da forma mais delicada possível no banco do passageiro.

Peguei o saco de papel que estava entre nós e encontrei lá uma pistola calibre 45, um sanduíche de presunto e uma garrafa térmica cheia de café preto fumegante.

— Pra onde? — perguntou Jewelle.

Dei-lhe o endereço de Jocelyn Ostenberg e partimos.

Comi o sanduíche, mesmo sem o meu estômago querer. O café estava forte, do jeito que os negros o fazem lá no Sul. O revólver estava carregado e sem a trava de segurança. Eu sou destro, de modo que o ferimento não me impediria de matar o Harold.

— Quem foi que atirou em você, Easy? — perguntou-me a pequena Jewelle.

— Um cara que eu estou atrás. Um cara que mata mulheres negras por amarem homens brancos. Ele puxou o gatilho, mas foi a mãe dele que carregou a arma.

— Hum — grunhiu ela num tom depreciativo. — Cê num acha que as pessoas já têm bastante trabalho para pagar o aluguel sem todos esses tiros

e incêndios e matança?

— É — disse eu. — Mas você sabe que sempre tem alguém com algum motivo para estar com ódio, ou para pirar. Não posso jogar

pedra em ninguém. Quer dizer, olha pra mim. Aqui estou eu todo detonado, e mesmo assim tô na rua com um revólver na mão.

— Mas o senhor é diferente, sr. Rawlins — disse ela. — E o único que eu conheço que tenta ajudar as pessoas.

— O Jackson disse que está pegando esse emprego para te dar uma força, JJ. Parece que ele tá querendo fazer a coisa certa.

— É. Ele me ama. Eu sei que ama. Mas o senhor sabe que por mais que ele tente, no fundo, no fundo ele não presta. Adoro ver ele naquele terno, com aqueles óculos lindinhos que não fazem nada.

— Você o ama?

— Sim, eu o amo, mas ele não é como o senhor, sr. Rawlins. Não é, não. O senhor é que é um homem de verdade. Foi por isso que me levantei da minha cama, porque não é muitas vezes que Easy Rawlins pede ajuda pra alguém.

Cochilei um pouco no meu banco. Eu estava com raiva de mim mesmo por ter convidado Jocelyn Ostenberg a ir ao meu escritório, por ter-lhe dado uma forma de chegar a mim. Mas, naquele carro, com o sol nascente formando silhuetas nas montanhas do leste, ao lado de uma mulher que eu conhecia desde pequena, senti-me bem. Estava de bem com a vida, apesar de tudo. Talvez fosse por causa das drogas que tinham me dado, talvez fosse até o choque, mas eu me lembro de me sentir seguro e numa boa a caminho da casa da família Ostenberg.

— O Jackson disse que você perdeu tudo nos quebra-quebras — disse eu depois de um bom tempo.

— Que nada! — disse Jewelle com suavidade. — Eles só atrapalharam os meus negócios. As propriedades ainda tão lá e tenho bastante aluguel pra receber, vai dar para pagar os impostos. Tenho de ser criativa, mas o dinheiro vai voltar a entrar.

Estacionamos a um quarteirão da casa Ostenberg. Eu não queria que Jocelyn me visse esperando aqui fora, e não precisava estar muito perto para saber se Harold estava entrando ou se ela estava saindo.

Ainda era muito cedo quando chegamos, ainda não eram seis da manhã. Jewelle pôs a cabeça no meu colo e caiu no sono. Ela sempre se sentia à vontade comigo, como se eu fosse uma espécie de poder secreto que mantinha o perigo à distância. Lá estava ela, com sua inteligência brilhante, pensando que eu era quem devia protegê-la.

Eu não estava cansado, mas todas as drogas e o trauma sofrido pelo meu organismo me fizeram entrar e sair de vários estados mentais. Pensei em Juanda, em Howard, em Jackson, no Rato. Pensei nos quebra-quebras, em Gerald Jordan, em Melvin Suggs, em todos ao mesmo tempo. Entre todas as substâncias químicas e pensamentos e feridas, parecia que eu era capaz de desmontar meus pensamentos e deixá-los se misturarem.

Durante a maior parte da minha vida eu só tinha conseguido pensar numa coisa de cada vez, a menos que estivesse correndo perigo e tivesse de ter olhos nas costas. Mas, naquela manhã, quando eu devia estar me concentrando em Harold e só em Harold, eu estava pondo todas as peças no lugar de uma vez só.

Jewelle pegou na minha mão durante o sono e virou a cabeça. Abaixei os olhos para ver seu lindo perfil. Ela estava sorrindo, pensando em Jackson muito provavelmente enquanto segurava minha mão e sentia meu calor.

Foi aí que me dei conta de que quase tinha morrido no meu corredor. Eu tinha estado a poucos centímetros e a poucos momentos da minha morte e não tinha parado sequer para me dar conta da sorte que eu tinha tido.

Eu conseguia ver Juanda no perfil de Jewelle e sabia que nunca seríamos amantes. Aquele pensamento me fez sorrir. Dava para ver que Suggs odiava Jordan tanto quanto eu, e que o Harold sentia a mesma dor que a mãe dele. O Rato e Harold estavam no mesmo lugar na minha cabeça. E Benita e Nola, e Honey e Geneva vinham logo depois deles. Mulheres negras à mercê de homens negros que não puderam evitar tornar-se o que se tornaram.

Meu coração estava disparado, tentando acompanhar todas as sobreposições da minha cabeça. Eu queria fumar um cigarro, mas Jewelle estava segurando a minha mão.

Um Cadillac 60 de cor clara subiu pela entrada de carros de Jocelyn e parou. Um homem saiu e foi até a porta. Olhou para os lados e depois entrou. Não era Harold. Fiquei imóvel no lugar em que estava, perguntando-me o que fazer.

Alguns minutos depois as sirenes começaram a soar. No começo era só uma e estava bem longe. Não era uma sirene de carro de bombeiros; portanto, polícia ou ambulância. E depois ouvi outra, e outra. Estavam se aproximando a cada momento.

— Acorda, meu bem — disse eu a Jewelle.

— Que que é? — perguntou ela.

— Não sei, mas você tem de estar acordada.

A ambulância parou na frente da casa dos Ostenberg. Dois atendentes

saíram correndo com uma maca. O homem do Cadillac saiu correndo para se encontrar com eles. Mesmo à distância dava para ver que ele estava completamente fora de si. Suas mãos não paravam de se mexer. Os homens da ambulância tiveram de afastá-lo para o lado.

— Que que é, Easy? — perguntou Jewelle.

— Não sei. Mas é melhor você cair fora daqui. Vou sair e você vai pra casa.

— Não vô largar você aqui. Cê vem comigo.

Quatro carros de polícia chegaram todos ao mesmo tempo. Tiras saíram aos borbotões dos carros e entraram na casa. Tinha gente saindo das casas no quarteirão seguinte. O sol estava aparecendo como se o céu tivesse sido acordado por aquela balbúrdia.

Os minutos passavam, mas os atendentes da ambulância não saíram da casa. Aquilo significa que tinha havido alarme falso, ou morte.

— É ele! — gritou alguém com um tom de voz histérico. — É ele! É ele!

Olhei para fora e vi, a menos de cinco metros do Citroen de Jewelle, o homem flácido de olhos verdes que tinha chamado a polícia por minha causa da última vez que estive no quarteirão de Jocelyn. Estava gritando e pulando com seu roupão e chinelos. Quando nossos olhos se encontraram, ele guinchou e correu direto para os tiras.

— O seu porta-luvas tem chave? — perguntei a Jewelle.

— Que que há com ele? — perguntou ela, referindo-se ao homem que saíra gritando.

— Tira ela da corrente e me dá — disse eu.

Tirei o quarenta e cinco do saco de papel e Jewelle me deu a chave. Atirei o revólver no porta-luvas, tranquei-o e engoli a chavinha de metal como se fosse um espião de filme prestes a ser preso por tentar passar pelo Muro de Berlim.

— O que que há de errado com aquele cara, Easy? Ele estava falando da gente?

— Os tiras vão pegar a gente, JJ. Vamos sair do carro e cruzar as mãos na nossa frente.

Jewelle entendia as coisas rapidinho. Saiu comigo e esperamos os tiras que estavam saindo correndo da casa dos Ostenberg.

Embora estivéssemos esperando pacificamente, fomos ambos agarrados e jogados no chão. Os policiais usaram uma linguagem chula, chamando a gente de negros sujos e fazendo perguntas sem esperar e sem querer respostas. Fomos algemados e postos novamente de pé, arrastados pela rua e atirados porta adentro da casa dos Ostenberg.

Enquanto éramos arrastados para dentro da casa, mais policiais chegaram. Todos aqueles empurrões e encontrões reabriram as feridas da minha

perna e do meu braço.

— Aquele ali tã sangrando — disse um tira.

Mas eu não estava prestando atenção às reações exageradas deles, nem à dor lancinante que estava sentindo. Estava olhando a sala de visitas dos Ostenberg.

Era toda branca.

Os carpetes e as paredes, o sofá e até a mesinha de centro eram inteiramente brancos. Até o quadro que havia na parede era uma grande casa branca com neve e crianças brancas rindo na janela. Perguntei-me se o resto da casa seria a mesma coisa. Um policial agarrou meu braço com curativo e uma gota do meu sangue caiu no espesso tapete branco.

Um homem branco de terno marrom foi empurrado para dentro da sala por dois tiras. Era um homem velho e miserável. Um tira murmurou alguma coisa na orelha dele e ele ergueu os olhos para mim e Jewelle. Depois sacudiu a cabeça e desmaiou nos braços deles, que o levaram para uma cadeira estofada de branco.

Ele rolou da cadeira para o chão, chorando.

Olhei para ele como se fosse uma constelação distante. Não me importava com o marido de Jocelyn mais do que com algum evento celestial remoto que aconteceu antes da humanidade ter empestado a face da Terra. Era apenas um transeunte que não viu o carro se aproximando dele. Não era importante.

CAPÍTULO 48

O que estava fazendo na frente da casa? — perguntou-me um sargento da polícia.

Estávamos na cozinha da casa dos Ostenberg. Eu estava sentado numa cadeira branca diante de uma mesa branca, do outro lado de um fogão branco, pingando sangue no linóleo branco do chão.

Em algum lugar da casa o homem branco estava chorando.

— Eu estava no fim do quarteirão — disse eu. — Sentado no carro com minha garota.

— Como foi que levou esses tiros? — O sargento devia ter uns trinta e cinco anos. Quando era adolescente, teve um problema sério de acne. As cicatrizes cobriam ambas as bochechas gordas.

— Não sei — disse eu. — Eu estava indo para o meu escritório quando alguém abriu fogo.

Eles tinham levado Jewelle para outro cômodo, mas eu não estava preocupado com ela. Jewelle só diria que tínhamos estacionado o carro ali, que não havia lei contra isso.

Eu tinha lhes dado a carta de Jordan, mas com um negro suspeito de um crime num bairro de brancos menos de uma semana depois dos quebra-quebras, eles precisavam de algo mais que um bilhetezinho relutante do vice-secretário de Segurança Pública.

— O que está fazendo nesse bairro? — perguntou o sargento cheio de cicatrizes.

— Nada de especial, sargento. Só passano o tempo.

— Me fala sobre essa carta do escritório do Jordan.

— Não é nada — disse eu. — Por que não me diz o que que há de

errado aqui? Eu não sei de nada e não vi nenhum crime.

— Se abrir sua boca espertinha outra vez, seu tição — disse um policial à paisana —, vou quebrar sua cara para sempre.

— É? — perguntei.

Era como se o elixir de Mama Jô estivesse à espera de um insulto. O sangue nas minhas veias esquentou e de repente eu estava pronto para brigar.

O sargento não sabia o que fazer. E eu não estava ajudando em nada. Não conseguia controlar minha boca, nem meus atos, e não tinha prova do crime que havia sido cometido — embora eu tivesse minhas suspeitas.

Havia quatro tiras comigo na cozinha branca. O homem enfurecido era corpulento e alto. As laterais do pescoço estavam vermelhas, os olhos eram azuis. Ele tinha se cortado recentemente ao se barbear. A casca da ferida estava perto do canto direito da boca.

Eu estava pronto para brigar mesmo sentado ali com minhas mãos algemadas nas costas. Era como se a poção de Mama Jô tivesse aberto uma porta de bravura idiota no meu coração e agora ela me viesse toda vez que eu me encontrava em perigo.

Justo naquele momento o telefone tocou. Entre os toques da campainha dava para ouvir os gritos do homem branco.

— Dietrich falando — disse o sargento ao telefone.

Ergueu os olhos para mim.

— Sim.

Fez um gesto para outro policial, mandando-o abrir minhas algemas.

— Com certeza. Sim, senhor. Entendi.

As algemas estavam apertadas nos meus pulsos e me prendiam de um tal jeito que a dor do meu braço tinha piorado. Depois que as abriram, senti um momento de alívio.

— Tem certeza? — perguntou o sargento Dietrich ao telefone. — Sim, senhor. Vou. Inteiramente.

Desligou o telefone e disse:

— Venha comigo... sr. Rawlins.

O tira corpulento que tinha me ameaçado fechou a cara. Queria me moer de pancada, mas foi impedido pelo respeito que seu

superior foi obrigado a mostrar. Mas chegou perto de mim. Tenho certeza de que estava com esperanças de que alguém lhe desse permissão para descer a marreta na minha cabeça.

O sargento Dietrich me levou escadas acima até uma porta aberta que dava para um quarto onde o corpo de Jocelyn Ostenberg estava deitado. Sua língua estava para fora e os olhos arregalados de pavor.

Finalmente ele pegou aquela que realmente queria pegar, pensei.

Havia uma pistolinha no chão perto da cama. Mais ou menos meia garrafa de refrigerante de sangue tinha derramado da cama no chão.

— Você a conhece? — perguntou o sargento.

— Jocelyn Ostenberg — disse eu. — E uma mulher negra.

— O quê? — disse o tira corpulento.

— Seu filho é um homem chamado Harold. Ele matou uma mulher lá em Watts há alguns dias.

Todos os policiais à minha volta olharam mais de perto para o rosto morto na cama.

— E o que você tem a ver com isso? — perguntou Dietrich.

Eu estava olhando fixamente para o cadáver, procurando por Harold em algum lugar por baixo das dobras da roupa de cama. Depois que ele atirou em mim, voltou para pegá-la, pensei. Será que ela planejava matá-lo? Será que queria se livrar dele de uma vez por todas depois que tivesse dado um jeito em mim?

— Havia uma trilha de sangue? — perguntei.

— O quê?

— Saindo da casa? Quero dizer, ela atirou no agressor, certo?

— Parece que você levou um tiro — disse o tira corpulento que tinha me chamado de negro sujo.

Ignorei-o.

— Poderia me ajudar a sair daqui, sargento Dietrich? — perguntei.

— Vá dar uma olhada no quintal, Samuels — disse o sargento a meu inimigo autodeclarado.

— Mas, sargento...

— O quintal... — repetiu Dietrich.

Depois que Samuels saiu, Dietrich disse:

— Havia um pouco de sangue. Não muito. Achamos que ele usou um travesseiro ou algo assim para estancar o sangramento e depois fugiu. O sr. Poundstone disse que o carro de sua mulher tinha desaparecido. O homem que a matou...

— Harold Ostenberg — disse eu.

— ... provavelmente levou o carro.

— O investigador Suggs está vindo te pegar — disse Dietrich. — Querem que você vá esperar por ele.

— Bom, eu gostaria de falar com Jewelle — disse eu. — Ela pode ir, certo?

— Acho que sim.

Jewelle não queria me deixar ali, mas eu lhe disse que estava tudo sob controle. Fui com ela até seu carro e pedi-lhe desculpas

por ter engolido a chave.

— Num se preocupa, Easy — replicou ela. — Cê nunca pegou nada meu que num tivesse devolvido multiplicado por dez. Ajudar o Jackson a conseguir aquele emprego quer dizer que ele finalmente pode sair da rua e fazer de mim uma mulher honesta.

Eu estava me perguntando se Jackson conseguiria fazer de si mesmo um homem honesto, mas não disse nada em voz alta. JJ foi embora e os vizinhos brancos de ambos os lados do quarteirão ficaram olhando para mim enquanto eu voltava à cena do crime. O homem que tinha falado de mim à polícia correu para sua porta quando me aproximei. Ficou lá de pé na entrada, sacudindo o corpo todo e batendo o punho direito na palma da mão esquerda. Sua profunda consternação me fez rir. Esse cara não tinha a menor idéia de quem eu era, mas mesmo assim estava fora de si de ódio de mim pelo simples fato de eu estar andando pela rua.

Suggs chegou por volta das oito e meia. Estava usando um terno bege manchado e uns sapatos marrons. Apertou minha mão na frente de uma dúzia de policiais e depois examinou a cena do crime com um olhar atento.

Àquela altura havia três agentes da polícia à paisana no quarto. Pareciam conhecer Suggs. Todos eles conversaram durante uns quarenta e cinco minutos.

— O Jordan mandou prender o Peter Rhone como testemunha importante do assassinato de Payne — contou-me Suggs, a caminho de seu carro. — Tive de abrir o nome dele.

— Ele não cometeu esse crime — disse eu.

— Eu sei.

— Pra onde que a gente tá indo? — perguntei a meu novo amigo.

— Você é quem sabe, Ezekiel — disse ele.

CAPÍTULO 49

Encontraram o carro da sra. Ostenberg perto da praça Cinquenta e Quatro, numa alameda — contou-me Suggs, enquanto voltávamos para a região sul de L.A.

— Encontraram ele?

Sacudiu a cabeça dizendo que não, enquanto dizia:

— Nem sinal.

Andamos mais um pedaço.

Àquela altura eu estava cansado. Os ferimentos, as drogas e a companhia da morte tinham-me enfraquecido. Eu não poderia fazer muita coisa para pegar o Harold mesmo que ele estivesse na minha frente. Duvidei que pudesse sair do carro sem ajuda.

— Tem alguma pista do homem, Rawlins?

— Não.

— Por que mataria a própria mãe?

— Pelo mesmo motivo pelo qual matou todas aquelas outras mulheres. Porque elas preferiram a companhia de um homem branco a ele.

Suggs fez uma careta.

— Geneva Landry morreu esta manhã — disse ele.

— Quê? Quem fez isso?

— Ninguém. Os médicos acham que ela talvez fosse alérgica a algum antibiótico que deram pra ela. Só vão ter certeza depois que fizerem a autópsia.

— Ela morreu na cama?

— Sinto muito, Ezekiel.

— Morreu? — perguntei. — Se vocês, seus fé-da-putas, não tivessem levado ela pra lá, ela estaria bem. Mas vocês tavam tão preocupados consigo mesmos que nem pararam para saber dela.

Suggs dirigia o carro, com suas manzorras agarradas ao volante.

— Vocês mataram ela do mesmo jeito que mataram todas aquelas outras mulheres — continuei.

— Eu não matei ninguém — disse ele suavemente.

— Não? Então quem foi? Quem foi? Faz meses que eu contei tudo o que sabia ao pessoal da delegacia da rua Setenta e Sete. E contei pra você faz poucos dias.

— Ninguém percebeu o tema recorrente — disse ele, com a voz mais sumida ainda.

— Não! — disse eu. — Ninguém percebeu. Mas ouviram Geneva falando dele aos berros. E não tiveram dúvida de jogar ela dentro de um hospital e começar a encher ela de drogas. Deixaram ela escapulir bem embaixo do nariz deles. Outra mulher morta e Gerald Jordan está numa festa na casa do prefeito.

Suggs disse alguma coisa, mas falou baixo demais para eu ouvir com o barulho do motor do carro.

— O que foi que você disse? — perguntei.

— Pra onde que a gente está indo?

— Me leva para o meu escritório. Me deixa lá que eu ligo se descobrir alguma coisa.

— A gente não pode deixar as coisas por isso mesmo, Easy — disse Suggs. O homem é um assassino e o Rhone é inocente.

— Eu sei — disse eu. — Então vá aos jornais e diga isso a eles. Conte ao Examiner, ao Times e ao Los Angeles Sentinel. Diz pra eles que Jack, o Estripador, está andando pelas mas matano mulheres negras. Dê pra eles o nome completo de Harold. Publique nos jornais aquele retrato que eu te dei.

Melvin já estava olhando para a estrada, mas mesmo assim parecia que ele estava se afastando de mim.

— O escritório do prefeito não quer publicidade em torno desses casos — murmurou ele.

— Que que cê disse?

Estas quatro palavras foram as últimas da nossa conversa. Suggs tinha um emprego. Ele salvava bancos de serem roubados e protegia vítimas inocentes dos predadores da noite. Escondia a verdade sobre um assassino no interesse de pessoas que nunca tinham sido vítimas daquele assassino. Eu estava do outro lado do tabuleiro. Minha rainha, minhas torres e meus bispos tinham todos sido perdidos. Meus peões estavam exaustos, ao passo que ele tinha todo um pelotão às suas ordens. Tudo quanto me restava era um rei atrás de um peão preguiçoso, flanqueado por um bêbado a cavalo.

Ele podia me vencer a hora que quisesse. E tudo quanto eu fiz foi continuar tocando em frente, sem planos e sem esperança.

Se eu estivesse dirigindo aquele carro, podia ter acabado por enfiá-lo num muro.

Suggs me deixou na frente do meu prédio. Subi as escadas mancando e entrei no meu escritório. A porta estava aberta, dava para ver de longe, e também o estrago que a arma de Harold tinha feito a três metros de distância. A chave do porta-luvas de Jewelle estava no meu estômago e, mesmo que não estivesse, ela e seu 45 estavam a muitos quilômetros de distância. Eu estava desarmado e minha porta estava aberta. Eu não conseguia me lembrar se a tinha deixado assim ou se Harold tinha atirado em mim antes de eu a abrir.

Eu não podia correr por causa dos meus ferimentos. Devia ter dado o fora, mas não dei. Em vez disso, entrei de um salto no meu escritório e gritei.

O Rato, que estava sentado na minha cadeira, ergueu os olhos para mim. Estava com os pés em cima da mesa, recostado no peitoril da janela. Sorriu ao me ver.

— Oi, Easy! — disse ele. — Como é que cê tá?

Suspirei, mas não disse nada. Só fui até a cadeira reservada às visitas e sentei-me com a perna ferida estirada à minha frente.

— Estive com a Benita — disse o Rato. — Ela estava no hospital com a Bonnie e eles.

Eu concordei com um aceno de cabeça, enquanto me perguntava como poderia encontrar o Harold.

— Ela me disse que quase se matou, que você pôs a porta dela abaixo e levou ela pro hospital.

— A minha porta estava aberta quando você chegou aqui, Ray?

— Não. Eu abri ela com uma gazua. Achei que você não ia se importar porque ela já tava toda fodida com aqueles tiros.

— Faz tempo que cê está aqui?

Raymond sacudiu a cabeça e voltou os olhos cinzentos para o teto.

— Umas horas. Mais.

— O que que você quer?

— Você salvou a vida dela, Easy. Eu aqui aprontando e quase matando a moça, mas você compareceu. Cê foi lá e agora Benita tem uma nova chance. Nada mau. Eu só queria te agradecer.

Notei que a fita de Jackson tinha se mexido. Entre a mesa e as costas da minha cadeira, eu consegui me imprensar até ficar de pé. Apertei o botão para rebobinar a fita e depois apertei o Play.

— Easy, você está aí? — perguntou a voz preocupada de Bonnie.
— O hospital ligou e disse que você saiu sem pagar a conta. Estou ligando para todo mundo, pra ver se consigo te encontrar. O Raymond disse que ia te procurar e que, se você ligasse ou estivesse metido em alguma encrenca, ele disse para você deixar recado com a EttaMae.

— Onde é que o senhor está, sr. Rawlins? — disse Juanda em seguida. — Tava esperano o senhor me ligar. Preciso muito me encontrar com o senhor.

Os olhos do Rato se iluminaram ao ouvir o tom de voz de Juanda. Lançou-me um olhar que quase me fez rir, mas eu não agüentava mais aquela história de mulheres negras mortas. No ponto em que eu estava, rir seria um pecado.

— Sr. Rawlings? Está aí? — perguntou uma voz tímida de mulher. Se eu não soubesse quem era, pensaria que era uma criancinha frágil falando. Mas eu sabia quem era.

— Preciso que o senhor venha aqui, sr. Rawlings. Aqui é Honey May. Acho que o senhor vai querer ouvir o que eu tenho a dizer.

Jackson tinha deixado um recado, e Jewelle também. Ambos estavam me agradecendo.

Peguei o telefone e liguei para Bonnie.

— Alô! — disse uma voz masculina musical com sotaque espanhol.

— Oi, Juice. Como é que cê tá, meu rapaz?

— Papai! — disse ele.

Aquela única palavra despertou uma emoção profunda em mim. Jesus não me chamava de papai desde que éramos só nós dois, sem Feather ou Bonnie ou casa legal na zona oeste de L.A. Ele voltou a ser o meu bebezinho e me doeu o fato de eu ter de fazê-lo passar por tanto sofrimento.

— Eu estou bem, Juice. Só tenho de fazer umas coisinhas antes de estar com você.

— Onde que cê está?

— Tô no escritório com o Raymond. Ele vai me ajudar a fechar a sala e depois você e eu e Bonnie e a sua irmã vamos todos para San Francisco de férias, como a gente fazia há muito tempo.

— Tá bom — disse o rapazinho. — Mas cê está bem?

— Aquelas balas dóem, sabia?

Feather ficou comigo no telefone durante dez minutos, perguntando sobre a minha perna, o meu braço e os meus dedos, tudo ao mesmo tempo. Ela conhecia cada ferimento e queria saber como é que era a aparência deles e o que eu estava sentindo.

Bonnie não falou muito. Estava esperando por mim. Era tudo quanto eu precisava saber.

— Meu bem — disse ela —, a Benita quer te dar um oi.

— Sr. Rawlins? — Benita nunca mais me chamou de Easy. — Eu só queria dizer que eu sei que tá ocupado e que sinto muito o senhor ter levado um tiro. E muito obrigada por se dar ao trabalho de me pôr de pé outra vez. Eu contei pro Raymond que o senhor salvou minha vida e ele disse que o senhor é o único homem bom que ele já conheceu na vida.

Ergui os olhos para o biruta do meu amigo. Ele sorriu e concordou com um aceno de cabeça, como se soubesse o que ela estava dizendo.

— Eu a vejo mais tarde, srta. Flag — disse eu. E então desliguei o telefone e voltei mancando para a cadeira.

— Que que há, Ease? — perguntou o Rato como se fosse apenas mais um dia normal e estivéssemos sentados na varanda, assistindo as crianças brincar com uma mangueira de água.

— Você tem um revólver, Rato?

— Tenho, pô. Tenho dois.

Finalmente alguma coisa da qual eu podia rir.

CAPÍTULO 50

Eu não estava muito preocupado com Honey May. Ela não era do tipo que te dá um tiro, e era de muito bom coração para mentir e te armar uma tocaia. Raymond e eu chegamos à sua porta e eu bati.

— Quem é?

— Easy Rawlins, Honey. Eu e um amigo.

— Eu não esperava que trouxesse mais gente, sr. Rawlins — disse à porta fechada.

— Está tudo certo, minha senhora. Ele é da família.

Honey abriu a porta e fez um gesto para a gente entrar logo naquele comodozinho púrpura.

Digo púrpura em lugar de violeta porque os tons tinham mudado e a cor mais clara tinha adquirido um matiz mais sinistro, acentuado pelo cadáver de Harold Ostenberg, que estava deitado no sofazinho que não era grande o bastante para contê-lo.

Um olho estava aberto. Havia espuma seca nos lábios. As calças jeans pareciam engomadas pela vida na rua, e a camisa era de uma cor que nenhum fabricante seria capaz de imitar. Havia sangue perto do ombro de sua jaqueta do exército. Rasguei o tecido para ver a ferida.

Havia um copo ao lado dele, numa mesinha. Continha restos de um líquido leitoso. Ao lado da cama havia um travesseiro transado — provavelmente da casa da mãe dele.

— Ele morreu — disse Honey.

O Rato concordou com um aceno de cabeça.

Alguém tinha tirado os sapatos de Harold. Seus pés estavam esfolados por causa do excesso de peso e movimento, as duas maldições da vida de um morador de rua.

— Por que foi que me ligou, Honey?

— Eu não sabia o que fazer.

Peguei o copo d'água e cheirei.

— O que você quer que eu faça?

— Que diga à polícia que ele tá morto — disse ela. Foi até uma cadeira e se sentou pesadamente. — Não sei.

— Desde quando ele está aqui?

— Desde a noite passada — choramingou ela.

— Quando que ele morreu?

— Ao amanhecer, eu acho.

— Ele disse alguma coisa antes de morrer? — Eu não queria chateá-la, mas precisava saber.

— Disse, sim. Foi horrível. Falou das mulheres que ele perseguiu e depois matou e roubou. Ele disse que a mãe dele lhe deu um tiro e que ele matou ela pra se proteger. Eu fiz de conta que ia à loja e liguei para a casa dela, e a polícia atendeu. Eu desliguei na mesma hora.

— Ele matou mulheres do jeito que o senhor disse, sr. Rawlings.

— Olha, Easy! — disse o Rato.

Ele tinha puxado o casaco de Harold, revelando uma pistola calibre 22, ao que tudo indicava.

— Continua, Honey! — disse eu.

— Já falei tudo. Ele tava com medo de alguém dar um tiro nele. Disse que a própria mãe deu um tiro nele. Mas quando ele falou sobre isso, eu podia jurar que ela atirou nele para salvar a própria vida. Parece que ele tinha matado uma dúzia de mulheres.

— Ele falou o nome delas?

Honey só sacudiu a cabeça.

— Então você chegou à conclusão de que devia matá-lo — disse eu.

Ela ergueu os olhos para mim como se eu tivesse acabado de descobrir o segredo da vida eterna. Não negou. Como poderia? Os pozinhos para dormir estavam no copo ao lado do sofá.

— Não! — disse ela com a voz sumida.

— Se eu chamar os caras — disse eu —, eles vão vir aqui prender você por homicídio.

— É bom acreditar! — murmurou o Rato.

— O que a gente tem de fazer é tirar esse corpo daqui — disse eu. —

Se não tirarmos, você vai ser apenas mais uma mulher negra na longa lista do Harold.

Raymond, sempre pragmático, sugeriu que esquartejássemos o Harold, mas Honey não quis nem ouvir falar naquilo. Por causa de suas crenças cristãs, mas eu acho que nem ela, nem meu estômago teriam suportado as machadadas, nem o sangue.

Primeiro achei que devíamos construir uma caixa em volta dele e depois tirá-lo dali à noite pela escada.

— Cê pirou, Easy? — perguntou o Rato. — Um caixão é um caixão. Qualquer idiota sabe disso. E uma coisa desse tamanho, a gente vai ter de amarrar em cima do seu carro. O que cê acha que os caras vão dizer?

Finalmente resolvemos tirar o corpo pela janela mais tarde, no meio da noite. Desci para a entrada de carros para onde dava a janela de Honey e pus o colchão da cama dela lá embaixo, para não haver muito barulho.

Às duas e dez Raymond e Honey atiraram o corpo pela janela. A maior parte do corpo de Harold aterrissou no colchão, mas sua passagem não foi silenciosa. Arrastei o corpo rígido para o banco de trás, enquanto o Rato corria para me ajudar. Eu já estava com o motor ligado e já tinha descido o quarteirão antes que qualquer alarme ou sirene pudesse ser acionado.

Deixamos Harold no último terreno baldio onde eu sabia que ele tinha morado. Ele estava um pouco maltratado, e nenhum investigador da polícia acreditaria que ele tinha morrido de fato naquele terreno. Qualquer médico-legista teria assinado o laudo que disse que ele morreu de uma overdose de fenobarbital, e não do tiro no ombro. Tudo aquilo era verdade, mas eu não estava preocupado. O que me importava era que seu nome era Ostenberg e que ele tinha a arma que muito provavelmente foi usada contra Nola Payne, contra Jocelyn Ostenberg e contra mim.

A polícia teria seu assassino, e todas as testemunhas estavam mortas. Não seria preciso pagar o julgamento, nem a execução. Tudo quanto ela tinha a fazer era bater palmas e tirar a poeira do túmulo.

CAPÍTULO 51

Chamaram-me no escritório de Gerald Jordan três dias depois. Os quebra-quebras eram coisa do passado àquela altura. O Vietnã e o foguete espacial dominavam as notícias dos jornais. Não houve

cobertura dos quase quarenta funerais realizados em memória dos que tinham morrido.

A reunião era só entre Jordan e eu. Nada de Suggs, nem de uniformes, nem de escolta formada por oficiais de elite.

— Ouviu falar da descoberta do corpo do homem que você afirma ter matado Nola Payne? — perguntou ele, depois das preliminares.

— Am-ram.

— Ele estava com a arma que foi usada para matá-la — continuou Jordan. — O que dá crédito à sua história.

— Eu não preciso de crédito nenhum, vice-secretário. O Harold matou Nola e uma dúzia de outras mulheres. Hoje mesmo o senhor mandou pra cadeia homens que foram presos por acusações falsas, porque a sua secretaria não liga a mínima para a morte de uma mulher negra.

— É o que você diz — replicou ele com um sorriso. — O investigador Suggs concorda com você. Dei a ele permissão para reabrir certos casos. Se ele me aparecer com alguma coisa interessante, meu pessoal vai apoiá-lo. Também mandei soltar Peter Rhone.

— Certo — disse eu. — É isso, eu acho.

— O médico-legista disse que o Harold foi envenenado, que foi morto em outro lugar e levado para aquele terreno baldio lá da rua Grape.

— É mesmo?

Os olhos de Jordan pareciam corpos gêmeos de viúvas-negras suspensos no ar, à espera de uma oportunidade.

— O que deseja de mim, sr. Rawlins?

— Já lhe disse que esse trabalho foi por Nola e Geneva. As duas estão mortas, mas pelo menos não foram esquecidas.

— Você não gosta de mim — disse Gerald Jordan. — Eu entendo. Você e eu estamos em lados opostos da rua. Mas isso não quer dizer que não temos interesses comuns.

Eu não estava gostando do rumo que a conversa estava tomando. Era como se ele estivesse tentando me meter em alguma coisa, alguma coisa suja e doentia. Fez-me lembrar de uma conversa que tive com um homem branco chamado DeWitt Albright, em 1948. Até aquele momento, eu achava que Albright era o homem mais corrompido moralmente que eu já tinha conhecido na vida. Mas Jordan ganhava dele de longe.

— A única coisa que temos em comum é que odiamos um ao outro — disse eu.

— Eu não o odeio, Rawlins. Gosto de você. Gosto tanto que o recomendei ao chefe, para ele lhe dar uma licença de investigador. Portanto, da próxima vez que estiver lá na rua tentando ganhar a vida, ninguém vai poder dizer que não tem o direito de estar lá.

Havia um cemiteriozinho ao norte de Inglewood; foi pra lá que levamos Geneva e Nola para descansar. Benita ficou em casa com Jesus e Feather. EttaMae veio porque queria ajudar Bonnie com a cerimônia. Convidei Peter Rhone porque ele era o único que eu conhecia que realmente amou Nola.

Zachary Tellford, o ministro da igreja de EttaMae, fez as despedidas sob um sol quente.

— Essas mulheres nos foram tiradas, Senhor — disse ele. — Eram boas mulheres que trabalharam muito e se amaram tanto que foram à sua presença na mesma carruagem. São o que temos de

melhor a lhe oferecer, Senhor. Talvez o Senhor encontre milionários, reis e rainhas esta semana. Pode haver santos e sacerdotes dedicados à sua porta. Mas nenhum deles vai brilhar mais no seu paraíso. Nossa própria vida ficou menor com a ausência delas.

Peter começou a chorar às primeiras palavras. Chorava cada vez mais incontrolavelmente, e EttaMae teve de consolá-lo.

O serviço fúnebre foi breve e os caixões baixaram lado a lado no túmulo. Levei o carro alugado de Peter até minha casa porque ele estava arrasado demais para dirigir, e EttaMae disse que ele podia ir pra sua casa com ela. A mulher dele o expulsou depois de ele confessar seu amor por uma mulher negra morta. Não tinha realmente lugar nenhum para onde ir.

Três semanas depois os quebra-quebras já estavam completamente esquecidos. Benita ainda estava conosco, mas tinha arrumado um emprego e logo se mudaria. A gente ia velejar com Jesus nos fins de semana. Ambos pareciam amar a quietude e as possibilidades de estar lá no meio do Pacífico.

Jackson comprou cinco ternos e trabalhava oitenta horas por semana. Aparecia de vez em quando para nos trazer garrafas de vinho francês em agradecimento por minhas mentiras.

Numa terça-feira eu liguei para Juanda e pedi a ela para ir almoçar comigo no Pepe's.

Ela chegou cedo e estava no mesmo banco estofado do nosso primeiro encontro.

Estava usando um vestido com um babado laranja e sapatos brancos de salto baixo. Quando cheguei à mesa ela se levantou e me beijou nos lábios.

— Oi! — disse ela.

Suspirei, pensando que ela era a mulher mais linda que eu já tinha visto na vida.

— Senti sua falta — disse ela.

— Não teve um dia que eu não quisesse te ligar — disse eu.

— Você sabe que eu não me importo de você ter namorada — disse ela —, quer dizer, eu quero você todo pra mim, mas preciso ver você de vez em quando e não me importo se tiver de ser quando você puder.

Ela tinha pensado no caso tanto quanto eu. Tinha feito concessões a seus princípios e estava me dizendo isso. Mas eu tinha outras coisas em mente. E, enquanto os pensamentos de Juanda eram jovens e giravam em torno da luz do amor, as minhas deliberações eram de um tipo muito menos brilhante. Eu tinha andado pensando em Nola e Geneva, e numa outra que tivera sorte, Benita — a mulher que sobreviveu. Estava pensando em Honey, que matou um garoto que tinha ajudado a criar, e em Jocelyn, que odiava a pele com que nascera, e no sangue que ela gerara.

— Não tem a menor possibilidade de deixar você de lado, Juanda — disse eu. — Eu te amo do jeito que você é e quero que tenha a melhor vida que puder ter. Fui à LACC outro dia e lá eles têm um curso supletivo. Você pode conseguir seu diploma e depois entrar para a faculdade.

— É um luxo que eu não posso me dar — disse ela.

Tirei do bolso o envelope com o dinheiro que o Rato tinha me dado. O dinheiro e o anel eu dei para aquela jovem.

— Não posso estar com você do jeito que nós dois queríamos — disse eu. — Mas eu gostaria de te ajudar a fazer essa tal de faculdade e ver você sendo o que quer ser.

Não houve nenhum momento de fraqueza com Juanda. Nenhum documento assinado, nenhuma transa às escondidas. Conversamos um tempão sobre o envelope que estava entre nós. Conversei com ela sobre os quebra-quebras, sobre as mulheres mortas e sobre o horror que temos de nós mesmos.

Quando terminei, ela disse:

— Sabe, eu adoro o seu jeito de falar, sr. Rawlins. A sua conversa arrancou o meu couro, mas depois pôs tudo de volta no lugar. Eu aceito o dinheiro se prometer que vai ser meu amigo.

— É melhor você tomar cuidado, menina — disse eu. — Acaba de fazer de mim um cara feliz.

:: F I M ::

Copyright © Walter Mosley
Esta edição está em conformidade com Little, Brown
and Company (Inc.), Nova York, Nova York, EUA.
Todos os direitos reservados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mosley, Walter
**Quem matou Nola Payne? / Walter Mosley; tradução Dinah
de Abreu**

Azevedo. — São Paulo: Editora Landscape, 2005.

Título original: Little scarlet

ISBN: 85-88647-82-6

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana). I. Título.

05-0201 CDD- 815.0872

índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério: literatura norte-americana 813.0872

2005

Direitos da Língua Portuguesa
Editora Landscape